



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**A NOITE TAMBÉM EDUCA: COMPREENSÕES E SIGNIFICADOS
ATRIBUÍDOS POR PROSTITUTAS À PRÁTICA DA PROSTITUIÇÃO**

Fabiana Rodrigues de Sousa

SÃO CARLOS

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



A NOITE TAMBÉM EDUCA: COMPREENSÕES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR PROSTITUTAS À PRÁTICA DA PROSTITUIÇÃO

Fabiana Rodrigues de Sousa

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Waldenez de Oliveira.

SÃO CARLOS

2012

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

S725nt

Sousa, Fabiana Rodrigues de.

A noite também educa : compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição / Fabiana Rodrigues de Sousa. -- São Carlos : UFSCar, 2012. 279 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Educação popular. 2. Fenomenologia. 3. Prostituição. 4. Saber de experiência. I. Título.

CDD: 370.193 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Waldenez de Oliveira

Profª. Drª. Adriana Gracia Piscitelli

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Prof. Dr. Sérgio Alejandro Toro-Arévalo

Prof. Dr. José Miguel Nieto Olivar



The image shows five handwritten signatures on a background of horizontal lines. From top to bottom, the signatures correspond to the names listed in the adjacent text block. The first signature is a cursive 'Maria'. The second is 'Adriana Gracia Piscitelli'. The third is 'Luiz Gonçalves Junior'. The fourth is 'Sérgio Alejandro Toro-Arévalo'. The fifth is 'José Miguel Nieto Olivar'.

Dedico este trabalho às mulheres que fazem a vida na noite que com coragem e imaginação reinventam sua existência e sem baixar a cabeça lutam diariamente em busca de ser mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres da vida com quem conversei, ao longo dos mais de dez anos de convivência nas casas noturnas de São Carlos, por compartilhar comigo suas leituras de mundo, seus sonhos, angústias, anseios e esperanças, me ensinando que podemos (re)criar nossa existência e vivenciar novas possibilidades de ser mulher e estar/atuar no mundo. Além das mulheres, agradeço também aos funcionários das casas noturnas e as travestis que se dispuseram a interagir comigo, agradeço pelas histórias, pelos cafés e pelas risadas que me ajudaram a tecer olhares diversos sobre a vida na noite.

A meus avôs dona Lalu e seu Nazário, a minha mãe Avany, meu pai Edvaldo e meus irmãos Afrânio, Babsi, André e Alan que são minhas raízes, com quem aprendi a ler e agir no mundo procurando *ser mais* em vez de *ter mais*. Ao meu sobrinho Ian, alegria da minha vida, que representa a esperança de um mundo melhor.

Ao Gards pelo carinho, companhia atenção e paciência, sempre ouvindo o que eu tinha para falar sobre os saberes da noite e me motivando a continuar o caminhar nos momentos de ansiedade em que considerava tão difícil concluir mais essa fase da minha vida. Estar contigo deixa tudo mais “sussu” e me sinto mais confiante.

A Wal, por estar comigo em mais essa etapa da minha formação, me ensinando a fazer pesquisa com base na educação popular e a estar/aprender com os outros. Agradeço pela paciência, pelas contribuições, pelo apoio e pela leitura crítica e atenciosa desse trabalho.

Ao pessoal do NEFEF – Paulo, Clayton Spina, Débora, Claudinha, Luiz, Denise, Fábio Mizuno, Denise Martins, Robson, Vanderlei, Vicente, Alessandro, Clóvis, Cae, Rica – pelo acolhimento, pelas contribuições ao trabalho e, por compartilharem comigo seus saberes sobre fazer pesquisa com base na fenomenologia. Ao pessoal do GETS – Carla, Domila, Flávia, Murilo, Pâmela – e do Grupo de Práticas Sociais e Processos Educativos por estarem juntos e tornarem mais prazeroso o processo de estudar e fazer pesquisa.

Agradeço a Adriana Piscitelli, José Miguel Olivar, Luiz Gonçalves Júnior, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Sergio Toro-Arévalo por sua participação nas bancas de qualificação e defesa deste trabalho. Sou grata aos professores Petronilha e Luiz por me encorajarem a estudar fenomenologia, a obra de Merleau-Ponty e por todo apoio que me deram nesse processo de investigação. Agradeço a José Miguel pela indicação de bibliografia sobre a

prática da prostituição, pela disponibilidade em estar conosco no debate do GETS e pela leitura atenta dos exemplares da qualificação e da defesa que possibilitou revisões importantes a este trabalho. Agradeço a Sergio pelas conversas sobre fenomenologia, durante o EDUCERE, as quais me auxiliaram muito na etapa de conclusão deste trabalho. A Adriana, pelas preciosas contribuições apontadas a este trabalho que favoreceram o permanente processo de questionamento frente à prática da prostituição.

A FAPESP e CNPq pelo fomento a essa pesquisa que permitiu a andarilhagem por diferentes estados do Brasil divulgando os dados da pesquisa e dialogando com outras pessoas que estudam a prática da prostituição. Ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela atenção e apoio concedidos e por possibilitar o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os amigos que longe ou perto sempre estão presentes – Flávia Emanuela, Dinha, Bianca, Flávia Ferreira, Sônia, Margean, Fei, Nito, Flávia Trevisan, Danitza, Batata, Du, Dri, Léo 20, Vandrê, Karina, Li, Gabi, Dani, João Luiz, Ana Maria, Samurai e toda a turma do bloco 25 – pelos momentos de descontração, o futebol de fim de semana, especialmente, os jogos do Corinthians, o carteadado, os cafés da tarde, as práticas de yoga, os passeios, etc. Enfim, agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra caminharam comigo e me animaram a concluir mais essa etapa de minha vida.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como prostitutas se educam na prática da prostituição. A proposição dessa investigação é elaborada com intuito de *transformar ausências em presenças*, isto é, procurando desvelar as experiências desse grupo social que, historicamente, tem sido impelido à invisibilidade pela ordem hegemônica.

A fim de pensar a educação por meio da experiência e compreender a prostituta no movimento da sua existência, lançamos mão de aportes teóricos da educação popular e da fenomenologia que fortaleceram a compreensão de que o processo de educar-se não se efetiva somente por meio da intelectualização, mas se vale também da percepção e da sensibilidade. O fenômeno focalizado na pesquisa foi o processo de educar-se na noite vivenciado por mulheres que exercem prostituição em casas noturnas de São Carlos/SP.

Para apreensão desse fenômeno foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: aproximação a campo, convivência, conversas com prostitutas e observação com posterior registro em diário de campo. A análise da pesquisa, bem como todo o processo de pesquisa, foi fruto do diálogo e convivência com as prostitutas e desvelou que, por meio da disponibilidade, da desconfiança e da resistência, essas mulheres desenvolvem distintos processos educativos, tais como enfrentar as adversidades, tecer vínculos de colaboração e solidariedade, lidar com a diversidade, soltar a puta que há dentro de si (se despir de convenções de gênero), realizar escolhas e implementar ações para atender suas necessidades, dar asas à imaginação, dentre outros.

Há muito que se aprender com as prostitutas, mas para isso faz-se necessário circundar o fenômeno da prostituição e despir-se de estereótipos. Só assim será possível perceber que o educar-se na noite configura-se como práxis de transformação da realidade, ao desvelar as prostitutas em movimento na busca por ser mais. Refutando a posição de vítima essas mulheres criam e vivenciam novas formas de ser/estar/atuar no mundo e reinventam, assim, a história.

Palavras-chave: saber de experiência - prostituição - educação popular - fenomenologia

ABSTRACT

This research aimed to understand how prostitutes are educated in the practice of prostitution. This research is developed with the aim of transforming absences in presence, that is, seeking to understand the experiences of this social group that historically has been impelled to invisibility by the hegemonic order.

For to think of education through experience and understand the prostitute in the movement of its existence, we use the theoretical contributions of popular education and phenomenology that strengthened the understanding that the process of educating themselves not only through effective intellection, but it is also true of perception and sensitivity. The phenomenon has been focused on the research is process of educating themselves on the night by women engaged in prostitution in nightclubs in São Carlos / SP.

To grasp this phenomenon we used the following instruments: the field approach, coexistence, conversations with prostitutes, observation and field notes. The analysis of research is result of dialogue and coexistence with prostitutes and unveiled that through the availability, distrust and resistance, these women develop different educacional processes, such to facing adversity, weaving bonds of cooperation and solidarity, dealing with diversity, breaking gender conventions, make choices and implement actions to meet their needs, to get fancy, among others.

There is much to learn with the prostitutes, but for this it is necessary to surround the phenomenon of prostitution and strip off of stereotypes. Only then can we realize that educating yourself in the night appears as praxis to transform reality, to reveal the prostitutes on the move in search to be more. Refuting the position of the victim these women create and experience new ways of being / living / work and reinvent the world, so the story.

Keywords: knowledge of experience – prostitution – popular education - phenomenology

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender como las prostitutas son educadas en la práctica de la prostitución. La propuesta de esta investigación se elabora con el objetivo de transformar las ausencias en presencia, decir, tratando de descubrir las experiencias de este grupo que ha impelido a la invisibilidad por el orden hegemónico.

Para reflexionar sobre la educación a través de la experiencia y entender a la prostituta en el movimiento de su existencia, se utilizan los aporte teóricos de la educación popular y de la fenomenología que fortalecieran el entendimiento de que el proceso de educarse a sí mismo no sólo a través de la intelección, sino también por la percepción y la sensibilidad. El fenómeno que se investiga es el proceso de educarse a si mismo en la noche desarrollado por las mujeres que ejercen la prostitución en clubes nocturnos de São Carlos / SP.

Para comprender este fenómeno hemos utilizado los siguientes instrumentos: la aproximación a campo, la convivencia, las conversaciones con las prostitutas, la observación y el diario de campo. El análisis de los datos, así como todo el proceso de investigación, fue el fruto del diálogo y la convivencia con prostitutas, develando que a través de la disponibilidad, de la desconfianza y la resistencia, estas mujeres desarrollan diferentes procesos educativos, tales como hacer frente a la adversidad, tejer lazos de cooperación y solidaridad, atención a la diversidad, cuestionar las convenciones de género, tomar decisiones e implementar acciones para satisfacer sus necesidades, desarrollar la imaginación, entre otros.

Hay mucho que aprender de las prostitutas, pero para ello es necesario acercarse el fenómeno de la prostitución y quitarse los estereotipos. Sólo entonces podremos darnos cuenta de que educarse en la noche aparece como una praxis transformadora de la realidad que revela las prostitutas en movimiento en busca de ser más. Rechazando la posición de la víctima estas mujeres crean y experimentan nuevas formas de ser / estar / actuar en lo mundo y así reinventan la historia.

Palabras clave: saber de la experiencia - prostitución - educación popular - fenomenología

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Soltar a puta que há dentro de si	p. 91
Figura 2 – Ficar com o pé atrás	p. 105
Figura 3 – Não baixar a cabeça	p. 119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade artigos publicados em periódicos das ciências da saúde	p.55
Tabela 2 – Quantidade artigos publicados em periódicos das ciências humanas	p.57
Tabela 3 – Matriz Nomotética	p.85
Tabela 4 – Colaboradores da pesquisa	p.86

SUMÁRIO

Introdução.....	1
I - O SER NO MUNDO E O PROCESSO DE EDUCAR-SE	15
1.1 – O ser no mundo e os saberes de experiência	15
1.2 – Existência, comunicação com o mundo e liberdade	22
II – MULHERES E A PRÁTICA DA PROSTITUIÇÃO	29
2.1 – Compreensões das participantes da pesquisa acerca de sua prática	31
2.2 – Ser mulher e ser puta	34
2.3 – As prostitutas organizadas e o trabalho sexual.....	41
2.4 – A produção sobre prostituição.....	51
III. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	63
3.1 - O trabalho de campo: aproximação, convivência e observação	72
IV. A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	83
4.1 – Mulheres participantes da pesquisa	86
4.2 – Soltar a puta que há dentro de si.....	90
4.3 – Ficar com o pé atrás	104
4.4 – Não baixar a cabeça	118
V - CONSIDERAÇÕES ACERCA DO FENÔMENO INVESTIGADO	133
5.1 – A interpretação do fenômeno.....	133
5.2 – Viabilidade do referencial teórico-metodológico	143
5.3 – Saberes da noite: contribuições para pensar a prática educativa escolar.....	147
REFERÊNCIAS:.....	153
APÊNDICES	166
APÊNDICE I - Artigos sobre prostituição publicados no portal Scielo	167
APÊNDICE II - Teses e dissertações sobre prostituição disponíveis na BDTD (2000 a 2010).....	177
APÊNDICE III - Diário de Campo	191
ANEXOS	272
ANEXO I – Descritor da CBO – Profissionais do Sexo	273
ANEXO II – Projeto de lei n.98/2003	275
ANEXO III – Aprovação no Comitê Ética em Pesquisa (UFSCar).....	278
ANEXO IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	279

Introdução

Diante da tarefa de passar para o papel as reflexões tecidas na convivência com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas de São Carlos considero relevante apresentar, inicialmente, o lugar de onde falo e o nascimento da curiosidade que levou a aproximar-me dessas mulheres e a estudar a temática da prostituição.

Eu falo e escrevo como mulher, filha de migrantes nordestinos, sempre fui aluna de instituições públicas de ensino, nasci na periferia da zona sul da cidade de São Paulo. Cresci e aprendi em meio a dificuldades (desemprego, moradia precária, obstáculos para acessar serviços de saúde e educação, preconceitos referentes ao migrante nordestino, etc) enfrentadas pelos moradores do bairro do Capão Redondo, todavia, essas adversidades não encobriram a percepção da força presente em cada ação de resistência protagonizada por pessoas que ali moravam. No convívio com migrantes nordestinos que se deslocaram de sua cidade natal para a chamada “cidade grande” com intuito de buscar melhores condições de vida, dentre elas propiciar que seus filhos pudessem ter acesso à escola, fui alimentando o sonho de ingressar numa universidade para cursar o ensino superior e, por meio de luta e persistência, consegui concluir o curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), instituição de ensino onde desenvolvi estudos de mestrado e também desenvolvo doutorado em Educação que resultou na elaboração da tese, ora apresentada.

A fim de elucidar aos interlocutores o lugar de onde falo, também considero relevante discorrer sobre como foi se tecendo a curiosidade que me motivou a investigar a prática da prostituição. Na obra *Política e Educação*, Freire (2003) discorre sobre a passagem da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica que consiste em passar da leitura pouco rigorosa do mundo à leitura crítica pautada em método rigoroso que busca a razão de ser do objeto conhecido. A curiosidade ingênua sobre o tema prostituição teve início na minha adolescência, quando da leitura do livro *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída* (HERMANN; RIECK, 1983). Essa obra apresenta o depoimento de uma jovem alemã que devido à dependência química passa a realizar programas, em Berlim, a fim de custear a aquisição de heroína. Embora marcada por violência, a narrativa despertou-me grande fascínio, pois descortinava que mesmo

inserida em contexto de opressão a jovem Christiane continuava a nutrir sonhos. A leitura desse livro figura, portanto, como primeiro contato com essa temática, levando-me a observar com mais atenção e curiosidade mulheres que exerciam prostituição nas ruas da cidade de São Paulo e, posteriormente, motivando-me a ingressar no Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual (GETS)¹ da UFSCar.

A partir do ingresso no GETS, em 2001, foi se desenvolvendo minha curiosidade epistemológica em relação à prática social da prostituição e, como aluna do curso de Pedagogia, passei a desenvolver uma atividade de extensão sobre direitos humanos com mulheres prostitutas ao longo dos anos de 2002 e 2003. Essa atividade teve como fim promover o diálogo com prostitutas e fomentar o debate sobre direitos humanos em casas noturnas de São Carlos (SOUSA, 2003). Minha aproximação a essas mulheres foi mediada por estudos e discussões nas reuniões do GETS, e pelo convívio com prostitutas por meio de encontros semanais realizados em diferentes casas noturnas de São Carlos para debater textos e documentos sobre direitos humanos como parte das atividades da referida atividade de extensão. Dessa forma, fui conhecendo as histórias de vida narradas por essas mulheres, fui apreendendo os temas significativos por elas vivenciados, uma vez que em nossas conversas elas me falavam sobre seus filhos e familiares, paixões, amores e relacionamentos afetivos, saúde, preconceito e negação de direitos, bem como sobre as aprendizagens consolidadas no exercício da prostituição. Assim, por meio da convivência com essas mulheres passei a compreender a prostituição como uma prática social, isto é, como espaço e tempo em que se consolidam valores, posturas e atitudes que são ensinados e partilhados pelas pessoas que se relacionam ao tomarem parte dessa atividade. Compreendi que as pessoas se educam no interior dessa prática social, ao identificarem problemas que lhes desafiam e ao criarem respostas para superá-los, assim, fui apreendendo a face educativa que também compõe a prática da prostituição.

Destarte, voltei-me a estudar a face educativa da prostituição com base nas contribuições da educação popular que ratificam a compreensão de que as pessoas se

¹ Grupo ligado ao Departamento de Metodologia de Ensino da UFSCar que, desde 1998, desenvolve ações educativas de extensão e pesquisa com mulheres prostitutas de casas noturnas de São Carlos/SP. Para informações acessar: <http://grupodeestudostrabalhosexual.wordpress.com>

educam em distintas práticas sociais e não apenas nas instituições de ensino, como bem destaca Freire (2003):

[...] não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais para de educar-se. Numa certa prática educativa não necessariamente a de escolarização, decerto bastante recente na história, como a entendemos (p.21).

Em 2004, ingressei no curso de mestrado em educação e desenvolvi pesquisa pautada no referencial da educação popular, cujo objetivo foi investigar processos educativos consolidados nas relações estabelecidas entre prostitutas e sua clientela. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que no exercício da prostituição são consolidados diferentes processos educativos tais como aprender a ouvir, a conversar, a representar papéis, a seduzir e a identificar as fantasias do cliente. Também são adquiridas algumas habilidades como ser simpática, aprender a extrair informações e traçar o perfil do cliente, respeitar o estilo de cada cliente, saber conviver e relacionar-se com pessoas e costumes diversos, já que as prostitutas, comumente, viajam para diferentes cidades e boates. Esses processos educativos não são desenvolvidos somente visando a obter maiores ganhos financeiros, mas também são empregados pelas prostitutas no sentido de ampliar a leitura do mundo e a compreensão de sua realidade (SOUSA, 2007).

A partir da experiência no campo de pesquisa, da convivência por mais de dez anos com mulheres que exercem prostituição em casas noturnas e tendo como intencionalidade a face educativa da prostituição formulei o questionamento - *Como mulheres se educam nas experiências vivenciadas no exercício do trabalho sexual*²? – que suleou³ o processo de pesquisa desenvolvido ao longo do curso de doutorado em educação. Tal processo de investigação foi realizado com base nos aportes teóricos e metodológicos da educação popular e da fenomenologia, notadamente, nas

² Os termos prostituição e trabalho sexual serão usados alternadamente neste documento para aludir à prestação voluntária de serviços sexuais. Cabe ressaltar que o uso alternado desses termos não visa a engendrar a compreensão de que todo tipo de trabalho sexual se configura como forma de prostituição. Ambos os conceitos serão abordados detalhadamente no segundo capítulo.

³ Na obra *Pedagogia da Esperança*, inspirado na leitura do físico Márcio Campo, Freire (2008) utiliza esse termo para chamar atenção dos leitores com relação à conotação ideológica dos vocábulos “nortear/orientar” que sugerem a dependência do Sul em relação ao Norte. Sulear consiste, portanto, em engajar-se em processo de busca pela autonomia desde o Sul, assumindo a condição de latino-americano.

contribuições de Paulo Freire e Maurice Merleau-Ponty. Imbuída da asserção de que o fazer educativo e o fazer pesquisa constituem-se como atos políticos, isto é, não podem caracterizar-se pela neutralidade, uma vez que trazem consigo desejos, vontades, leituras de mundo, sonhos e aspirações daqueles que os implementam, considero pertinente discorrer sobre motivações que, no decorrer de minha trajetória como educadora e pesquisadora, impulsionaram à escolha desses referenciais.

As contribuições da educação popular foram fundamentais na minha formação enquanto pesquisadora gerando o entendimento e a prática do fazer pesquisa com base no diálogo. Para Freire (1977, p.52) a função do diálogo é problematizar o próprio conhecimento (científico, técnico ou de experiência) “em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la.” Assumindo essa compreensão do diálogo, autores que se pautam na educação popular buscam desenvolver pesquisas voltadas a desconstruir imaginários negativos e estereótipos disseminados acerca de grupos sociais populares, pois como bem ressalta Arroyo (2009) a construção de autoimagens positivas e seu reconhecimento por parte de integrantes de grupos populares figura como um dos aspectos mais pedagógicos do movimento de educação popular. Com base nos aportes teóricos da educação popular, o fazer pesquisa torna-se processo relacional entre pesquisadora e participantes da pesquisa que, juntas, visam a problematizar a realidade; é nesse sentido que a o fazer dialógico não se volta a pesquisar sobre certo grupo social, antes busca o estar com membros desse grupo social e com eles fazer a leitura da realidade.

O fazer pesquisa *com* prostitutas e não *sobre* prostitutas demandou diálogo, isto é, disponibilidade para estar com mulheres que exercem prostituição e com elas buscar a leitura e problematização da realidade vivida por meio da convivência que foi se tecendo no trabalho de campo, nos encontros realizados semanalmente nas casas noturnas da cidade. Fazer *com* requer disposição para acolher e ser acolhido, numa perspectiva de pesquisa pautada no diálogo, o conviver é “o cerne do ‘fazer’ pesquisa” (OLIVEIRA e col., 2009, p. 11). Conviver e fazer pesquisa com prostitutas configuraram-se como experiências marcantes em minha formação impulsionando-me a desenvolver uma postura de questionamento, tanto na minha prática docente como no fazer pesquisa, acerca da hierarquização do conhecimento que valoriza alguns saberes (geralmente os produzidos pela comunidade científica) em detrimento dos saberes

consolidados nas experiências vividas por grupos populares, além de corroborar a apreensão da importância da humildade no desenvolvimento do diálogo.

A humildade é essencial à disponibilidade para aprender com aqueles que vivenciam experiências distintas. Essa compreensão foi, constantemente, reiterada nas conversas com prostitutas, já que elas sempre destacam que na noite⁴ é preciso permitir que algo lhes aconteça, ter sensibilidade e disponibilidade para aprender com o outro (SOUSA, 2007).

A respeito dessa disponibilidade, na obra *Medo e Ousadia*, o educador Paulo Freire ressalta que devemos estar completamente abertos para aprender com integrantes de grupos populares com quem convivemos em nossas práticas de ensino e pesquisa. Paulo Freire fora convidado, ainda jovem, a trabalhar num instituto particular de ensino em Recife/PE passando a conhecer trabalhadores com quem aprendeu muito sobre a vida no trabalho. A relação com trabalhadores e camponeses o levou “à compreensão mais radical da educação”, qual seja, a de que era preciso ser humilde para unir seu conhecimento intelectual à sabedoria dos trabalhadores e demais grupos populares (FREIRE; SHOR, 1986).

Eles me ensinaram, pelo silêncio, que era absolutamente indispensável que eu unisse meu conhecimento intelectual com sua própria sabedoria. Ensinaram-me, sem nada dizer, que eu nunca deveria dicotomizar esses dois conjuntos de conhecimento: o menos rigoroso do muito mais rigoroso. Ensinaram-me, sem nada dizer, que sua linguagem não era inferior à minha (FREIRE; SHOR, 1986, p.41).

Os aportes da educação popular, em especial, as contribuições do educador Paulo Freire demonstram que elaborar saberes a partir da experiência concreta e que ensinar por meio do silêncio e de sua condição são características de grupos populares no movimento permanente de educar e educar-se. No entanto, nem sempre, pesquisadores e demais profissionais que trabalham com grupos populares têm humildade para apreender os saberes consolidados nas relações estabelecidas entre os integrantes desses grupos. Como bem destaca Valla (1996, p.178) referindo-se a profissionais da área de saúde que trabalham com grupos populares, a dificuldade para

⁴ Termo empregado pelas prostitutas de São Carlos para aludir à prática da prostituição, o termo traz a dimensão de tempo (antes e depois do ingresso nessa prática) e de espaço (nas casas noturnas).

compreender o que esses grupos têm a nos dizer e para chegarmos aos seus saberes “está relacionada mais com nossa postura do que com questões técnicas como, por exemplo, linguísticas”, ou seja, a adoção de uma postura que não se pauta na humildade tende a obscurecer o reconhecimento de que esses grupos também produzem e sistematizam conhecimentos que são válidos para interpretar e avaliar a sociedade.

Autossuficiência e ausência de humildade são, portanto, incompatíveis com o diálogo, compreendido, aqui, como o encontro dos seres humanos que, mediatizados pelo mundo, se unem para pronunciá-lo, problematizá-lo e recriá-lo permanentemente (FREIRE, 1970). Nesse sentido, Freire (1970, p.95) afirma que não é possível dialogar se “alieno a ignorância” e “se a vejo sempre no outro, nunca em mim”, “se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela”, se não tenho a capacidade de sentir-me e saber-me tão humano quanto os outros. Sem humildade e sem fé na capacidade criadora e transformadora do ser humano, não é possível se aproximar dos grupos populares e nem, tampouco, chegar ao lugar de encontro para com eles pronunciar o mundo.

De acordo com Freire (1970), a esperança, o amor, a humildade e a fé nos seres humanos são condições para o diálogo, ou seja, para a pronúncia coletiva do mundo com intenção de transformá-lo, recriá-lo. A esperança é compreendida por Freire (2008) como uma “necessidade ontológica” que, em vez de levar o ser humano à adaptação e à espera passiva, o põe em movimento na luta por ser mais. Já o amor, é entendido como “uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam” (FREIRE, 2010, p.29). O amor é resultado da busca pela comunicação e integração com os demais. É, portanto, uma manifestação de intersubjetividade. Na concepção freireana humildade assume uma conotação distinta daquela apresentada em verbetes de dicionários que a associam à condição de submissão e inferioridade. Nesta perspectiva, o conceito de humildade alude à postura de procurar colocar-se em horizontalidade com as demais pessoas com quem se comunica, conhecendo e respeitando suas formas de ser e estar no mundo. É a humildade que engendra a fé no ser humano, pois só nas relações horizontais torna-se possível apreender que *ser mais*⁵ não é privilégio de algumas pessoas, mas vocação ontológica de todos os seres humanos (FREIRE, 1970).

⁵ O termo alude à inconclusão do ser humano e a sua vocação ontológica de humanizar-se, de buscar sua completude engajando-se no processo de leitura de si e da realidade (FREIRE, 1970).

Sendo o diálogo esse encontro dos seres humanos na busca por ser mais, ele se pauta na esperança e no engajamento no processo de recriar a realidade, pois tal como destaca Freire (1970, p.97) “se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer já não pode haver diálogo”. Na obra *Pedagogia da Esperança*, Freire (2008) afirma que a esperança sozinha não transforma o mundo, mas quando ancorada na prática, mobiliza o ser humano a engajar-se no embate recriador do mundo. Embebida dessa compreensão, apresento aos interlocutores a esperança que motivou a realização da investigação apresentada, qual seja, a de afirmar a importância da humildade para aprender com as prostitutas, fortalecendo a fé na capacidade criadora dos seres humanos, especialmente naquela apresentada por mulheres que tomam parte de uma prática social estigmatizada como a prostituição e que vivenciam na pele as contradições do trabalho sexual. Contradições que trazem à tona a pluralidade dessa prática que apresenta tanto aspectos de opressão como de libertação que se desenvolvem no movimento de enfrentamento, superação e resistência das prostitutas frente aos obstáculos com que se deparam. Esse movimento é protagonizado por prostitutas que se atrevem a ser no mundo de modo diferente e que, ao negar o fatalismo, reconhecem que é possível abrir fendas no que está condicionado, recriando dessa forma a realidade e construindo novas formas de ser e estar no mundo.

Ressalto, pois, que esta pesquisa não se desenvolveu com intenção de propor estratégias visando que as mulheres abandonassem o trabalho sexual e reingressassem na estrutura social, ingenuamente, tida como sadia. Penso como Freire (1979), que os integrantes de grupos marginalizados não se encontram “fora de”, pelo contrário, eles fazem parte de uma estrutura social excludente que os impele a ocuparem a “margem de”, sendo assim, não basta propor alternativas visando que os mesmos se integrem socialmente, mas sim pensar coletivamente sobre as forças que geram a opressão, buscando propostas que fomentem um processo de humanização.

Os gestos que tendem a humanizar pessoas e relações que entre elas se mantêm são elaborados no processo de problematização da realidade que se funda no diálogo, na convivência, na humildade e no respeito para apreender e compreender diferentes visões de mundo. Portanto, humanização não é tarefa individual, mas sim uma ação permanente protagonizada por pessoas intencionadas à transformação da realidade injusta, desigual e opressora (FREIRE, 1970, 2008).

No processo de humanização, a educação exerce função primordial, pois assim como Silva (1987) compreendo o educar-se como maneira própria de vivenciar o mundo. Educar-se é atribuir sentido a si, aos outros e às experiências vividas (FREIRE, 1970; FIORI, 1986). Essa compreensão permite pensar a educação como experiência, tal como destaca Larrosa-Bondía (2002) que nos alerta que é comum pensar a educação a partir da relação ciência/técnica (perspectiva positiva) ou da relação teoria/prática (perspectiva política), todavia, ele nos convida a adotar uma abordagem mais estética e existencialista que consiste em pensar a educação a partir da relação experiência/sentido.

A fim de pensar a educação a partir da experiência/sentido busquei embasamento na fenomenologia, suporte teórico e metodológico que me auxiliou a estudar os modos pelos quais as coisas se apresentam aos seres humanos por meio da experiência (SOKOLOWSKI, 2004). De acordo com Merleau-Ponty (2006) a fenomenologia consiste em descrever a experiência tal como ela se dá, sendo assim, o verdadeiro *Cogito* é aquele que revela o “ser no mundo”, isto é, o ser em situação.

Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos então um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente, porque ele é seu saber de si e de todas as coisas, e que conhece sua própria existência não por constatação e como um fato dado, ou por inferência a partir de uma ideia de si mesmo, mas por contato direto com essa ideia. A consciência de si é o próprio ser do espírito em exercício (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 496-7).

Os aportes da fenomenologia me auxiliaram a questionar pressupostos e visões de mundo que orientam distintas definições, representações e estereótipos veiculados acerca da prática da prostituição, os quais influenciam tanto as percepções sociais, a formulação de políticas públicas, como a bibliografia produzida sobre o tema. Nesse sentido, destaco a viabilidade de desenvolver uma metodologia de pesquisa pautada na fenomenologia e nas contribuições de Merleau-Ponty que postula a suspensão de preconceitos⁶ e a necessidade de procurar compreender o ser humano no movimento de sua existência.

⁶ O conceito suspensão será detalhado no terceiro capítulo.

Suspender preconceitos é uma aprendizagem fundamental para aqueles que almejam desenvolver trabalhos em diálogo com grupos marginalizados, como os compostos por prostitutas. Tendo em vista que essa atividade, historicamente, vem sendo alvo de estigma e discriminação algumas representações e estereótipos acerca das prostitutas também habitam o imaginário dos pesquisadores, por isso quem almeja realizar investigações com pessoas que exercem prostituição deve atentar constantemente para sua postura, seja em campo no momento de interagir com as pessoas participantes da pesquisa, ou fora dele no momento de analisar os dados.

Com intenção de buscar compreender as prostitutas como seres no mundo, a presente pesquisa voltou-se a investigar o movimento de educar-se nas experiências vividas no exercício do trabalho sexual, com intenção de desvelar saberes de experiência por meio dos quais as participantes da pesquisa atribuem sentido a si e a sua prática. O saber de experiência é “particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” e possui íntima relação com a existência, é por meio dele que o sujeito pode se apropriar de sua vida e apreender “o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude” (LARROSA-BONDÍA, 2002, p.27).

Nesta investigação procurei, portanto, fazer o caminho “de lá para cá” de que nos fala Pessoa (2007), isto é, almejo suscitar reflexões acerca do que podemos – educadores, pesquisadores e pessoas que exercem trabalho sexual - aprender com as prostitutas e os saberes elaborados por elas no exercício do trabalho sexual. Conforme aponta Pessoa (2007, p.65), já existe uma produção considerável de pesquisadores que se pautam no referencial da educação popular sobre o “que já se fez em termos de levar aos grupos sociais instrumentos e condições de aprendizagem sobre a realidade social, para melhor agirem nela”, porém pouco foi publicado sobre os ensinamentos produzidos e transmitidos no interior de grupos, práticas sociais e manifestações populares, portanto, ainda há muito a se desvelar acerca de saberes elaborados nas experiências vividas por grupos populares e sobre o que/como podemos aprender com eles.

Reafirmando a humildade e a esperança como condições para efetivação do diálogo, convido os leitores a refletirem comigo sobre o que podemos aprender com prostitutas por meio de saberes consolidados nas experiências vivenciadas na noite. Antecipo - ancorada na minha prática como mulher pesquisadora e educadora - que tais

saberes podem fomentar questionamentos fecundos acerca dos lugares que as mulheres ocupam na sociedade e sobre os modos como vivenciam a sexualidade, bem como sobre formas e estratégias por elas implementadas no sentido de assumirem sua situacionalidade e engajarem-se na busca por sua libertação.

O planejamento e a realização desta investigação se pautaram em estudos e discussões desenvolvidos junto ao grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos⁷. As atividades implementadas por esse grupo configuram uma *comunidade de trabalho*, ou seja, um espaço de formação e convivência entre pesquisadores mais experientes e pesquisadores iniciantes que juntos desenvolvem estudos orientados no sentido de superação de injustiças sociais, desigualdades, relações de opressão entre pessoas e entre grupos sociais e étnico-raciais. Formação é entendida, conforme apontam Silva e Araújo-Olivera (2004), como processo no qual os sujeitos se apropriam do mundo de que fazem parte, significando o mundo e a si próprios. Nessa perspectiva, a formação de cada pessoa, nos ensinam Fiori (1986) e Freire (1970), se dá por meio de constantes trocas entre subjetividades, tendo em vista que as referências e significações empregadas na leitura do mundo e de si próprio são construídas e atribuídas nas relações sociais. No interior dessa comunidade de trabalho, no entender de Silva e Araújo-Olivera (2004), pesquisadores iniciantes mediados por uma relação pedagógica dialógica são orientados por pesquisadores experientes a se inserirem em certa prática social, visando a identificar e compreender de dentro dessa prática os processos educativos que, ali, são desencadeados, conformados e consolidados. Na presente investigação, a prática social em pauta é o exercício do trabalho sexual, isto é, a prestação voluntária de serviços sexuais por parte de mulheres adultas que entendem essa atividade como estratégia de inserção socioeconômica.

A aproximação e inserção em uma prática social seja com que finalidade for, notadamente com a de realizar uma pesquisa, requer a construção de vínculos de confiança, o acolhimento por parte de seus integrantes, a humildade e sensibilidade para compreender os significados e visões de mundo apresentados pelas pessoas que dela participam.

⁷ Informações disponíveis em: www.processoseducativos.ufscar.br

A integração e participação em práticas sociais com o objetivo de pesquisar e compreender os processos educativos que são ali desencadeados, conformados, consolidados, promovem a formação das pesquisadoras e dos pesquisadores e das participantes da pesquisa enquanto sujeitos que pesquisam juntos e neste ato humanizam-se e firmam-se cidadãs e cidadãos (OLIVEIRA e col., 2009, p.6-7).

Antes de finalizar a introdução deste documento, considero importante discorrer ainda que brevemente sobre a relevância acadêmica e social da investigação desenvolvida. A realização da pesquisa se justifica pela constatação de uma lacuna na produção acadêmica sobre prostituição na área de educação observada a partir da revisão da bibliografia. Na busca realizada no portal *Scielo*⁸ (*consultar apêndice I*), em abril de 2011, não foi identificado nenhum artigo que abordasse prostituição sob o enfoque da educação. Foram encontrados 44 artigos, dentre eles 19 publicados em periódicos ligados à área de saúde e 25 em periódicos ligados às ciências humanas. Entre os artigos identificados, observei que os trabalhos publicados ao longo da década de 1990 focalizam a prostituição como questão de saúde pública e discorrem sobre HIV/Aids e infecções sexualmente transmissíveis, esse artigos ressaltam a prática da exploração sexual infanto-juvenil em detrimento da prostituição voluntária (GOMES, 1994, 1994b; PIRES, MIRANDA, 1998; GOMES; MINAYO; FONTOURA, 1999; TORRES, DAVIM; COSTA, 1999).

A partir de 2002 há uma crescente publicação de artigos sobre prostituição em periódicos ligados às ciências humanas, especialmente, no campo dos estudos feministas e de gênero. Neles, a prática da prostituição é focalizada em detrimento da exploração sexual. A prostituição passa a ser analisada no contexto da indústria do sexo e são abordados temas como turismo sexual, tráfico de pessoas, direitos humanos, legislação e regulamentação, sexualidade, bem como significados atribuídos à prostituição (PASINI, 2005; PISCITELLI, 2002, 2007, 2008; OLIVAR, 2008, 2011; CASTILHO, 2008).

Ao mapear a produção de trabalhos apresentados em evento científico da área de educação, optei por analisar os GT 6 – Educação Popular e o GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação das reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-graduação

⁸ Busca realizada pelo descritor ‘prostituição’, no portal da Scientific Electronic Library Online - Biblioteca eletrônica que disponibiliza coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Para informações acessar: www.scielo.br

e Pesquisa em Educação (ANPEd) no período de 2004 a 2011. Foram identificados apenas três artigos que abordam a prática da prostituição, todos eles foram apresentados no GT de Educação Popular. Mendes e Marques (2009) inserem a discussão da temática no grupo de trabalho, embora não focalizem diretamente a educação de prostitutas, mas sim suas reflexões e pensares a respeito do processo de escolarização de seus filhos. Eu e minha orientadora elaboramos e apresentamos um artigo que aborda processos educativos consolidados na prática da prostituição, a partir da investigação de mestrado desenvolvida anteriormente (SOUSA; OLIVEIRA, 2010). Em 2011, com intuito de apresentar os dados parcialmente obtidos nesta investigação de doutorado, redigimos artigo em que discorremos sobre as contribuições da educação popular e da fenomenologia para o fazer pesquisa com prostitutas (SOUSA; OLIVEIRA, 2011).

Em busca no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁹ (*consultar apêndice II*), referente ao período de 2000 a 2010, foram identificadas 46 trabalhos que abordam a temática da prostituição, sendo que dez delas foram defendidas em programas de pós-graduação em sociologia/ciências sociais e somente três dissertações foram defendidas junto a programas de pós-graduação em educação ligados à Universidade do Vale do Itajaí e à Universidade Federal de São Carlos. Embora apresente o descritor “prostituição”, o trabalho de Souza (2005) não focaliza essa prática, já que o objetivo dessa investigação consistiu em analisar a identidade da cidade de Brusque/SC relacionando-a a aspectos como educação, formação, escola e sexualidade. A dissertação de Ferreira (2006) se voltou ao estudo de percepções de prostitutas acerca de processos educativos ligados à saúde e a minha dissertação (SOUSA, 2007) que se voltou à investigação de processos educativos consolidados nas relações entre prostitutas e clientes, tomando como ponto de partida a percepção dessas mulheres.

Destaco que a relevância acadêmica desta pesquisa consiste em, por um lado, investigar a temática da prostituição sob o enfoque da área de educação ressaltando a pluralidade dessa prática social que, comumente, é abordada a partir de questões e situações estigmatizadas tratadas na perspectiva da infração, do desvio social, da falta de moral ou de problema social a ser abolido. E por outro, em desenvolver uma metodologia de pesquisa pautada no diálogo e na convivência que possibilita desvelar o

⁹ Busca realizada pelo descritor ‘prostituição’, no período de 2000 a 2010, no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia. <http://bdt.d.ibict.br>

ponto de vista das mulheres que exercem trabalho sexual favorecendo a autoanálise de suas experiências de vida.

A proposição desta investigação almeja, portanto, transformar ausências em presenças tal como nos fala Santos (2008), procurando descortinar experiências vivenciadas por prostitutas que têm sido impelidas à invisibilidade pela ordem hegemônica. Pois considero que o diálogo acerca dos modos pelos quais prostitutas se educam nas experiências vividas no exercício do trabalho sexual trará à tona novas formas de perceber e significar a prática da prostituição, contribuindo assim para minimizar o preconceito e violência voltados a pessoas que se ocupam dessa atividade. A relevância acadêmica da pesquisa está, portanto, aliada ao compromisso social com mulheres que exercem trabalho sexual, ratificando o disposto no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFSCar que destaca que as atividades de ensino, extensão e pesquisa elaboradas nessa instituição devem buscar compreender e propor soluções para problemas nacionais, regionais e locais da realidade brasileira (SÃO CARLOS, 2004).

Conforme aponta Silva (2008, p. 42), um dos critérios para avaliação da qualidade acadêmica na UFSCar é, justamente, sua vinculação com anseios de diferentes segmentos sociais e não apenas com as necessidades impostas pelos grupos sociais que detêm o poder econômico e a possibilidade de gerar “apoio consistente para solução de problemas sociais, econômicos, políticos, tecnológicos” que promova a superação de desigualdades e o combate a discriminações a pessoas e grupos. Destarte, a relevância do presente estudo consiste em dialogar com mulheres que exercem trabalho sexual a fim de apreender seus saberes e leituras da realidade na intenção de suscitar contribuições que possam desmitificar estereótipos e preconceitos veiculados acerca de prostitutas, denunciar o processo de negação de seus direitos e combater manifestações de violência voltadas a essas mulheres.

Tendo apresentado o lugar de onde falo e a curiosidade que me motivou a estudar a face educativa da prática da prostituição, além de discorrer brevemente sobre a relevância social e acadêmica desta investigação, discorro no capítulo I sobre *o ser no mundo, saberes de experiência* e sobre *o educar-se* nas experiências vividas em práticas sociais. No capítulo II, desenvolvo reflexões acerca do tornar-se mulher e prostituta, apresento os conceitos *prostituição* e *trabalho sexual*. No capítulo III apresento a trajetória da pesquisa e destaco as contribuições da educação popular e da

fenomenologia para o processo de investigação. No capítulo IV, apresento como se desenvolveu a construção dos dados, as categorias identificadas e discorro sobre o educar-se na noite. Por fim, no capítulo V, teço considerações sobre o caminho trilhado nesta pesquisa, relaciono os dados obtidos nesta investigação à prática educativa escolar refletindo sobre como os saberes da noite podem nos ajudar a pensar numa escola menos excludente e aponto encaminhamentos para estudos futuros que venham complementar as reflexões aqui cultivadas ciente de que o fazer pesquisa é um processo inacabado tal qual o ser humano que o realiza.

I - O SER NO MUNDO E O PROCESSO DE EDUCAR-SE

[...] sua sabedoria era mais profunda e mais elevada que a da nossa ciência, uma vez que a nossa ciência busca explicar o que é a vida, ela mesma anseia por tomar consciência da vida para ensinar os outros a viver; ao passo que eles, mesmo sem ciência, sabiam como viver.
(FIODOR DOSTOIÉVSKI, 2009)

Neste capítulo, apresento os aportes teóricos que embasaram a presente pesquisa e estruturam minha compreensão de ser humano, de educação e de mundo. O ser humano e mais especificamente mulheres, no caso desta pesquisa, foram percebidas como seres inconclusos que se movimentam no mundo. O reconhecimento dessa inconclusão é o que impulsiona a transcendência, ou seja, o movimento por meio do qual o sujeito reconhece a situação presente e projeta-se para além do percebido efetivando dessa forma o processo de educar-se.

Destarte, nesta investigação, busquei compreender em diálogo com prostitutas como se desenvolve esse movimento de educar-se nas experiências vivenciadas em contextos de prostituição, buscamos identificar que esperanças e desesperanças se apresentam na trajetória percorrida por essas mulheres em busca por sua humanização. Sem perder de vista que, embora a humanização exija o caminhar individual de cada sujeito, ela consiste em tarefa coletiva que requer a *comunhão*, isto é, a compreensão conjunta de si e do mundo que se tece na intersubjetividade (FREIRE, 1970).

1.1 – O ser no mundo e os saberes de experiência

A fenomenologia é apontada por Merleau-Ponty como uma filosofia que pode corroborar a apreensão do ser no mundo, isto é, no movimento de sua existência. Na obra *Fenomenologia da Percepção*, o autor proclama que a “fenomenologia é o estudo das essências (...), é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.1). Compreender o ser humano a partir de sua facticidade implica em reconhecê-lo como ser no mundo, isto é, como ser em situação que se comunica com o mundo e com os outros seres por meio de sua corporeidade.

Nega-se, dessa forma, o perspectivismo do cogito cartesiano que inviabiliza a percepção do outro, isolando o sujeito sobre si mesmo e negando a pluralidade de consciências. Merleau-Ponty (2006) afirma que a existência não pode ser reduzida à consciência que o sujeito tenha dela:

O verdadeiro *Cogito* não define a existência do sujeito pelo pensamento de existir que ele tem, não converte a certeza do mundo em certeza do pensamento do mundo e, enfim, não substitui o mundo pela significação do mundo. Ele reconhece, ao contrário, meu próprio pensamento como um fato inalienável, e elimina qualquer espécie de idealismo revelando-me como ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.9).

O mundo é o horizonte das experiências do ser humano e campo de todos seus pensamentos e percepções. Sendo assim, não é possível se desligar do mundo a fim de apreendê-lo. Na abordagem fenomenológica, a consciência é sempre consciência de algo e consiste numa abertura ao outro e não em repouso sobre si mesmo. O movimento da consciência de projetar-se em direção ao mundo visando a compreendê-lo é denominado *intencionalidade*. Por meio da intencionalidade, o mundo vai se descortinando, constantemente, à medida que o sujeito se volta para o que deseja compreender e passa a interrogar. Na busca por conhecer, o ser humano focaliza um fenômeno que se encontra em certo campo fenomenal junto a outros sujeitos e fenômenos (co-percebidos). A apreensão do fenômeno focalizado ocorre a partir da perspectiva do olhar lançado pelo sujeito cognoscente (BICUDO, 1997; GARNICA, 1997; MERLEAU-PONTY, 2006).

Como ação do ser no mundo, a mirada ao fenômeno não pode se desvincular da existência do sujeito cognoscente, de sua situação e maneira própria de ser e estar no mundo. A apreensão do fenômeno é sempre parcial, pois à medida que o olhar desvela uma face do objeto cognoscível outra face se oculta. Olhar um objeto consiste em entranhar-se nele, em “habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.105).

Freire (1970) ratifica o entendimento de que a apreensão do mundo se dá em perspectivas, o autor ressalta que o campo de percepção vai aumentando à proporção que o sujeito reflete sobre sua existência no e com o mundo, ao transformar ou deslocar-se de perspectiva.

Na medida em que os homens, simultaneamente, refletindo sobre si e sobre o mundo, vão aumentando o campo de sua percepção, vão também dirigindo sua “mirada” a “percebidos” que, até então, ainda que presentes ao que Husserl chama de “visões de fundo”, não se destacavam, “não estavam postos por si” (...). O que antes já existia como objetividade, mas não era percebido em suas implicações mais profundas e, às vezes, nem sequer era percebido, se “destaca” e assume o caráter de problema, portanto, de desafio (FREIRE, 1970, p.82).

A consciência não é um reflexo do mundo, nem tampouco o mundo uma mera projeção da consciência (FREIRE, 1970; FIORI, 1986). De acordo com Fiori (1986, p.4), consciência e mundo ganham realidade e identificam-se juntos “o mundo não pode refletir-se na consciência antes de ser mundo consciente. E a consciência não pode ser determinada pelo mundo, antes de ser consciência do mundo.” O mundo se configura, na consciência do mundo como um “horizonte repleto de significados. Estes significados não são postos somente pelo mundo ou dados pela consciência.” O mundo é significado num processo dinâmico em que o significar não resulta em produto feito e acabado, mas sim numa “contínua manifestação de um fazer que se refaz, continuamente.” Este processo de significar ativo não se realiza como atividade de uma consciência pura, mas sim como um “comportamento corpóreo-mundano e existencial.” Para Fiori (1986, p.5), o ser humano não é um sujeito inserido num mundo de objetos, antes constitui-se como “uma subjetividade encarnada numa objetividade”.

Corroborando essa assertiva, Merleau-Ponty (2006) propõe o movimento de retornar *às coisas mesmas* que não se volta para o objeto da ciência e nem ao interior da consciência, mas sim para o conhecimento direto da realidade vivida e ao mundo pré-reflexivo, “retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente” (p.4). O movimento de retornar às coisas mesmas se pauta na permanente dialeticidade entre subjetividade e objetividade proposta por Freire (1970) como maneira mais viável de analisar e agir sobre a realidade.

E é nesse sentido que autores ligados à fenomenologia e à educação popular afirmam a necessidade de buscar compreender o ser humano a partir do movimento de sua existência, pois como assegura Freire (2008, p.97) não é possível entender os homens e as mulheres, “a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu ‘caminho’ que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao ‘caminho’ que estão fazendo e que assim os refaz também.”

O ser humano não nasce feito, ele vai experimentando e se construindo paulatinamente nas relações estabelecidas no interior de práticas sociais (FREIRE, 2003). O nascimento humano sempre ocorre dentro de uma totalidade simbólica que alimenta o recém-chegado com os signos de sua história, todo ser humano nasce e cresce junto a uma família, a um grupo social, numa dada época e sociedade, e é nesse contexto que ele tecerá seu mundo de sentido (DUSSEL, 1996).

Ao tomar parte de distintas práticas sociais e apreender valores, posturas, atitudes e saberes elaborados e repassados pelas pessoas que se relacionam no interior dessas práticas, os seres humanos vão construindo sua identidade, à medida que atribuem sentido a si, aos outros e ao mundo. Práticas sociais são entendidas, neste trabalho, como ações e relações com intencionalidade que são estabelecidas entre pessoas e grupos sociais visando a passar as normas de vida ligadas as distintas maneiras de ser, pensar, agir e conduzir as experiências vividas.

De acordo com Oliveira e colaboradores (2009), nas práticas sociais são desenvolvidos processos educativos que promovem “a formação para a vida na sociedade” (p.7). A participação em diferentes práticas sociais favorece a apropriação de valores e comportamentos de seu tempo e lugar, posto que nelas sejam produzidos bens, valores, modos de pensar, viver e “manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas” (p.4). Ao interagir nessas práticas, os sujeitos expõem modos de ser e perceber o mundo e desenvolvem estratégias para solucionar os problemas que lhe desafiam. As posturas, ações e estratégias elaboradas no interior de práticas sociais variam conforme os objetivos das pessoas que delas tomam parte, destarte, tanto podem orientar-se para o enraizamento e promoção de tradições, valores e posturas de certo grupo social, como também podem desenraizar e negar a cultura de determinado povo (OLIVEIRA e col., 2009).

Entender o ser humano a partir de sua incompletude, isto é, como ser que se constrói nas experiências vividas no interior de práticas sociais favorece o desvelamento de sua *situacionalidade*¹⁰. Nesta pesquisa, entender as prostitutas como seres em situação que se encontram enraizadas em condições tempo-espaciais que as marcam e que, por sua vez, também são marcadas pela sua ação possibilitou a apreensão dos condicionamentos sociais que essas mulheres vivenciam e corroborou o entendimento

¹⁰ A situacionalidade, como posição fundamental dos seres humanos, é um pensar a própria condição de existir por meio do qual o sujeito se reconhece como inacabado e em situação (FREIRE, 1970).

de que elas figuram como sujeito de sua prática, isto é, de que são capazes de fazer a leitura da situação vivida e de criar estratégias para se projetar para além de onde se percebem. Pensamos com Freire (1970, 2010) que a percepção da inconclusão humana é um dos traços principais da consciência que impulsiona sua abertura ao mundo e se configura como a raiz da educação.

Para ultrapassar a situação percebida, a fim de transcender e reconstruir o mundo é preciso excedê-lo por meio de busca permanente. O sujeito luta para obter condições de renovação e quando as alcança, deve renová-las para que seja possível renovar-se. A educação é esse processo histórico, por meio do qual o ser humano se re-produz ao reconstruir seu mundo (FIORI, 1986). Educar-se, portanto, significa “tomar parte na construção do mundo, da sociedade em que se vive, construindo-se, isto é, elaborando sua identidade” (SILVA, 1987, p.70).

Educação consiste em buscar a plenitude da condição humana que implica na participação ativa do sujeito no processo de fazer-se continuamente (FIORI, 1986). Por isso, autores como Fiori (1986) e Freire (1970, 2010) afirmam que o ser humano deve sempre figurar como sujeito do processo de educar-se e não como objeto, favorecendo assim sua vocação ontológica de ser mais. Todavia, destaca Freire (2010) essa busca não se concretiza na solidão, pois o ser humano não “é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca” (p.28). O processo de busca pelo ser mais nunca é individual, mas coletivo “esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais”, caso contrário poderia converter-se no “ter mais” que consiste numa forma de ser menos, de desumanização e de coisificação, visto que a busca solitária pelo ser mais torna umas consciências objetos de outras (FREIRE, 2010, p.28).

É nesse sentido que Freire (1970) afirma que as pessoas não se educam sozinhas, mas mediatizadas pelo mundo e em comunhão com os outros seres (FREIRE, 1970). Por ser inacabado e incompleto, o ser humano não possui saber absoluto ou ignorância absoluta:

O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância (FREIRE, 2010, p. 29).

Imbuída da compreensão de que elaboramos saberes relativos e que por meio do diálogo, comunhão e comunicação podemos ampliar nossa leitura da realidade e reinventar o mundo e as formas de ser/estar/atuar sobre ele, me propus a desenvolver a presente investigação com objetivo de descortinar a face educativa da prostituição e desvelar saberes de experiência consolidados nessa prática, por considerar que o desocultamento de tais saberes corrobora a reflexão sobre formas de pensar/sentir o que podemos aprender com prostitutas, notadamente, com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas de São Carlos.

Penso como Araújo-Olivera (2000) que o desenvolvimento de uma relação face-a-face favorece a apreensão de membros de grupos populares não como “ignorantes” ou “bárbaros”, mas como pessoas que tiveram negado o direito de expressão. A autora destaca que a comunicação e diálogo com essas pessoas engendra uma nova maneira de perceber a realidade que gera um olhar crítico sobre os atos diários que cumprimos por rotina, bem como sobre nós mesmos e nossas formas de *estar sendo* no e com o mundo.

Todavia, essa reflexão sobre o ser/estar no mundo com os outros não pode se desenvolver fora da ação sobre a realidade, por isso é importante desvelar o saber de experiência. Na obra intitulada “*Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*”, Freire (1995) discorre sobre *o saber de experiência feito* como fruto da sabedoria ingênua e do senso comum. O saber do senso comum é elaborado na experiência vivida e traz consigo a leitura de mundo do sujeito cognoscente.

A compreensão crítica do mundo também se constrói com saberes do senso comum, os quais são elaborados a partir da prática e são indispensáveis à formulação da teoria. A teoria sem a práxis não é suficiente para chegarmos às metas utópicas da libertação, por isso o desafio contemporâneo em todo campo do saber consiste, justamente, no diálogo entre saberes e na articulação do conhecimento científico e do conhecimento popular conferindo a ambos os mesmos níveis de importância (FALSBORDA, 2010).

Larrosa-Bondía (2002) destaca que o saber de experiência é adquirido a partir da forma como cada sujeito responde e atribui sentido ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida, por isso trata-se de um saber subjetivo e particular. O saber de experiência não deve ser minimizado ou entendido como um saber distorcido, já que é por meio da experiência e do saber que dela deriva que o ser humano se apropria de sua vida.

Segundo Freire (1995) o saber de experiência feito resulta de uma maneira espontânea com que os seres humanos se movem no mundo, desenvolvendo assim uma

forma de perceber e ser sensibilizado pelo mundo, pelos objetos, pelas presenças e falas dos outros. O autor alerta que no nível da existência o processo de saber é social o que não anula sua dimensão individual.

O processo de saber, que envolve o corpo consciente todo, sentimentos, emoções, memória, afetividade, mente curiosa de forma epistemológica, voltada ao objeto, envolve igualmente outros sujeitos cognoscentes, quer dizer, capazes de conhecer e curiosos também. Isto significa simplesmente que a relação chamada cognoscitiva não se encerra na relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível porque se estende a outros sujeitos cognoscentes (FREIRE, 1995, p.122).

Destarte, Freire (1995) corrobora o entendimento de que a elaboração de saberes, bem como o processo de educar-se, não se efetiva somente por meio da inteligência, mas se vale também da percepção e da sensibilidade, isto é, se configura pela corporeidade. O conceito de corporeidade postulado por Merleau-Ponty (2006) remete à unidade mente-corpo, o corpo é encarnado, ou seja, é percebido a partir da experiência vivida. A corporeidade define o lugar de onde o sujeito vivencia o mundo, o corpo “não é objeto para um ‘eu penso’: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 212).

Todavia, a partir do século XVII conforme aponta Gonçalves (2007), o acelerado progresso das ciências é acompanhado por um notável processo de *descorporalização*, ou seja, uma crescente valorização do pensamento racional em detrimento do conhecimento intuitivo, a razão e o universal são destacados, ao passo que o sentimento e o particular são relegados a segundo plano.

Esse sistema epistemológico precisa ser repensado e re-imaginado, uma vez que o conhecimento do mundo se dá por meio de diferentes tipos de saber que operam em conjunto sem que nenhum deles possa ser desconsiderado. Na apreensão do mundo, lançamos mão de diferentes saberes, tal como o corpo que se vale de diferentes alimentos para nutrir-se.

Num certo sentido, é como numa dieta, na qual os diversos ingredientes dos alimentos – vitaminas, aminoácidos, sais minerais, proteínas – precisam funcionar todos juntos para fornecer nutrição adequada. No conhecimento, como na dieta, cada componente ou ingrediente é essencial para sua boa qualidade: nenhum tipo de saber – cognição desinteressada, intuição, inspiração, percepção sensual, ou qualquer outro – é suficiente para satisfazer a necessidade de conhecermos a nós mesmas(os) e ao mundo (WILSHIRE, 1997, p.101).

A história da civilização e filosofia ocidentais (na perspectiva hegemônica e eurocêntrica) é marcada pela desvalorização do corpo da mulher e das formas de saber e estar no mundo associadas ao feminino. Wilshire (1997) propõe que essas formas sejam levadas em consideração na busca por conhecer, posto que se buscamos diferentes maneiras de conhecer “devemos nos familiarizar também com o que foi considerado, até agora, como conhecimento desviante em nossos corpos, em vez de nos restringirmos só a nossos intelectos” (p.121).

Compartilho a compreensão de que o educar-se se desenvolve por meio do *corpo sujeito existencial*, o qual segundo Moreira (2003) consiste em ator e autor de sua história e cultura. A corporeidade requer a percepção do corpo como sujeito (capaz de autonomia e transcendência), o qual funde em si o sensível, o inteligível e o motor. Destarte, o autor destaca que a corporeidade se contrapõe à tradição científica cartesiana que relega o corpo à condição de objeto e que se vale de atributos como *manipulável, mecânico, especializado, alienado e de rendimento* na intenção de obscurecer o lugar do corpo no processo de conhecimento.

Lançando mão da fenomenologia de Merleau-Ponty, Nóbrega (2005, 2010) reflete sobre o lugar do corpo na educação e considera que o conhecimento, em sua complexidade, emerge de processos corporais e não pode, portanto, ser reduzido à inteligência. “No movimento dos corpos, podemos fazer a leitura, com lentes sensíveis, dos aspectos visíveis e invisíveis do Ser, do conhecimento e da cultura (NÓBREGA, 2005, p. 609). Ratificando essa consideração, Merleau-Ponty (2006, p.280) proclama que “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção.” A percepção se apresenta, dessa forma, como uma recriação ou uma reconstituição do mundo que precede qualquer atividade categorial.

1.2 – Existência, comunicação com o mundo e liberdade

De acordo com Merleau-Ponty (2006), com a existência o ser humano recebe um estilo, um esquema corporal, uma maneira própria de existir e habitar o mundo, de forma que todas suas ações e pensamentos relacionam-se a essa estrutura. Freire (1981) afirma que homens e mulheres acrescentam à vida que levam a existência que criam, a existência é, portanto, uma produção social e histórica dos seres humanos. Para o autor, o “eu existo” não é anterior ao “nós existimos”, mas se constitui nele.

Em consonância com esse entendimento, Merleau-Ponty (2006) alerta que a significação da história apreendida nas interações com os outros não deve ser compreendida como limite para o acesso ao mundo, mas sim como meio que possibilita ao ser humano comunicar-se. A comunicação com o mundo se dá por e no corpo, pois este percebe o mundo com todas suas possibilidades sensíveis e vai articulando a elas um sentido. O autor ressalta que não haveria direção se não houvesse um ser que, habitando o mundo, traçasse ali a “primeira direção-referência” por meio de seu olhar, “sob todas as acepções da palavra sentido, nós reconhecemos a mesma noção fundamental de um ser orientado ou polarizado em direção àquilo que ele não é, e assim sempre somos levados à concepção do sujeito como *ek-stase* e a uma relação de transcendência ativa entre o sujeito e o mundo”. É por meio da motricidade que o ser humano pode lançar-se ao mundo com intuito de apreender seu sentido. A experiência motora não é um caso particular de conhecimento, mas é o que possibilita ao ser humano ter acesso ao mundo e ao objeto, pois o “corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles (p.122).”

Pela motricidade, o sujeito movimenta seu corpo em direção ao mundo, aos seres e as coisas que se encontram ao seu redor. A qualidade não é um elemento da consciência, mas uma propriedade do objeto percebido. Por meio da análise, o sujeito descobre em cada qualidade significações que a habitam. A percepção sempre revela novas qualidades e, conseqüentemente, novas significações a serem apreendidas pelo sujeito. Sendo assim, a percepção se apresenta como constante recriação do mundo. O “sentir” é essa comunicação vital com o mundo, tornando-o familiar e presente ao ser humano. É a ele – ao sentir – “que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.84).

Por isso, Merleau-Ponty (2006, p. 192) reconhece a motricidade enquanto “intencionalidade original”, pois é movimentando-se no mundo, fazendo a leitura da realidade e expressando seus sentimentos e opiniões que o ser humano atribui sentido a sua vida. O ser humano se expressa não apenas para comunicar seus pensamentos a outrem, mas também com intuito de adquirir e tomar posse das significações já disponíveis em dada cultura.

Para o sujeito falante, exprimir é tomar consciência; ele não exprime somente para os outros, exprime para que ele próprio saiba o que visa. Se a palavra quer encarnar uma intenção significativa (...) não é somente para recriar em outrem a mesma falta, a mesma privação, mas ainda para saber de que há falta e privação (MERLEAU-PONTY, 1984, p.134).

Não há acesso as coisas mesmas fora da expressão. É no exercício da palavra (seja esta sonora ou interna) que o sujeito situa as significações disponíveis em sua cultura, tornando-se capaz de compreender a si mesmo e a presença de outrem. A fala não traduz um pensamento já feito que é apenas proferido pelo sujeito falante, mas consome esse pensamento, sendo pois entendida como ação no mundo. O ouvinte recebe o pensamento da fala que escuta e só pode apropriar-se dele por meio da expressão. Segundo Merleau-Ponty (2006, p.243), “existe uma retomada do pensamento do outro através da fala, uma reflexão no outro, um poder de pensar segundo o outro que enriquece nossos pensamentos próprios.”

Fala e palavra não são compreendidas como representação do pensamento ou maneira de designar certo objeto, mas enquanto a própria presença do pensamento no mundo sensível. Fala e pensamento estão envolvidos um no outro: “o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 247). A linguagem é uma manifestação do sujeito, uma maneira dele projetar-se em direção ao percebido e de tomar posição no mundo de suas significações:

É preciso reconhecer então essa potência aberta e indefinida de significar – quer dizer, ao mesmo tempo de apreender e de comunicar um sentido – como um fato último pelo qual o homem se transcende em direção a um comportamento novo, ou em direção ao outro, ou em direção ao seu próprio pensamento, através de seu corpo e de sua fala (MERLEAU-PONTY, 2006, p.263).

Num horizonte de comunicação, os caminhos pessoais são os mais diversos, sendo possível tanto o encontro como o desencontro. O desencontro ocorre quando as intencionalidades não têm o mesmo sentido. A comunicação das consciências – a *intersubjetividade* - supõe um mundo comum, caso contrário cada subjetividade se encontraria isolada dentro de mônadas incomunicáveis. Toda objetivação elaborada pelo sujeito se dá num horizonte de comunidade, posto que “em nossa encarnação histórica, não constituímos uma objetividade própria, somente nossa, mas participamos duma objetividade comum” (FIORI, 1986, p.5).

É por meio da intersubjetividade que os seres humanos fazem a leitura da realidade e descobrem criticamente a si mesmos, sua situação e os mecanismos de opressão que os desafiam. Descoberta que, conforme aponta Zemelman (2009, p.8) gera a necessidade de desdobrar-se, de problematizar a realidade e reconhecer nela as aberturas que permitem modificar os condicionamentos, engendrando o desafio “de ir mais além das certezas”, de atrever-se a ser e de assumir-se na história. Destarte, Freire (1981) reconhece que é na intersubjetividade, mediatizada pela objetividade, que a existência do ser humano ganha sentido.

Para mover-se no espaço e no tempo com intenção de cumprir a vocação ontológica de ser mais, o ser humano precisa envolver-se permanentemente no domínio político, de modo a refazer as estruturas sociais e econômicas em que se dão as ideologias e as relações de poder e a criar condições que favoreça sua humanização (FREIRE, 2003).

É no domínio da existência (do trabalho, da cultura, da história, dos valores) que o ser humano vai experimentando a “dialética entre determinação e liberdade”, posto que existir seja um modo de vida intrínseco ao ser capaz de transcender e transformar sua realidade (FREIRE, 1981).

A existência não é desespero, mas risco. Não posso ser se não existo perigosamente. Mas, se a existência é histórica, o risco existencial não é uma categoria abstrata, senão histórica também. Isto significa que, se existir é arriscar-se, onde quer que a existência se dê, as formas de arriscar-se bem como a eficiência no arriscar-se não podem ser as mesmas em diferentes espaços e tempos (FREIRE, 1981, p. 93).

A realidade histórico-social condiciona, pois a percepção dos riscos e os modos das pessoas se arriscarem. Essa compreensão foi essencial na pesquisa, já que a prostituição costuma ser retratada enquanto uma prática marcada por riscos (uso de drogas, possibilidade de sofrer violência, contrair uma infecção sexualmente transmissível, dentre outras). Ao longo da pesquisa, observei que as prostitutas percebem esses riscos de maneira distinta daquela apreendida por pessoas que não se ocupam dessa atividade, por exemplo, no tocante ao consumo de álcool e maconha, é comum pesquisadores ou profissionais de saúde observarem esse ato enquanto risco, mas o mesmo pode ser significado pelas prostitutas como busca por diversão ou relaxamento. Ratificando essa compreensão, o estudo etnográfico desenvolvido por Martin (2003) com prostitutas da cidade de Santos/SP aponta que o conceito de risco

não é capaz de explicar o comportamento dessas mulheres sem que se faça um movimento no sentido de desvelar a lógica subjacente a esse grupo, que no meu entendimento, consiste na busca por apreender a leitura de mundo dessas mulheres.

É nesse sentido que Freire (1979) e Fiori (1986) afirmam que as lutas pela libertação devem restituir ao ser humano sua responsabilidade de educar-se e não de ser educado, isto é, deve tomar sua existência em suas mãos, reconhecendo-se e assumindo-se como sujeito, tornando-se protagonista de sua história. Pensando como esses autores, Merleau-Ponty (2006) destaca que a liberdade não destrói a situação, mas se engrena a ela. A história não possui um sentido predeterminado, é o sujeito quem lhe atribui esse sentido por meio de ações, vontades e escolhas que são tomadas com base na percepção que ele possui da situação em que se encontra. Ao discorrer sobre liberdade, o autor afirma que quando nascemos o mundo já está constituído, porém nunca está totalmente pronto, sendo assim, estamos abertos a uma infinidade de possíveis. Não há, portanto, escolha nem determinismo absolutos, na troca entre a situação e o sujeito que a assume não conseguimos delimitar a “parte da situação” e a “parte da liberdade”. Por isso, “não precisamos temer que nossas escolhas ou nossas ações restrinjam nossa liberdade, já que apenas a escolha e a ação nos liberam de nossas âncoras” (p.611-612).

A liberdade engrena-se à situação porque é por meio dela, ao assumi-la, que o sujeito pode ir além. Freire (1970, p.35) afirma que a liberdade não consiste em ponto ideal fora das relações homens-mundo, “a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca” que se estabelece com o ato responsável de quem se coloca em movimento em direção ao ser mais. Na luta pela liberdade, o ser humano desenvolve a *consciência ético-crítica*¹¹, por meio da qual vai identificando as condições opressivas que visam a negar sua existência, reconhecendo esse processo de negação o ser humano pode se engajar na transformação da realidade.

O desenvolvimento da consciência ético-crítica se contrapõe à *razão indolente*¹², a qual, conforme aponta Santos (2008), em contexto colonial subjaz ao que Dussel, Quijano e Mignolo denominam como *colonialidade do poder*¹³. Nesse modelo de

¹¹ É aquela que nasce da tomada de consciência da opressão por parte dos afetados-excluídos que têm sua existência negada pelo sistema vigente (DUSSEL, 2007).

¹² Termo cunhado inicialmente por Leibniz e utilizado por Santos (2008) para designar o modelo de racionalidade ocidental dominante e eurocêntrica.

¹³ Alude a um padrão de poder estruturado na classificação social da população mundial conforme ideia de raça e de divisão e controle do trabalho (QUIJANO, 2010).

racionalidade a totalidade é proposta sob a forma de homogeneidade, na qual o todo tem primazia sob as partes, é essas não têm existência fora da relação com a totalidade.

Conforme aponta Santos (2008), a razão indolente se desenvolve de duas formas: razão metonímica (conhecimento hegemônico) e razão proléptica (conceber o futuro a partir da monocultura do tempo linear). Sendo que a razão metonímica conforma cinco lógicas de produção da não-existência, quais sejam: 1ª) deriva da *monocultura do saber* que toma a ciência moderna como critério único de verdade e saber; 2ª) deriva da *monocultura do tempo linear* e afirma que a história tem sentido e direção únicos; 3ª) a *classificação social* que tende a naturalizar as diferenças dos seres humanos com intenção de hierarquizá-los; 4ª) a *escala dominante* que adota uma escala e considera as demais irrelevantes; 5ª) a *lógica produtivista* que se centra nos critérios de produtividade capitalista.

Não é possível apreender o mundo com intenção de transformá-lo se estivermos fundados na razão metonímica, uma vez que ela silencia diversas experiências sociais e legitima cinco formas sociais de não-existência (o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo). O questionamento dessa racionalidade ocidental totalizante e eurocêntrica exige a dilatação do presente:

A dilatação do presente aqui proposta assenta em dois procedimentos que questionam a razão metonímica nos seus fundamentos. O primeiro consiste na proliferação de totalidades. Não se trata de ampliar a totalidade proposta pela razão metonímica, mas de fazê-la coexistir com outras totalidades. O segundo consiste em mostrar que qualquer totalidade é feita de heterogeneidade e que as partes que a compõem têm uma vida própria fora dela (SANTOS, 2008, p.101).

A dilatação do presente desvela o que Dussel (1996) denomina como a *exterioridade* do sistema vigente. A exterioridade alude à alteridade, aos oprimidos e excluídos socialmente por vivenciarem experiências distintas não reconhecidas pela totalidade vigente, por exemplo, as prostitutas que têm suas existências negadas por prestarem serviços sexuais. Segundo Dussel (2007, p.314), o questionamento da validade hegemônica do sistema vigente é, portanto, ação que parte da exterioridade que, por ter sua existência negada, explicita as contradições do sistema que propaga “liberdade, riqueza e propriedade para todos”. Esse questionamento é que vai favorecer o desenvolvimento de uma consciência ético-crítica que resultará no engajamento do ser humano no processo de libertação.

Nesse processo de questionamento, as *situações-limite* de que nos fala Freire (1970) ocupam lugar de destaque, pois além de explicitar as contradições sociais e os diferentes processos de opressão e dominação dos seres humanos também funcionam como desafios que vão exigir um enfrentamento, uma resposta. Diante delas, os seres humanos podem assumir posturas distintas, as situações-limite podem ser percebidas como freios que dificultam sua ação e nesse caso é assumida uma postura fatalista frente à realidade. Por outro lado, os sujeitos podem tomar essas situações como obstáculos a serem enfrentados, engajando-se na busca por sua superação e ao fazê-lo anunciam o *inédito viável*, isto é, o devir, uma situação nova e ainda não experimentada, mas que pode ser obtida pela ação dos seres humanos no mundo a ser transformado (FREIRE, 1970).

Ao comentar a obra de Freire, Dussel (2007, p.442-3) aponta que o inédito viável é o projeto de libertação da comunidade engajada na transformação da realidade, cuja práxis de libertação não se configura como ato final, mas como busca constante marcada pela denúncia, entendida como “fruto conjunto da comunidade dialógica dos oprimidos com consciência crítica em dialética colaboração com os educadores, intelectuais, cientistas”, e anúncio que consiste no “uso da imaginação criadora de alternativas”. Lançando mão dessa compreensão procurei, no decorrer desta investigação, denunciar e anunciar o mundo em diálogo com as prostitutas participantes da pesquisa, buscando desvelar suas formas de ler a realidade, de identificar os mecanismos opressivos e libertários que vivenciam na prática da prostituição e de recriar sua existência.

II – MULHERES E A PRÁTICA DA PROSTITUIÇÃO

O mundo não é feito de vítimas.
Todo mundo negocia.
Alguns negociam bem, outros mal.
Mas cada um sabe, o mínimo que seja,
quanto vale aquilo que quer.
E sabe até onde vai para conseguir o que quer.
Com a prostituta não é diferente.
(GABRIELA LEITE, 2009)

A fim de contextualizar os sujeitos de pesquisa e a prática social investigada, apresento, neste capítulo, as compreensões de ‘mulheres’ e ‘prostituição’ que embasaram o desenvolvimento desta investigação, compreensões que foram se consolidando na convivência com prostitutas em casas noturnas. Entendo que ser prostituta é antes de tudo ser mulher, isto é, para além do exercício do trabalho sexual a vida da prostituta possui outras faces e redes de interações (família, amizades, vínculos afetivos). Ao atribuir sentido às experiências vividas, a mulher prostituta vai (re)criando a si e sua prática, não há, portanto, uma maneira universal de ser mulher e prostituta, bem como não existem condutas que sejam universalmente caracterizadas como atos prostitucionais, tais significações vão tomando corpo historicamente, isto é, modificam-se conforme tempo e lugar.

A diversidade semântica ligada à prostituição é notada a partir dos diferentes vocábulos empregados para referenciar a pessoa que exerce essa prática social, de tal modo que a prostituta pode ser denominada como puta, quenga, garota de programa, meretriz, mulher de vida fácil, decaída, perdida, mariposa, trabalhadora do sexo, rameira, mulher da vida, profissional do sexo, etc. Pedro (2010) destaca que os diferentes nomes utilizados para referenciar a prostituta estão ligados a políticas específicas que em certos momentos almejam coibir a prestação de serviços sexuais por meio da perseguição às prostitutas, fechamento de bordéis, criminalização de seus agenciadores ou clientes; mas que, em outros momentos, reivindicam esses serviços como necessários que devem ser regulamentados. Nesse contexto de disputa política,

Gabriela Leite¹⁴ (2010) defende o uso do termo “puta” como opção voltada a positivar o vocábulo e a se contrapor ao estigma que recai sobre mulheres que exercem prostituição. É feito um paralelo com a questão racial e o uso da palavra “negro/negra” que em décadas passadas foi empregada como xingamento e que, atualmente, vem sendo utilizada com orgulho por parte daqueles que assumem positivamente sua negritude.

Assim como existem distintas palavras para caracterizar o sujeito que exerce essa atividade, também existem diversas compreensões acerca do exercício da prostituição. O vocábulo *prostituição*, segundo Rago (1991), fora cunhado no século XIX a partir de uma referência médico-policia e que, portanto, não deve projetar-se retroativamente para designar práticas de comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais, posto que isso exigiria uma ação no sentido de aplainar as singularidades dos acontecimentos.

Buscando descortinar a pluralidade que caracteriza a prática da prostituição, Agustín (2005) destaca que a palavra *prostituição* engloba distintas atividades que, por vezes, são invisibilizadas por seu uso recorrente no singular. A autora conclui que o termo não dá conta da diversidade de atividades que caracterizam a *indústria do sexo*¹⁵ composta por serviços sexuais oferecidos em alguns bares, boates, casas de massagem, discotecas, linhas eróticas, anúncios de jornal ou sites da internet, dentre outros. Tendo em vista essas diversas atividades, cabe ressaltar, que o termo prostituição é empregado, aqui, para fazer referência à prestação voluntária de serviços sexuais por parte de pessoas adultas, mediante consentimento das mesmas e da negociação prévia acerca do tempo, custo e modalidade do serviço a ser prestado. Prostituição não deve, portanto, ser confundida com *exploração sexual* ou *trabalho escravo*, uma vez que nesses casos as relações se estruturam com base na coação e não na escolha e no consentimento.

Neste documento, em diversos momentos, os termos prostituição e trabalho sexual são empregados como sinônimos, ressalto que não tenho a intenção de engendrar o entendimento de que todo tipo de trabalho sexual se caracterize necessariamente como

¹⁴ Exerceu prostituição na Boca do Lixo (em São Paulo) e na Vila Mimosa (Rio de Janeiro), cursou sociologia na USP (na década de 1970) e tornou-se uma das lideranças dos movimentos brasileiros de organização das prostitutas na luta por seus direitos. É fundadora da ONG Davida e da grife DASPU.

¹⁵ O termo alude a um processo de industrialização sexual transnacional que engloba uma diversidade de trocas e experiências sexuais e financeiras (AGUSTÍN, 2000, 2005; ESPAÑA, 2001).

prostituição (tendo em vista a diversidade de serviços sexuais oferecidos na indústria do sexo e as distintas percepções apresentadas pelas pessoas que os ofertam). O uso alternado dos referidos termos, nesta tese, visa a elucidar a compreensão de que a prática regular da prostituição em casas noturnas, especialmente a realização de programas com vistas a obter remuneração, é percebida pelas participantes da pesquisa como uma forma de trabalho sexual, ou seja, como sua ocupação/profissão. As participantes da pesquisa entendem a prestação de serviços sexuais nas casas noturnas como trabalho, posto que seja significada por elas como principal forma de inserção socioeconômica, na qual angariam recursos para custear sua subsistência e demais necessidades de consumo.

2.1 – Compreensões das participantes da pesquisa acerca de sua prática

Todas as mulheres participantes da pesquisa são maiores de idade e exercem voluntariamente a prática da prostituição¹⁶. Duas delas – Glória e Fádía¹⁷ - mencionaram que começaram a prestar serviços sexuais ainda menores mediante coação de adultos. Glória revelou que apanhava de seus pais e por isso aos 15 anos resolveu fugir de casa, quando então foi aliciada por uma mulher que a levou para trabalhar num cabaré, onde teve sua iniciação sexual com um cliente. Trata-se, portanto, de um caso de exploração sexual posto que, na ocasião, Glória não optou por prestar serviços sexuais e só aceitou ir para esse bar acreditando que faria serviços de limpeza, porém ao chegar lá tomou conhecimento de que deveria atender os clientes no quarto. O corpo de Glória evidenciava sua não aceitação à medida que o cliente se aproximava e ela se encolhia o que culminou no desvelamento aos olhos do cliente de sua inexperiência em práticas sexuais (*consultar apêndice III*). Fádía também contou que, quando era adolescente, foi

¹⁶ Nas duas últimas décadas, as práticas discursivas sobre prostituição e corpo prostituído configuram um paradoxo que segundo Moraes (2011) apresenta a prostituta adulta como agente por meio de atributos como ‘experiente’, ‘trabalhadora do sexo’, ‘multiplicadora’ e, por outro lado, vitimiza a adolescente pobre que presta serviços sexuais, a qual é referida por expressões como ‘menina de rua’, ‘explorada’, ‘corpo prostituído’. Tal paradoxo permite-nos questionar a adoção da condição etária como classificador fundamental para definir o corpo dotado de escolha (maior de idade) e o corpo explorado (menor de 18 anos) e a refletir sobre a necessidade de considerarmos também outros aspectos como maturidade, autoimagem, vontades e capacidade de decisão por parte de crianças e adolescentes.

¹⁷ Os nomes das participantes e das casas noturnas foram trocados. No capítulo III, detalho os critérios usados na nomeação das casas e participantes, bem como apresento uma tabela com a função e local de trabalho de cada colaboradora.

incentivada por seus pais a prestar “favores” sexuais a homens mais velhos que residiam em seu bairro na periferia da zona leste da cidade de São Paulo.

As mulheres com quem conversei percebem a prática exercida como um trabalho, isto é, como uma forma de inserção socioeconômica na qual angariam remuneração maior do que a obtida em ocupações exercidas anteriormente (babá, atendente de telemarketing, funcionária de frigorífico, de spa, de empresa de higienização, de sorveteria, vendedora de cartão de crédito, etc).

Glória destaca que o lado bom da zona consiste em ganhar dinheiro rapidamente: “O lado bom na zona é porque é um dinheiro fácil e rápido, mas não é fácil não, é rápido”. Primeiramente, ela utiliza o adjetivo fácil para caracterizar o dinheiro obtido na prática da prostituição, mas depois retifica sua fala e diz que é um dinheiro rápido, mas não fácil. Os depoimentos das entrevistadas demonstram que o trabalho sexual não se configura como fácil, pois além de apresentar regras de organização e responsabilidades a serem cumpridas, no exercício dessa atividade, as prostitutas podem sofrer violência (física e simbólica) e são alvo de estigma o que dificulta o acesso a direitos e a convivência com filhos e familiares. Por vezes, essas mulheres decidem morar distante dos filhos e familiares a fim de preservá-los do preconceito e discriminação que são extensivos a eles.

A possibilidade de ganhar dinheiro rapidamente é, portanto, um dos condicionantes que favorece o ingresso na atividade, embora não se constitua como única motivação para entrar e permanecer nesta prática social. Há mulheres que passam a exercer essa atividade visando a obter uma fonte de renda para custear suas despesas e a de familiares. Segundo depoimento de Gil, ela começou a exercer trabalho sexual com intuito de ganhar recursos para cuidar de seu filho. Gil prestou serviços sexuais por cerca de dois anos e atualmente auxilia o proprietário da casa 7, com quem ela vive em união estável, a gerenciar a boate. Ela trabalhava como prostituta e conheceu o proprietário da casa 7 ao prestar serviços sexuais neste estabelecimento, depois passaram a namorar, se uniram e, atualmente, administram juntos a casa noturna. Fernanda também mencionou que, após separar-se de seu companheiro, começou a prestar serviços sexuais para obter renda com intenção de subsidiar suas despesas e de familiares (sua mãe e seu filho).

Para outras mulheres, o ingresso na prostituição pode representar a saída de um ambiente marcado por conflitos familiares ou consumo abusivo de drogas. Fabíola e Fádía afirmaram que passaram a exercer prostituição porque estavam “desandadas”, isto é, se encontravam numa condição de consumo abusivo de drogas, crack e cocaína, respectivamente, e precisavam sair do ambiente em que se encontravam, por isso optaram por trabalhar na noite, viajar por diferentes cidades e residir nas boates.

Por outro lado, a entrada nessa prática também pode ser compreendida como modo de sair do subjugo masculino exercido pelo pai ou companheiro, nesse caso, os contextos prostitucionais são percebidos como espaço no qual é possível realizar atividades incompatíveis ao papel socialmente atribuído às “mulheres honestas”. Nesse sentido, Fátima comenta que vivia constante repressão de seu pai que vigiava sua vida, não permitia que ela se divertisse e namorasse. Aos 17 anos, ela começou a namorar um rapaz e resolveu sair de casa para ir morar com ele, fugindo do subjugo do pai. Meses depois, seu namorado faleceu e ela não quis voltar para casa de seu pai, passando então a exercer trabalho sexual. Já Flávia disse que passou a prestar serviços sexuais para se vingar de ex-marido, pois descobriu que ele a traía com mulheres na zona, então ela quis conhecer a zona e passou a exercer trabalho sexual após ser convidada por uma colega que trabalhava em boate. Destarte, o ingresso na prática da prostituição pode ser entendido como uma forma de obter recursos para conquistar a independência financeira permitindo que essas mulheres obtenham condições para transformar o processo de opressão de gênero a que eram submetidas por parte de pais e/ou companheiros.

Fernanda e Fabíola destacam, ainda, que um dos aspectos positivos da ocupação exercida é não ter uma pessoa mandando nelas o que desvela que essa atividade também pode ser entendida como ocupação que atenua o sentimento de cobrança que costuma ser exercido pelo patrão sob seus funcionários em relação a normas de comportamento e produtividade. Todavia, isso não implica em dizer que os proprietários e proprietárias de boates não estabeleçam normas a serem seguidas pelas mulheres no interior das casas noturnas. Como nas demais ocupações exercidas por essas mulheres, também existem regras que regulam e organizam o trabalho sexual em casas noturnas, o que muda é a forma de se perceber diante da necessidade de se adequar ou não a tais regras. Nas ocupações anteriormente exercidas por essas mulheres a submissão às regras impostas configurava-se como resposta diante do receio de perder o emprego e ser facilmente

substituída por outra funcionária, já no exercício do trabalho sexual que se caracteriza pela constante mobilidade é atenuado o receio de ser demitida posto que, geralmente, quando não se adequam as normas de conduta da casa as prostitutas mudam de estabelecimento. Quando a pessoa proprietária da casa noturna gosta do modo como a prostituta trabalha, é possível que sejam feitas algumas concessões, por exemplo, não cobrando multa quando a prostituta se ausenta do salão, presenteando-a com roupas e calçados, melhorando as condições de alimentação e habitação a ela fornecidas, etc.

2.2 – Ser mulher e ser puta

Em consonância com o entendimento apresentando, no capítulo anterior, de que o ser humano não nasce feito, mas vai se fazendo nas práticas sociais de que toma parte, Beauvoir (2008, p.13) afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ou seja, desde a infância às mulheres são orientadas a adotar certos comportamentos e vestimentas, sofrem exigências e participam de jogos que conformam modos distintos utilizados para educar homens e mulheres, os quais delineiam a cada um diferentes perspectivas de futuro e papéis sociais. A autora aponta que a passividade imposta às mulheres não é resultado de um dado biológico, mas da ação de educadores¹⁸ que desde os primeiros anos ensinam as mulheres que “para agradar é preciso procurar agradar” e “renunciar sua autonomia”, assim elas vão sendo desencorajadas de ousar a afirmarem-se enquanto sujeitos (BEAUVOIR, 2008, p.27).

No movimento de sua existência, mulheres incorporam ensinamentos que são frutos dessa educação diferenciada e vivenciam na pele suas consequências. O silêncio que envolve os corpos das mulheres de que nos fala Perrot (2003) constitui-se como um dessas consequências. Sendo o pudor uma marca associada à feminilidade, é comum o corpo da mulher figurar em quadros, esculturas, no discurso de poetas, médicos ou políticos como objeto do olhar e desejo dos homens, todavia, o corpo feminino se apresenta calado e “as mulheres não falam, não devem falar dele” (PERROT, 2003, p.13). De acordo com a autora, o peso desse silêncio se manifesta de diversas maneiras nos corpos femininos, pela imposição de atributos e padrões de comportamentos como

¹⁸ Considero importante ressaltar que tais educadores não são apenas os profissionais de instituições de ensino, mas também as demais pessoas e instituições responsáveis pela educação das crianças como familiares, vizinhos, amigos, igrejas, clubes, meios de comunicação, etc.

discrição, comedimento nos gestos e na expressão das emoções, não erguer a voz, evitar o riso, deixar rolar as lágrimas conforme a situação. Esse silêncio também envolve a vida íntima do corpo da mulher que permanece oculta para além da dimensão da procriação, “o prazer feminino é negado”, e para algumas pessoas, é interpretado como “coisa de prostitutas” (p.16).

Depreende-se, dessa forma, que interpretar certa postura como “coisa de prostituta” consiste em estratégia para desencorajar as mulheres de infringir as convenções de gênero atribuídas ao feminino. Rago (1997) declara que, desde meados do século dezenove, o discurso médico (masculino e moralizador) veiculado nas diversas teses de doutoramento defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia forjou um modelo normativo de feminilidade ao inculcar nas mulheres a aceitação de que sua “vocação natural” consistia em ser mãe e educar os filhos. As mulheres que não atendiam esses requisitos “inscreviam-se no campo sombrio da anormalidade, do pecado e do crime (p.79)”.

E mesmo atualmente, como bem aponta Giddens (1993), apesar das transformações sociais ocorridas nos últimos trinta anos que modificaram nossa existência interpessoal e a intimidade, envolvendo tanto homens como mulheres numa configuração da vida social como projeto aberto com novas demandas e ansiedades (questionamento da dominação sexual masculina, maior abertura para falar com parceiro sobre relacionamentos sexuais, maior experiência sexual antes do casamento, etc), ainda persiste uma tendência binária que procura classificar as mulheres entre as que seguem as convenções impostas a sua sexualidade e as que não seguem. Estas últimas comumente são discriminadas por ousarem experimentar a vida íntima para além da esfera da procriação, reivindicando o que o autor denomina como *sexualidade plástica*, isto é, vivenciar a sexualidade para além das necessidades de reprodução.

Corroborando essa assertiva, Juliano (2004) afirma que em matéria de gênero a ideologia dominante divide as mulheres em “boas” e “más”, isto é, entre as que procuram ou não seguir às convenções e papéis impostos socialmente a elas. A mulher boa é, frequentemente, associada à esfera privada, ela é mãe/filha/avó/esposa do lar, comedida e paciente, ao passo que a mulher má, comumente, é associada à vida pública, ela é degenerada/desviante/amante/puta e age por impulso. Sendo associada ao polo das mulheres más, à prostituta recai uma desvalorização extrema que se manifesta por ações

de violência física ou simbólica, estas últimas consistem em dispositivos que visam a negar que a mulher prostituta possa exercer papéis sociais e possuir atributos associados às demais mulheres. Reis (2008, p.1) ressalta que a prostituta é tida como “a deformadora do papel feminino, dos ideais de boa mãe e dona de casa” por usar seu corpo como instrumento de trabalho e exercer livremente sua sexualidade.

Existe, portanto, uma pressão social que impele a prostituta a localizar-se em um dos polos da dualidade (mulher boa x mulher má), mas esse processo é marcado por contradições, pois a prostituta – tal como as demais mulheres – ao construir sua feminilidade também se pauta nos papéis e convenções de gênero socialmente atribuídas ao feminino e, embora o senso comum costume retratar a prostituta como figura incompatível com a maternidade e a convivência familiar, uma parcela significativa de mulheres que prestam serviços sexuais possui filhos, vínculos familiares e relacionamentos afetivos.

No livro intitulado “Filha, mãe, avó e puta”, Leite (2009) apresenta sua trajetória da infância até tornar-se prostituta e militante em busca da promoção dos direitos das mulheres que prestam serviços sexuais, demonstrando que ser prostituta não anulou a coexistência de outras formas de ser/estar no mundo, posto que também vivenciou na pele o que é ser filha, mãe, avó, estabeleceu vínculos afetivos, casou-se, isto é, se movimentou no mundo tal como o fazem as diversas mulheres. Ao longo de sua narrativa, a autora aponta que ser prostituta não implica em assumir a posição de vítima, e afirma a necessidade de figurar como sujeito de sua prática capaz de identificar os mecanismos de opressão e criar estratégias para enfrentá-los. A autora destaca que nas experiências vividas em contextos de prostituição desenvolveu sua formação política que culminou no seu engajamento na luta pelos direitos das prostitutas. Leite (2009) apresenta vivências consolidadas na prática da prostituição – formação política, pertencimento a uma comunidade, aprendizado da solidariedade – que se contrapõem às imagens estereotipadas, comumente, veiculadas sobre as prostitutas.

Na narrativa de Leite (2009), as prostitutas figuram como “mulheres dotadas de vida” que, segundo Perrot (1988, p.187) são mulheres que criam “elas mesmas o movimento da história”. Nessa perspectiva, é possível apreender a *singularidade* e a *positividade* da prostituição de que nos fala Rago (1991). A autora afirma a necessidade de abordagens teórico-metodológicas capazes de apreender o fenômeno da prostituição

em sua *singularidade* e *positividade*. Aprender sua singularidade consiste em questionar leituras que retratam essa prática como “invariante trans-histórico que poderia ser observado em todas épocas e sociedades, como sugere a expressão ‘a profissão mais antiga do mundo’ (p.22)”. Por sua vez, sua positividade é apreendida por meio da recusa em aceitar imagens essencialistas como a de “*prostituta-vítima*” que não possuindo qualificação profissional é obrigada a prostituir-se para sanar sua miséria ou de “*mulher-aranha*” dotada de sexualidade exuberante por ter sofrido traumas e complexos mal resolvidos na infância.

Outras imagens essencialistas, frequentemente, associadas à prostituta são as de “*vilã*” ou “*mal necessário*”, as quais evidenciam a contradição social que, ora, percebe a prostituta como pessoa perigosa, como vilã que ameaça à honra e aos bons costumes e atenta contra a família estruturada e o sistema sexual vigente por não canalizar sua sexualidade à reprodução. E outrora, percebe a prostituta como mal necessário, pois embora considerada uma pessoa degenerada compete a prostituta o papel de garantir o bom funcionamento da sociedade por meio da satisfação dos incontroláveis desejos sexuais masculinos, evitando que os homens incomodem as chamadas “mulheres honestas” (ALVAREZ; TEIXEIRA RODRIGUES, 2009). Seja como vilã ou mal necessário, as prostitutas são amplamente rechaçadas pela imputação de estigma que se configura como mecanismo de controle sobre suas vidas.

Com intuito de implementar uma perspectiva de análise que questionasse esses estereótipos, Fonseca (1996, p.8) desenvolveu em meados da década de 1990, trabalho de investigação com mulheres que exerciam prostituição na Praça da Alfândega (Porto Alegre/RS) a partir de uma abordagem interacionista que procurou captar a mulher prostituta em sua dimensão cotidiana marcada pela dupla carreira – família e profissão. Dessa forma, favoreceu o desvelamento dessas “mulheres como membros de redes sociais e universos simbólicos que vão bem além do metiê”, isto é, além da prestação de serviços sexuais. Evitando compreensões essencialistas e universais como “eterna prostituta” ou “eterno feminino”, a autora ressalta a importância de abordar outras dimensões da vida social das mulheres prostitutas como “festas familiares, aniversários, namoros, filhos” (p.13).

Em consonância com o destaque de Fonseca (1996), em diversos momentos ao longo da minha convivência com prostitutas de casas noturnas, escutei mulheres

afirmando que o exercício da prostituição constitui apenas uma face de sua vida social, além dela existem outras como o convívio familiar, os relacionamentos afetivos (namoro/casamento), os vínculos de amizades, a fruição do lazer.

Silva (2002) que participou do GETS e estudou a construção da identidade de prostitutas de casas noturnas, em São Carlos, destaca que a maternidade e os problemas financeiros são, frequentemente, apontados por essas mulheres como justificativa para o ingresso na atividade sexual. E essa opção, em vez de indicar abandono ou recusa de suas funções enquanto mães, geralmente, afirma essa condição, pois entendem que a boa mãe é aquela que se doa em prol de seus filhos. Destarte, assim como mulheres que não prestam serviços sexuais, prostitutas significam a experiência da maternidade lançando mão da figura da mãe idealizada que se sacrifica em nome dos filhos, o próprio ingresso nesta ocupação pode ser significado por elas como uma maneira de doar-se em função dos filhos.

Rago (1997) denuncia que esse modelo de mulher simbolizado pela “mãe devotada” e “inteira sacrifício” procurou forjar a aceitação de que a mulher deveria esquecer-se de si para realizar-se através dos êxitos dos filhos e marido, culminando numa crescente desvalorização profissional, política e intelectual das mulheres. Confinar as mulheres à esfera privada da vida doméstica foi um subterfúgio por meio do qual, historicamente, homens firmaram sua posição social no processo produtivo.

Apesar da crescente ampliação de oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho, ainda verifica-se que sua ascensão profissional está atrelada à esfera doméstica e, mesmo trabalhando fora, a mulher continua assumindo a responsabilidade pelas tarefas domésticas como cuidar dos filhos, educá-los, zelar pela manutenção da casa. Essa organização desigual do trabalho doméstico configura-se como obstáculo que dificulta o acesso das mulheres às carreiras profissionais e restringe suas oportunidades de gerar renda (DA SILVA; BLANCHETTE, 2011).

Juliano (2010) aponta que, no final do século dezenove, com intenção de dissuadir as mulheres de ingressarem na profissão médica argumentava-se que essa atividade por ser desenvolvida em ambiente sórdido consistia em ameaça ao pudor das mulheres, além disso considerava-se que estudar e trabalhar eram esforços demasiados para as “delicadas naturezas” femininas. Sob o pretexto de proteger as mulheres, ocultava-se a intenção de dissuadi-las de exercerem o trabalho escolhido. A autora

destaca que cem anos mais tarde ainda ecoa esse discurso que pretende regular que tipo de trabalho deve ou não ser exercido pelas mulheres, contudo, não se trata mais de defender um campo de atuação tradicionalmente masculino como a medicina, mas em refutar o exercício do trabalho sexual (atividade que sempre fora, predominantemente, desenvolvida por mulheres).

Curiosamente os argumentos são quase os mesmos, deve ser rejeitado porque fere o pudor de quem o exerce, degrada sua condição feminina, vai contra sua natureza, se realiza em ambientes sórdidos, em horários inapropriados e penosos, constitui-se numa ameaça para o status e reconhecimento social das demais mulheres. Em ambos os casos se omite o fato de que são trabalhos relativamente bem remunerados e sobretudo que se trata de opções tomadas por pessoas adultas. É negada a possibilidade da opção livre, atribuindo-lhe sistematicamente a “engano”, “pressão exterior” e “mal exemplo” (JULIANO, 2010, p. 2 – Tradução própria)

Ratificando essa compreensão, Da Silva e Blanchette (2011) afirmam que tanto as visões morais seculares (discurso jurídico e médico) como as religiosas (discursos proferidos pelas diferentes igrejas) negam a “racionalidade econômica” como motivação para ingresso na prática da prostituição, pois partem do entendimento de que “a prostituta faz o que faz (...) porque *precisa* e não porque *quer*” (p. 193).

Por outro lado, a prática da prostituição é interpretada pelas mulheres que se ocupam dessa atividade como oportunidade de angariar recursos mais elevados que os obtidos em outras ocupações no mercado formal ou informal, independentemente do nível de escolaridade e capacitação apresentado por essas mulheres. Em pesquisa realizada entre 2000 e 2001 com prostitutas de três regiões brasileiras (Nordeste, Sudeste e Sul), as mulheres apontaram como justificativa para ingresso na prostituição o desejo de obter renda para proporcionar aos filhos o que elas próprias não tiveram acesso (BRASIL, 2003).

Boa parte das mulheres que presta serviços em casas noturnas da cidade de São Carlos afirma ter realizado outras ocupações (babá, empregada doméstica, balconista, esteticista, auxiliar de limpeza, auxiliar de administração, dentre outras) e que a escolha por exercer trabalho sexual foi motivada sobretudo pela possibilidade de adquirir maiores ganhos financeiros (FERREIRA, 2002; SILVA, 2002; SOUSA, 2003, 2007).

Cabe ressaltar que além de aspectos econômicos existem outros elementos que favorecem o ingresso nessa atividade, por exemplo, o desejo de divertir-se ou livrar-se de um casamento opressor (FERREIRA, 2002; SOUSA, 2007). A respeito das condições que incentivaram mulheres a prestarem serviços sexuais na Vila Mimosa - conhecida zona de prostituição da cidade do Rio de Janeiro- Moraes (1995, p.88) assegura que aliada à “necessidade de ganhar dinheiro” há diversos fatores que demonstram condições favoráveis ao ingresso na prostituição, tais como “ vaidade pessoal”, “divertimento”, “desilusão amorosa”, “um meio de ganhar a vida como outro”, “um trabalho como outro qualquer”, “necessidade de ganhar mais dinheiro”, “por causa do namorado”, “para conseguir um objetivo”, “por destino”, “vingança”, “por gostar”, dentre outros.

Destarte, fica mais fácil compreender que embora as relações com os clientes, geralmente, sejam apontadas pelas prostitutas como trocas comerciais, remunerar bem não é o único critério que define se o homem é ou não um bom cliente. Pois, “para ser um bom cliente, além de pagar bem, é preciso tratar a mulher com respeito, saber escutá-la, e seguir o acordo feito antes da realização do programa (SOUSA, 2007, p.52).”

Penso como Fonseca (2004), que o aproximar-se da vida de prostitutas permite que os pesquisadores apreendam a heterogeneidade da prática da prostituição, desvelando que “o ‘exótico’ não é tão exótico assim” (p.257). A autora reflete que “ênfatisar o lado ‘normal’ da vida de mulheres prostitutas levanta questões sobre a própria constituição do campo acadêmico da sexualidade” e questiona se estudos sobre grupos sexuais marginalizados como os compostos por prostitutas ou pais homossexuais, por exemplo, devem ser automaticamente denominados como “estudos da sexualidade”. A autora diz ter a impressão de não estar falando necessariamente sobre “sexualidade”, mas notadamente sobre “mulheres que desempenham uma atividade sexual considerada incomum” (p. 258). Partilhando com a autora essa impressão, destaco que o foco da presente investigação não foi a sexualidade (embora certamente os depoimentos das participantes tenham trazido muitos aspectos ligados a esse tema) , meu olhar voltou-se a compreender o fenômeno educar-se na noite procurando apreender a prostituição como espaço-tempo em que se consolidam distintos saberes e processos educativos por meio dos quais prostitutas atribuem sentido e recriam a si e seu fazer.

2.3 – As prostitutas organizadas e o trabalho sexual

É num contexto de disputas epistemológicas que vem sendo cunhadas diversas compreensões acerca do fenômeno da prostituição. Em meio ao embate político, prostitutas têm se organizado em associações tais como as que constituem a Rede Brasileira de Prostitutas¹⁹ que vem marcando sua posição ao rejeitar abordagens teóricas que insistem em retratá-las como vítimas e não como sujeitos de direitos.

Por meio da organização de coletivos e associações, prostitutas têm implementado ações²⁰ que questionam estereótipos e preconceitos propagados acerca da prática da prostituição e das pessoas que a exercem. Segundo Freire (1970), a organização é uma ação pautada na dialogicidade e na colaboração de pessoas que procuram romper com a postura fatalista que silencia, uniformiza e adapta os seres humanos à estrutura vigente.

A organização de prostitutas tem se consolidado por meio da formação de associações e da execução de ações pautadas na compreensão partilhada por mulheres (prostitutas e aliadas) e outras pessoas (homens, travestis, transexuais) que entendem que o exercício da prostituição é atravessado por temas como economia, sexualidade, migração, racismo e colonialismo. De tal forma que as questões envoltas à prostituição e sua complexidade não concernem apenas às prostitutas, mas a sociedade como um todo. Nessa compreensão, o combate a leis e atitudes que criminalizam e estigmatizam as prostitutas constitui-se em refutar dispositivos normativos que são empregados para silenciar e conformar todas as mulheres, marcando com estigma quem transgride e não aceita o controle social imposto às mulheres (OSBORNE, 1991).

No Brasil, os movimentos e ações que impulsionaram a organização de prostitutas tiveram início, em 1979, com o planejamento e elaboração de uma manifestação na chamada área de prostituição Boca do Lixo localizada na cidade de São Paulo/SP. Na ocasião, prostitutas e travestis organizaram-se para denunciar os maus

¹⁹ Para mais informações acessar www.redeprostitutas.org.br

²⁰ Dentre elas destaco a elaboração do Jornal Beijo da Rua, a criação da grife Daspu, a organização de desfiles de moda, etc. As atividades promovidas pela ONG Davida além de favorecer a adoção de posturas de prevenção também visam a desenvolver nas prostitutas o respeito próprio e o orgulho com relação a sua ocupação (GEAMMAL, 2009).

tratos sofridos por determinação do então delegado Wilson Richetti, essa onda de violência voltada a pessoas que prestavam serviços sexuais culminou na morte de duas travestis e uma mulher grávida. Em repúdio a esses atos foi executada uma passeata no centro de São Paulo a fim de denunciar a violência a que eram submetidas tais pessoas. Com a repercussão dessa passeata o governo do Estado resolveu afastar o delegado. A respeito dessa manifestação, Gabriela Leite diz:

Na passeata percebi que, se nós conseguíamos realizar aquilo com o centro de São Paulo, é porque dava para fazer outras coisas mais. No auge da excitação com a passeata, algumas perguntas brotaram na minha cabeça: “Por que nós não nos organizamos de uma maneira mais permanente?” “Por que a gente não se organiza contra a violência policial?” Comecei a ver nisso um trabalho político seriíssimo, concreto, que faz parte do dia-a-dia da prostituição (LEITE, 1992, p.86).

Como desdobramento dessa passeata, em julho de 1987, pela articulação de Gabriela Leite foi realizado o primeiro Encontro Nacional de Prostitutas na cidade do Rio de Janeiro que contou com apoio de diversas pessoas da sociedade civil como artistas, advogados, jornalistas, dentre outros e resultou na elaboração da Rede Brasileira de Prostitutas. Os objetivos dessa rede consistem em promover articulação política e a organização do movimento de prostitutas, o fortalecimento da identidade profissional da categoria, a melhoria da qualidade de vida e o pleno exercício da cidadania, além de procurar reduzir o estigma e a discriminação voltados a pessoas que exercem prostituição (BRASIL, 2002).

Ao discorrer sobre esse encontro, Moraes (1995) aponta que seu objetivo inicial fora o de fomentar o surgimento de associações de prostitutas em diversos pontos do país favorecendo a articulação de uma rede de contato e intercâmbios para reivindicar direitos sociais. A dinâmica do encontro foi organizada por meio de grandes plenárias e discussões em pequenos grupos. A autora reconhece que a configuração deste encontro como marco na história das associações brasileiras de prostitutas se deve ao lastro desta questão no espaço público, isto é, à maneira como ecoou as formas pelas quais buscava se organizar esse segmento social que antes era percebido como um grupo alienado e que passa a ter outra visibilidade na mídia, após a realização desse evento a prostituição

deixa de ocupar apenas as páginas policiais e passa a ser noticiada também como questão social e política.

Leite (2009) cita a instauração do diálogo entre prostitutas e membros da comunidade acadêmica como um desdobramento desse encontro. Ela destaca que antes os pesquisadores que investigavam a prática da prostituição se pautavam somente na visão vitimizante acerca das prostitutas e que, por vezes, procuravam essas mulheres visando apenas a confirmar teses previamente estabelecidas. A partir desse evento, alguns pesquisadores começaram a se inserir em contextos de prostituição, a conversar com prostitutas e por meio das observações em campo passaram a questionar a tendência que insiste em retratar a prostituta apenas como vítima.

Acerca dos trabalhos realizados em interlocução com prostitutas e demais pessoas que exercem prostituição, Piscitelli (2005) destaca que houve um deslocamento de foco que pode ser observado em perspectivas que não consideram prostitutas vítimas e nem vilãs, mas como pessoas dotadas de agência. Cunhado por Giddens (2009, p.17) o conceito de agência não alude às intenções tomadas ao fazer algo, mas sim ao próprio fazer e aos eventos perpetrados pelo indivíduo. Ser agente implica na capacidade de “criar uma diferença” e influenciar o curso de eventos preexistente, ser capaz de “atuar de outro modo” o que implica em intervir no mundo. Nessa perspectiva toda forma de dependência fornece recursos por meio dos quais os subordinados podem influenciar as atividades daqueles que os subordinam.

Outra ação que também pode ser apontada como desdobramento da organização de prostitutas consiste na inclusão, em 2002, do descritor “profissional do sexo” na Classificação Brasileira de Ocupações (*Consultar anexo I*). O reconhecimento da prestação de serviços sexuais como ocupação veio acender o questionamento: a prestação de serviços sexuais pode ser compreendida como trabalho ou é sempre uma forma de exploração? A fim de responder a esse questionamento, recorro ao que tenho observado na convivência com prostitutas de casas noturnas, à bibliografia sobre prostituição e apresento distintas abordagens que versam sobre tal indagação.

Uma vertente teórica sustenta que o reconhecimento da prestação de serviços sexuais como forma de trabalho converter-se-ia na legalização da violência, da exploração e da apropriação material e simbólica dos corpos das mulheres pelos homens. Nessa perspectiva, a prostituição é percebida como a venda de corpos

oferecidos por mulheres²¹ no mercado sexual a homens consumidores. Essa atividade é compreendida como mecanismo legitimador da exploração feminina, ao conceder o acesso masculino aos corpos das mulheres. A propagação da expressão “a prostituição é a profissão mais antiga do mundo” tem a função de naturalizar a prostituição e referendar o domínio dos homens sobre as mulheres, evidenciando que os corpos femininos sempre estiveram à disposição dos homens (SWAIN, 2004).

Todavia, é relevante ressaltar que a prostituição não é a única instituição que permite ao homem acessar a corpos femininos, Beauvoir (2008) afirma que o casamento também é uma instituição que legitima esse acesso, posto que sempre fora admitido que “a cama era para a mulher um ‘serviço’, ao qual o homem agradecia com presentes ou assegurando-lhe a manutenção”, destarte, a estrutura do casamento e a existência das prostitutas comprovam que “a mulher dá-se, o homem a remunera e a possui” (p. 128). A autora considera, ainda, que do ponto de vista econômico a situação da prostituta é simétrica à da mulher casada e afirma que para ambas “o ato sexual é um serviço; a segunda é contratada pela vida inteira por um só homem; a primeira tem vários clientes que lhe pagam tanto por vez. Aquela é protegida por um homem contra os outros, esta é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um” (BEAUVOIR, 2008, p.366).

Em minha experiência no campo de pesquisa, observei que para algumas mulheres o ingresso na prostituição representa aquisição da independência financeira, bem como a conquista da autonomia em relação a pais e/ou parceiros afetivos, pois comumente relatam que dependiam financeiramente da figura masculina a quem deviam pedir autorização para comprar determinados objetos e/ou para frequentar certos lugares. Ao abordar as diferenças entre a prostituta e a mulher casada, Beauvoir (2008) ressalta que mesmo oprimida a mulher casada é respeitada socialmente como pessoa e esse respeito põe em xeque sua opressão, ao passo que a prostituta sendo destituída de respeito social, a ela são negados até mesmo os direitos humanos.

Em consonância com a vertente teórica que questiona o reconhecimento da prostituição como forma de trabalho, Pateman (1993) critica a teoria do contrato que postula o entendimento de que:

²¹ Agustín (2005) alerta para a necessidade de evitar o clássico binarismo mulher-servidora sexual/homem-cliente, pois embora grande parcela das pessoas que prestam serviços sexuais seja composta por mulheres, tem crescido o número de homens, transexuais e transgêneros que exercem prostituição, cujos serviços prestados podem assumir caráter homossexual, heterossexual ou posição intermediária e que são demandados não apenas por homens, mas também por mulheres e pessoas transexuais.

Há uma troca voluntária entre a prostituta e o cliente, e o contrato de prostituição é exatamente como – ou é um exemplo de – contrato de trabalho. Da perspectiva do contrato, a prostituta detém a propriedade em sua pessoa e contrata parte dessa propriedade no mercado. Uma prostituta não vende a si mesma ou mesmo seus órgãos sexuais, como normalmente se admite, mas contrata o uso de serviços sexuais (PATEMAN, 1993, p.282).

Contrapondo-se ao contratualismo, a autora afirma que o contrato de prostituição possui algumas diferenças em relação ao contrato de trabalho. Uma delas consiste no fato de que o contrato de trabalho seja feito sempre entre o trabalhador e um capitalista, já na prostituição é efetivado acordo entre prostituta e cliente, no qual prostituta não se configura necessariamente como empregada e nem o cliente em patrão²². Conforme a autora, outra diferença alude à posição de desvantagem que a prostituta ocupa na “troca” com o cliente, pois esse faz uso do corpo da prostituta sem que existam critérios objetivos que definam se o serviço sexual foi prestado de forma satisfatória ou não. No contrato de prostituição, o acesso sexual ao corpo da mulher converte-se em objeto do contrato, pois o cliente que participa do contrato de prostituição está interessado na prostituta e em seu corpo, diferentemente do patrão que se interessa pelas mercadorias produzidas pelo empregado e, sobretudo, no lucro. Em contraposição as essas observações de Pateman (1993), prostitutas com quem tenho conversado ao longo de mais de uma década de convivência afirmam que em toda prestação de serviços – não apenas no trabalho sexual – os trabalhadores fazem uso de seu corpo e asseguram que existem sim critérios²³ que caracterizam o bom programa, os quais são partilhados pelas pessoas que convivem em contextos de prostituição.

A dificuldade em reconhecer a prestação de serviços sexuais como atividade trabalhista decorre da adesão ao discurso da “comunidade internacional” que se pauta na definição homogênea e imutável de prostituição “entendida ontologicamente como exploração, como ‘pior forma de trabalho’, e vinculada existencialmente à miséria econômica, às violências contra as mulheres, crianças e adolescentes, à máfia e ao crime organizado.” Pautando-se nessa compreensão estanque, não é difícil concluir que a

²² Atualmente no Brasil, a partir da proposta da comissão do Senado de reforma do Código Penal, vem sendo discutida a possibilidade de legalizar as casas de prostituição (supressão do artigo 229 do Código Penal) de forma a favorecer o estabelecimento de vínculos trabalhistas entre prostitutas e proprietários de casas noturnas, tal como ocorre na Alemanha e Holanda.

²³ Para mais informações sobre critérios que caracterizam o bom programa consultar a matéria: “Programão, programinho” publicada no Jornal Beijo da Rua (SIMÕES; NOBRE, 2002).

prostituição é incompatível com a dignidade humana e que a pessoa que se ocupa dessa atividade só o faz porque se encontra desesperada e angustiada (OLIVAR, 2011b, s/p).

Pensa-se impossível que a vontade (em sua concepção liberal) leve alguém a se prostituir. Tal decisão só é pensável (nem se quer aceitável, apenas pensável) em condições de necessidade, desespero, angústia, fraqueza: é a hipótese eterna da prostituição como falta, como necessária negatividade, que impede sequer imaginar que alguém deseje ser ou permanecer prostituta (OLIVAR, 2011b, s/p.).

Segundo Juliano (2004), ao negar à prostituta a condição de trabalhadora nega-se também a possibilidade de reconhecê-la como membro detentor de pleno direito na sociedade. Posto que, na sociedade moderna e laica, o processo de valorização e a ética individual se afastaram do âmbito religioso e voltaram-se ao âmbito laboral, dessa forma o que concede valor a uma pessoa é sua condição de trabalhadora.

Ratificando essa compreensão, diferentes associações de prostitutas reivindicam o reconhecimento de sua identidade profissional e de sua condição como interlocutoras válidas nos debates e espaços que deliberam sobre sua prática. A fim de evitar uma percepção homogênea da organização das prostitutas no Brasil, pondero que esse processo tem se efetivado por meio de movimentos distintos implementados por diferentes associações que, por sua vez, também apresentam perspectivas distintas quanto o reconhecimento da prostituição como forma de trabalho, bem como acerca do planejamento de atividades a serem executadas na busca por seus direitos.

A profissionalização se torna alvo das discussões de membros de um *métier* devido à mobilidade coletiva de alguns desses membros. Reivindicar a prostituição como uma profissão requer a distinção de condutas, posturas, procedimentos, direitos, deveres e uma ética, pois para adquirir certas competências e assumir responsabilidades é necessário refutar o papel de vítima. As reivindicações das prostitutas brasileiras por reconhecimento não se restringem à atuação como interlocutoras competentes na definição de políticas e ações de saúde, mas envolvem também inúmeras iniciativas ligadas à cultura e à moda que refutam de vez o discurso vitimizador, instituindo no espaço público a concepção de prostituição pautada pela escolha e não pelas vicissitudes da vida (SIMÕES, 2010).

Um exemplo recente dessa rejeição ao discurso vitimizador consiste na decisão tomada pelas prostitutas das associações ligadas a Rede Brasileira de Prostitutas, em agosto de 2011, de não participarem mais de editais do Ministério da Saúde que oferecem recursos a projetos voltados ao combate à Aids e infecções sexualmente transmissíveis. Essa decisão visa a negar a imagem que percebe a prostituta como sinônimo de doença, além de procurar visibilizar ao Estado que além da dimensão da saúde as prostitutas também possuem outras demandas, dentre elas o reconhecimento da profissão (LENZ, 2011).

A reivindicação da prostituição como atividade trabalhista não é feita somente pelas associações nacionais e Rede Brasileira de Prostitutas, salvo especificidades e compreensões de cada rede, também é pleiteada pela articulação de prostitutas da Rede de Mulheres Trabalhadoras Sexuais da América Latina e Caribe (RedTraSex)²⁴. Essa rede conta com a participação de associações de prostitutas de diferentes países como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, México, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai. Sua missão é fortalecer as associações de mulheres que prestam serviços sexuais e promover os direitos humanos das mesmas.

De acordo com Elena Reynaga²⁵ (2007), o trabalho sexual apresenta suas particularidades em cada país da América Latina e Caribe, no entanto, podemos observar alguns problemas estruturais que se fazem presentes em toda a região, tal como a pobreza, o machismo e desigualdades de gênero, a falta de oportunidades trabalhistas e educativas, a migração por necessidades econômicas, dentre outros fatores que afetam a vida de todas as mulheres e não somente daquelas que exercem prostituição. Para a prostituta, aliado a esses problemas somam-se o estigma e a discriminação que resultam da dualidade moral que por um lado demanda e consome os serviços sexuais, mas por outro condena e persegue quem os oferece de forma que na maioria dos países essas mulheres são associadas à delinquência, ao consumo de drogas, a transmissão de HIV e infecções. Por isso a RedTraSex considera que o problema central que impede o acesso

²⁴ Para mais informações acessar <http://www.redtralsex.org.ar>.

²⁵ Fundadora e dirigente da Associação de Mulheres Meretrizes da Argentina (AMMAR) e membro da secretaria executiva da RedTraSex.

a direitos consiste na ausência de reconhecimento da prostituição como atividade trabalhista e na negação em perceber as prostitutas como cidadãs.

Convém ressaltar que a reivindicação do reconhecimento da prestação de serviços sexuais como atividade trabalhista não implica na afirmação de que o trabalho sexual se configura como um trabalho como outro qualquer. Penso como Garaizabal²⁶ (2006) que, ao legislar sobre o trabalho sexual, é preciso levar em consideração o estigma voltado a pessoas que exercem essa atividade, bem como as especificidades inerentes à prestação de cada tipo de serviço sexual. As medidas legislativas que dispõem sobre prostituição não podem desconsiderar os sujeitos que se ocupam dessa prática, reconhecendo que somente a pessoa que presta serviços sexuais é quem deve decidir acerca dos clientes que irá (ou não) aceitar e o tipo de serviço que irá oferecer, sem que ninguém possa interferir nessa tomada de decisão.

Nesse sentido, qualquer ação tomada no sentido de regulamentar a prostituição deve ter em conta a voz das pessoas trabalhadoras do sexo. É preciso considerar as opiniões e saberes dessas pessoas, sem perder de vista que elas não apresentam um discurso estático e homogêneo, já que experienciam distintas situações de vida e condições de trabalho (alguns prestam serviços sexuais na rua, em clubes e casas noturnas, outros fazem atendimento em linhas eróticas, etc) e os fatores sociais, econômicos e culturais que vivenciam interferem nas formas como percebem e significam seu trabalho. Toda essa diversidade deve ser considerada ao se propor medidas legislativas sobre prostituição (GARAIZABAL, 2006).

Se procurarmos ouvir o que as pessoas que tomam parte dos movimentos de organização de prostitutas no Brasil têm a nos dizer, perceberemos que suas perspectivas visam a localizar a discussão da prostituição no campo da cidadania enfatizando que a atividade alude a direitos sexuais e trabalhistas e não deve, portanto, ser analisada apenas sob a ótica criminal e penal.

A partir da década de 1990, as associações de prostitutas conseguiram estabelecer diálogo com outros setores da sociedade (área de saúde, do trabalho, da justiça, do turismo, etc) e influenciar a adoção de medidas que se converteram no reconhecimento de direitos das pessoas que exercem prostituição. A inclusão do

²⁶ É psicóloga-clínica e co-fundadora da associação espanhola Hetaira - coletivo em defesa dos direitos das prostitutas.

descriptor profissional do sexo na Classificação Brasileira de Ocupação e a proposição do projeto de lei do deputado Fernando Gabeira configuram-se como exemplos dessa articulação (TEIXEIRA RODRIGUES, 2009).

O projeto de lei n. 98/2003 (*consultar anexo II*) proposto pelo deputado Fernando Gabeira trata da exigibilidade de pagamento por serviços de natureza sexual e da supressão dos artigos 228 (favorecimento à prostituição), 229 (manter casa de prostituição) e 231 (rufianismo) do Código Penal Brasileiro. Segundo o autor, a prostituição é uma atividade tão antiga quanto à própria civilização humana, e subsiste mesmo em sistemas opressores. Ao longo da história, diversas estratégias foram implementadas com intuito de suprimir a prostituição, mas nenhuma delas logrou êxito, pois a própria sociedade que a condena a mantém. Sendo assim, conclui o deputado, é necessário admitir a realidade e elaborar bases legais para reduzir os malefícios resultantes da marginalização a qual a atividade está relegada (GABEIRA, 2003).

Essa proposta configurou-se como inovadora, pois permite analisar o fenômeno da prostituição como ocupação a ser regulamentada e não mais como “mal necessário”, conotação presente nas políticas do início do século XX que visavam a segregar espacialmente e a controlar - por meio de agentes policiais e de saúde- as pessoas que exerciam prostituição. No entanto, o projeto de lei n. 98 sofreu profundas alterações durante tramitação. Reações conservadoras se fizeram presentes no encaminhamento do referido projeto procurando negar a relação contratual entre prostitutas e clientes. Em agosto de 2004, tendo como relator o deputado Aloysio Nunes Ferreira é vetado o artigo primeiro do projeto que exigia o pagamento por serviços de natureza sexual.

Após ser arquivado, em 2005, o projeto de lei passa a ter Antônio Carlos Magalhães Neto como relator que rejeita o mérito do projeto e destaca que a prostituição não deve merecer tratamento legal à luz do Direito Civil. De acordo com esse relator, “o que falta são políticas públicas voltadas à geração de emprego, para que as jovens do nosso País [...] possam desempenhar atividades produtivas e socialmente justas, livrando-se da praga da prostituição (MAGALHÃES NETO, 2010, p.9)”. O projeto foi arquivado novamente, e só voltou a ser discutido na Câmara em abril de 2007, mediante solicitação do deputado Fernando Gabeira. Após ser analisado por um grupo composto por treze parlamentares de diferentes filiações partidárias, o projeto de lei n. 98 foi rejeitado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania que

acolheu o parecer do relator deputado Antônio Carlos Magalhães Neto contrário à proposta (SOUSA; OLIVEIRA, 2011b).

Vimos, assim, que a simultaneidade de lógicas de ruptura e de permanência sempre marcou o debate acerca da prostituição, a qual como destaca Teixeira Rodrigues (2009) revela a existência de conflitos e tensões permanentes, cuja possibilidade de superação depende do contexto vivenciado, das circunstâncias, dos sujeitos e das relações presentes em cada momento histórico.

Destarte, Olivar (2011b) ressalta que em consonância com o demonstrado por dezenas de trabalhos científicos e pelas afirmações dos movimentos de prostitutas, a dificuldade para pensar a licitude da prostituição é decorrente do que essa ação nos demanda, isto é, exige pensar a imaginação moral sobre o corpo, “nos leva a pensar em formas de viver a sexualidade e o corpo, em formas de ser mulher e de ser homem, em formas de trabalhar, de ganhar (e de gastar) o dinheiro e de viver a cidade, que ocupam um lugar referencial e reverencialmente negativo na moral liberal moderna” (p.9).

As ações desenvolvidas pelos distintos movimentos sociais podem ser compreendidas como exemplo dessa nova ordem de relações, as quais têm contribuído significativamente para uma mudança de paradigma na compreensão da diversidade social que deixa de ser analisada sob o viés do desvio/normalidade. Após desfile de lançamento da grife Daspu²⁷, Gabriela Leite (2005) comenta que sempre sonhou com um movimento que pudesse transpor barreiras de modo a atingir toda a sociedade e que não ficasse preso a normas associadas ao “politicamente correto”, mas que buscasse recuperar o sentido do vocábulo revolucionário “puta”.

²⁷ O nome Daspu deriva da junção da expressão “das putas” e trata-se de uma grife lançada em 2005 pela ONG Davida que produz roupas de batalha, de festas e básicas por prostitutas e simpatizantes (BEIJO DA RUA, 2005).

Uma organização revolucionária sempre tem que se lembrar que seu alvo não é fazer com que seus partidários escutem as convincentes palestras de líderes especialistas, mas conseguir fazê-los falar por si mesmos, para que alcancem, ou pelo menos se esforcem por alcançar, o lugar da participação política. Quando minhas amigas putas estavam lá desfilando lindas e altivas, sem vergonha de ser puta, elas estavam falando por si mesmas e sendo políticas, extremamente políticas revolucionárias (LEITE, 2005, s/p.).

As prostitutas organizadas nos ensinam que a prostituição em si não é positiva e nem negativa²⁸, a pessoa que toma parte dessa atividade é quem a significa. Sendo assim, os significados que se desvelam por meio da autorrepresentação²⁹ e autodeterminação de prostitutas são essenciais na compreensão dessa prática. As ações das distintas associações de prostitutas têm fornecido subsídios que auxiliam o desvelamento desses significados, atitudes, saberes e valores concernentes a seus modos de ser e de viver. O levantamento desses múltiplos significados é fundamental para o planejamento de iniciativas no campo da prevenção e promoção da saúde, na formulação de diretrizes e políticas públicas voltadas à educação e na busca pela conquista e efetivação de direitos das pessoas que exercem prostituição. Pois, como alertam Borges e Brandão (2010), cada sistema cultural vive o seu próprio tempo e ritmo, possui coerência interna em todos os seus planos e representa, portanto, uma experiência única, de tal forma que só pode ser compreendido no movimento de “de dentro para fora” partindo de sua lógica interna para outra qualquer.

2.4 – A produção sobre prostituição

De acordo com Juliano (2005) podemos compreender melhor o trabalho sexual se o contextualizarmos e o considerarmos como ponto extremo do processo de estigmatização numa sequência que abarca distintos papéis familiares e profissionais atribuídos às mulheres, os quais tanto podem ser aceitos como rejeitados socialmente. Deste modo fica mais fácil perceber que a desvalorização é um problema que afeta todos os grupos sociais e não somente os grupos marginalizados e estigmatizados.

²⁸ Faço alusão ao depoimento, apresentado por Corso (2004), concedido por uma transexual que exercia prostituição.

²⁹ Nesse tipo de política voltada à prostituição, são as próprias prostitutas que enunciam suas reivindicações e dizem como entendem sua atividade profissional e sua identidade (BRASIL, 2002).

O estigma social destinado às mulheres que se desviam da norma de oferecer gratuitamente seu tempo e seu trabalho aos homens concretiza-se no rechaço às prostitutas. Este rechaço tem como função dissuadir as mulheres de abandonarem seus “deveres” naturalizados como parte de suas características de gênero, ameaçando-as com o desprezo social se atuarem de modo em que possam ser confundidas com as trabalhadoras sexuais (JULIANO, 2005, p. 85 – tradução própria).

O estigma que recai às prostitutas serve para controlar ações e comportamento de todas as mulheres, pois sendo a prostituta retratada como modelo feminino que infringe as normas sociais e que, portanto, não deve ser seguido, leva todas as mulheres (adultas, jovens ou crianças) a controlarem seu comportamento, sua vestimenta, seu desejo e ações de forma a evitar qualquer atitude que pode acarretar o insulto de “puta” (JULIANO, 2004; 2005).

Esse processo de estigmatização voltado à prostituta recai também sobre o cliente e demais pessoas com quem ela se relaciona tal como parceiro afetivo, amigos e familiares. Em artigo que analisa a figura do cliente, Corso (2004)³⁰ relata a dificuldade em obter entrevista por parte de clientes o que certamente resulta da imputação de estigma social a esse grupo. O homem não gosta de ser identificado como cliente e procurando se preservar do preconceito, ele se esconde e se nega a ser entrevistado. Provavelmente por isso, pouco se tem falado acerca dos clientes no debate sobre prostituição.³¹

Pais (2001) confirma o estigma associado ao cliente e comenta o constrangimento que sentiu ao ser confundido com um cliente, após despedir-se de uma prostituta com quem conversara ao realizar um estudo das histórias de vida de prostitutas. O autor relata: “Quando me despedi de Gabriela e volvi à rua, acho que quase todos os transeuntes me observavam, com ar incriminador uns, de escárnio outros, e os que não me olhavam era certamente por cortesia, para não agravarem meu embaraço (p.266)”.

³⁰ Carla Corso é ativista italiana e exerceu prostituição por 25 anos, ela é fundadora e presidenta do Comitê a favor dos Direitos Civis das Prostitutas.

³¹ Apesar dessa dificuldade Souza (1998) desenvolveu uma pesquisa relevante, em prostíbulos localizados em Fortaleza/CE, com intenção de investigar o perfil dos clientes. Ela observa que existem clientes que buscam prazer pelo prazer, sexo pelo sexo, como também há os que buscam algo mais além da diversão e prazer.

No que concerne à prostituição, frequentemente, nos deparamos com um discurso estigmatizador que retrata a prostituta como vítima, enganada, manipulada. Fala-se sobre elas, mas nem sempre elas são ouvidas. Os meios de comunicação favorecem a cristalização dessa imagem já que só veiculam situações particulares que reforçam essa depreciação. Esse discurso estigmatizador é compartilhado por diferentes setores políticos tanto de direita como de esquerda, sendo inclusive apoiado por alguns setores feministas (JULIANO, 2005).

No tocante a prostituição as correntes feministas apresentam perspectivas distintas de modo que a prostituta tanto pode assumir “o lugar da escrava sexual como o do agente mais subversivo dentro de uma ordem social sexista” (PISCITELLI, 2006, p. 16). Segundo Kempadoo (2005), existe uma corrente feminista consolidada a partir das pressões de movimentos reformistas ocidentais compostos por mulheres da classe média euro-americana que se posiciona contra a prostituição e conforma, no final do século dezanove, as discussões em torno do “tráfico de escravas brancas” e sobre a “escravidão sexual feminina”, no final da década de 1970. Essa corrente feminista percebe as instituições patriarcais - a família, o casamento e a prostituição - como formas de violência e abuso dos homens sobre as mulheres. A prostituição é, então, compreendida como a pior forma de opressão patriarcal voltada às mulheres, uma vez que se pressupõe que as mulheres nunca entram livremente em relações sexuais fora do “amor” ou do desejo sexual autônomo. Ao contrário, subentende-se que as mulheres são levadas a exercer prostituição mediante controle e poder dos homens sobre suas vidas e seus corpos. Sob a ótica dessa corrente, a prostituta é percebida como vítima e não como sujeito de sua prática, sendo negada a possibilidade do exercício voluntário da prostituição.

Por outro lado, há uma corrente feminista denominada “transnacional”³² ou do “terceiro mundo” que entende que a atuação e atividade das mulheres apresentam-se de diversas maneiras e estão ligadas a estratégias de sobrevivência ou geração de renda e que, no caso do trabalho sexual, envolvem partes sexualizadas do corpo. Essa corrente alinha-se às entidades de apoio aos direitos das pessoas trabalhadoras do sexo e

³² O termo transnacional é empregado de diversas maneiras na literatura feminista, de modo geral alude à laços, conexões e vínculos estabelecidos por pessoas e grupos para além das fronteiras nacionais (PISCITELLI, 2005).

reconhece a distinção entre prostituição voluntária e prestação forçada de serviços sexuais (KEMPADOO, 2005; PISCITELI, 2004, 2005).

Destarte, em lugar de definir a própria prostituição como violência inerente contra as mulheres, são as condições de vida e de trabalho em que as mulheres podem se encontrar no trabalho do sexo, e a violência e o terror que cercam essa atividade num setor informal ou subterrâneo que são tidos como violadores dos direitos das mulheres. Nessa perspectiva, o patriarcado passa a ser mais um dentre os diversos fatores - racismo, imperialismo, moralismo, desigualdades sociais - que condicionam a vida das mulheres. Nega-se a vitimização da mulher e a tendência em retratar sua vida e seu trabalho somente pelo viés da subordinação aos interesses sexuais masculinos. A prostituta deixa de ser percebida como vítima e passa a ser compreendida como sujeito capaz não apenas de concordar e negociar, mas também de identificar, de se opor e transformar relações de poder (KEMPADOO, 2005).

As diferentes formas de perceber a prostituição podem ser apreendidas na produção sobre essa prática. Ao elaborar a revisão da bibliografia, observei que os estudos sobre prostituição se relacionam a outros temas como violência, prevenção de Aids e infecções sexualmente transmissíveis, exploração sexual, gênero, criminalidade, migração, turismo sexual, direitos humanos e tráfico de pessoas. Os quais exigem um olhar de questionamento já que, tal como a prostituição, esses temas também possuem distintas significações e demandam do pesquisador que se pauta numa perspectiva dialógica - como a que adoto neste trabalho - uma abordagem que permita reenquadrar³³ as disputas por justiça que não são abarcadas nos regimes estabelecidos.

Em busca realizada no portal da Scientific Electronic Library Online (SciELO), em 2011, foram identificados 44 artigos que apresentam o descritor “prostituição” como palavra-chave (*consultar apêndice I*). Dentre eles, 19 foram publicados em periódicos ligados as ciências da saúde, conforme, classificação fornecida no referido portal. A tabela, abaixo, apresenta o número de artigos publicados em cada periódico ligado à área de saúde.

³³ De acordo com Fraser (2007), o *mau enquadramento* surge quando o quadro do Estado territorial é imposto a fontes transnacionais de injustiça, exigindo um novo olhar voltado a apreender o que não está contido no regime estabelecido.

Tabela 1 – Quantidade de artigos publicados em periódicos das ciências da saúde

Periódico	Quantidade de artigos
Cadernos de Saúde Pública	3
Ciência & Saúde Coletiva	2
Escola Anna Nery	1
Revista da Escola de Enfermagem da USP	1
Revista Brasileira de Enfermagem	2
Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	2
Revista Latino-Americana de Enfermagem	1
Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	1
Revista de Saúde Pública	4
Texto & Contexto – Enfermagem	2

Nos artigos publicados em periódicos da saúde existem olhares distintos sobre a prática da prostituição. A recorrência dos descritores “violência” e “Aids/Doenças sexualmente transmissíveis” corroboram um olhar a partir da negatividade que, por vezes, só reafirma o estigma que recai sobre pessoas que exercem prostituição. Em seis artigos, o termo prostituição é empregado como sinônimo de exploração sexual (de crianças e adolescentes) o que obscurece as distinções entre as duas práticas e pode induzir à percepção de que o exercício da prostituição nunca é feito de forma voluntária. Observei que alguns artigos, notadamente os que apresentavam estudos desenvolvidos junto a associações de prostitutas, voltaram-se a responder questionamentos como: O que ainda não foi perguntado sobre a saúde da mulher prostituta? Dentre eles, destaco um estudo desenvolvido com base na fenomenologia, junto a mulheres da Associação de Prostitutas do Piauí em Teresina/PI. No artigo analisado, Moreira e Monteiro (2009) questionam o atendimento prestado às prostitutas por alguns serviços de saúde que se limitam a tratar lesões resultantes de agressões físicas sofridas por essas mulheres nas ruas e que não encaminham a nenhum atendimento complementar onde as mulheres vítimas de agressão possam falar sobre os significados e consequências da violência sofrida.

Em outro estudo realizado, em Fortaleza/CE, com mulheres da Associação das Prostitutas do Ceará, Aquino e colaboradoras (2008) constatam que a promoção da saúde da mulher prostituta não se reduz ao uso do preservativo durante os programas e relações sexuais com parceiros afetivos, mas exige também que profissionais de saúde reflitam sobre seus valores no momento de prestar atendimento a grupos sociais

estigmatizados de forma a garantir a qualidade do serviço prestado e a imparcialidade aspectos que segundo preceitos constitucionais devem compor o atendimento em saúde.

Para além dos artigos identificados, também destaco o trabalho publicado por Martin (2003). Nesse livro, apresentam-se os resultados de pesquisa de doutoramento realizada junto a prostitutas de Santos/SP cujo objetivo consistiu em analisar criticamente a noção de risco na prostituição e como o mesmo é vivido no cotidiano dessas mulheres. Imbuída de um olhar antropológico, além dos dados etnográficos obtidos na convivência com as prostitutas de Santos, a autora elaborou também uma revisão crítica do conceito de risco que é empregado em várias disciplinas científicas. Como resultado da pesquisa, a autora destaca que o conceito de risco se mostrou inadequado para compreensão do comportamento das prostitutas e propõe o termo *permissividade* – sugerido pelas participantes da pesquisa – como constructo capaz de descortinar a lógica que estrutura os comportamentos dessas mulheres. De acordo com Martin (2003), permissividade consiste em buscar compreender os comportamentos arriscados das prostitutas relacionando-os ao contexto em que elas vivem.

O trabalho de Carvalho (2000) configura-se como outro exemplo de investigação ligada a área da saúde que buscou compreender o contexto em que se dão as interações das prostitutas. A pesquisadora desenvolveu investigação de mestrado junto a mulheres que exerciam prostituição de rua na Praça Tiradentes no Rio de Janeiro/RJ. A fim de descortinar afetos, fantasias, desejos, aspirações e expectativas das prostitutas, a autora desenvolveu uma metodologia pautada na construção de narrativas e nas contribuições do paradigma indiciário. Essa abordagem levou Carvalho (2000) a concluir que o ser humano não é produto exclusivo da economia, sendo antes composto por incoerências e fantasias que os desafiam a todo instante, dessa forma pensar a saúde da população requer “aproximação daqueles que inventam, com seus corpos, um jeito único de existir, de inventar a vida e de buscar a felicidade” (p.66).

Com relação aos artigos publicados nas ciências humanas, a partir de busca no portal da Scielo identifiquei 25 artigos distribuídos em diferentes periódicos conforme exposto na tabela abaixo:

Tabela 2- Quantidade de artigos publicados em periódicos das ciências humanas

Periódico	Quantidade de artigos
Caderno CRH	1
Cadernos Pagu	13
Estudos Avançados	1
Estudos de Psicologia	1
Psicologia & Sociedade	2
Revista Brasileira de Ciências Sociais	2
Revista Brasileira de História	1
Revista Estudos Feministas	1
Revista Katálisis	1
Sociedade e Estado	1
Tempo Social	1

O periódico intitulado Cadernos Pagu concentra parcela considerável dos artigos publicados nas ciências humanas sobre a temática da prostituição. Por se tratar de uma publicação organizada pelo Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, boa parte dos artigos publicados versa sobre gênero. Dentre os 24 artigos identificados, seis apresentam os termos gênero ou relações de gênero como palavra-chave.

Conforme aponta Piscitelli (2005), na produção sobre prostituição a categoria gênero é apresentada de diferentes maneiras. Essa categoria pode ser abordada na perspectiva dos papéis sexuais, pode ser pensada pela distinção sexo/gênero ou por leituras que contestam essa distinção. Gênero também pode ser pensado a partir da maneira como se constitui o sentimento individual e coletivo de identidade sendo que, em alguns trabalhos, essa categoria é apresentada como uma diferenciação linear e quase fixa. Novas aproximações e estudos acerca do trabalho sexual têm suscitado contribuições que “desestabilizam essa linearidade, tornando mais complexas as leituras sobre alocações de características consideradas femininas e masculinas e das relações desiguais de poder que permeiam nichos específicos do mercado do sexo” (PISCITELLI, 2005, p.20).

A pesquisa de doutoramento desenvolvida por Pasini (2005b) é um exemplo de estudo que desestabiliza essa linearidade da categoria gênero. Procurando se afastar de abordagens binárias a autora compreende as relações de gênero a partir da noção de *posicionalidade* que se abre a mudanças sociais permitindo, assim, que o sujeito possa tornar-se múltiplo, isto é, assuma diversos posicionamentos, os quais se organizam em função do contexto e da afinidade entre as pessoas que se relacionam. Em artigo, no qual discorre sobre convenções de masculinidades e feminilidades, na Vila Mimosa,

Pasini (2009) destaca que encontrar-se num contexto de prostituição não resulta, necessariamente, na desconstrução de padrões heterossexuais e de gênero que normatizam os comportamentos sociais. Em sua convivência em campo, a pesquisadora observou que tanto mulheres como homens - frequentadores da Vila Mimosa - consideram a infidelidade do homem natural e compreensível. Ela constata que os modelos de masculinos naquele contexto se embasam numa noção de sexualidade essencializada e naturalizada em que o feminino é menos valorizado.

Além de gênero, outros temas abordados frequentemente nos trabalhos sobre prostituição publicados em periódicos da área das ciências humanas são criminalidade, migração/turismo sexual, direitos humanos e tráfico de pessoas/seres humanos.

A produção de conhecimento acerca do tráfico de pessoas tem sido alvo de questionamento crítico por parte de pesquisadores, coletivos feministas e organizações de prostitutas. Alguns trabalhos ancorados em perspectivas moralistas contribuem para aumentar a sensação de *pânico moral*³⁴ diante do tráfico de pessoas levando a uma espécie de “caça às bruxas”, na qual toda mulher em trajetória de deslocamento internacional é percebida como vítima e qualquer estrangeiro no Brasil corre o risco de ser acusado de traficante. Destarte, esse pânico moral tem criado uma situação que viola os direitos de mulheres adultas que se engajam voluntariamente na prestação de serviços sexuais, de forma que sua vontade passa a ser ignorada sob a justificativa de que elas se constituem em vítimas que precisam ser protegidas do tráfico (GRUPO DAVIDA, 2005).

Estudo desenvolvido por Castilho (2008) que investigou a legislação penal brasileira, mais especificamente o artigo 231³⁵, revela a subsistência de uma concepção teórica que percebe a mulher como sexo frágil e que considera inadmissível o exercício voluntário da prostituição. A autora constata que o trabalho sexual embora não seja tipificado como crime no discurso judicial é alvo de estigmatização tal qual a reservada a criminosos e, além disso, reconhece que a ineficácia do sistema penal para proteger as

³⁴ Esse conceito alude ao processo pelo qual a mídia suscita inquietações populares ligadas a determinadas questões sociais, as quais geralmente são acompanhadas pela proposição de regras e normas para regulação e enquadramento das mesmas (DAVIDA, 2005).

³⁵ Art. 231. Promover ou facilitar a entrada, no território nacional, de alguém que nele venha a exercer a prostituição ou outra forma de exploração sexual, ou a saída de alguém que vá exercê-la no estrangeiro. (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009).

mulheres e promover a igualdade de gênero é motivada pela adoção de uma postura que não reputa os distintos interesses das pessoas tidas como vítimas do tráfico.

Piscitelli (2006, 2008) assegura que algumas leituras têm problematizado aspectos da formulação e aplicação do Protocolo de Palermo - documento que dispõe sobre a prevenção, repressão e punição do tráfico de pessoas e foi elaborado numa Convenção das Nações Unidas, em 2000, sendo ratificado no Brasil em 2004. A autora destaca que, embora esse documento legal priorize a proteção dos direitos fundamentais das vítimas traficadas, o processo de sua implementação tem acarretado efeitos negativos para as pessoas a serem protegidas. Dentre esses efeitos são citadas a restrição da mobilidade de jovens africanos que são impedidos de deixarem seus países para evitar que não sejam traficados, a internação de prostitutas que são forçadas a permanecerem meses em abrigos custodiados pela polícia na Europa Oriental ainda que essas mulheres afirmem não terem sido traficadas, e também a detenção seguida da deportação de mulheres que migram para Europa Ocidental com intuito de trabalhar na indústria do sexo. A autora denuncia o intenso crescimento de uma “indústria de resgate” de prostitutas migrantes não somente daquelas que se encontram em situação de tráfico, mas também as que se deslocam voluntariamente para viver em outros países (PISCITELLI, 2008).

Pesquisas na perspectiva transnacional têm indicado que esse tipo de política que centra seus esforços na intenção de reprimir a migração, manter as pessoas em seus países de origem ou “empurrá-las de volta” tende a prejudicar em vez de beneficiar migrantes posto que, na maioria das vezes, as condições do país de origem continuam as mesmas o que culminará em futuras tentativas de migração (KEMPADOO, 2005). Com base em estudo realizado na Praia de Iracema em Fortaleza, Piscitelli (2004) afirma que encontrar-se num contexto de turismo sexual que facilita o tráfico não implica que toda mulher que migra, nesse contexto, seja necessariamente uma vítima do tráfico. A autora constatou que as mulheres migram em busca de oportunidades de mobilidade social que avaliam como difíceis de serem obtidas em Fortaleza.

Agustín (2004, p. 181) reconhece que ao abordar o tema da prostituição usualmente são omitidos assuntos centrais e subjacentes como “os desejos, as emoções e os sentimentos” das pessoas de ambos os lados da transação comercial. Constata que se, por um lado para os clientes muitas experiências vivenciadas em contextos prostitucionais têm mais ligação com a dimensão social do que com a sexual, ou seja,

tomar cervejas, bater papo e ouvir músicas num contexto não familiar são tão importantes quanto os minutos de sexo. Por outro lado às pessoas trabalhadoras do sexo (homens ou mulheres) importa obter maiores ganhos, manipular, enganar, ser salva/casar-se com clientes, conversar, aproveitar a festa e sentir prazer ao ganhar dinheiro.

A perspectiva apresentada por Agustín (2004) pode ser observada em trabalhos de pesquisadores que visam a investigar a vida social das prostitutas, suas interações afetivas, familiares, bem como as que se desenvolvem no contexto do trabalho sexual. No Brasil, podemos observar pesquisas com base nas contribuições de Fonseca (1996, 2004) que tecem análises antropológicas da prostituição no mesmo sentido apontado por Agustín (2004), ou seja, se aproximando da vida cotidiana da prostituta, suas relações e vínculos familiares nas dimensões afetiva e profissional. Destaco como exemplo a investigação desenvolvida por Tedesco (2008), em Porto Alegre/RS, junto a ONG Núcleo de Estudos de Prostituição que consiste numa associação de prostitutas. A pesquisadora teceu uma análise antropológica sobre as relações afetivas e comerciais estabelecidas entre prostitutas e seus agenciadores (gigolôs/rufiões/proxenas) com intuito de compreender suas representações e sentidos a respeito de trabalho e exploração.

Tedesco (2008) critica análises que simplificam a gama de relações estabelecidas em contextos de prostituições à relação comercial ou de exploração entre prostituta e cliente. Ao longo de sua dissertação, a autora procura explicitar que o gigolô/marido não consiste necessariamente no companheiro da prostituta, uma vez que nem todas as mulheres possuem gigolô/marido. A autora concluiu que “a atribuição do companheirismo do marido ou da exploração de um gigolô é fruto de um diálogo com o mundo”. O gigolô não é percebido apenas como explorador, mas também pode fornecer proteção e mediar conflitos e para exemplificar a pesquisadora cita Buda – policial aposentado e rufião que participou da pesquisa e que também assumia a função de “elo entre mundos” (o da polícia e o da prostituição). A pesquisadora observa que esse papel de mediar conflito e se configurar como elo entre “mundos” tem sido paulatinamente exercido por ONG e associações de prostitutas.

Outra análise antropológica sobre prostituição é desenvolvida por Sganzella (2011) durante investigação de mestrado junto a prostitutas de rua na cidade de

Marília/SP, cujo objetivo foi estudar relações afetivas e familiares de prostitutas procurando entender quais são os seus movimentos nos papéis sociais em que estão inseridas. As participantes da pesquisa apontaram que suas famílias não padecem de falta, mas de excesso de afetividade. O capital obtido no exercício do trabalho sexual é inserido no âmbito doméstico para custear despesas de seus filhos e, em alguns casos, também do parceiro. Já na relação mulher-prostituição-parceiro, a pesquisadora constatou certa tensão de modo que algumas prostitutas optam por permanecer sozinhas ou com parceiros eventuais. Desenvolver parceria com pessoas que frequentam contextos prostitucionais como os clientes, facilita o estabelecimento do relacionamento, mas nem sempre isso é desejável, pois pode resultar num futuro desligamento seja da ocupação ou da relação afetiva.

A investigação de doutoramento de Olivar (2010) desenvolvida, em Porto Alegre/RS, junto a prostitutas ligadas ao Núcleo de Estudos de Prostituição (NEP) voltou-se a compreender o “fazer-se puta, o fazer-se profissional e o fazer-se coletivo” a partir das experiências de quatro prostitutas militantes. Para além da relação “sexo” e “dinheiro”, a prostituição é caracterizada pelo autor por sua fluidez sendo entendida como tipo de relação “que muda de forma, tom e natureza, até o ponto de talvez deixar de sê-lo” (p. 27). Dessa forma, as compreensões e sentidos elaborados pelas prostitutas só podem ser apreendidas nos contextos em que são elaboradas. O pesquisador, nesse sentido, menciona que “a fórmula prostituição = trabalho” será interpretada de maneira distinta se pronunciada diante de uma mulher que presta serviços sexuais eventualmente ou de uma mulher que se constitui profissionalmente como trabalhadora do sexo.

O trabalho de Silva (2006) consiste em mais uma investigação que se propõe a estudar a identidade da prostituta rejeitando o entendimento de que a identidade é uma essência fixada, por isso pauta-se num contexto relacional em que as identidades estão sempre sendo negociadas. A princípio focaliza as mulheres que se dedicavam à prática do *trottoir* (prostituição de rua) em Goiânia numa região denominada Dergo e posteriormente o autor expande seu horizonte (englobando também michês e travestis) de modo a apresentar um panorama geral da prostituição na cidade. Os dados apontados pelo autor são relevantes para a presente pesquisa, uma vez que ao mapear “artes” e “manhas” do ofício, Silva (2006) corrobora o desvelamento de saberes que são consolidados nas experiências na prostituição. Dentre os quais, destaco a capacidade de criar mecanismos e estratégias de segurança para realizar o programa, de procurar

interpretar a situação e as atitudes dos clientes e a partir daí criar uma barreira simbólica para separar os comportamentos assumidos no trabalho (na rua, no Dergo) e os que são assumidos no ambiente familiar (em casa), adotando uma maneira diferente de se vestir e se maquiar que remete à questão do corpo. Silva (2006) também observa que as prostitutas incorporam a negação da sua atividade e mesmo compreendendo a prestação de serviços sexuais como forma de trabalho, por vezes, verbalizam termos contraditórios que negam esse reconhecimento. O que também foi observado por mim na convivência com as participantes da presente pesquisa.

Tendo em vista que o tema da prostituição ainda é pouco abordado na área da educação, julguei necessário traçar uma contextualização sucinta dos estudos produzidos sobre prostituição. Cabe ressaltar, que não tive a pretensão de abarcar toda a produção elaborada, antes busquei explicitar o embasamento teórico que estruturou esta investigação com intuito de localizar meus interlocutores quanto ao lugar de onde partem meus questionamentos e minha mirada à prática da prostituição que se ancora na convivência em campo com as prostitutas por mais de dez anos, na bibliografia elaborada por membros de associações e organizações de prostitutas que, no meu entendimento, conformam um movimento social plural e multifacetado e na produção acadêmica desenvolvida por pesquisadores, ativistas, pessoas que exercem (ou já exerceram) prostituição e aquelas que a elas se solidarizam.

III. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludir-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo
Uma aprendizagem de desaprender
(FERNANDO PESSOA, 1980 - Poema de Alberto Caeiro)

Neste capítulo apresento o método empregado nesta investigação que exigiu de minha parte uma constante “aprendizagem de desaprender”, ou seja, um mergulho em direção às coisas mesmas e ao *pré-reflexivo*³⁶ de que nos fala Merleau-Ponty. Para o autor, *ir às coisas mesmas* consiste em retomar o contato direto com o mundo (pré-reflexivo), isto é, apreender as experiências da forma como são vividas e percebidas, antes mesmo de tornarem-se alvo da reflexão (MERLEAU-PONTY, 2006). Considero que a trajetória de ir às coisas mesmas é essencial em pesquisas realizadas junto a grupos sociais que são alvo de forte preconceito como o composto por mulheres prostitutas. Por isso busquei implementar um método capaz de subsidiar o estudo dos modos por que as coisas se apresentam aos seres humanos por meio da experiência, buscando suporte teórico metodológico nos aportes da educação popular e da fenomenologia.

Cabe ressaltar que ao falar em método, não me refiro apenas a instrumentos e técnicas empregados para coletar e analisar dados, mas procuro apresentar a trajetória

³⁶ Para Merleau-Ponty, o pré-flexivo é fundamento anterior ao mundo pensado e a reflexão é sempre posterior à experiência vivida. A aceitação mundana é feita de forma ingênua sem a necessidade de refletir sobre o mundo (CARMO, 2004).

percorrida, em interação com as participantes de pesquisa, no sentido de compreender como mulheres se educam nas experiências vividas na prática da prostituição. Educar-se é a maneira própria pela qual cada sujeito atribui sentido a suas experiências e aos outros com quem se relaciona, de modo a significar a si, suas práticas e o mundo. Com o objetivo de investigar esse fenômeno a partir da experiência de quem o vivencia, me aproximei de mulheres que exercem prostituição em casas noturnas de São Carlos, conversei com elas sobre suas relações e experiências estabelecidas na noite e, em diálogo, procuramos compreender como elas se educam no exercício do trabalho sexual. O material analisado nesta pesquisa consiste nas notas em diário de campo, no qual registrei as conversas e interações estabelecidas entre mim e as mulheres participantes da pesquisa.

Não busquei explicar como essas mulheres se educam, mas sim dialogar com elas a fim de compreender como atribuem sentido a si e a sua prática por meio dos saberes que vão se consolidando nas vivências e interações desenvolvidas no exercício do trabalho sexual. De acordo com Merleau-Ponty (2007) a relação de abertura ao mundo nos escapa no momento mesmo em que o esforço reflexivo tenta captá-la, pois somos capazes de ver e sentir, mas para nos dar conta disso rompemos com o ver e o sentir no visível e no sensível onde se lançam e os circunscrevemos em outro domínio a partir do qual conseguimos compreendê-los por seu sentido, destarte, para o autor compreender consiste em “traduzir em significações disponíveis um sentido inicialmente cativo na coisa e no mundo” (p.44). Nessa perspectiva, compreender refere-se a uma forma de cognição que diverge de explicação, consiste em tomar o objeto na sua intenção total, não apenas naquilo que as coisas são na sua representação (MARTINS; BICUDO, 2003).

Imbuída desse entendimento, procurei me despir de representações e estereótipos cristalizados que induziriam à formulação pejorativa de que, na noite, a prostituta só aprende o que não presta, por exemplo, a usar drogas, a roubar, a tornar-se encenqueira, a adotar comportamentos vulgares, enfim, procurei suspender diversos mitos disseminados acerca da prostituta nos mais variados meios de comunicação, iniciando assim a trajetória de ir às coisas mesmas. Essa trajetória é iniciada pelo movimento de *epoché* que consiste em colocar o fenômeno em suspensão, nesse momento o pesquisador olha atentivamente para o fenômeno em foco procurando se despir de referenciais teóricos prévios a fim de apreender o que se mostra tal como se

apresenta nas experiências vividas. Olhar atentivamente para o fenômeno significa focalizá-lo, isto é, destacá-lo dos outros fenômenos (co-presentes) que também se encontram no campo de percepção (BICUDO, 1997; BOEMER, 1994; GARNICA, 1997).

Suspender o fenômeno não implica na anulação do pensamento do pesquisador, pois a formulação da interrogação traz consigo o seu pré-reflexivo, nesse sentido, Machado (1997) confirma que ao despir-se de concepções prévias e teorias explicativas o pesquisador não parte de um vazio conceitual, mas sim de um nível pré-reflexivo que vai se tornando reflexivo à medida que o fenômeno vai sendo compreendido. A suspensão é a recusa em aceitar pressupostos sobre a natureza do fenômeno investigado e, na referida investigação, configura-se como conceito fundamental, pois para apreender os significados atribuídos pelas prostitutas às experiências vividas no exercício do trabalho sexual faz-se necessário romper com estereótipos disseminados sobre essas mulheres, evitando tecer olhares dualistas (boa/má, heroína/vilã, santa/ninfomaníaca, do cabaré/do lar) e procurando desenvolver um olhar factual que visa a compreendê-las no movimento de sua existência, como seres encarnados e enraizados em condições tempo-espaciais.

O desenvolvimento desse olhar e o método da pesquisa se pautaram no referencial da fenomenologia (especialmente na obra de Merleau-Ponty) e da educação popular (notadamente nas contribuições de Freire).

Método é caminho. Caminho que vai sendo traçado à medida que a questão de pesquisa, fio de ligação entre as curiosidades, preocupações, engajamento do pesquisador e o objeto de pesquisa, vai sendo tecido, reforçado, enriquecido, explicitado, refeito. Este caminho, no caso da Fenomenologia, pois, não é explicitado de antemão, não se decidem passos a seguir antes de iniciada a trajetória (SILVA, 1990, p.112).

Em conformidade com Silva (1990), considero que a não fixação prévia de passos a serem seguidos não deve ser percebida como saída ao acaso ou ausência de planejamento e objetivos de pesquisa, implica antes no reconhecimento de um horizonte, de uma direção tomada em busca de uma compreensão. Segundo Silva (1987, p.16), “a direção que engendramos, faz com que nossa visada privilegie um ou outro constituinte das coisas, das pessoas, da natureza, das situações, do ambiente, sem,

entretanto, apagar a presença do todo”. A experiência prévia em campo e a convivência com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas de São Carlos engendraram a direção tomada no sentido de buscar compreender como prostitutas se educam nas experiências vividas na noite.

Tendo em vista que em investigação realizada anteriormente com mulheres que exercem trabalho sexual identificamos distintos processos educativos consolidados nas relações estabelecidas entre prostitutas e sua clientela, na presente pesquisa, além de desvelar processos educativos e saberes elaborados nas experiências vividas na noite, objetivamos apreender como prostitutas percebem e significam a si e a sua prática na medida em que produzem e compartilham saberes de experiência. Como bem alerta Scott (1998), a fim de pensar a mudança e evitar categorias naturalizadas, não basta visibilizar a experiência vivida por integrantes de grupos sociais marginalizados, faz-se necessário historicizar tal experiência por meio do questionamento acerca de identidades fixas e dos motivos que tornam algumas experiências válidas e outras refutadas, permitindo que sejam explicitadas as diversas posições ocupadas pelos distintos sujeitos e a lógica por eles empregada para resistir aos mecanismos repressivos.

Os aportes da educação popular e da fenomenologia foram fundamentais no processo de compreensão de percepções e visões de mundo próprias das participantes da pesquisa, à medida que esses referenciais me auxiliaram na leitura e apreensão do *mundo-vida* e *universo temático* das mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas. O termo mundo-vida foi cunhado, inicialmente, por Husserl em sua fenomenologia estrutural e alude à totalidade das percepções vividas, sendo apreendido pela consciência que se volta, atentivamente, ao que pretende compreender (GARNICA, 1997). Esse conceito é fundamental nesta investigação, pois no mundo-vida se encontram os temas significativos vivenciados pelas mulheres participantes da pesquisa que constituem seu universo temático. O qual, segundo Freire (1970), consiste no conjunto de *temas geradores* de certo grupo social em dada época histórica. Tais temas são adjetivados como geradores porque são marcados pela continuidade e se desdobram em outros temas e novos desafios a serem superados pelos seres humanos.

Há, portanto, uma convergência entre os termos e para conhecer o universo temático das participantes da pesquisa foi preciso adentrar em seu mundo-vida, o que foi se configurando à medida que buscava apreender seus modos de pensar e atuar sobre a realidade. Conhecer o universo temático e mundo-vida das participantes possibilitou à

apreensão de valores, posturas e maneiras próprias dessas mulheres significarem suas experiências, favorecendo assim a compreensão do fenômeno investigado, qual seja, educar-se no exercício da prostituição. Em consonância com Merleau-Ponty (2006, p. 200), penso que “compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação” e considero que a compreensão se concretiza pela corporeidade, uma vez que o corpo é nosso ancoradouro no mundo e meio essencial de comunicação com os outros seres com quem interagimos.

Os aportes da fenomenologia e da educação popular contribuíram sobremaneira no desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa dialógica capaz de abarcar o ser humano no movimento de sua existência, isto é, como ser inacabado que se movimenta permanentemente na busca por ser mais (FREIRE, 1970; MERLEAU-PONTY, 2006).

Pesquisadores que desenvolvem estudos com base na educação popular e na fenomenologia tomam como ponto de partida a situacionalidade do sujeito, por isso não evitam a subjetividade, antes a percebem como parte do processo de pesquisar, já que é por meio dela que se torna possível alcançar graus de objetividade e apreender a realidade. Para esses pesquisadores o trabalho de campo é mais que ato científico e se constitui como convivência. Brandão (2007, p.12) destaca a intensa dimensão de subjetividade própria do trabalho de campo que o funda como relação produtora de conhecimento: “A própria relação interpessoal e o próprio dado da subjetividade são partes de um método de trabalho (...) que, em vez de serem tomados como alguma coisa que se põe contra e precisa ser controlada, são tomados como alguma coisa que faz parte da própria prática do trabalho de campo”.

Nesse sentido, os dados sensíveis e carregados de subjetividade desvelados na convivência entre mim e as participantes da pesquisa não foram percebidos como elementos prejudiciais à pesquisa capazes de atrapalhar o conhecimento do fenômeno investigado, pelo contrário, foi uma maneira de ir às coisas mesmas e tentar captar as leituras de mundo das prostitutas com quem conversei.

O pesquisador que desenvolve investigação que parte da situacionalidade do sujeito e que toma a intersubjetividade como parte da metodologia do trabalho se coaduna à Merleau-Ponty no questionamento ao *pensamento de sobrevoos* entendido como herança cartesiana que se centra na explicação em detrimento da compreensão das coisas, de tal forma que o mundo passa a se constituir em representação de mundo e a realidade se transforma em ideias e conceitos (MERLEAU-PONTY, 2006). Em contraposição a esse pensamento que resulta numa ciência que visa a manipular as

coisas em vez de habitá-las, Merleau-Ponty (2004) propõe uma ciência/filosofia que tome como ponto de partida nossa abertura ao mundo, nossa condição de ser encarnado e situado que habita o mundo.

Destarte, o referencial metodológico adotado nesta pesquisa favoreceu o questionamento acerca da neutralidade e objetividade da ciência. Nas pesquisas com base na fenomenologia, o pesquisador não volta seu olhar prioritariamente a leis e generalizações, mas sim à qualidade dos elementos que são significativos para o foco da investigação que consiste no específico, no peculiar, no individual, ou seja, na experiência descrita pela pessoa que a vivencia (GARNICA, 1997; MARTINS; BICUDO, 2003). Essa perspectiva corrobora o entendimento de que o rigor de um estudo científico não se centra necessariamente na comprovação de hipóteses com interesse em prever regularidades e generalizações acerca dos fenômenos observados.

Compartilho pois, com Silva (1990), a compreensão de que nas ciências humanas o rigor científico advém da assunção e busca de superação da tensão resultante do encontro de pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, grupos de raça/etnia, gênero e com níveis distintos de instrução escolar. Freire e Shor (1986) afirmam que na perspectiva da educação dialógica, o que no meu entender também se aplica às metodologias de pesquisa dialógica, a rigorosidade requer mais que observação, uma vez que a aproximação ao objeto/sujeitos de pesquisa revela sempre a transitoriedade do ser humano, a proximidade entre pesquisador e participantes da pesquisa descortina a ambos a incompletude do ser humano, que é inacabado, *está sendo* e, por isso mesmo, não assume um identidade fixa e imutável, mas sempre se transforma. Para os autores, ser rigoroso é buscar interpretar a realidade em comunicação com os outros e deixar-se transformar nessa relação comunicativa.

Nós nos tornamos algo mais porque estamos aprendendo, estamos conhecendo, porque mais que observar, estamos mudando. Para mim, esta é uma das conotações do rigor criativo na educação dialógica, uma das conotações mais importantes. Se você não muda, quando está conhecendo o objeto de estudo, você não está sendo rigoroso (FREIRE; SHOR, 1986, p. 104).

No enfoque qualitativo de pesquisa, as competências comunicativas do pesquisador configuram-se como meio primordial de acessar e compreender os dados da investigação, por isso não é possível assumir um papel neutro no fazer pesquisa

(FLICK, 2004). Ratificando essa assertiva, as contribuições desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos levam-nos à compreensão de que as visões de mundo das pessoas envolvidas na pesquisa permeiam todo o processo de conhecimento, desde a formulação do questionamento da investigação até a coleta e análise dos dados. Sendo assim, nossos esforços não têm sido traçados no sentido de anular a subjetividade no processo de pesquisar, mas sim de procurar favorecer o diálogo entre as diferentes visões de mundo apresentadas pelas pessoas participantes da pesquisa. Ribeiro Junior (2009) é integrante do referido grupo de pesquisa e desenvolveu investigação com jovens do Arte Urbana (grupo de dança de rua de São Carlos), ele comenta que a participação em reuniões, ensaios e apresentações do Grupo Arte Urbana permitiu a troca de experiências e visões de mundo entre os envolvidos na pesquisa, fortalecendo a percepção de que é por meio do diálogo e do olho-no-olho que os seres humanos podem construir e implementar ações voltadas a sua humanização e libertação. Outro membro do grupo de pesquisa supracitado, Siqueira (2004) desenvolveu pesquisa junto a jovens do movimento Hip Hop de São Carlos e imbuído da leitura da obra de Carlos Brandão afirma que o pesquisador deve estar atento às decisões e anseios dos integrantes dos grupos populares, dessa forma, foi tecendo uma relação de amizade com os participantes da pesquisa, e além das já planejadas reuniões aos domingos, passou a se encontrar com essas pessoas em outros espaços, como shows de rap, eventos artísticos e musicais além dos ligados ao movimento Hip Hop e em festas.

A convivência e a dialogicidade³⁷ são elementos essenciais para desenvolver uma metodologia de pesquisa com base na fenomenologia e na educação popular, pois em ambas o pesquisador procura se despir de referenciais teóricos prévios a fim de estabelecer um contato direto com o fenômeno investigado, captando assim os significados atribuídos pelos sujeitos à experiência vivida. Na pesquisa com base na educação popular parte-se da experiência e situação vivenciadas pelos sujeitos, sendo de fundamental importância descortinar como eles percebem sua realidade, conhecer seu universo temático, os modos como fazem a leitura do seu entorno e dos problemas que os desafiam e as respostas que criam para enfrentá-los.

³⁷ A dialogicidade é percebida como fio condutor que possibilita a obtenção da coerência no processo de pesquisa realizado por pessoas comprometidas com a transformação social que buscam coletivamente pronunciar o mundo em seu devir (SOUSA; OLIVEIRA, 2010).

Por sua vez, em pesquisas com inspiração na fenomenologia, o sujeito é tido como um atribuidor de significados e não como mero reproduzidor de ideias mecanicamente adquiridas. De acordo com Martins e Bicudo (2003, p.94), “o alvo da investigação é chegar aos significados atribuídos pelos sujeitos à situação que está sendo pesquisada. Os dados obtidos são as situações vividas que foram conscientemente tematizadas³⁸ pelo sujeito. Os significados são os aspectos do fenômeno que o sujeito tematizou conscientemente.” Essa modalidade de pesquisa requer que o fenômeno investigado seja situado, posto que para cada fenômeno há sempre um sujeito que o vivencia em dada situação. A pesquisa com base na fenomenologia parte de um questionamento acerca de um fenômeno vivenciado por um sujeito (BOEMER, 1994; CORRÊA, 1997; FINI, 1997; MARTINS; BICUDO, 2003).

Há sempre um sujeito, em uma situação, vivenciando o fenômeno. Por vivência é entendido, também, experiência, mas é a experiência percebida de modo consciente por aquele que a executa. Essa experiência também é denominada *experencial*. Possui características constitutivos, como tempo em que se realiza, impressões, duração, está sempre sendo dirigida para alguma coisa, nunca é estática, há sempre uma relação entre o fenômeno que se mostra e o sujeito que experiencia (MARTINS; BICUDO, 2003, p.75-6).

Na presente investigação, os sujeitos são as mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas, o fenômeno pesquisado consiste no processo de educar-se na prática da prostituição e a situação focalizada foi o exercício do trabalho sexual. Como pesquisadora, busquei compreender as participantes da pesquisa a partir da situação de se encontrar em contextos prostitucionais, ou seja, de se encontrarem no espaço-tempo da noite. Nos encontros realizados nas casas noturnas, explicitarei às participantes que objetivava compreender como elas se educavam na noite, por isso, sempre solicitava a elas que discorressem sobre suas experiências na noite a fim de apreender sua situacionalidade.

Tanto nas obras de Paulo Freire como nas de Merleau-Ponty, a busca pela libertação requer a percepção do ser humano como sujeito de sua prática que sendo dotado de vontade e escolhas é capaz de perceber sua situação. Merleau-Ponty (2006, p. 593) afirma que é o sujeito quem atribui sentido e um porvir a sua vida e que “nossa

³⁸ Tematizar é tomar seriamente um assunto, por de forma estabelecida e localizada um assunto ou tópico sobre o qual irá dissertar (MARTINS; BICUDO, 2003).

liberdade não destrói nossa situação, mas se engrena a ela”. No mesmo sentido, Freire (1970) reitera que o esforço permanente em fomentar nos sujeitos a reflexão sobre suas condições concretas de existência não consiste em mero jogo intelectual, mas em processo que permite aos mesmos o reconhecimento de que são seres inacabados e que justamente por isso podem ir além, criando estratégias para superar dificuldades e engajar-se no processo de sua libertação.

Na sua obra *Pedagogia da Esperança*, Freire (2008) afirma ter estudado Sartre e Merleau-Ponty, a influência da fenomenologia em seus escritos é apreendida por meio de termos como *intencionalidade, situacionalidade, visões de fundo*, dentre outros, além da citação de autores como Husserl. A respeito dessa influência, Torres (2011) aponta que Freire assumira a perspectiva dialética e fenomenológica. E Passos (2010, p.185) complementa que, ao relacionar a dialética e a fenomenologia, Freire almejou destacar os pontos fortes de ambas correntes para a práxis da educação libertadora, procurando superar dicotomias como “o dito e o feito; o pensado e o vivido; o material e o imaterial.” A percepção do vivido configura-se como convite à liberdade que, por isso mesmo, se engrena na situação vivenciada pelo sujeito. É o sujeito quem atribui sentidos distintos a suas relações e experiências “podendo constituir-se em inferno ou paraíso” (PASSOS, 2010, p.189).

Essa compreensão coaduna-se ao entendimento de que a prática da prostituição não é em si exploradora ou libertária, mas as experiências concretas vivenciadas no interior dessa prática, bem como os saberes que ali se consolidam, impulsionam as pessoas que dela tomam parte a se moverem para além de onde se percebem, ora assumindo uma postura de enfrentamento às adversidades, insurgindo-se contra o que lhe oprime; outrora ganhando tempo e fazendo uso de manhas e artimanhas que, segundo Freire (2008), consistem em estratégias empregadas a fim de adiar o enfrentamento de problemas para os quais ainda não se viabilizou uma resposta viável.

Os aportes da educação popular foram essenciais no sentido de auxiliar-me a desenvolver um olhar às participantes da pesquisa como sujeitos de sua prática, isto é, apreender as prostitutas como sujeitos de direitos, pessoas dotadas de agência, capazes de reconhecer e se opor aos mecanismos de opressão com que se deparam. Pois como bem destaca Arroyo (2009), o movimento de educação popular aliado ao de saúde popular denunciaram o ocultamento e silenciamento do povo no pensamento

educacional e de saúde no Brasil, problematizando esse silenciamento como forma de negação da existência dos grupos sociais populares com intenção de mantê-los às margens e excluí-los das esferas de decisão. Sendo assim, a “desconstrução de imaginários negativos” se converte em uma das contribuições mais significativa desse movimento e um de seus aspectos mais pedagógicos (ARROYO, 2009, p.403). Esse aspecto também tem influenciado o fazer pesquisa com base na educação popular corroborando a construção de metodologias pautadas no diálogo e voltadas a desvelar os participantes da pesquisa como sujeitos de sua prática e não como objetos, tal como nas pesquisas desenvolvidas por Amaral (2010), Amaral (2010b), Cherfem (2009), Ferreira (2006), Oliveira (2003), Sousa (2007), Souza (2010), dentre outras.

3.1 - O trabalho de campo: aproximação, convivência e observação

Por focar a compreensão de significados atribuídos pelos sujeitos a suas experiências, a pesquisa com base na educação popular e na fenomenologia dirige-se à vivência cotidiana e ao ser no mundo, por isso é primordial planejar momentos de encontro singular entre pesquisador e participantes da pesquisa, tais como aproximação ao campo e aos sujeitos de pesquisa e desenvolvimento da empatia, simpatia e convivência com participantes da pesquisa (BOEMER, 1994; MOREIRA; MONTEIRO, 2009; OLIVEIRA; STOTZ, 2004).

Nesta pesquisa foram previstos diversos momentos de encontro entre pesquisadora e participantes da pesquisa, ao longo de 2010, estive presente em campo realizando aproximação aos participantes e a etapa da coleta de dados, para isso realizei encontros em três casas noturnas da cidade (casa 6, 7 e 8)³⁹, os quais foram registrados em diário de campo (*apêndice III*). Além disso, ao longo de 2011, continuei realizando encontros nesses estabelecimentos com intenção de acompanhar e orientar uma aluna de graduação (integrante do GETS) no desenvolvimento de atividade de extensão com prostitutas e travestis que exercem trabalho sexual, cujo objetivo consistia em discutir com essas pessoas materiais que abordavam a temática dos direitos humanos. As

³⁹ A fim de preservar sigilo acerca do nome da casa noturna, no GETS, optamos por empregar números para fazer referência a cada estabelecimento, sendo que as pessoas ligadas a cada casa recebem nomes fictícios iniciados pela letra correspondente ao número da casa, por exemplo, casa 1 (letra A), casa 2 (letra B). Todavia, por solicitação de uma participante que manifestou desejo de ser denominada como Laura, as pessoas ligadas a casa 9 receberam nomes iniciados com a letra L e não com a letra I.

interações com prostitutas, funcionários de casas noturnas e travestis, em 2011, bem como a possibilidade de acompanhar algumas conversas e discussões realizadas no decorrer da referida atividade de extensão configuraram-se como experiências muito válidas neste processo de pesquisa e, embora não tenham sido registradas em diário de campo tal como os encontros realizados em 2010, também resultaram em contribuições que me auxiliaram a entender um pouco mais sobre a realidade vivenciada nas casas noturnas e as formas de expressão, códigos e normas compartilhados pelas pessoas que interagem nesses espaços.

A aproximação ao campo e às participantes de pesquisa iniciou-se em abril de 2010 por meio de encontros semanais realizados em período vespertino em três casas noturnas da cidade (casas 6, 7 e 8), nas quais mulheres prestam serviços sexuais e numa residência denominada por mim como casa 9, onde residem travestis que prestam serviços sexuais na Avenida Getúlio Vargas⁴⁰. De acordo com Simões e Souza (1997), o caminhar de aproximação entre pesquisador e participantes de pesquisa requer tempo, reflexões constantes e disponibilidade para compreender dinâmicas e tempos próprios dos locais e das pessoas de quem nos aproximamos. Essa disponibilidade me ajudou a apreender, no decorrer do processo de pesquisa, qual a melhor forma de me aproximar das participantes da pesquisa, bem como me ensinou que em outros momentos deveria permanecer no meu canto a fim de respeitar o silêncio e distanciamento demandados pelas pessoas com quem interagi nas casas noturnas.

(...) importa a cada investigador ‘buscar’ a melhor forma de aproximação aos seus depoentes, levando em consideração o alcance dos objetivos propostos e aspectos como o ambiente físico propício ao ‘encontro social, as particularidades da clientela escolhida, a adequação da questão norteadora e da técnica de obtenção dos depoimentos. Estes fatores devidamente interligados e ajustados conduzem a descrições singulares do objeto de estudo proposto e levam a um novo conhecimento, a um desvelar de facetas do fenômeno aos olhos de quem o vivencia (SIMÕES; SOUZA, 1997, p. 16).

⁴⁰ Configura-se como zona de prostituição da cidade, no entorno desta avenida localizam-se diferentes casas noturnas e, à noite, travestis exercem prostituição ao longo da avenida. É uma região erma, pois quase não possui residências, mas sim estabelecimentos comerciais, fábricas e concessionárias de automóveis.

Nos encontros realizados nas casas noturnas, apresentava-me como pesquisadora e explicitava a intenção em investigar o processo de educar-se na noite e os saberes construídos nas experiências vividas na prática prostituição. Fui experimentando modos de apresentar o questionamento e objetivos da pesquisa, inicialmente, solicitava às mulheres que falassem sobre situações educativas vivenciadas na noite, após avaliar que o termo educativo remetia à vivência escolar em estabelecimentos de ensino e não a contextos prostitucionais passei a pedir que as prostitutas falassem sobre saberes construídos na noite e sobre experiências em que consideravam ter aprendido ou ensinado algo na noite. Por meio da aproximação, fui aprendendo por onde começar, identificando o que atrapalhava o prosseguimento da investigação e a pensar em estratégias para superar as dificuldades, tais como usar termos e expressões comuns ao vocabulário das participantes da pesquisa, respeitar o tempo e demandas das mesmas, aprender a ouvir não e a aceitar a indisponibilidade das pessoas, desenvolver paciência e persistência, dentre outras.

Segundo Oliveira e colaboradores (2009), em investigações pautadas no convívio metodológico o pesquisador dá forma e início à pesquisa, ao buscar conhecer os sujeitos de pesquisa e ao dar-se a conhecer, adotando uma postura de disposição para ser acolhido, para participar e estar junto. Isso requer tempo, paciência e convivência. Conviver é mais do que visitar é, aos poucos, conhecer e se fazer conhecer, requer envolvimento pessoal, exige observação, conversa e questionamento. A simpatia, a confiança, a humildade, a sensibilidade, o respeito e a flexibilidade são algumas moedas que favorecem a convivência entre as pessoas participantes da pesquisa (OLIVEIRA; STOTZ, 2004).

Nesta pesquisa, a convivência foi se tecendo a partir das conversas realizadas nas casas noturnas, as quais nem sempre tiveram como foco o questionamento da pesquisa apresentado pela pesquisadora, por vezes, as mulheres participantes da pesquisa optaram por falar sobre outros assuntos para além das experiências educativas vivenciadas na noite. Em diversos encontros, as mulheres falaram sobre seus filhos e demais familiares, sobre relacionamentos afetivos, sobre amor, amizade ou sobre algum tema que as inquietavam no momento, tal como as conversas sobre violência na ocasião em que um cliente fora espancando em frente a uma casa noturna resultando em seu falecimento. Além de buscar conhecer essas mulheres, também procurei me mostrar, contava a elas que sai de São Paulo para viver em São Carlos com intuito de estudar,

falava sobre meus familiares, meu relacionamento com meu companheiro, contava sobre minha vida como professora de jovens e adultos, sobre minha curiosidade em estudar a temática da prostituição e ingresso no GETS. Ao longo de mais de uma década frequentando casas noturnas, pude perceber que essa disponibilidade para estar com o outro, para tentar conhecer e se fazer conhecer é essencial à construção da empatia e vínculos de confiança.

O referencial metodológico adotado nesta pesquisa corrobora a compreensão de que o trabalho de campo deve pautar-se na convivência com os participantes da pesquisa. Ao discorrer sobre a pesquisa com integrantes de práticas sociais marginalizadas, Oliveira e colaboradores (2009) destacam que conviver é o cerne do fazer pesquisa a ser explicitado na metodologia, experimentado e avaliado ao longo da investigação. Brandão (2007, p. 14) afirma que conviver “é espreitar dentro daquele contexto”, é o primeiro nível do “sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são”, é pela convivência que o pesquisador poderá sentir como se envolver com os participantes da pesquisa (BRANDÃO, 2007, p.14).

O convívio metodológico não é oportunista, isto é, não se estabelece apenas no início da investigação para forjar um clima de confiança com intuito de promover a coleta de dados necessários à pesquisa, mas se configura como constante caminhar no qual pesquisador e participantes da pesquisa buscam juntos “compreender o caminhar e, nele, compreender-se, e assim, entender os resultados dentro de processos humanos de construção histórica de mundo” (OLIVEIRA e col., 2009, p. 11). Nesse caminhar, o pesquisador tanto pode ser acolhido pelas pessoas participantes da pesquisa, como pode ser refutado.

Nesta pesquisa, em diferentes momentos me deparei com indisponibilidade das pessoas que encontrava nas casas noturnas (prostitutas, funcionários desses estabelecimentos ou travestis). Registrei em diário de campo as impressões e observações de todas as idas às casas noturnas realizadas ao longo dos meses de abril a outubro de 2010, até mesmo aquelas em que me deparei com a indisponibilidade das pessoas, pois os silêncios e a desconfiança também foram tomados como dados a serem interpretados no processo de pesquisa.

Ao discorrer sobre o acesso a pessoas em instituições e situações específicas no processo de pesquisa, Flick (2004) alerta que é comum o pesquisador se deparar com o

problema da disponibilidade, ou seja, nem sempre as pessoas se mostrarão dispostas para participar da pesquisa ou atender as condições demandadas por ela. Na presente investigação, o acesso a duas casas noturnas (casas 6 e 7) foi facilitado devido ao conhecimento e contato prévio com esses locais, posto que já havia desenvolvido atividades de extensão e pesquisa junto a mulheres que, então, exerciam prostituição nesses estabelecimentos. A experiência de já ter implementado atividades no campo de extensão e pesquisa aliada ao vínculo estabelecido com alguns funcionários favoreceram o contato entre mim e as participantes da pesquisa. Além de conhecer os proprietários de ambos os estabelecimentos, na casa 6, eu possuía vínculo com dois funcionários Fabinho (cozinheiro) e Sr. Felipe (vigia) e, na casa 7, eu já conhecia a Gil (atual gerente da casa 7) com quem eu já havia conversado anteriormente, quando ela trabalhava prestando serviços sexuais neste estabelecimento. E também conhecia o Giba, funcionário que atua como vigia da casa 7 e que atenta a quem entra e sai da casa no período vespertino.

Quanto a contribuição desses funcionários, destaco a ajuda que recebi do cozinheiro Fabinho⁴¹ (casa 6) que, além de mediar a apresentação entre mim e as prostitutas dessa casa, favoreceu o processo de estabelecimento da confiança, pois sempre dizia às participantes da pesquisa que podiam confiar em mim, que eu era pesquisadora e frequentava a casa para conversar com as mulheres há alguns anos tendo o consentimento do proprietário. Esse fato sempre era mencionado por Fabinho, nas ocasiões em que ele me apresentava às mulheres recém-chegadas à boate, levando-me a considerar que, para algumas mulheres, saber que o proprietário consentia que eu frequentasse o estabelecimento influenciava positivamente em sua disponibilidade para conversar comigo.

A convivência com prostitutas, na casa noturna, permite que Fabinho compartilhe com elas códigos e valores do local e que conheça o perfil das mulheres que ali prestam serviços sexuais. Ele me indicava as mulheres que, possivelmente, aceitariam falar sobre sua vida e sobre o exercício da prostituição, bem como me alertava sobre mulheres que não gostam ou não se sentem à vontade para falar de si. Percebi que Fabinho conhecia bem a essas mulheres, mas isso não me impediu de tentar conversar com aquelas que se mostravam pouco à vontade para falar sobre si e as

⁴¹ Esse cozinheiro é carinhosamente denominado pelas pessoas dessa casa noturna por uma alcunha na forma diminutiva, sendo assim, optei por designá-lo nesta pesquisa com um nome também na forma diminutiva.

experiências vivenciadas na noite. Comumente, me aproximava de tais mulheres que, segundo Fabinho, eram mulheres “na dela”, isto é, menos dispostas a conversar e me apresentava como pesquisadora, falava sobre a pesquisa e objetivos da investigação. Em alguns encontros fui acolhida por essas mulheres, mas frequentemente obtive respostas evasivas, nas quais elas alegavam estar cansadas, com sono, ocupadas ou de saída.

Em todos os momentos procurei interpretar sinais e gestos expressos por pessoas com quem interagia nas casas noturnas, a fim de perceber se os mesmos indicavam disponibilidade para participar da pesquisa. A adoção dessa postura foi viável em diferentes momentos da pesquisa favorecendo a leitura do dito e do não dito, ajudando-me a atentar não apenas às palavras, mas também à corporeidade das participantes, seus gestos, risos e silêncios. Tal como ocorreu no dia 30 de abril, quando em um dos encontros fui recebida por Francisca, uma prostituta que aceitou conversar, mas demonstrava visível desconforto diante de minha presença. Ela sorria excessivamente, esfregava as mãos, pediu cigarro e respondia de forma evasiva às perguntas que lhe eram dirigidas, considerei que seria melhor respeitá-la e resolvi ir embora, combinando que voltaria para conversar em outra ocasião. Outras atitudes como sentar para conversar com Fabinho, tomar café com ele ou auxiliá-lo a dobrar as toalhas da casa noturna também favoreceram processos de empatia.

É nesse sentido que a convivência é entendida como cerne do fazer pesquisa e requer do pesquisador o que Oliveira e Stotz (2004, p.8) denominam como “sensibilidade para as dinâmicas da comunidade”, isto é, sensibilidade para ver e sentir as pessoas e a paisagem com intenção de compreendê-las. Essa sensibilidade não consiste em um dom, mas numa aprendizagem que vai se construindo a partir da disposição do pesquisador durante o processo de pesquisa. Assim além de buscar interagir com as pessoas nas casas noturnas, também procurei respeitar a vontade das mesmas quando não se dispuseram a conversar comigo, aprendi a dispor de tempo para me aproximar do outro, estar junto para tomar um cafezinho ou dobrar toalhas.

A convivência no campo da pesquisa foi descortinando que nas casas noturnas as pessoas atentam para a forma como se estabelecem os vínculos e interações pessoais, assim gestos como parar para tomar café, ouvir uma canção, assistir e comentar um programa de TV, olhar com as pessoas mercadorias vendidas na casa por sacoleiras como lingerie ou perfume, dentre outros, podem se converter em fios que vão tecendo uma amizade.

Imbuída da sensibilidade para entender as dinâmicas das casas noturnas, percebi que a repressão legal voltada a pessoas mantenedoras desse tipo de estabelecimento também dificulta o acesso de pesquisadores às casas noturnas e sua aproximação a pessoas que interagem nesses espaços, uma vez que no código penal a manutenção desse tipo de estabelecimento é criminalizada⁴². Por isso, torna-se difícil adentrar em uma boate com intuito de conversar com as pessoas que ali convivem (prostitutas, funcionários, proprietários), já que os proprietários dificultam a entrada de pessoas alheias com receio de que a divulgação de dados da pesquisa possa resultar em complicações legais. Isso foi sentido no decorrer desta pesquisa, e a mediação de Fabinho (casa 6) favoreceu e muito o estabelecimento do contato entre mim e o proprietário da casa 8, bem como de Laura (travesti que abriga outras travestis na casa 9 e organiza o trabalho sexual exercido por elas). Fabinho me indicou novas casas em funcionamento na região da Avenida Getúlio Vargas, mediando o processo de interação entre mim e pessoas ligadas às casas 8 e 9, apresentando-me à Laura e falando para funcionários da casa 8 (cozinheira Helena e o gerente Hiago) sobre o trabalho já desenvolvido por membros do GETS em algumas casas noturnas da cidade.

O pesquisador que se pauta numa metodologia com base na fenomenologia visa a explicitar a constituição dos acontecimentos da vida diária dos sujeitos de pesquisa, com esse intuito “procura situar-se diante dos fenômenos de forma que estes possam mostrar-se na sua própria linguagem, ou seja, nas várias formas pelas quais eles podem aparecer tipicamente” (MARTINS; BICUDO, 2003, p.77). Com intenção de adotar um procedimento metodológico capaz de apreender a vida diária dos participantes da pesquisa, optei por empregar o diário de campo. As observações realizadas nas casas noturnas seguidas do registro em diário de campo deram corpo ao material analisado nesta pesquisa. Observação é entendida, aqui, como “gesto de descoberta recíproca” e “campo de trocas” que vai sendo cultivado nas relações e conversas entre pesquisadora e participantes de pesquisa (SILVA, 1987, p.109).

A observação e o registro posterior em diário de campo foram instrumentos de coleta de dados que se mostraram muito úteis, pois em trabalhos realizados com

⁴² Art. 229. Casa de prostituição: Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente (BRASIL, 2009).

prostitutas é comum o pesquisador se deparar com a resistência das mulheres para falar diante do gravador. Até mesmo a atitude de tomar notas durante a conversa por parte da pesquisadora pode ser interpretada por essas mulheres como uma postura invasiva. Essa dificuldade também foi relatada por pesquisadoras como Carvalho (2000) e Gaspar (1985) que desenvolveram trabalhos com prostitutas na cidade do Rio de Janeiro. Dos dezessete encontros registrados em diário de campo, em apenas três deles obtive consentimento das participantes para fazer a gravação do áudio. Essas gravações foram transcritas na íntegra para compor as notas do diário de campo, pautada nas contribuições da fenomenologia transcrevi os depoimentos das participantes procurando me aproximar de sua oralidade, por isso fiz de termos e expressões tipicamente empregadas na fala coloquial (cê, tava, pra, etc). Nas ocasiões em que não foi possível gravar o áudio de nossas conversas, tomei nota apenas de nomes das participantes ou de gírias e expressões utilizadas por essas mulheres, deixando para registrar posteriormente em diário o vivido e observado durante cada encontro.

Para elaborar os registros em diário de campo do que vivenciei nas incursões em campo, me ancorei nas contribuições de Bogdan e Biklen (1994) e Triviños (1987), procurando tomar nota tanto de dados de natureza descritiva (detalhamento de comportamentos, atitudes dos sujeitos e características do espaço físico) como os de natureza reflexiva (registro de dificuldades, indagações e dúvidas da pesquisadora em face ao fenômeno investigado).

Os encontros nas casas noturnas foram realizados no período vespertino. Chegava às casas por volta das 15h, horário em que as prostitutas já estão acordadas e possuem tempo disponível para conversar, assistir a programas na TV, acessar internet, pois nas casas noturnas da cidade elas não costumam prestar serviços sexuais nesse período, salvo quando combinam de antemão algum programa com cliente. Muitas aproveitam esse horário para sair e ir ao centro comercial fazer compras, frequentar academia, fazer as unhas, tratar dos cabelos ou visitar amigos. Entrava na casa sempre chamando pelo nome de uma pessoa de referência (na casa 6 chamava por Fabinho; na 7 por Gil, na 8 por Heliana e na 9 por Laura), batia palmas e aguardava a resposta de alguém. Somente na casa 8 o portão se encontrava sempre fechado e por isso nunca entrava sem que alguém viesse me atender.

Ao entrar nas casas apresentava-me às pessoas presentes e explicitava que estava desenvolvendo uma pesquisa com intenção de compreender como prostitutas se educam

na noite, após apresentar a questão e objetivos da pesquisa, colocava-me à disposição para conversar com quem apresentasse disponibilidade e interesse em contribuir com a pesquisa. Assim como constata Simões (2010b) que realizou estudos na Vila Mimosa, também percebi, ao longo do trabalho de campo, que as pessoas nas casas noturnas se detinham muito mais às relações pessoais e interações que eu estabelecia com elas do que à forma como apresentava os objetivos da pesquisa.

As conversas realizadas em campo foram conduzidas com base na abordagem denominada *reunião comunitária*, um procedimento que se pauta nos princípios da metodologia face-a-face que orientou o desenvolvimento de trabalhos realizados com prostitutas no Brasil voltados a problematização e prevenção do HIV/Aids. Essa abordagem consiste na organização de pequenos grupos que discorrem coletivamente sobre um tema proposto pela própria comunidade ou pelo proponente da intervenção ou pesquisa (BRASIL, 2002). Assim, o tema proposto em nossas conversas era o fenômeno educar-se na noite colocado em pauta após apresentação da questão de pesquisa, mas assim como exposto anteriormente, por vezes, nossas conversas foram permeadas por outros assuntos (família, casamento, locais para prestar serviços sexuais, uso de drogas, cachorros, música, etc).

A escolha das casas noturnas como local para estabelecimento de nossas conversas foi considerada viável, já que as prostitutas estavam em seu território o que gerou maior grau de confiança e permitiu que elas se sentissem mais à vontade para discorrer sobre suas experiências. Cabe destacar que em muitos momentos houve interrupções motivadas pelo surgimento de outras pessoas que compartilhavam o espaço, tais como funcionários, conhecidos das mulheres e outras prostitutas que trabalham na boate. Essas interrupções não resultaram em prejuízo para a pesquisa, mas de certa forma interferiram nos dados porque afetaram as descrições cedidas pelas mulheres, tal como ocorreu no dia 8 de junho quando Glória contava que com o passar do tempo tornara-se uma putona. Ao questionar como se dava essa aprendizagem, antes que Glória pudesse responder, fomos interrompidas por uma das mulheres que trabalha na casa e o assunto só voltou a ser discutido após minha intervenção visando a retomar a fala de Glória.

Essas experiências demonstram como o caminho foi se constituindo no próprio caminhar, exigindo disposição para estar com o outro, para conhecer e mostrar-se ao outro, para desenvolver uma postura dialógica voltada a compreender visões de mundo

e modos de vida distintos e a aprender continuamente a ser uns-com-os-outros ao mundo. Nesta pesquisa, tive de me valer da sensibilidade e, assim como destacam Martins e Bicudo (2003, p.93), fui-me orientando por um “*sentido*, isto é, pelo conhecimento imediato, intuitivo, lógico” do fenômeno investigado, lancei mão de imaginação⁴³ que se caracteriza pela unidade de presença e ausência, permitindo o retorno ao pré-reflexivo, de modo a sentir e perceber o objeto cognoscível de outra maneira, isto é, procurando compreender o fenômeno educar-se na noite a partir dos relatos fornecidos pelas mulheres participantes da pesquisa visando a apreender sua percepção desse fenômeno.

Cabe ressaltar que embora não exista um caminho predeterminado a ser seguido por quem realiza estudos com base na fenomenologia, alguns teóricos que desenvolvem investigações pautadas nesta abordagem apresentam contribuições relevantes para pesquisadores que estão se iniciando nesse caminhar. Autores como Bicudo (1997), Fini (1997), Garnica (1997), Martins e Bicudo (2003) asseguram que é o questionamento que nos coloca frente ao manifesto e que um fenômeno nunca é compreendido antes de ser interrogado. Apontam, ainda, que o fenômeno nunca é visto de maneira isolada, mas sim contextualizadamente num campo de percepção. A essência do fenômeno se mostra por meio de pesquisa rigorosa que busca desvelar os fundamentos do que é visto e exige cuidado com cada passo que é dado na direção de desocultamento/mostração da essência do fenômeno. A essência do fenômeno alude à possibilidade de apreendê-lo em sua existência, isto é, na sua forma mundana de manifestar-se e mostrar-se. Conforme ressalta Garnica (1997), a essência do fenômeno nunca é totalmente apreendida, mas a trajetória de busca possibilita compreensões.

Para compreender o fenômeno investigado, o pesquisador se pauta na sua ancoragem teórica e metodológica. Nesta pesquisa, ancorei-me na compreensão de que as prostitutas são seres encarnados que se movimentam no mundo em busca de ser mais, que se projetam para além de onde se percebem e, por isso mesmo, se configuram como sujeitos de sua prática. Sendo assim, as participantes da pesquisa foram percebidas como colaboradoras da investigação e não como objetos passíveis, elas não foram apenas depoentes que forneceram dados a serem analisados, posteriormente, pela pesquisadora, mas sim pessoas com quem mantive interlocução durante todo processo

⁴³ A imaginação não é um simples ato mental como os outros, uma vez que possui uma dificuldade de ser definida. É ela que gera a possibilidade dos significados e permite ir além da percepção da presença sensorial do objeto (MARTINS; BICUDO, 2003).

de pesquisa nas etapas de coleta e análise de dados. Em diversas ocasiões conversei com prostitutas sobre as compreensões que ia formulando, ao longo do processo de pesquisa, verificando sua adequação às leituras e visões de mundo das participantes da pesquisa, assim, em alguns momentos pude complementar ou revisar minhas interpretações, suspendendo alguns preconceitos. Um exemplo é a discussão sobre o consumo de álcool que, inicialmente, eu interpretava como uma vulnerabilidade do trabalho sexual, mas após conversas com prostitutas fui apreendendo a conotação de prazer e alegria que também é associada ao consumo de álcool na noite e que foi apontada pelas mulheres com quem conversei.

Após a coleta de dados, iniciou-se a etapa da interpretação dos dados composta por dois momentos: *análise ideográfica* e *análise nomotética*⁴⁴. No capítulo a seguir, discorrerei mais detalhadamente sobre o processo de interpretação dos dados.

⁴⁴ A análise ideográfica refere-se ao emprego de ideogramas, isto é, de representações de ideias por meio de símbolos e consiste na busca por compreender a ideologia que permeia as descrições ingênuas oferecidas pelos sujeitos. O termo nomotético deriva de *nomos* (uso de leis) e a análise nomotética refere-se ao movimento de passagem do individual para o geral (MARTINS; BICUDO, 2003).

IV. A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Somente o combate das palavras ainda não ditas
contra as palavras já ditas
permite a ruptura do horizonte dado,
permite que o sujeito se invente de outra maneira,
que o eu seja outro
(LARROSA-BONDÍA, 2010)

Neste capítulo, apresento a trajetória desenvolvida no sentido de compreender os significados que impregnam os dados coletados durante o processo de pesquisa. A interpretação dos dados foi elaborada com base em dois momentos: análise ideográfica e análise nomotética.

A análise ideográfica consistiu em procurar unidades de significado nos depoimentos fornecidos pelas prostitutas participantes da pesquisa. De acordo com Souza (2010, p. 64), “as unidades de significado retêm a essência dos discursos dos sujeitos” a sua percepção acerca do vivenciado e podem variar de uma pessoa para outra ou em relação ao mesmo sujeito conforme sua movimentação frente ao fenômeno investigado. As unidades de significado não estão prontas no texto analisado, elas se configuram a partir da atitude, disposição e perspectiva de quem se coloca frente ao fenômeno com intenção de interrogá-lo (MARTINS; BICUDO, 2003).

Na análise ideográfica, busquei acessar o mundo-vida das mulheres participantes da pesquisa, visando a apreender os significados por elas atribuídos às experiências e situações registradas no diário de campo. Após diversas leituras de cada um dos dezessete registros em diário de campo, sublinhei unidades de significado identificadas em cada registro (*consultar apêndice III*) atribuindo-lhes uma numeração arábica. Sendo assim, na notação V-7 o algarismo romano alude ao quinto registro em diário de campo e o algarismo 7 grafado após o hífen indica a sétima unidade de significado identificada no referido registro do diário de campo.

Já a análise nomotética consiste em retomar as situações individuais relatadas pelas participantes da pesquisa buscando articulá-las numa compreensão mais geral (AMARAL, 2010b; LAGE, 2009; LEMOS, 2007; SOUZA, 2010). Martins e Bicudo (2003) identificam alguns momentos da análise nomotética (insight ou compreensões, comparações de sujeitos, variação imaginativa e formulação de generalidades) e alertam

que os mesmos não constituem em passos a serem seguidos. O insight ou compreensão consiste em buscar ver dentro da situação e atentar para os significados imanentes contidos em uma ou mais descrições que auxiliem a formular proposições acerca da estrutura do fenômeno. Para isso, o pesquisador pode tecer comparações entre os sujeitos e suas descrições, identificar o que converge e diverge, procurando aspectos que podem ser comuns a todas as descrições, embora não sejam explicitadas no depoimento de cada sujeito. A variação imaginativa pode auxiliar o pesquisador a reviver uma situação de aprendizagem, na fenomenologia, a imaginação é associada à unidade de presença e ausência favorecendo o contato com o pré-reflexivo, contribuindo dessa forma para que o pesquisador possa se aproximar da essência do fenômeno. A formulação de generalidades, por sua vez, alude à expressão dos resultados construídos ao longo da experiência de pesquisa e consiste na apresentação da essência do fenômeno que se mostrou ao pesquisador a partir de sua busca por interpretar as descrições obtidas.

A análise nomotética configurou-se como busca por apreender convergências, divergências e idiosincrasias nos depoimentos das mulheres participantes da pesquisa registrados em diário de campo, tendo como objetivo levantar categorias para embasar a elaboração de uma descrição compreensiva acerca de como prostitutas se educam no exercício do trabalho sexual. As categorias levantadas foram: (a) *soltar a puta que há dentro de si*, (b) *ficar com o pé atrás* e (c) *não baixar a cabeça*, as quais aludem respectivamente à disponibilidade para tornar-se prostituta, ao movimento de confiança e desconfiança nas relações estabelecidas na noite e às ações de resistência apresentadas pelas mulheres participantes da pesquisa frente aos mecanismos de opressão. Essas categorias são apresentadas na matriz nomotética (*tabela 3*), na qual a primeira coluna traz a relação dos dezessete registros em diário de campo identificados sequencialmente por algarismos romanos. Nas demais colunas, são apresentadas as categorias sendo atribuídas as letras maiúsculas *A*, *B* e *C* a cada uma delas. Nas linhas da matriz, são apresentadas as referidas unidades de significado identificadas com números arábicos, em alguns casos, após o número segue a letra minúscula *d* que indica a existência de uma divergência no interior da categoria analisada (AMARAL, 2010b; LAGE, 2009).

Tabela 3 – Matriz Nomotética

CATEGORIAS DIÁRIOS	A) SOLTAR A PUTA QUE HÁ DENTRO DE SI	B) FICAR COM O PÉ ATRÁS	C) NÃO BAIXAR A CABEÇA
I	1, 3		2
II	3	4	1, 2, 5
III		1	
IV		1, 2	3
V	1		
VI		1	
VII	4, 10, 11, 12, 15, 21,29	7, 8, 9, 13, 14, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26	1, 2, 3, 5, 6, 16, 17, 20, 27d, 28, 30
VIII		1	
IX		1	2d
X		1, 2	
XI	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7,8, 9, 10,11, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 32d, 33d, 37, 38,	12, 19, 28, 29, 31, 34, 39, 40, 44	20, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 35, 36, 41, 42, 43, 45
XII		1	
XIII		1, 2	
XIV		2	1
XV	5, 6, 8, 9, 14, 15, 16, 22, 23, 24, 26, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 38, 42, 43, 45, 49, 51, 52d, 53d, 54	1, 2, 3, 4, 10, 11, 18, 19, 32, 36, 39, 40, 41, 44, 47, 48, 56, 57, 58	7, 12, 13, 17, 20, 21d, 25, 27, 29, 37d, 50, 55, 59, 60
XVI		1, 2	
XVII		2, 3	1d

Como bem alerta Fini (1997), só existe um fenômeno educacional se houver um sujeito que o vivencia em uma dada situação, de forma que não é possível interrogar o ensino ou a aprendizagem, mas sim o sujeito que ensina e que aprende. Nesse sentido, considero relevante, antes de passar ao detalhamento das categorias formuladas, discorrer inicialmente sobre as mulheres participantes da pesquisa e sobre os condicionamentos que favoreceram seu ingresso na prática da prostituição.

4.1 – Mulheres participantes da pesquisa

A presente pesquisa foi elaborada com intuito de dialogar com mulheres que prestam serviços em casas noturnas de São Carlos acerca de aprendizagens consolidadas no exercício do trabalho sexual. Ao longo do trabalho de campo além de conversar com essas mulheres também tive a oportunidade de interagir com outras pessoas que frequentam as casas noturnas da região da Avenida Getúlio Vargas, tal como funcionários desses estabelecimentos e algumas travestis que exercem prostituição nas ruas e que apresentam vínculo de amizade com o cozinheiro da casa 6.

A interação com essas pessoas foi registrada em diário de campo e, portanto, também traz elementos que favoreceram a análise apresentada. Na tabela abaixo (*tabela 4*), apresento os diferentes colaboradores com quem interagi nos encontros nas casas noturnas, mas tendo em vista o foco da presente investigação discorrerei mais detalhadamente sobre as mulheres participantes da pesquisa.

Tabela 4 – Colaboradores da pesquisa

Colaboradores	Atividade exercida
Felipe	Vigia da casa 6
Fiona	Prostituta da casa 6
Felícia	Prostituta da casa 6
Fabinho	Cozinheiro da casa 6
Fádia	Prostituta da casa 6
Francisca	Prostituta da casa 6
Helena	Funcionária da casa 8
Heliana	Prostituta da casa 8
Fátima	Prostituta da casa 6
Laura	Travesti que abriga e agencia demais travestis
Letícia	Travesti que exerce prostituição de rua
Gislaine	Prostituta da casa 7
Glória	Prostituta da casa 7
Gil	Gerente da casa 7
Giba	Vigia da casa 7
Hiago	Gerente da casa 8
Lúcia	Transexual ativista de ONG GLBTT
Gilda	Funcionária da casa 7
Fernanda	Prostituta da casa 6
Flávia	Prostituta da casa 6
Fabíola	Prostituta da casa 6

As mulheres participantes da pesquisa são migrantes oriundas de cidades da região como Araraquara, Limeira, São Paulo e de outros estados brasileiros como Bahia, Goiás, Minas Gerais, Tocantins e Rondônia. Elas viajam frequentemente para prestarem serviços sexuais em casas noturnas, a opção por exercer trabalho sexual em casas se dá por causa da segurança, já que esses estabelecimentos contam com os chamados leões-de-chácara⁴⁵ que representam maior proteção. Além disso, o trabalho sexual exercido no interior da boate é percebido pelas participantes da pesquisa como mais discreto em comparação ao que ocorre em locais públicos como ruas e praças, pois nas casas noturnas o sentimento de exposição é minimizado. Isso muitas vezes é desejado, já que nem sempre seus familiares e amigos tomam conhecimento da atividade que elas exercem.

As participantes da pesquisa mencionaram que mantêm contato frequente com seus familiares (pais, irmãos e algumas possuem filhos). Com intenção de preservar os filhos do preconceito, essas mulheres optam por mantê-los junto a suas mães (avós das crianças). Algumas assumem perante seus familiares que exercem trabalho sexual, outras preferem ocultar essa informação. Nem sempre essa informação é desvelada verbalmente, mas sim percebida por meio das ações que essas mulheres passam a adotar ao exercer tal ocupação, como passar a viajar frequentemente, não fixar residência, obter renda em curto período, possuir vida noturna, etc.

Embora compartilhem a opção por exercer trabalho sexual em casas noturnas, as participantes da pesquisa apresentam trajetórias distintas. Fiona é natural de São Paulo/SP, tem aproximadamente 25 anos e costuma viajar para São Carlos a fim de prestar serviços sexuais na casa 6. Ela disse que conhecia colegas que já trabalhavam em casas noturnas na cidade de São Paulo, sendo assim começou a frequentar esses estabelecimentos, inicialmente fazia apenas show e dançava em boates e, posteriormente, passou a realizar programas também.

Fiona comentou que sofreu muito preconceito na escola por ser oriunda de uma família de baixa renda, as crianças costumavam rir de suas roupas e materiais escolares. Ela costuma viajar em companhia de sua amiga Felícia que também presta serviços

⁴⁵ Designação atribuída a homens que trabalham como segurança na portaria e/ou no interior de boates, cuja função constitui-se em evitar possíveis brigas e conflitos, além de retirar clientes indesejáveis (bêbados, caloteiros, agressivos). Para saber mais acerca deste ofício sugerimos a leitura da obra “Leão-de-chácara”, publicada em 1975. Em um dos contos da obra, o autor João Antônio apresenta um personagem que exercia esse ofício, cujas memórias convertem-se em interessante panorama da prostituição exercida no Rio de Janeiro por volta dos anos 1950 (ANTÔNIO, 1989).

sexuais. Felícia também é paulistana e possui aproximadamente 25 anos. Ela e Fiona mantêm uma relação de amizade. Elas disseram que uma ajuda a cuidar da outra, seja preparando alimentos ou fazendo companhia, elas trabalham juntas em casas noturnas e em casas de massagem.

Fádia possui 18 anos, é oriunda da zona leste da cidade de São Paulo e disse que já viveu muita coisa nessa vida. Ela compartilhou por meio de seus depoimentos algumas dessas experiências vividas. Disse que além de oferecer os chamados “favores sexuais” a senhores de seu bairro mediante consentimento de seus pais, quando tinha dez anos de idade, também vivenciou a maternidade aos quatorze anos, mas seu parceiro não assumiu a paternidade da criança. Sua filha foi criada como sua irmã, pois fora adotada pelos pais de Fádia.

Francisca é natural de Araraquara/SP e aparenta ter cerca de 30 anos. Ela disse que já exerce prostituição há bastante tempo. Não mencionou suas motivações para ingresso na atividade, uma vez que ficou muito nervosa diante de minha presença o que me fez interromper nossa conversa. Sendo assim, não foi possível obter dados mais precisos sobre essa participante.

Heliana tem 26 anos, é natural de Goiânia/GO e disse que já exerceu trabalho sexual nas cidades de Ribeirão Preto, Jaboticabal e São Carlos. Ela nos contou que ainda não havia se acostumado com a cidade de São Carlos, pois nela os bares fecham muito cedo e isso diminui as possibilidades de fruir o lazer. Heliana disse que, em Ribeirão Preto, estava acostumada a sair para se divertir com as colegas de trabalho após fechamento da boate.

Fátima possui 28 anos e nasceu em Araraquara. Ela costuma prestar serviços sexuais em cidades do litoral paulista e, em São Carlos, quando retorna para visitar sua mãe e irmãs que residem em Araraquara. Ela possui um namorado que trabalha na Petrobrás com quem mantém um relacionamento há mais de cinco anos. Fátima fez curso técnico na área de Enfermagem e recentemente participou de um curso preparatório para tentar ingressar na Petrobrás.

Gislaine possui 27 anos e exerce trabalho sexual há sete anos. Ela é oriunda do estado da Bahia e disse que frequentava, em companhia de suas amigas, bares e casas em cidades baianas de pequeno porte, onde as pessoas dançavam, bebiam e havia a

possibilidade de agenciar programas. Gislaine é adepta de um estilo de vida boêmio, gosta de sair e ter companhia para tomar cerveja, conversar e aproveitar a noite.

Glória tem 25 anos e é oriunda do estado de Tocantins. Ela tem uma filha que vive com sua mãe lá em Tocantins. Tal como Gislaine, Glória disse que gosta de aproveitar a noite e beber em companhia de amigos e clientes.

Gil é natural de Limeira/SP e possui 25 anos. Ela já foi casada e tem uma filha. Ao separar-se desse companheiro passou a exercer trabalho sexual. Atualmente, ela vive em união estável com o proprietário da casa 7 e trabalha como gerente desse estabelecimento.

Fernanda tem 20 anos e é oriunda do estado de Minas Gerais. Possui um filho que vive junto a sua mãe em Belo Horizonte/MG. A fim de obter renda para custear suas despesas e de seu filho, Fernanda passou a exercer trabalho sexual após receber o convite de uma amiga que já se dedicava a essa ocupação e que prestava serviços sexuais em casas noturnas. Ela costuma viajar em companhia de Fabíola que possui 21 anos e também é natural de Minas Gerais. Fabíola comenta que um aspecto positivo da atividade exercida é a possibilidade de conhecer várias pessoas.

Flávia possui 23 anos, nasceu em Rondônia e mora em São Carlos há mais de oito anos. Ela exerce trabalho sexual há menos de um ano. Flávia disse que estava desempregada após divorciar-se e foi convidada por uma amiga a conhecer uma casa noturna. Flávia aceitou o convite e, posteriormente, passou a exercer trabalho sexual em boates com intuito de fazer um pé-de-meia, isto é, angariar recursos financeiros e poupá-los. Ela falou que sua irmã já exercera essa atividade e que já trabalhara na casa 06.

A partir da minha percepção enquanto pesquisadora e com base nos depoimentos cedidos pelas mulheres com quem conversei, observo que as participantes da pesquisa são oriundas de classes populares e uma parcela significativa é constituída por mulheres afrodescendentes, dentre as doze mulheres participantes da pesquisa sete são afrodescendentes (Fabíola, Fiona, Flávia, Francisca, Gislaine, Gil e Glória) e cinco são brancas (Fádia, Fátima, Felícia, Fernanda e Heliana), todavia destaco que não foram adotados procedimentos de autodeclaração. Com relação à escolaridade dessas mulheres, Glória e Fátima mencionaram ter concluído o ensino médio, sendo que Fátima também fez curso técnico na área de Enfermagem. Fádia cursou o ensino

fundamental, mas não chegou a concluí-lo. As demais participantes da pesquisa não mencionaram seu grau de escolaridade.

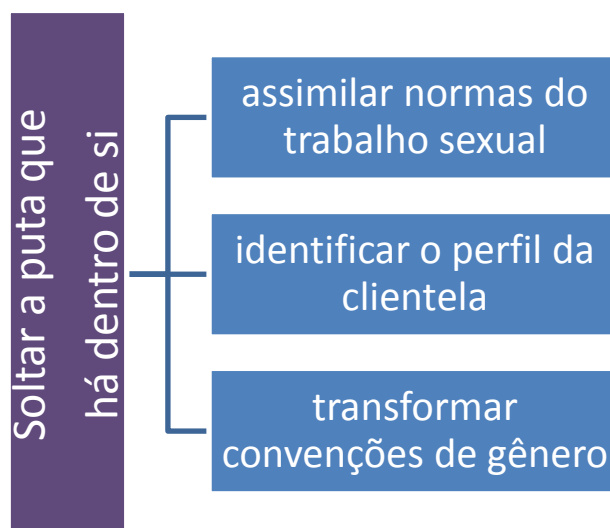
Tendo apresentado, brevemente, um panorama de quem são as mulheres participantes da pesquisa, procurando favorecer a compreensão da prostituta como ser-no-mundo, passo para o detalhamento das três categorias formuladas durante análise nomotética com intenção de compreender como prostitutas aprendem ao tomar parte de uma prática social estigmatizada como o trabalho sexual.

4.2 – Soltar a puta que há dentro de si

A partir das unidades de significado, elaborei a categoria ‘*soltar a puta que há dentro de si*’ (figura 1) de modo a articular as situações descritas pelas participantes de pesquisa que aludem à disponibilidade para tornar-se puta, isto é, para: a) assimilar as normas que regulam o trabalho sexual nas casas noturnas (apreender valores e regras que orientam as relações entre as pessoas que tomam parte dessa prática social); b) identificar o perfil e demanda da clientela; c) transformar os modos de vivenciar convenções de gênero (permitindo-se adotar comportamentos, por vezes, incompatíveis com papéis socialmente atribuídos ao feminino). Disponibilidade é, portanto, uma sensibilidade para ler e apreender as coisas que lhe acontecem, abertura para vivenciar o novo, curiosidade que mobiliza a assumir riscos e a transformar-se.

Nesta categoria, as asserções desvelam a disposição apresentada pelas participantes da pesquisa para vivenciar novas experiências, para atender a quem interpela e para fazer a leitura do seu entorno apreendendo como se organizam o trabalho sexual e as relações entre as pessoas nas casas noturnas. Como divergências são apresentadas asserções em que as participantes mencionaram indisponibilidade para se relacionarem com clientes considerados indesejáveis (por sua aparência ou comportamentos adotados).

Figura 1 – Soltar a puta que há dentro de si



Ressalto que nessa categoria, o entendimento do termo disponibilidade não se reduz à condição de estar ou não disponível para sair com todo cliente que solicitar. Pois como bem destaca Fernanda, nas casas noturnas onde ela presta serviços sexuais, a prostituta não é obrigada a fazer programa com todo cliente que solicita, todavia ela alerta que ficar selecionando o cliente pode resultar em perdas financeiras. Fernanda foi percebendo que não precisava, obrigatoriamente, fazer programa com todos os clientes por meio das relações com as demais prostitutas nas casas noturnas, conversando com mulheres mais experientes e vendo como elas agiam.

Ah, as meninas foi falando, né? Assim, eu fui vendo também... porque os homens, assim... eu vi que na zona não é assim porque tá pagando precisa aguentar isso e aquilo. Porque eu pensei que era obrigatório, se pagou tem que ir, e o quarto é isso e isso, mas não é obrigatório, se você quiser fazer programa você faz, se você não quiser você não vai, mas você vai tá perdendo dinheiro, né? Mas assim, tem vezes que a gente aguenta homem chapado que dá trabalho na hora de gozar, isso a gente enfrenta ainda, né? (XV-26)

Para exercer o trabalho sexual é preciso ter disponibilidade para apreender as regras de organização dessa ocupação, saber o que pode ou não ser feito nas casas e lidar com os clientes e demais mulheres nas casas noturnas, identificar o perfil e demandas da clientela. As mulheres mencionaram que pouco sabiam sobre prostituição quando ingressam nessa prática, com o tempo e por meio das relações com os clientes e demais prostitutas é que foram apreendendo como exercer o trabalho sexual. Tal como Fernanda que foi aprendendo ao ver e falar com as demais mulheres, Fátima afirma que quando começou a exercer prostituição não sabia como se prevenir e chegou a fazer sexo oral sem uso do preservativo, com o tempo e por meio de conversas com prostitutas mais experientes e com ginecologistas ela passou a adotar o preservativo nas diferentes modalidades de serviços sexuais. Fátima comenta:

Não... tanto que quando eu entrei, eu não sabia nada! Assim, até sexo oral eu cheguei a fazer sem camisinha porque eu achava que era normal.. cê tá entendendo?! Depois de um tempo que eu tava na noite, que eu fui conversando, que eu comecei a ir ao ginecologista, é que eu fui saber que sexo oral tem que fazer com camisinha. E eu comecei assim. (VII-4)

O depoimento de Fátima desvela que antes de prestar serviços sexuais ela pouco sabia acerca da prática da prostituição e foi aprendendo com o passar do tempo nas situações vivenciadas no exercício da atividade, por exemplo, conversando com outras prostitutas, observando o comportamento de prostitutas e clientes no salão, negociando o programa com clientes, etc. Colocar-se à disposição para conversar e aprender com os outros (clientes, funcionários, prostitutas mais experientes, taxistas) é o que permite fazer a leitura do entorno buscando compreender como prestar serviços sexuais em casas noturnas. Fernanda foi aprendendo por meio de orientações que recebia da menina que a levou para a boate.

Eu fui aprendendo, eu não sabia, né? Mas a menina que me levou pra boate já falou “não pode fazer nem isso, isso e isso, entendeu? Que isso é errado”, mas se o cliente tiver bebendo e te chamar, ai você pode ir. Que nem um dia, o cliente me chamou e a menina foi pro quarto lá, ai ele me chamou e eu falei “Cê não tá acompanhado?”, ai a menina veio e falou: “Você gosta de pegar cliente dos outros”, eu falei “Não, você mede suas palavras e pergunta pra ele porque quem me chamou foi ele, as meninas tudo aqui tão de prova, não é meninas?” É pra não ter rolo, ela discutiu, mas eu continuei com o cara, mas se ele chamar né? Se ele não chamar... Assim foi a primeira menina que me levou pra noite que me ensinou! Isso vai pegando com o tempo, tem

que chegar nos clientes e sentar pra conversar, essas coisas assim. (XV-30)

A disponibilidade para aprender com os outros, seja por meio de conversas ou observando os comportamentos das pessoas no salão da boate se constitui como estratégia empregada pelas participantes da pesquisa com intuito de captar as normas e regras que organizam a ocupação exercida, procurando identificar o que é aceito e tolerado nesses estabelecimentos. A respeito de condutas não toleradas nas casas noturnas, Fernanda destaca: “Mas o que você não pode fazer é uma menina tá sentada com o cliente ai ela vai e levanta pra ver dose, ai você ir lá sentar e ficar, ai já tá tirando o cliente da outra, ai dá rolo, dá briga” (XV- 28). O depoimento de Fernanda demonstra que embora exista competitividade, a competição desenfreada não é um valor estimulado pelas mulheres participantes da pesquisa, pelo contrário, tentar tirar o cliente da colega de ocupação se configura como ação pouco tolerada que pode inclusive resultar em brigas e conflitos entre as prostitutas.

Fazer comparações entre diferentes locais onde ocorre a prestação de serviços sexuais também favorece a assimilação das normas do trabalho sexual, bem como os valores que são compartilhados pelas pessoas que interagem nos distintos contextos prostitucionais. Gislaire compara as boates da Bahia à primeira boate em que prestou serviços sexuais assim que chegou a São Paulo, ela menciona que sentiu um impacto ao observar o local com diversos leões-de-chácara, espelhos e móveis, apesar de já conhecer boates de grande porte como as de Porto Seguro onde costumava atender uma clientela composta por turistas.

Ai quando cheguei deu aquele impacto, a boate mesmo, sabe? Vários leões, um monte de espelho, contorno, sofazinho de canto, aquele impacto, né? Das coisas que a gente via lá e o que tava vendo aqui... também eu já conhecia alguma coisa de boate famosa assim, porque eu trabalhei em Porto Seguro também, numa boate lá que era a boate, dava de dez a zero nas boates daqui, tinha até sauna, banheira ao ar livre, aquela coisa pra turista mesmo porque verão é só turista, você só pega brasileiro se quiser, se quiser pega só turista mesmo. (XI-11)

Fiona e Felícia também compararam as casas noturnas da cidade de São Paulo às de São Carlos e ressaltaram que a aparelhagem nas boates da capital é melhor. Elas “disseram que em São Paulo, há casa noturna com DJ e música eletrônica que para elas são facilitadores na hora de fazer o show e a dança na barra de ferro (pole dance). Em

São Carlos na maioria das casas não há DJ, mas sim jukebox e segundo elas os clientes escolhem, predominantemente, músicas sertanejas” (I-3).

Se alguns aspectos se modificam de um estabelecimento para outro, há aspectos que são mantidos em diferentes boates de São Carlos. Por exemplo, a existência de um valor mínimo tabelado referente ao pagamento do programa. Flávia comenta: “E a gente cobra sempre de cem reais pra cima, nem o mínimo que é oitenta a gente não cobra, é sempre de cem pra cima, quando no caso ai rola o programa e o homem não tem mesmo como pagar de cem pra cima, ai tem menina que aceita fazer por cem, fica vinte do quarto e oitenta é dela” (XV-35).

Além da determinação de um valor mínimo a ser pago pelo programa, nas casas noturnas de São Carlos em que realizei a presente pesquisa também foi possível observar a existência de um acordo comum entre proprietários dos estabelecimentos e as mulheres que prestam serviços sexuais, no qual as prostitutas recebem hospedagem e alimentação oferecidas pelo proprietário da casa noturna e em contrapartida devem fazer o cliente pagar/consumir 15 doses semanais de bebidas alcoólicas. Sobre esse acordo, Gislaine pondera:

Não, nesse ponto ele tá certo porque aqui, ele bota tudo... é alimentação, é moradia... tá tudo desarrumado, mas na hora que arruma fica tudo ajeitadinho. Tá reformando os quartos, alimentação aqui é muito boa, não falta nada... a cozinha aqui é aberta vinte cinco horas, não é nem vinte e quatro horas por dia... Ele (*referindo-se ao proprietário da casa*) banca um custo de vida pra gente... se a gente fosse bancar um restaurante lá fora, ia gastar muito mais. Então, ele tem que ter o lucro dele, e o lucro dele sai da dose. É das doses que a gente bebe que a gente paga o que consome na casa e dá lucro pra ele, só que esses dias tá difícil dar lucro pra ele, hein! (XI-2)

Tendo em vista que o proprietário obtém lucro com a venda das bebidas, é comum a existência de norma que proíbe a prostituta de consumir cerveja em companhia do cliente na casa noturna, uma vez que a cerveja comumente é a bebida alcoólica mais barata do estabelecimento. Além de assimilar essa norma, Gislaine também a repassa à clientela.

A gente bebe cerveja quando não está acompanhada dos clientes. Tá entendendo? O cliente tá lá bebendo com as outras meninas e a gente tá tomando cerveja. Na hora que o cliente vem conversar com a gente: “Ah, você quer tomar uma cerveja?” Ai a gente fala: “Ah, não posso,

tenho que tomar a dose!”. “Ué, mas por que se você tava tomando cerveja nesse instante?”, “Porque eu tava sozinha, não tava te acompanhando e regra da casa é regra da casa!” Eu falo logo assim! (XI-1)

Fernanda e Flávia comparam a prestação de serviços sexuais que se desenvolve na rua e em casas noturnas e afirmam que preferem trabalhar em boate, não apenas pela questão da segurança, mas também porque rende maior remuneração, pois para elas o cliente costuma oferecer pagamento inferior ao programa ofertado nas ruas por considerar que na rua só tem “noia”, isto é, que a mulher é dependente química e que por isso aceitará qualquer quantia a fim de custear aquisição de entorpecente (crack)⁴⁶. A respeito de exercer trabalho sexual na rua, Fernanda exclama: “Ah, na rua é foda! Eles (*referindo-se aos clientes*) te oferecem o quê? No máximo vinte, trinta reais pra você. Eles pensam que é noia, né?” (XV-33). E Flávia complementa: “É na rua não... eu prefiro em casa porque aí já tem um valor fixo. Porque a gente cobra do mínimo da casa pra cima, menos do mínimo da casa não dá, então pra nós compensa trabalhar na casa noturna” (XV-34).

Além da comparação entre os locais de exercício do trabalho sexual, as participantes da pesquisa comparam, ainda, as condições apresentadas por cada cidade aonde se destinam com intuito de prestar serviços sexuais. As mulheres analisam as condições oferecidas e selecionam a cidade considerada mais adequada para atingir seus objetivos, quais sejam ampliar ganhos financeiros, fruir atividades de lazer, vivenciar novas experiências, etc. Gislaire relata que costumava viajar pelas cidades próximas a sua cidade de origem na companhia de suas amigas em busca de locais para beber e dançar.

Aí, um dia, uma outra amiga minha, olha as amigas (risos)... Uma outra amiga minha me levou em outro lugar que já era um barzinho mesmo normal e em cima tinha três quartos, já era uma coisa mais ‘pá’! Ai eu fui com ela a primeira vez... adorei né? Um barzinho, dançar... Aí cheguei e ‘pá’! Fiquei lá um dia... depois a gente veio embora pra casa, dormi lá um dia e depois vim embora pra casa... Meu negócio era tá ali! (XI-7)

⁴⁶ A demarcação de fronteiras hierarquizantes que distingue a prostituta que assume uma postura profissional e aquela que presta serviços sexuais com fins de consumir drogas é apresentada no livro “Eu Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída...”. Nessa obra, são apresentadas mulheres dependentes químicas que realizavam programas, em Berlim, com intenção de obter recursos para comprar heroína. Apesar de fazer programas, muitas delas – inclusive a protagonista da narrativa – não se percebiam como prostitutas (HERMANN; RIECK, 1983).

Fátima afirma que Cubatão é uma cidade em que a prostituta pode ganhar dinheiro em qualquer época do ano, pois a demanda por programa é grande. E em dia de pagamento, torna-se ainda mais fácil fazer programas uma vez que os clientes abordam as mulheres nas ruas. Ela afirma:

Lugar que é bom sempre é Cubatão. Lugar que é bom sempre, você pode ir qualquer época do ano, qualquer dia da semana, lá você anda na rua e os caras ficam te chamando. Na rua os caras ficam “ô, você não faz programa comigo?”, ai é bom que os caras ficam aumentando: “ô, faz um programa comigo”, e você fala “eu não tô trabalhando hoje, eu não tô na boate hoje” e eles “não, vamo comigo, rapidinho, eu moro aqui embaixo” “rapidinho a gente vai lá, te dou tanto, vamo? Ah, então de dou tanto! Vai? Então vamo vai!” É, você sai pra comprar alguma coisa e acaba compensando. Dia de pagamento, então... nossa... terrível, já fiz doze programas em uma noite, lá em Cubatão, doze programas. Só que no outro dia, eu catei minhas coisas e fui pra Araraquara. Ave Maria, eu não quero ver homem, minhas férias... não voltei pra lá tão cedo, não. (VII-21)

Heliana destaca que São Carlos apresenta boas condições para trabalhar, mas poucas opções de lazer para quem é trabalhadora noturna.

Heliana disse que a cidade é boa para trabalhar, mas que sente falta de uma vida noturna e reclamou que os bares em São Carlos costumam fechar muito cedo. Ela nos contou que estava acostumada com Ribeirão Preto, depois que trabalhava na casa, costumava sair com as colegas de trabalho em busca de diversão, iam a bares para dançar e tomar uma cerveja. Aqui, em São Carlos, é difícil porque os bares fecham cedo e quando elas saem da boate, os bares já se encontram fechados. Diminuindo assim suas possibilidades de lazer. (V-1)

A comparação feita entre o que cada cidade oferece descortina o que a mulher busca quando se desloca com intuito de prestar serviços sexuais, pois conforme aponta Fernanda, a mulher que trabalha na noite precisa ter um objetivo. Ela afirma: “Venho de longe para levar dinheiro pra eles (*referindo-se a sua mãe e seu filho*) pra ajudar. Já comprei meu carrinho com o dinheiro da noite, tô fazendo minha casa, tem que ficar, mas tem que ter um objetivo, não pode só ficar e ficar aí, sabe? Tem gente que já gasta em droga” (XV-8).

Assim como Fernanda que tem como objetivo obter recursos financeiros para adquirir bens materiais e custear suas despesas e de familiares, há mulheres que também intencionam fazer o chamado pé-de-meia enquanto exercem trabalho sexual. Flávia compartilha esse objetivo e assegura que: “Eu mesma entrei nessa, pretendo ficar pouco tempo, mas mesmo assim vou fazer meu pé-de-meia. No momento, agora, quero comprar meu Civic, com certeza” (XV-9).

Por outro lado, existem mulheres que tem como objetivo conhecer novos lugares, viajar e aproveitar a companhia de pessoas agradáveis que possibilitem uma sensação de bem estar. Contrariando as perspectivas que acreditam que o cliente da prostituição sempre é um homem e que a prestadora de serviços sexuais sempre é uma mulher, Fátima declara que possui uma mulher que é sua cliente regular que além de pagar bem reside em uma linda praia e a trata muito bem.

Eu tenho uma cliente lá em Ilhabela (risos). Ela é ótima, paga super bem, trata a gente bem... inclusive hoje eu conversei com ela, faz umas duas horas que ela me ligou e perguntou quando eu ia voltar. Eu falei: “Eu tô voltando, semana que vem já estou aí”. Mas ela paga super bem, me leva pra casa dela, ela mora lá no Bonete, em Ilhabela, é uma praia maravilhosa! Então ela mora lá no Bonete, aí eu vou... ela me deixa super à vontade, faz de tudo, compra as coisas... Ela queria que eu casasse com ela (risos). Mas não, não consigo, não dá certo! Mas ela me trata super bem, super bem! (VII-15)

Também há mulheres cujo objetivo consiste em aproveitar a noite, em fruir o lazer levando um estilo de vida boêmio, bem como conviver e interagir com homens descolados, isto é, os chamados “manos” que se comportam de forma distinta daquela apresentada pelos “engomadinhos”, tal como aponta Gislaine:

Eu fico rezando pra chegar um cachorrão, porque esses homens engomadinhos demais, a gente não tem nem o que falar pra eles! (risos). Não tem assunto. Agora se é um mano, se é um cara mais descolado você tem assunto pra conversar, entendeu?! (XI-15)

Nesse sentido, identificar o perfil do cliente passa a ser uma aprendizagem que não se efetiva somente com intuito de obter maiores ganhos financeiros, mas também pode visar à obtenção de satisfação no exercício da atividade. Flávia confirma a possibilidade de buscar satisfação no desenvolvimento do trabalho sexual e assegura que, às vezes, prefere perder dinheiro a ter de atender um cliente indesejável,

demonstrando, dessa forma, que nem sempre as prostitutas estão dispostas a atender todo cliente ou a satisfazer suas demandas. A prostituta faz uma leitura da situação, avalia perdas e ganhos e, não se sentindo motivada para envolver-se na relação, decide não vivenciar a experiência. Flávia assegura:

Ai dependendo da situação, ai eu prefiro perder do que ter que encarar aquele cliente, ah, porque às vezes nós nem curte o programa, chega lá aquele homem babando, fedido, aí não dá... ou senão aquele veio, horrroso com a brocha murcha aí não dá (risos), ah não já pensou? Chegar lá o homem beijinho e a dentadura já vem no pescoço?! (XV-53d)

Gislaine ratifica a possibilidade de sentir satisfação e prazer sexual no exercício da atividade, bem como desejo ou repulsa pelo cliente:

Tem homem que você quer ir pro quarto, sabe? Ai vamos, tem uns que eu fico: “Ai, vamos, vamos, vamos!”, tem uns desgraçados que dizem: “Vamos esperar um pouquinho”, “Vamos logo, vamo embora”. Tem outros, que você quer fugir, entendeu? Então tem que ir com esses primeiro, que é pra não dar muito trabalho, porque chega lá você sacode pra um lado, sacode pro outro... e cabou (*risos de todas*). Sai, sai, sai que você não tá conseguindo. (XI-18)

Os depoimentos de Flávia e Gislaine desvelam que mesmo inseridas em uma prática marginalizada e estigmatizada socialmente, as prostitutas figuram como sujeito capaz de realizar escolhas e implementar ações para atender suas necessidades e desejos. É o que aponta Flávia, ao discorrer sobre estratégia que utiliza com intuito de não atender clientes indesejáveis e aproveitar mais tempo na companhia de clientes desejáveis.

Às vezes, acontece também, vamos supor tá três caras, ai você fala “vou ver se eu consigo fazer programa com aquele cliente” sabe? Aí chega lá nos três, aí em vez de ser aquele cara que você tá louca pra fazer programa com ele é o amigo dele que quer fazer programa com você e o outro olhando, e você “Ai meu deus! Será que eu atendo?” (risos) Ai é fogo, hein?! Ainda mais quando o amigo do cliente que você quer sair é horrroso e não dá pra encarar! Ai eu faço questão de não fazer o programa e fico lá com aquele ali, pelo menos eu tenho um momentinho a mais com ele. (XV-52d)

A aparência não é o único critério que pode conferir ao cliente o status de indesejável, sua postura e comportamento dentro do salão podem favorecer essa classificação. Gislaine e Gil comentam que existem clientes fixos que se tornam indesejáveis, pois em algumas ocasiões desenvolvem certa obsessão por uma prostituta. Gislaine declara a respeito de um cliente fixo:

E ele morria de ciúmes do Leonardo que era meu ex-marido. Ai foi indo, foi indo e quanto mais eu ficava com outro, mais eu tomava nojo do meu cliente, eu já não queria mais, me escondia dele quando ele chegava, entendeu? Já cheguei a pegar outras meninas pra ir pro quarto com ele. Ele encanava em mim, ele comprava as coisas e me dava, me chamava pra sair, mas eu não queria mais, você vai pegando raiva daquela pessoa porque aquela pessoa te impede de ficar com outro. É foda! (XI-32d)

Gil também descreve uma experiência com cliente fixo obsessivo por ela:

Tinha um cara só que vinha aqui e ele queria ficar só comigo, mas toda vez que eu ficava com ele, eu já tava chapada. Chapada, assim, tinha tomado uns goles e ai ele aparecia. Um certo dia ele não aparece no meio da noite e quem disse que ele queria outra? O dono falou “Vai atender o cara”, eu falei “Não vou”, aí eu me escondi e ele foi lá “Tá se escondendo de mim?” e eu: “Eu não tinha nem te visto!” (XI-33d)

Tratar as mulheres como se fossem objetos ou adotar um ar de superioridade também pode conferir ao cliente o status de indesejável, como podemos observar nos depoimentos abaixo. Gislaine salienta:

Mas tem homem que entra aqui, já assim mesmo “Ah, só vim conhecer”, “Eu tô só dando uma olhadinha”. Eu tenho um ódio desse negócio “Eu tô só dando uma olhadinha”, dá vontade de tirar o olho que é pra não olhar mais pra nada. Agora tem homem que vem pra gastar, né? Tem homem que vem aqui só pra ficar vendo as mulheres e parece mosca de padaria, roda, roda, roda e não pousa em nada, não come nada, entendeu. Ele quer só... Olhar, ai a mulher passa de junto e ele passa a mãozinha, só pra encher o saco, entendeu? Tem uns que vêm só pra encher o saco! (XI -16)

Flávia e Fernanda também comentam sobre esse tipo de cliente. Flávia diz: “Tem uns que vem aqui e já quer chegar metendo a mão, no meio do salão (XV-24).” E Fernanda complementa:

Agora os rapazinho, eles paga também, só que nem sempre, às vezes, eles fica só abusando, passando a mão, fica só tirando casquinha, né? Modo de dizer (risos) e depois vai, vai embora, já passou a mão em tudo nós, né?! Tem rapaz que senta aqui, aí conversa, passa a mão em uma, aí vai senta com outra, depois não fica nem com uma e nem com a outra e vai embora, só passou a mão, só se aproveitou mesmo, né? (XV-49)

Em contextos de prestação de serviços sexuais em casas noturnas, além de traçar o perfil do cliente, também se faz necessário identificar o perfil da pessoa proprietária da casa noturna, bem como das diferentes mulheres que exercem trabalho sexual no estabelecimento. Glória alerta que as regras de convivência nas casas noturnas e a organização do trabalho sexual costumam ser parecidas em diferentes estabelecimentos, mas as pessoas são diferentes: “É mais ou menos parecido, só que tem casa que as menina é mais metida. Tem casa que as regras é mais... o cafetão é ignorante, tem casa que o cafetão é gente boa, é legal (XI-37).” E Gislaine ratifica essa compreensão:

É. Tem casa que qualquer coisinha é multa. Boate é um jogo, você vai pro lugar sem saber como é que vai ser o serviço lá, se gostar você fica, senão você sai. E também acaba sendo um perigo, isso nunca aconteceu comigo, mas eu já vi caso de menina que vai pra um lugar e ficar presa lá. (XI-38)

Viajar frequentemente e conhecer diferentes cidades, costumes e culturas gera disponibilidade para que a prostituta se coloque em movimento na busca do porvir, assumindo riscos e ganhos que essa mobilidade pode acarretar⁴⁷, o que é muito bem sintetizado na expressão de Gislaine “tô pro que der e vier”.

⁴⁷ Contrariando as perspectivas que definem todo deslocamento de prostitutas como sinônimo de tráfico de mulheres com fins de exploração sexual, essa mobilidade inerente à prática da prostituição em casas noturnas foi apresentada como ação voluntária pelas participantes da pesquisa, ação que comumente é percebida como um aspecto prazeroso da ocupação, na medida que possibilita conhecer novos lugares, pessoas, costumes e culturas.

Ai eu fui parar numa zona, já era zona mesmo, mas não igual as daqui. Era numa cidade colada na minha, quarenta minutos da minha cidade. Fiquei lá, ‘pá’... lá a gente tomava cerveja, não era dose. Aí eu arrumei um namoradinho lá, sai da zona e fiquei na casa dele, a casa dele era na praia e não sei o quê, ai eu fiquei, fiquei... onde ele me levar eu vou, tô pro que der e vier. (XI- 8)

A disposição para mover-se em direção ao novo é essencial no processo de educar-se na noite, por meio dela as prostitutas vão aprendendo a soltar a puta que existe dentro de si. Gislaïne constata: “Eu acho que todo mundo já tem uma puta dentro de si. Com o passar do tempo, só vai fazendo essa quenguinha se soltar” (XI-4). Glória corrobora essa compreensão e diz: “É... vai se soltando... (risos) ai você aprende a ser putona mesmo!” (XI-5).

Para fazer a quenga/puta se soltar além de tempo é preciso disposição para transformar as convenções de gênero, isto é, ter disponibilidade para assumir papéis e adotar comportamentos que divergem daqueles impostos à chamada “mulher honesta”. Flávia afirma que, após tornar-se prostituta, foi modificando sua maneira de agir em contextos de prostituição, pois no salão da casa noturna não existem imposições que regulem seu comportamento.

Antes eu era uma santa, agora, a mulher mais safada que eu já vi fazer ponto. É porque aqui, normal, durante o dia na cidade dependendo do ambiente que eu tô, eu me comporto, né? Dependendo do ambiente eu me comporto, mas ali embaixo no salão ou no quarto aí já era o comportamento, acabou não tem mais nada. (XV-45)

Flávia emprega a metáfora da santa para fazer referência a como se percebia antes do exercício da prostituição e emprega o adjetivo safada para aludir à condição de prostituta, evidenciando uma contradição entre os atributos usualmente associados à boa mulher, isto é, à chamada ‘mulher honesta’ (frágil, dócil, comedida, pudica, do lar) e a má mulher (resistente, desobediente, imprudente, safada, da vida). Tornar-se puta requer disposição para, paulatinamente, questionar as convenções impostas socialmente às mulheres e modificar as formas de vivenciar os papéis femininos, ao menos no espaço do salão como bem destacou Flávia no depoimento supracitado.

Na noite, por meio da disponibilidade as prostitutas também podem ressignificar sua compreensão de sexualidade, para além das abordagens naturalizantes que insistem

em retratar o sexo apenas como meio para efetivar a reprodução, as participantes da pesquisa ressaltaram a dimensão da fantasia e do desejo que também caracteriza a sexualidade. Essa compreensão é resultado do contato frequente com distintas fantasias apresentadas pela clientela, bem como do reconhecimento de seus próprios desejos e dos aspectos que lhe conferem satisfação na atividade. Reconhecer as demandas e fantasias da clientela constitui-se como tarefa complexa, tendo em vista que o cliente, comumente, fala e aparenta uma coisa no salão, mas quando está a sós no quarto com a prostituta revela-se diferente do que aparentava. Fabíola assegura: “É quem vê cara não vê coração, chega aqueles caras finos que trabalham em empresa e tudo o mais, de gravata, paga pra você ir pro quarto com ele e chega lá vira o cusão pra você comer” (XV-14). E Flávia complementa: “Tem uns que chega no salão e fala ‘Eu vou penetrar, vou te penetrar’, chega lá o homem não aguenta nem... Chega lá o pintinho é desse tamanho” (XV-16). Já Fátima ressalta que existem diferenças nas demandas de clientes que buscam programa na rua – ao longo da Avenida Getúlio Vargas – e aqueles que frequentam as casas noturnas.

O problema daqui, é que a maioria dos homens que vem aqui, que vê a mulher ai na rua, eles na verdade vem atrás de homem! Porque se eles quisessem mulher, eles iam vim para boate! Então se eles já tão ai na rua, eles tão atrás de homem. Já aconteceu do cara chegar e: “Oi tudo bem? Tudo bom! Mas o que que cê é? Cê é homem ou é mulher?”. Não. Eu sou mulher! “Ah! Então tá bom” (risos). E daí saia fora! Ou seja, a maioria dos homens que vem ai, vem atrás de homem... Ou senão, a gente sai com eles... Que nem, tem um que eu conheci aí, que eu sempre converso com ele, é um cara até bem sucedido. Ele pega a mulherada, leva pro motel e a mulherada come ele! É... se arreganha, calça o sapato da gente, veste a roupa... é o cara é assim! (VII-10)

As experiências vivenciadas na noite favorecem o questionamento por parte das prostitutas de convenções de gênero, não só porque permite que elas vivenciem de formas distintas as relações de gênero, mas também porque possibilita uma nova percepção dos atributos de gênero. Nesse sentido, no exercício do trabalho sexual, prostitutas têm a possibilidade de reconsiderar alguns atributos imputados aos homens como definidores de masculinidade (insensível, garanhão, ser que penetra, mas não é penetrado na relação sexual, etc). Esse questionamento é processual e pode ser doloroso, notadamente, para quem ingressou há pouco tempo na prática da prostituição. Fátima comenta que quando começou a exercer trabalho sexual sentiu-se suja após

satisfazer a fantasia de um cliente que almejava ser penetrado com diferentes objetos, mas depois foi se acostumando a se deparar com diversas demandas apresentadas pelos clientes. Ela narra:

Todo mundo já conhecia ele, já sabia das maluquices dele... Bom, a mulherada que trabalhava na noite, né? Já sabia das maluquices dele, do que ele gostava, mas ele pagava muito bem! Mas nossa, tinha que ter paciência... Eu falava pra mim mesma “Nunca mais!” Naquele dia eu tomava banho, eu tomava banho e parecia que eu continuava suja, podre, imunda... de lembrar do que aconteceu, porque eu não me conformava sabe? Como uma pessoa consegue, né? Mas isso eu já vi muito sim... que nem, esses dias atrás eu tava lá em Minas, ai veio um menino lindo, lindo, novinho, sentou do meu lado, ai eu comecei a conversar com ele, ai ele falou assim: “Põe seu pé aqui, tira o sapato!” Eu tirei o sapato e ele mexia no meu pé, mexia, mexia... Ele era novinho, lindo mesmo... e ele mexia, mexia no meu pé! Ai ele falou assim: “Quanto que você cobra pra deixar eu chupar o seu pé?” (VII-12)

Os depoimentos das mulheres entrevistadas nos remetem à compreensão de que tornar-se prostituta é uma aprendizagem gradativa que se dá nas relações travadas com pessoas que interagem em contextos prostitucionais. As relações tecidas nesses contextos que apresentam regras próprias de organização permitem à mulher recém ingressa na prostituição que vá pegando o ritmo, de modo a tornar-se prostituta à medida que vai apreendendo e incorporando valores e ações compartilhados por aqueles que estão inseridos nessa prática social (fazer sexo por dinheiro e não por amor, possuir múltiplos parceiros, não fixar residência, não destinar sua vida prioritariamente aos cuidados da casa e dos filhos, fruir a noite, etc) valores que geralmente se contrapõem aos ditames socialmente atribuídos ao gênero feminino.

Essa contraposição ao que é imposto às mulheres, bem como a ousadia que impulsiona o movimento de lançar-se em busca do porvir podem se converter em riscos e ganhos para as mulheres que exercem trabalho sexual. Pelo lado dos riscos, ao questionar convenções de gênero e ao adotar modos de ser/estar/agir no mundo incompatíveis aos atributos naturalizantes comumente associados à chamada ‘mulher honesta’, a prostituta passa a representar uma ameaça à moral vigente e, sendo assim torna-se alvo de violência, preconceito e discriminação. Pelo lado dos ganhos, ao desvencilhar-se da obrigatoriedade em acatar normas socialmente atribuídas às mulheres (castidade, dependência financeira, discrição, pudor, comedimento), a

prostituta amplia as oportunidades de vivenciar novas experiências, tais como frequentar bares e espaços boêmios, gozar a vida noturna, conhecer diferentes homens, fazer sexo desvinculado do amor e da procriação, ser sedutora, ser percebida como experiente nas práticas sexuais, gozar de independência financeira, dentre outras.

O caráter processual de soltar a puta que há dentro de si e a dimensão de riscos e ganhos inerentes ao colocar-se à disposição são apreendidos no relato de Gislaine que, concomitantemente, ressalta a alegria e prazer que sentiu ao encontrar-se viajando, conhecendo novas pessoas, vivenciando relacionamento afetivo e, por outro lado, se questionando e sentindo vergonha diante do reconhecimento do tornar-se puta.

Nossa foi a melhor viagem da minha vida, juro pra vocês! A gente sentou... Ai a gente sentou nas poltronas e atrás tinha dois rapazes da mesma idade que a gente, ai no meio do caminho já mudou, um veio pra frente, eu fui pra trás, ai já ficou dois casais... nisso a gente já veio namorando e eu pensando: “Ai meu deus que vergonha, como uma pessoa pode ser puta? Que horror!” (XI-10)

As asserções das participantes da pesquisa desvelam que na noite, por meio da disponibilidade, prostitutas vão apreendendo regras e normas que regulam o trabalho sexual e relações estabelecidas nos contextos prostitucionais, bem como aprendem a soltar a puta que há dentro de si. Essas aprendizagens se dão nas experiências vividas, elas são relacionais e se consolidam com o tempo sendo marcadas por desconfiança e confiança, trazendo a tona o medo e a ousadia que se entrelaçam nos modos de ser/estar/atuar no mundo de mulheres que exercem prostituição.

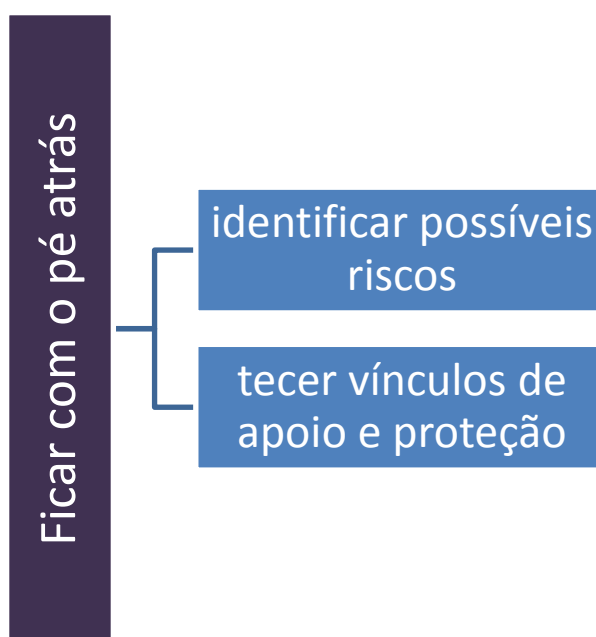
4.3 – Ficar com o pé atrás

Essa categoria articula as asserções das mulheres participantes da pesquisa referentes à postura denominada por elas como “ficar com o pé atrás”. Na noite, as prostitutas apresentem disponibilidade para vivenciar distintas experiências, mas essa disposição bem como as relações que se estabelecem nos contextos de prestação de serviços sexuais, comumente, são marcadas por certa precaução e desconfiança. Desconfiar é lançar mão da dúvida, é questionar-se, consiste numa postura em que prostitutas fazem uso da intuição e da imaginação visando a apreender as intenções das

pessoas com quem se relacionam (sejam clientes, parcerias afetivas, pesquisadoras, dentre outras) de modo a conjecturar possíveis consequências das interações estabelecidas.

A categoria “*ficar com o pé atrás*” (figura II) foi elaborada com intuito de desvelar que, na noite, as prostitutas se encontram numa constante busca por equilíbrio entre o medo que resulta da percepção de riscos relativos ao exercício do trabalho sexual e a ousadia em vivenciar novas experiências. Nessa busca, as prostitutas caminham com um pé atrás, ou seja, movimentam-se com prudência ao: (a) identificar possíveis riscos em seu entorno; e (b) tecer vínculos de apoio e proteção. Cabe ressaltar, que o ato de desconfiar não anula a capacidade por parte das prostitutas de confiarem e criarem vínculos de solidariedade com pessoas em contextos de exercício do trabalho sexual.

Figura II – Ficar com o pé atrás



A desconfiança se alimenta da percepção de que o exercício do trabalho sexual é marcado por diferentes situações que podem ser significadas como riscos, por exemplo, a possibilidade de sofrer algum tipo de violência (física ou simbólica), de contrair alguma infecção sexualmente transmissível ou HIV/Aids, de sofrer reprovação moral e ser julgada por filhos, outros familiares e parcerias afetivas, dentre outras. Tais

situações exigem da prostituta atenção redobrada ao relacionar-se com pessoas, na noite, com intenção de cuidar de si e garantir sua segurança. Fátima alerta:

Porque ali em Santos, Cubatão, São Vicente, Bertioga, a Aids corre solta ali! E os homens, se você não prestar atenção, eles tiram a camisinha, eles estouram a camisinha, eles querem transar sem camisinha de tudo quanto é jeito, tem homem que quer pagar mais caro. (VII-7)

Flávia ratifica a compreensão de Fátima e diz que é preciso estar atenta ao comportamento dos clientes, pois muitos almejam fazer sexo sem usar preservativo e oferecem maior quantia em dinheiro no intuito de persuadir a prostituta a não se proteger durante a relação sexual.

Porque nós se preocupa, né? Por mais que a gente é limpa, mas vai saber com quem mais ele foi sem preservativo na zona ou em qualquer lugar, nunca se sabe. Nem pagando mais, a minha saúde em primeiro lugar, o dinheiro vem claro, mas não preciso... não é pra tanto também, isso até num namoro, né? Já é meio complicado. (XV-38)

As prostitutas não costumam ceder ao anseio desse tipo de cliente, pois para elas a insistência em querer fazer programa sem o uso do preservativo leva a conjecturar sobre o estado de saúde do cliente. O depoimento de Flávia demonstra que ela fica com o pé atrás durante a negociação com a clientela, uma vez que não é possível prever com quem o cliente esteve antes de ir à busca do programa e se usou ou não preservativo. Flávia declara: “Mas tem muitos que procuram, querem sexo sem preservativo. Eu não tenho paciência, eu fico estressada e falo: Ah bem, se você quer fazer sem preservativo quer dizer que já fez com uma pá (XV-36)”.

Desconfiar das intenções do cliente, redobrar a atenção durante a execução do programa e fazer uso do tato, são saberes compartilhados pelas mulheres que exercem trabalho sexual visando a identificar se o cliente se mantém com o preservativo durante o programa. A esse respeito Fátima comenta:

É os caixaras... tudo com uns pauzão mesmo... ai eles já falam: “Fica de quatro”, só que já tinham me avisado, quando eu cheguei lá, que o homem que falar fica de quatro, ele vai forçar e vai estourar a camisinha. Ah! Mas é fatal! Você tem que fazer já pondo a mão assim

sentindo a camisinha, porque eles puxam, estouram, eles tiram a camisinha... Já aconteceu de eu tá fazendo programa com o cara e na hora que eu vou ver “tá muito estranho isso” e na hora que eu fui ver, o cara tinha tirado a camisinha. (VII-19)

Na leitura que fazem do comportamento do cliente, “ficar com o pé atrás” é uma estratégia para tentar apreender as reais intenções dos clientes que nem sempre são explicitadas verbalmente, mas que podem ser apreendidas nos detalhes pela postura que o cliente adota no salão ou durante negociação do programa. Ser demasiadamente gentil na relação com as prostitutas ou, ainda, não solicitar desconto no valor a ser pago por um programa podem ser atitudes que levem a uma desconfiança por parte das prostitutas. Fátima comenta a respeito de um cliente que a deixou com o pé atrás:

“Quanto que você cobra pra ir lá no Broa?” Ah cobro tanto! “Você tem uma amiga pra levar?” Tenho. “Quanto que ela cobra?” Ah! Não sei. Quanto que você vai cobrar? Vou cobrar tanto! “Então vamos!” Ué! Foi tão fácil assim... o cara não vai chorar, não vai pedir um desconto, não vai falar nada?! Tipo, já fiquei com o pé atrás. (VII-22)

Mesmo desconfiada, Fátima aceitou fazer o programa em companhia de uma colega de ocupação, chegando ao Broa⁴⁸, descobriu que o carro onde havia se deslocado junto com os clientes estava cheio de armas. Os clientes não queriam manter relação sexual, mas sim a companhia de mulheres para passarem despercebidos em algum possível bloqueio policial na estrada.

Tava muito fácil, se a pessoa for muito lorde pode ter certeza que alguma coisa tem... Ou é pra droga... a princípio eu até desconfiei que tivesse alguma droga. Só que se fosse droga ele ia falar: “Fica sossegada a gente tem, a gente vai levar”, ele perguntou o quê que a gente usava, o quê a gente queria, ai ele falou eu vou mandar entregar lá. Bom ai eu falei, droga não é... também, né? Que pensamento. Mas ai era armamento pesado, tava lotado. (VII-25)

Gastar muito dinheiro na boate pagando doses para todas as mulheres no salão ou oferecendo presentes a uma prostituta também pode levá-las a conjeturar sobre as intenções do cliente. Gil declara: “Tem homem que é meio louco, quando ele começa a

⁴⁸ Região da Represa do Lobo localizada no município de Itirapina/SP.

comprar as coisas sem você pedir, assim, quer dizer o quê: ‘Ah, vou fazer e talvez vou ganhar’(XI-34)”. Para Gil, nesse caso, a mulher deve atentar para as intenções do cliente, pois ele poderá cobrar uma retribuição futuramente. Fátima destaca que quando o cliente chega no salão gastando muito dinheiro, a prostituta já desconfia que ele é traficante:

Uma, porque todo homem, eu acho, tem esse sonho, assim, de um dia poder chegar na boate gastar e beber e pagar, sabe?! E o homem só tem oportunidade fazendo isso. Porque hoje em dia trabalhando, ele não vai chegar lá e “desce ai essa garrafa”, sabe? Até pelo apego ao dinheiro, “oh, trabalhei o mês inteiro pra chegar numa noite e torrar tudo”, então, acho que só traficante mesmo é quem gasta horrores em boate, quando começa a gastar muito a mulher já sabe, olha ai tem, a mulher já sabe. (VII-26)

A desconfiança não permeia somente as relações com a clientela, posto que também possa ser verificada nos relacionamentos com suas parcerias afetivas. Como anuncia Fátima:

Eu tenho namorado e eu tenho relação com ele sem camisinha, até achei que ele tivesse sei lá... me passado alguma doença, alguma coisa assim, mas ai eu fui no médico e ele me falou que eu tava com alergia do gel da camisinha. Mas eu sei que eu devia me prevenir mais ainda com ele, porque ele também... ele é pior que eu... um dia ele tá aqui, outro dia ele tá lá... vai saber com quem ele anda?! (VII-8)

Embora não seja possível prever se sua parceria afetiva se relaciona sexualmente com outras pessoas e se o faz de forma segura ou não, as prostitutas nem sempre usam preservativo com quem namoram. Fernanda declara: “Ai eu não uso com o meu namorado não” (XV-39)! E Fátima afirma:

É! Então, às vezes quando eu tô brigada com ele, se eu tô encanada com alguma coisa, ai eu ponho a camisinha... Só que no outro dia, quando dá uma esquentada ai eu já tiro, quando esquenta, sei lá! É ruim, né? Mas tem que usar. (VII-9)

Por sua vez, Flávia comenta: “Agora com meu ex-namorado eu não usava, mas só que ficava sem preservativo era só com essa pessoa. Agora no momento eu não estou

namorando então vai tudo com preservativo (XV-40).” Mesmo não acreditando cegamente na fidelidade da parceria, na compreensão dessas mulheres a opção por não usar preservativo nas relações afetivas não parece ser significado como um risco para as participantes da pesquisa, antes significa que esse tipo de interação é regido por valores distintos daqueles que orientam a relação com a clientela de modo que a ausência de camisinha pode simbolizar a confiança no outro.

Cobrar do parceiro o uso do preservativo pode se configurar como ação considerada inadequada à mulher, posto que para algumas pessoas essa ação assuma conotações que aludem à falta de confiança no companheiro ou à promiscuidade por parte da mulher que realiza tal cobrança. Ao longo da experiência em campo, algumas prostitutas mencionaram que era mais fácil para elas negociar o uso do preservativo com o cliente do que negociar com seus companheiros afetivos. Na relação com a clientela, se o cliente se nega a usar o preservativo a prostituta pode se recusar a fazer o programa, mas nas relações afetivas que estabeleciam com maridos ou namorados antes do exercício do trabalho sexual, nem sempre conseguiam exigir o uso do preservativo com receio de serem julgadas ou mal interpretadas por seus parceiros.

Os relacionamentos com parcerias afetivas podem ser marcados pelo ciúme – desvelando certa desconfiança referente aos comportamentos adotados pelos companheiros (ou companheiras) dentro da casa noturna - o que gera uma possível redução dos ganhos financeiros, pois conforme alerta Fátima em vez de voltar sua atenção ao trabalho a prostituta passa a se preocupar com o que sua parceria afetiva está fazendo no salão:

A maioria da mulherada que tem namorado dentro da boate, que o namorado vai lá, ela para de ganhar dinheiro! O que atrapalha muito também e que hoje é o que você mais vê, é o relacionamento de mulher com mulher na boate. E a maioria das meninas perde dinheiro porque ai rola ciueira, né? Elas brigam entre elas. (VII-14)

A desconfiança e ciúmes não se apresentam somente nos relacionamentos entre prostitutas e seus namorados, mas também nos relacionamentos homossexuais entre mulheres que exercem prostituição. Nesse caso a prostituta fica atenta à interação de sua parceira com as demais mulheres que prestam serviços sexuais na casa noturna. Vivenciar relacionamentos homossexuais é uma experiência frequentemente relatada pelas prostitutas que prestam serviços sexuais em casas noturnas e consiste no

estabelecimento de vínculos afetivos e sexuais que decorrem da convivência nesses estabelecimentos e do cuidado e atenção que uma mulher destina a outra. Vivenciar relacionamentos com outras mulheres também se configura como maneira de dar novo sentido à vida afetiva, pois para algumas mulheres a leitura das experiências vivenciadas com a clientela (no exercício do trabalho sexual) e com namorados ou marido (antes do ingresso nesta ocupação) alimenta a desconfiança e desilusão em relação aos homens, levando essas mulheres a questionarem as promessas e intenções verbalizadas e praticadas por homens nos relacionamentos afetivos e sexuais. O depoimento de Fernanda ilustra essa descrença nos homens:

É se for para sair dessa vida por causa de amor, namorar, casar, não, porque homem é tudo lixo, bem, fala que gosta de você, ama, mas acontece que você vira as costas e tá te traindo ali na outra esquina. É ilusão, homem é ilusão! (XV-10)

Fádia e Fernanda apontaram experiências que corroboraram essa descrença em relação aos homens. Ainda muito jovens ficaram grávidas e tiveram que criar seus filhos sem o auxílio do pai da criança. Fádia ficou grávida, na adolescência, e seu namorado não assumiu a paternidade da criança. Fernanda também ficou grávida e seu companheiro não lhe auxiliava a obter renda para custear as despesas da criança, por isso ela se separou e passou a exercer trabalho sexual. Essa experiência levou Fernanda a questionar a intenção dos homens que se aproximam dela e resultou na aprendizagem de que ela precisa de um homem que a ajude financeiramente e não apenas de um homem que “encha sua barriga” com um filho, conforme ela menciona na asserção abaixo.

O que eu aprendi e o que eu levo pra casa é que eu preciso de alguém que me ajude, se eu conheço assim um namorado que eu tinha, eu quero que ele me dá uma ajuda, pelo menos isso, agora se fosse antigamente, rã... queria ver se pedia pelo menos uma ajudinha... nenhum ajudava o outro, era só ele me sugando e me comendo e depois enchendo minha barriginha e só... coisa que eu não quero mais, eu aprendi muito com os homem, assim, na noite. (XV-56)

Nas experiências vividas, as prostitutas constroem distinções entre sexo e amor, e compreendem que é possível gostar de uma pessoa e manter relação sexual com outras. Essa experiência desvela que, embora o parceiro declare seu amor e prometa

fidelidade, ele poderá se comportar de maneira distinta da enunciada. É comum ouvirem os clientes afirmarem que amam suas esposas, mas que procuram uma garota de programa porque se sentem enfadados por fazer sexo sempre com a mesma pessoa. Aludindo a esse tipo de cliente, Fernanda aponta:

Tem uns que falam que têm mulher, mas muitas vezes a mulher chega brava em casa e vira as costas pra eles, ai não quer... é aonde eles procuram mulher de boate. A maioria fala isso, né?! Se a gente pergunta assim: “você não ama sua mulher?” eles falam: “Amo, mas a gente enjoa, né?!” (XV-18)

Comparar os comportamentos dos parceiros aos adotados pelos clientes pode potencializar a desconfiança e a postura de ficar com o pé atrás nos relacionamentos afetivos-sexuais com os homens, como podemos depreender do depoimento de Fernanda ao confrontar a facilidade com que homens gastam dinheiro na boate e a dificuldade em fazer o mesmo nas relações com a namorada. Ela diz:

E tem muito desses menininho novinho, né? Que tem namorada, o que que eles não gastam com elas, eles gastam aqui. Pra você ver, menininho de vinte e dois, vinte e três anos, parece que não gasta, bem, mas vem aqui e gasta horrores, paga dose, paga programa, programa de cento e cinquenta reais e eles pagam. Por isso que eu não me vejo namorando, nossa, eu namorando e o cara me deixa dormindo e vai lá pagar pra outra. São muitas coisas que eles não dá lá e vem dá aqui. (XV-19)

As experiências vivenciadas na noite aliadas à leitura que vão fazendo dos comportamentos dos homens impulsionam prostitutas a desconfiarem das intenções anunciadas por eles, de forma a inibir o estabelecimento de vínculos afetivos com homens. Nesse sentido, Flávia afirma:

Agora é meio difícil ter confiança, viu, a confiança do lado sentimental é bem complicada, hein?! Eu acho assim se eu for sair da noite por causa de um homem, vai ser pela grana dele, por amor jamais, de jeito nenhum, ah não... ai não vai, é uma coisa que não vai, é uma coisa que já... já descreditou. (XV-57)

Como resposta a essa ausência de “confiança do lado sentimental”, algumas prostitutas passam a estabelecer com homens relacionamentos em que se priorizam

aspectos financeiros e não afetivos. Como destaca Flávia: “Casamento é um carro na garagem e o nome da casa dele no nosso nome, ai sim nós amamos ele (XV-11).” Essa atitude é uma forma de dar novo sentido às relações com os homens e de questionar o mito do amor romântico.

A postura de relacionar-se com determinada pessoa com intenção primordial de obter ganhos financeiros costuma ser denominada pelas participantes da pesquisa como “golpe”. A possibilidade de levar um golpe potencializa a desconfiança que permeia relacionamentos estabelecidos entre homens e mulheres na noite, gerando a necessidade de procurar captar as intenções de quem se aproxima. Duvidar é o que permite apreender as intenções não verbalizadas e capacita a ler os gestos do outro com intuito de prever se o envolvimento em certo relacionamento pode ou não culminar em golpe. Glória contou que já se casou mais de uma vez com a perspectiva de angariar recursos financeiros e conseguiu obter uma casa após separação em um desses casamentos. O ato de dar um golpe nem sempre é bem visto pelas mulheres que exercem prostituição, algumas desaprovam essa atitude e dizem que para tecer um relacionamento é preciso ter algum vínculo afetivo. Gislaïne alerta que a prostituta pode sofrer o golpe.

E o pior é que eu vou falar pra vocês que eu já vi esse filme. Porque essas meninas que casam por golpe, golpe, no final acabam gostando do fila da puta, né? Acabam pegando o pior, o mais pobre, o mais desgraçado... É isso mesmo, o mais pobre que muitas vezes já vem porque quer dar o golpe. (XI-31)

Ficar com o pé atrás e buscar apreender as intenções das pessoas com quem interage, na noite, configura-se também como uma forma de se proteger, já que permite à prostituta identificar a aproximação de possíveis gigolôs (homens que almejam seduzir prostitutas com objetivo de serem sustentados parcial ou integralmente pela renda adquirida pela parceira no exercício da prostituição). Procurando apreender a intenção de homens que sabem e consentem que suas companheiras prestem serviços sexuais, Gil considera que esses homens dependem financeiramente da renda obtida pela mulher.

Eu acho que esses maridos são os que dependem da mulher, né?! Porque para aceitar... Então eu acho que ele também deve depender do dinheiro dela. Porque eu acho que convém a ele, entendeu? Deixar ela ir pra noite. Porque eu acho que se uma pessoa gosta, realmente, ela não aceita isso. É vamos supor, se você arruma um marido, você gostaria que ele fosse na zona de novo? (XI-28)

Embora distintas interações estabelecidas nas casas noturnas sejam marcadas pela precaução, a ação de ficar com o pé atrás e conjeturar sobre as intenções de quem se aproxima não anula o desenvolvimento de vínculos afetivos por parte de prostitutas como namoro ou casamento. Os motivos que animam essas relações são distintos e não se reduzem a obtenção ou não de ganhos financeiros. Nos namoros, geralmente, criam-se vínculos de confiança e cumplicidade. Flávia destaca que os namorados das prostitutas geralmente sabem que elas exercem trabalho sexual, de acordo com sua percepção “estar namorando” permanece sendo uma ação bem parecida com a que estabelecia com os homens antes de se casar, a diferença é que após ingresso nessa ocupação o namorado sabe que ela teve diversos parceiros sexuais antes de chegar até ele. Flávia declara:

Só que normalmente o namorado que a gente arruma sempre sabe a nossa vida, mas é normal, é como na minha época em que eu não tava na zona, que eu não era casada ainda, quando eu namorava, é normal, não vejo nada diferente. A única coisa assim, que tem um pouco de diferença, é que ele sabe que toda vez que quando eu volto pra casa ele sabe que eu dei pra um monte de homem (risos), antes de chegar até ele. (XV-41)

Essa percepção favorece a adoção de uma nova postura no relacionamento afetivo, uma vez que após ingressar na prática da prostituição a mulher pode colocar-se tão experiente quanto o homem na relação o que gera maior autoconfiança. Essa postura não é adotada somente na relação com os clientes, mas também nas interações com parcerias afetivas. Perceber-se tão experiente quanto o parceiro e não depender dele financeiramente são aspectos que corroboram a autonomia dessas mulheres, nesse sentido, passam a desconfiar de propostas de clientes que almejam “salvá-las”, tirar-lhes “dessa vida”, isto é, que estabelecem um relacionamento com a prostituta e depois sugerem que ela pare de exercer essa prática e prometem custear suas despesas. Fernanda diz que não acredita nesse tipo de discurso, pois o homem pode até cumprir sua promessa, mas depois vai julgá-la por ter sido prostituta:

É mas a maioria que sabe também fica falando: “Ah, vai sair, eu te ajudo, eu gosto de você”, mas não adianta você sair porque aquele cara vai te ajudar, ele não pode saber, porque depois ele fica jogando na sua cara, qualquer briguinha ele vai jogar na sua cara, ai já é na hora que a gente gruda na garganta que nem uma galinha (risos). Ainda mais eu que tenho filho, tenho que educar eu e meu filho e eu

não vou ficar amando, amar só não enche barriga, então tenho que arrumar alguém que me ajude, que ajude eu e meu filho, vou deixar meu filho passar fome e vou ficar amando? É meu filho e minha mãe em primeiro lugar. (XV-58)

A precaução também permeia as relações com pessoas que se aproximam das casas noturnas e das mulheres que exercem trabalho sexual, o que consiste em estratégia para se proteger do preconceito e violência com que muitas pessoas se voltam à prática social da prostituição. Fabinho comentou que as casas noturnas costumam ter cachorros que latem quando pessoas estranhas se aproximam do local. “Fabinho gosta muito de cachorros, ele cuida deles, dá banho, alimenta. O proprietário permitiu que os cachorros vivessem lá, pois eles têm a função de alertar quando algum estranho entra na casa” (XVII-3).

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, também me deparei com a desconfiança das pessoas que convivem em casas noturnas (prostitutas, funcionárias, gerente de casa noturna, travestis), o que pode ser percebido na análise das asserções que apontam desconforto, receio e falta de confiança para conversar comigo e falar sobre sua vida e experiências. Em alguns casos, essa desconfiança não foi verbalizada, mas a convivência no campo de pesquisa possibilitou perceber gestos e posturas que foram sendo interpretadas por mim como manifestações de desconfiança, por exemplo, a asserção abaixo demonstra como Francisca revelava por meio de sua corporeidade que estava com o pé atrás.

Percebi que ela apresentava certo desconforto diante de nossa presença, não sei bem se por timidez ou se receio por não nos conhecer; esse desconforto se fazia perceptível por meio das risadas e das respostas evasivas que Francisca nos dava. Nesse caso, achei melhor dizer a ela que voltaríamos na próxima semana. (III- 1)

A aproximação a essa prática requer flexibilidade e respeito aos tempos apresentados pelas pessoas que dela participam, pois desconfiar visando a apreender a intenção de quem se aproxima é uma aprendizagem que se consolida nas experiências vividas na noite. No processo de pesquisar, a precaução também esteve presente em diferentes momentos, por exemplo, quando as mulheres me perguntavam sobre divulgação de seus nomes e o da casa noturna.

Elas consentiram, mas apontaram preocupação com relação à divulgação de seus nomes. Contamos que não revelamos os nomes das pessoas com quem conversamos e que adotamos nomes fictícios. Uma delas perguntou sobre o nome da casa, também falamos que não revelamos o nome da boate e que empregamos números para fazer referência a cada casa. (X-2)

A desconfiança com relação à forma de divulgação dos dados obtidos e a manutenção do sigilo quanto a identidade das participantes se fez presente nos momentos em que as mulheres optaram por assinar termo de consentimento esclarecido com pseudônimo e quando não consentiram que o áudio de nossa conversa fosse gravado. Na maioria dos encontros as mulheres apresentavam disponibilidade para conversar sobre a vida na noite, mas não consentiram gravação do áudio. Nos casos em que consentiram, não o fizeram sem antes se certificarem de que o áudio não seria veiculado publicamente.

Elas consentiram que eu gravasse o áudio de nossa conversa, mas não sem antes questionar qual seria o uso que eu faria das vozes registradas e se elas seriam veiculadas em algum meio de divulgação. Eu falei que os relatos seriam utilizados estritamente para fins da investigação proposta e que as vozes delas não seriam veiculadas publicamente em nenhum momento da pesquisa. (XV-4)

Cabe ressaltar que as relações estabelecidas no exercício do trabalho sexual não são permeadas somente por desconfiança, há também vínculos de apoio e solidariedade que se tecem por meio da confiança. Esses vínculos vão sendo construídos com o tempo, por meio da proximidade, disponibilidade e persistência, cuja função é colaborar, acolher ou proteger o outro. O acolhimento e colaboração são perceptíveis nas situações descritas por Flávia e Fernanda sobre como as prostitutas aprendem e ensinam as habilidades necessárias para exercício do trabalho sexual. As mulheres mais experientes repassam às iniciantes conselhos e ensinamentos que receberam ao ingressarem na prática da prostituição. Fernanda que ressaltou ter aprendido por meio das orientações de uma colega de trabalho, atualmente, orienta Flávia a como relacionar-se com os clientes desenvolvendo uma postura mais ativa. Flávia descreve que está pegando o ritmo e aprendendo a exercer trabalho sexual por meio de conversas e da convivência com Fernanda.

É. Daí acaba, vamos supor tá eu e ela (*referindo-se à Fernanda*), nós duas senta junto na mesa do cliente, daí eu vou vendo, vou conseguindo pegar o ritmo da conversa, vou vendo o jeito que ela tá se comportando pra mim, sabe, ter um pouquinho mais de ideia. Daí foi indo, foi acontecendo, quando eu fui, eu começava a observar tudo, naquela época eu ainda tava ruim, não conseguia conversar com ninguém. Daí teve uma semana que ficou nós duas, daí nós começou a ter diálogo, começamos a conversar, daí começamos a sentar na mesa dos clientes junto, aí foi aí que eu fui mais pegando o jeito mais de trabalhar, daí tanto que daquela época nós ficou um tempo separada, né? E quando a gente voltou a trabalhar juntas, daí eu já tava bem mais ativa, e agora, mais ativa ainda. (XV-44)

A busca por proteção pode ser percebida no relato de Fádía que disse sentir-se protegida junto aos manos, pessoas que são consideradas por ela como irmãos. “Ela falou que prefere usar drogas junto com os manos, ou seja, pessoas que ela considera como irmãos, pois conforme seu relato são pessoas em quem ela confia, pois a protegem quando necessário” (II-4).

A confiança também se faz presente na criação de vínculos de apoio e proteção, como os traçados entre prostitutas e alguns clientes que se tornam amigos. Pois como ressalta Gil, o cliente nem sempre busca sexo e poder tornar-se amigo da prostituta. “Mas aqui você arruma amigos também porque tem pessoas que vem aqui e não fazem programa, só pagam pra beber” (XI-19). Fernanda também confirma a existência de laços de confiança e amizade entre prostitutas e clientes:

Esse mesmo, na hora em que nós precisasse ligar para ele, podia tá não sei aonde, e ele vinha. Ele é dono da Transfort de Taquaritinga. Ele buscava nós e levava, agora que não tá dando mais pra ele salvar a gente, pois tá com muitos problemas. Tem cliente que vira amigo, na hora que precisa: “oh, me leva em tal lugar?”, ele leva, “compra isso pra mim e traz aqui que eu tô precisando”, ele traz. (XV-48)

Já Fátima desvela o vínculo criado com um taxista que é conhecido na cidade por atender aos chamados das prostitutas ao longo da madrugada. Ela se refere à situação mencionada anteriormente, em que aceitara fazer um programa no Broa com uma colega de ocupação e chegando ao local tomou conhecimento de que o veículo em que se locomovera estava carregado de armas. Ela ficou tão assustada que quis sair do local no mesmo momento, os clientes percebendo sua aflição a dispensaram do programa, mas devido ao horário seria impossível voltar para casa noturna, pois não havia mais transporte coletivo. Nesse caso ela teve de ligar para o taxista.

Ai eu liguei pro Nico e pedi pra ele ir me buscar. Ele falou: “Onde você tá?” Tô aqui no Broa. “Nossa! O quê que você tá fazendo aí?” (risos). Em vez de ele ir te buscar, ele que saber o que você tá fazendo lá, porque foi parar lá, o quê que tinha lá... Nico, pelo amor de Deus vem me buscar! Ai eu comecei a chorar no telefone e ele veio, veio rapidinho, sabe?! (VII-24)

Com relação a minha presença em campo enquanto pesquisadora, da mesma forma que a desconfiança esteve presente em algumas interações, outras foram marcadas pela confiança, por exemplo, na disposição das mulheres em compartilhar comigo suas experiências e visões de mundo, nas atitudes de Fabinho que propunha a me apresentar às mulheres da casa: “Fabinho disse às mulheres que elas podiam confiar em mim, pois eu frequentava a casa constantemente com o consentimento do proprietário. Elas se dispuseram a conversar comigo” (XV-2), bem como nos momentos em que ele se dispunha a intermediar o contato entre mim e as travestis.

Fabinho voltou e sentou-se conosco. Ele disse que conversou com Laura e que ela consentiu que conversássemos com as travestis na próxima semana, na quinta ou na sexta. Fabinho nos passou o número de seu celular e pediu para ligarmos na quarta-feira para confirmar se será melhor irmos à quinta ou sexta-feira. Agradei o favor e anotamos o telefone de Fabinho. (IV-2)

As asserções das participantes de pesquisa desvelam que as relações estabelecidas na noite são marcadas por precaução – confiança/desconfiança – concretizada por meio do uso da intuição e imaginação com intuito de identificar as intenções das pessoas que se aproximam, de questionar o que está além da aparência e de apreender o invisível. A apreensão dessas intenções geralmente se faz pela leitura da corporeidade, pela interpretação de gestos, posturas e comportamentos adotados por quem se aproxima das pessoas que convivem em contextos prostitucionais. No entanto, a postura de ficar com o pé atrás não anula os vínculos de amizade e confiança que também são tecidos nesses contextos visando, sobretudo, a garantir auxílio, colaboração, acolhimento e proteção. Apesar da percepção do estigma que geralmente leva ao ocultamento da atividade exercida e inibe a assunção da identidade de prostituta, esses vínculos de confiança descortinam que nessa prática há também um sentimento de pertencimento a um grupo social que compreende a união – manifestações de acolhimento, amizade e proteção - como forma de enfrentamento das adversidades.

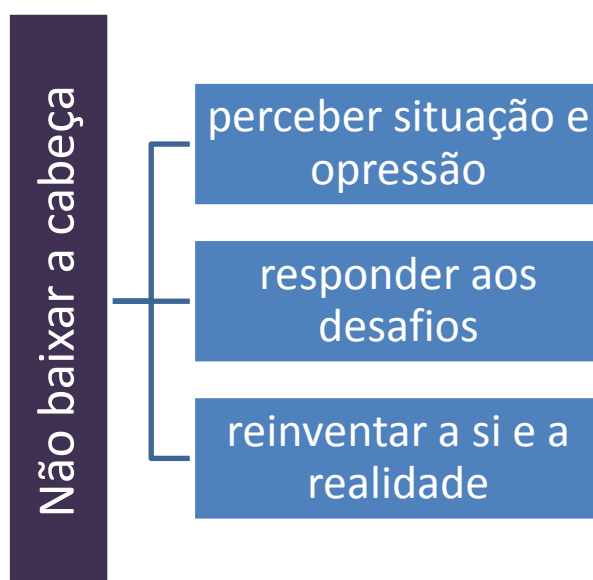
4.4 – Não baixar a cabeça

Nesta categoria, articulei as asserções que aludem à percepção do preconceito e opressão voltados às pessoas que exercem prostituição e suas estratégias, discursos, posturas e modos de resistir aos mecanismos de opressão e controle com que se deparam no exercício do trabalho sexual. Tais asserções apontam para a postura que as participantes da pesquisa denominam como “não baixar a cabeça”, isto é, na noite a prostituta por meio da disponibilidade vivencia diversas experiências, por meio da desconfiança apreende os riscos presentes em seu entorno e por meio da resistência responde e significa aquilo que experimenta.

Não baixar a cabeça é uma forma de resistência, isto é, consiste na resposta dada por essas mulheres no sentido de denunciar e superar os fatores opressivos que condicionam sua existência. A resistência é precedida pelo reconhecimento dos mecanismos de opressão que condicionam o ser menos dificultando sua busca por ser mais. As participantes da pesquisa denunciaram diferentes experiências vividas marcadas pela exclusão, reprovação moral e preconceito e apontaram como reagem frente a tais experiências.

Na categoria *não baixar a cabeça* (Figura 3), discorro sobre como as participantes da pesquisa: a) percebem a situação e formas de opressão vividas; b) respondem aos desafios percebidos; c) reinventam a si e a realidade. As asserções apontam que as prostitutas não apenas identificam e denunciam manifestações de violência, controle e preconceito que recaem sobre elas, mas também criam estratégias para enfrentá-las, para refutar os estereótipos veiculados sobre a prostituta e às forças que visam a controlar seus corpos e a negar-lhes a condição de sujeito. Esse processo de resistência, certamente, é marcado por contradições e, sendo assim, em algumas asserções as participantes da pesquisa também reproduzem alguns estereótipos acerca da prostituta. Tais asserções são identificadas como divergências dentro desta categoria.

Figura 3 – Não baixar a cabeça



Para algumas mulheres, o ingresso na prática da prostituição pode gerar exclusão do convívio com alguns familiares (pai, mãe, irmãos, filhos), isso aconteceu com Fiona e Fádía que foram expulsas de sua casa quando seus familiares tomaram conhecimento de que elas exerciam prostituição. Fiona disse: “que seu irmão passou a criticá-la, após relacionar-se com uma companheira que não aceitava a atividade que Fiona exercia e motivado pela influência de sua companheira, ele acabou expulsando Fiona de casa” (I-2). Por sua vez, Fádía ressaltou a convivência de seus pais que aceitavam que ela prestasse chamados “favores” sexuais, quando se encontravam com dificuldades financeiras, mas após superar tais dificuldades expulsaram-na de casa quando descobriram que ela passou a trabalhar em uma boate:

Ela falou que realiza serviços sexuais desde os 10 anos de idade, os chamados “favores” em troca de alguma retribuição de ordem financeira. Ela nos contou que, na ocasião, sua família residia na periferia da zona leste da cidade de São Paulo e consentia que ela prestasse tais “favores” porque atravessava um período marcado por dificuldades financeiras. No entanto, ao gozar de melhores condições socioeconômicas, Fádía afirma que seus pais a expulsaram de casa alegando não aceitá-la por ser prostituta. (II-1)

O ingresso na prática da prostituição também pode acarretar outro tipo de exclusão que consiste na dificuldade para acessar serviços (como os de saúde ou educação) em decorrência do estigma social que a prostituta vivencia. Fádía comenta que tem vontade em dar continuidade aos estudos, mas a burocracia dificulta seu retorno, uma vez que precisaria solicitar transferência na escola onde estudou e precisaria apresentar um comprovante de residência para efetivar sua matrícula.

Ela parou de estudar na oitava série e pretende voltar a estudar em São Carlos, mas tem dificuldade de pegar a transferência na escola onde estudou em São Paulo e disse que as escolas exigem comprovante de residência no momento da matrícula, documento que as mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas nem sempre conseguem apresentar, pois costumam residir nas próprias boates onde trabalham. (II-5)

Depois de ter sido expulsa de casa pelos pais, Fádía foi tecendo vínculos de apoio e amizade, passando a se relacionar com os manos, pessoas que ela considera como irmãos e que lhe conferem proteção quando necessário. “Fádía disse que é usuária de drogas ilícitas como cocaína e que, durante sua adolescência teve envolvimento com pessoas ligadas ao tráfico, segundo ela, correu muitos riscos nesse período e depois passou a dedicar-se ao exercício da prostituição” (II-2). Para Fádía o ingresso nessa atividade foi significado como estratégia para sair de um ambiente marcado pelo consumo abusivo de drogas. O mesmo ocorre com Fabíola que estava “desandada nas pedras”, ou seja, estava consumindo crack com muita frequência, para ela passar a exercer trabalho sexual foi uma maneira de sair do contexto que favorecia esse consumo. Fabíola diz: “Eu conheci uma menina e como eu tava um pouco desandada, sabe, aí ela pegou e me chamou pra ir pra boate, aí eu fui e gostei” (XV-12).

Tanto Fabíola como Fádía prestavam serviços sexuais na casa 06, boate da cidade que não costuma tolerar o consumo de drogas ilícitas, conforme relatam mulheres que trabalham no local. De acordo com Fádía, isso a impulsiona a reduzir o consumo de cocaína, uma vez que só faz uso fora da casa. As experiências dessas mulheres se contrapõem a representação social na qual os contextos de exercício de prostituição são percebidos como submundo onde não há responsabilidade e autocontrole, onde as pessoas estão entregues aos vícios, diante dos quais não conseguem esboçar reação. Para Fádía e Fabíola, voltar atenção e empenhar-se no

exercício de uma ocupação, nesse caso o trabalho sexual, contribuiu para minimizar o consumo de drogas.

Para outras mulheres o ingresso na prática da prostituição configura-se como estratégia empregada visando a sair de ambientes marcados por conflitos familiares, tal como aponta Fátima que descreve situação de opressão e controle do pai sobre sua corporeidade.

Meu pai era uma pessoa muito brava, muito brava!!! Eu nunca me dei com ele, a gente nunca se entendeu... Era briga, mas briga feia mesmo. Sabe?! Ele batia, eu tinha uma raiva dele, mas uma raiva dele... ele me batia... eu queria morrer. A gente não podia arrumar namorado, não podia ficar lendo, não podia fazer nada. Sabe?! Não podia se divertir, era da escola para casa... (VII-3)

Motivada pelo desejo de se emancipar do controle exercido pelo pai, Fátima passou a exercer trabalho sexual. Ela disse que nunca se deu bem com o pai, mas isso não a privou do contato familiar, já que ela mantém contato frequente com mãe e irmã e esteve ao lado de pai, quando este veio a falecer, auxiliando-o a custear as despesas com atendimento médico e serviços hospitalares. Fátima declara que não sente vergonha da ocupação exercida, mas não a revela para seus familiares, porque considera que os mesmos a reprovariam, por esse motivo ela também afirma que não gostaria de ter reconhecida em carteira de trabalho a ocupação exercida. Ela diz: “eu não pretendo assim assinar a minha carteira como, sei lá como é que é garota do sexo? Profissional do sexo ou garota de programa, ah não, eu não assinaria a minha carteira! Acho que mais por isso, a minha família não sabe o que eu faço, eu não ia conseguir... trabalho como profissional do sexo” (VII-27d). A fala de Fátima reflete as discussões que foram divulgadas na mídia acerca da regulamentação da prática da prostituição no Brasil, após inclusão do descritor “profissional do sexo” na Classificação Brasileira de Ocupação e proposição do projeto de lei de Fernando Gabeira (*Consultar anexo II*). O projeto dispõe sobre exigibilidade do pagamento por serviços sexuais prestados, mas a estratégia utilizada pelos opositores do projeto foi deslocar a discussão do “pagar ou não pelo serviço sexual obtido” para “assinar ou não a carteira de trabalho como prostituta”, aspecto este que não está disposto no referido projeto de lei e sobre o qual não há um consenso por parte das pessoas que se ocupam dessa atividade.

A percepção do preconceito também pode ser depreendida nos depoimentos em que as mulheres denunciam a visão pejorativa reproduzida socialmente sobre a prostituta. Como destaca Fátima: “Um cara me falou uma vez que era diabete... Ele acha que a mulher da zona é burra! É... a maioria acha que porque é mulher da zona é burra! (VII-20).” Todavia, por serem amplamente divulgadas essas visões pejorativas favorecem a cristalização de estereótipos e mitos acerca das mulheres que exercem trabalho sexual e, explicitando a contradição que marca o ser humano no movimento de sua existência, também são assimilados e reproduzidos pelas participantes da pesquisa. Uma imagem comumente retratada sobre a prostituta é a de “mulher de vida fácil”, as participantes da pesquisa não compreendem sua atividade como fácil e ressaltam sua complexidade ao mencionar regras de organização do trabalho sexual e normas a serem apreendidas acerca de como se relacionar com os clientes, gerentes, funcionários e demais prostitutas nas casas noturnas. Mesmo assim, por vezes, as mulheres usam expressões que trazem uma conotação de que a atividade exercida seja fácil, como podemos observar no depoimento de Fernanda. Ela diz que trabalhar na noite é fácil, mas depois pondera sua afirmação e a relativiza, destacando que o trabalho sexual – tal como as diversas ocupações - possui uma parte fácil e outra difícil. Ela diz:

É mais ou menos, não é fácil não, mas numas parte é fácil e numas parte é difícil. A noite é um objetivo na nossa vida, é uma escolha... a gente teve várias escolha, mas a gente quis escolher essa... Porque o que a gente ganha aqui, a gente tinha que trabalhar trinta dias no mês pra tirar o que aqui a gente ganha em uma semana. (XV-59)

O depoimento de Fernanda ilustra a coexistência de distintos fatores (a noite é um objetivo, é uma escolha, é uma possibilidade de obter recursos financeiros) que combinados proporcionam grau de satisfação na atividade. Como bem destaca Fernanda no exercício do trabalho sexual é possível obter em apenas uma semana o ordenado mensal que, geralmente, é obtido por boa parcela dos trabalhadores. Flávia concorda com Fernanda e diz:

Eu tenho três serviços só na minha carteira, eu trabalhei num spa, aqui no Rei Frango e numa empresa de higienização e só... depois eu tô aqui, mas eu preciso registrar minha carteira de novo, mas e a coragem? Ah não, ganhar oitocentos, mil e pouco no mês não dá! (XV-60)

O trabalho sexual permite angariar recursos bem maiores do que os obtidos em ocupações exercidas anteriormente por essas mulheres, conseqüentemente, amplia o padrão de consumo a que estavam acostumadas anteriormente. Obter dinheiro rapidamente a fim de satisfazer esse padrão de consumo pode converter-se em atividade prazerosa para as prostitutas, assim como é para boa parcela de trabalhadores (em outras profissões ou ocupações) que amplia sua jornada de trabalho e se envolve em cursos de formação e aperfeiçoamento visando a conquistar uma renda maior. Nesse sentido, Fátima considera:

Acho difícil a mulher que conheceu a vida uma vez sair e nunca mais voltar ou ... sei lá, eu acho que sempre acontece. Tem uma amiga minha, no Rio de Janeiro, que ela é formada em Direito, ela trabalha num escritório super bem conhecido lá no Rio de Janeiro e de final de semana ela vai pra boate fazer ponto, ganha super bem e por final de semana ela tira o quê? uns novecentos, mil reais só de final de semana e de semana ela trabalha... então, a pessoa está acostumada com uma vida, com um padrão de vida que só ela trabalhando ali sério, ela não vai conseguir.. e num final de semana ela tira mil reais, ou seja, por fora são quatro mil reais fora a renda dela. Né? Então a pessoa acaba voltando. (VII-5)

O depoimento de Fátima demonstra que não são apenas mulheres pobres e submetidas a condições de extrema miséria que se ocupam dessa atividade, pois sua amiga possui formação em nível superior, exerce advocacia e também presta serviços sexuais com intenção de complementar sua renda e garantir seu padrão de consumo. Essa fala favorece o questionamento do mito que tende a retratar a prostituta como “coitadinha” ou “pobrezinha” que só presta serviços sexuais para sanar sua fome e a de seus filhos. Essa percepção também habita o imaginário de pessoas que vivem em contextos prostitucionais, como pode ser observada no relato de Fabinho que legitima o ingresso na prostituição quando considera que a mulher precisa.

Ele ficou um pouco apreensivo, mas logo em seguida disse que aprendeu muita coisa. Contou que existe muito tipo de mulher na noite, umas que não aprendem nada e vão para zona para “ficar dando uma de gostosa”, nada está bom para esse tipo de mulher e que pode fazer qualquer coisa que elas estarão colocando defeito. Mas falou que também tem muita mulher boa, humilde e que exerce esse trabalho porque precisa. Perguntei se ele achava que a prostituição era um trabalho como outro, ele disse que não, falou que é trabalho, mas a vida é muito dura. (IX-2d)

Nessa compreensão a prostituição é uma prática a ser exercida por pessoas pobres que precisam se ocupar dessa atividade para angariar sua subsistência, mas que passa a ser questionada se a pessoa que a realiza “fica dando uma de gostosa” e sente satisfação no exercício da atividade. As asserções das mulheres participantes da pesquisa se contrapõem a essa compreensão, na medida em que trazem à tona, além dos aspectos financeiros, distintas motivações ligadas ao campo afetivo-sexual que favorecem permanência nessa ocupação e proporcionam satisfação na atividade, tal como sentir-se desejada pelo cliente o que resulta na valorização da autoestima, a possibilidade de sentir atração pelo cliente, curtir a balada, aproveitar a noite em companhia das amigas, a possibilidade de viajar e conhecer diferentes pessoas e lugares, dentre outras.

Fátima assegura que no exercício do trabalho sexual “você conhece muita gente, muito lugar... e sem tá na noite, só se a pessoa for milionária mesmo. Porque eu passei por cada lugar que, nossa, eu nunca imaginava conhecer (VII-6).” Fabíola ressalta que na noite ela: “goza bastante (risos), conhece vários homens, vários gatinhos (XV-13).” E Gislaine declara que com certos tipos de homem só é possível se relacionar na zona, o que gera prazer e satisfação na atividade.

Tá vendo, é isso que me atrai em um homem, voltando a esse assunto de zona, porque fora da zona é mais difícil você encontrar esse tipo de homem. Meu tipo de homem é assim, homem que gosta de mulher vagabunda. O tipo de homem que fala: “Você quer curtir? Vamos curtir à noite inteira! Você quer pinto? Toma pinto! Você quer dinheiro? Toma dinheiro!” E joga o dinheiro na sua cara. (XI-41)

Então, fora da zona não tem esse tipo de homem, fora da zona é diferente, os homens já são mais zuar por zuar e tal, mas você não tem esse prazer, entendeu? Por exemplo, a mulher que é vadia mesmo, que é biscatona mesmo, ela não tem esse prazer que ela tem aqui dentro. De: “É isso que você quer? Então toma! Pá. Você gosta vagabunda! Eu sei que você gosta!” É legal! (XI-42)

Descortinar aspectos prazerosos que também caracterizam a prostituição se configura como estratégia que faz frente a abordagens que insistem em retratar essa prática apenas como forma de exploração. As asserções das participantes da pesquisa desvelam que essa atividade, assim como as demais ocupações e trabalhos desenvolvidos na sociedade capitalista, caracteriza-se por aspectos de opressão e exploração, mas estes não anulam a possibilidade do sujeito resistir à opressão sofrida e

reinventar sua prática permitindo fruir a noite em companhia de colegas de trabalho, gostar da vida, sentir prazer e rir daqueles que se julgam superiores. Flávia declara que as mulheres se juntam no salão e costumam rir dos clientes que chegam com ares de superioridade na casa noturna, brincam entre si atribuindo alcunhas a eles e tentam adivinhar sua motivação para ir a uma boate com tanta arrogância.

É mais na zuera, na hora ali, sabe? Tem cliente que entra com o nariz empinado, parece que nem olha pra mulher do lado, sabe? Nós fala entre nós: “olha lá, veio aqui dá o cusão!” (risos de todas). Tem uns que já entra com o nariz lá em cima e nem olha pros lado. Ali no salão, os lugares pra sentar o cantinho é assim na lateral e tem as mesas, então as meninas sentam tudo na lateral e o cliente entra no meio com o nariz desse tamanho e não olha nem pro lado, tá vendo as meninas e nem, então foi fazer o quê lá, dá o cusão só pode ser. (XV-50)

As participantes da pesquisa também refutam imagens que as retratam como pessoa suja, sem higiene e doente, tendo em vista que a mesma seja disseminada com intenção de menosprezar e excluir a prostituta. Embora essa imagem seja rechaçada por essas mulheres, ao afirmarem que no exercício do trabalho sexual elas aprendem cuidar de si, da sua saúde e higiene, em alguns momentos essa percepção depreciativa aparece em seu discurso. Como pode ser depreendido no relato de Fernanda:

Eu também falo, não que nós é suja, mas se vocês come uma mulher de zona, que cês vai comer ai na rua? Não que nós é, mas os comentários, assim né? Mulher de zona não sei que tem, os homem já tem que ter cuidado, não que nós é suja, né? Mas aí eu já falo: “Se você come mulher na zona sem camisinha, imagine na rua o quê que cê come!” (XV-37d)

Fátima também declara que considerava a prostituta uma mulher suja e que sentia nojo delas. Depois de um tempo trabalhando na noite é que conseguiu se aproximar de outras prostitutas, foi tecendo vínculos de amizade e conseguiu superar o preconceito que nutria em relação a essas mulheres.

É nojenta... Eu achava que elas eram nojentas! Era isso, eu me afastava muito... depois de muitos anos trabalhando na noite que eu comecei a me enturmar, fazer amizade. Eu tenho ótimas amizades aqui em São Carlos. Eu tenho duas amigonas, aqui em São Carlos, mas eu não sei... eu tinha nojo, achava que elas eram nojentas. (VII-1)

As relações face-a-face, as interações sociais e os vínculos de amizade favorecem um sentimento comunitário, ao compartilhar suas histórias, sonhos e dificuldades, as prostitutas vão tecendo um laço de pertencimento que, frequentemente, é verbalizado por elas pela expressão “aqui na casa ninguém é melhor que ninguém, estamos todas no mesmo barco”, ou seja, compreendem que fazem parte de uma totalidade mais ampla. Por meio das interações com outras mulheres com quem convivem em contextos prostitucionais, as participantes da pesquisa vão questionando preconceitos e manifestações de violência o que gera novas formas de olhar para essa prática social e de nela se posicionar. Sobre isso, Fátima descreve:

Ah! É outra visão, eu não sei se você pensa assim... Como que é a vida da mulher que trabalha na noite? Como deve ser a higiene dela? Se ela tem roupa limpa? Se ela toma banho frequentemente? Como que é?... Se ela usa camisinha? Se ela tem algum corrimento? Tipo isso, né? Ai eu fui vendo, fui conhecendo e vi que não é por esse lado... Que tem muita mulher que trabalha na noite que ela é mais limpa que muita mulher que fica na rua... ela se cuida, né? Ela se cuida, faz exame preventivo, sempre está conversando com o ginecologista. E tem mulher na rua que não... que acha um absurdo fazer um exame... Ai eu fui vendo que não é bem por ai, que a mulher que trabalha na noite se cuida mesmo! Lógico que depende da mulher, pois tem mulher que trabalha na noite para sustentar o vício, né? Para usar droga, já essas ai ... já não se cuidam, mas quem tem família, quem tem de sustentar família, tem todo cuidado e higiene com o corpo. (VII-2)

Fátima modificou a forma como percebia as prostitutas a partir das interações que foi estabelecendo com essas mulheres, passando a percebê-las como agente de sua própria prevenção e não mais como “vetores de doenças” - imagem depreciativa, ainda, difundida acerca das prostitutas. Ratificando a compreensão de que por meio das experiências vivenciadas na noite a prostituta ressignifica a si e sua prática, Fátima destaca que cultivar uma postura preventiva configura-se como aprendizagem resultante do ingresso no trabalho sexual, já que antes de exercer essa ocupação ela raramente usava preservativo nos relacionamentos sexuais.

Aprendi a me prevenir mesmo. E quando, antes de eu entrar na noite, eu não me prevenia tanto não! Não me prevenia tanto não, porque foram raros assim que eu tive relacionamento de camisinha, quando eu não trabalhava na noite. Mas depois que eu comecei a trabalhar na noite, é só camisinha. (VII-17)

Destarte, Fátima favorece o questionamento do mito que tende a retratar “o mundo da prostituição” como exterioridade oposta e descolada da totalidade em que vivemos, esse mundo à parte é percebido como demasiadamente perigoso e nele supostamente a prostituta apresentar maior risco de contrair infecções sexualmente transmissíveis e HIV/Aids se comparada às mulheres que não prestam serviços sexuais. Todavia, a experiência de Fátima descortina que não é a prática da prostituição em si que predispõe ao risco, mas sim a postura que o sujeito adota em determinados ambientes e relações. O crescente número de mulheres com HIV/Aids infectadas por seus esposos - com quem mantinham um relacionamento monogâmico – corrobora a compreensão de que não é apenas a prática social que determina a exposição das mulheres ao risco, sendo muito importante considerar os modos como elas se percebem no interior de distintas práticas de que tomam parte ao longo da vida e como esses modos interferem nas posturas e atitudes por elas adotadas.

Gislaine afirma que o ingresso na prática da prostituição favoreceu a valorização de sua autoestima, sua compreensão se contrapõe à imagem comumente retratada sobre a prostituta como pessoa que não possui amor próprio, que não gosta de si ou de sua autoimagem.

É isso que a gente tá falando, eu sai da zona, mas a zona não sai de mim! Então, tudo isso tá dentro de mim... é isso, tem dia que a gente xinga os homens, xinga tudo. E também tem aquele lado assim do ego, da autoestima. É, às vezes, a autoestima da mulher ela quer se sentir desejada, sabe? Já teve vezes de eu ver mulher falando pro cara: “Eu não quero ir pra cama com você”, e o cara ficar indo atrás dela “Eu quero você”, aí você se sente assim, nossa, mesmo o cara tendo que me pagar para eu ficar com ele, ele quer. (XI-20)

Gislaine afirma que presta serviços sexuais porque gosta dessa ocupação e responde diretamente aos clientes que parecem psicólogos ou investigador da polícia e

costumam bombardear as prostitutas com perguntas visando a compreender por que elas estão “nessa vida”.

E tem uns que vem também que parece que ou é psicólogo ou é investigador, pois já chegam: “Quantos anos você tem? De onde você é? Você tem filho? É casada? Ai meu bem, mas por quê que você tá aqui na zona?”, aí eu já falo: “Eu tô porque eu gosto, gosto mesmo!” (XI-23)

Esse tipo de pergunta é interpretado por algumas mulheres como uma manifestação de preconceito, já que ao formulá-la o cliente deixa transparecer sua compreensão de que a prostituta não deveria estar naquela prática, decerto deveria estar casada tomando conta dos afazeres do lar, do filho e do marido. Glória comenta a respeito dos clientes que fazem esse questionamento.

Ai por que você tá nessa vida? Por que você não sai dessa vida? Eu falo: “Eu não. Vou sair dessa vida pra quê? Pra trabalhar na casa dos outros de empregada?” Eu quando eu casei, eu não aguntei, eu tive que voltar pra zona. (XI-24)

Glória aponta uma contradição – estar na noite/estar casada - vivenciada pelas mulheres que exercem prostituição e destaca que quando se casou sentiu falta da zona, da balada, de estar em companhia das colegas de trabalho, bebendo e aproveitando a noite. Referindo-se à prática da prostituição, ela diz: “Ah, mas é bom demais essa vida, eu não quero casar não. Mas eu tô quase casando de novo (XI-30).” Tal como Glória, Gislaine também afirma gostar da vida na noite e aponta que a prática da prostituição não acaba porque da mesma forma que existem mulheres que se dedicam ao matrimônio e maternidade e sentem prazer em cozinhar e cuidar do marido e filhos, há também mulheres que se dedicam ao trabalho sexual e sentem prazer em estar na noite.

Não acaba, não acaba por isso, porque do mesmo jeito que tem mulher que o prazer dela é ser mulher, mãe, dona de casa e sente prazer em cozinhar pro maridinho, sempre vai existir mulher que tem sonho de casar, e sempre vai existir mulher que o sonho e o prazer é esse, é ter tudo o que ela encontra aqui dentro. Tudo. Até as brigas, as confusões atraem pra falar a verdade, até os problemas, o que você tem na zona, às vezes, quando você sai, você sente falta. (XI-43)

Gislaine também esteve casada e fala sobre seu companheiro: “Eu gostava dele, mas eu sentia falta das minhas amigas. Da balada (XI-26).” Ela discorre sobre as condições – mulher casada e mulher com vida de zoneira.

Ai eu já tinha me conformado com a minha condição de mulher casada. Eu, no início, eu achava que eu podia ter as duas coisas: a minha vida de zoneira e ter meu marido, isso é o que eu queria. Mas depois que eu fui entender que eu ia ter que escolher entre um e o outro, né? (XI-27)

Para Gislaine a permanência na prática da prostituição é uma escolha após ponderar perdas e ganhos decorrentes da vida como mulher casada e da vida na zona. Negar que a prostituta seja capaz de fazer escolhas consiste em dispositivo de controle que obscurece a percepção de que ela é capaz de conduzir a própria vida. Por isso, as prostitutas resistem à postura adotada por alguns clientes que explicitam seus preconceitos e mitos acerca da prostituição, ao formularem perguntas e argumentos com intenção de sugerir que as mulheres abandonem essa prática. Nessas formulações morais é possível perceber que os clientes, assumem uma pretensa superioridade frente à prática que consideram indigna – mas da qual também tomam parte – e se julgam aptos a indicar caminhos a serem seguidos pelas prostitutas. O depoimento de Gislaine desvela a percepção do preconceito que estão nas entrelinhas dessas formulações e aponta que para alguns clientes atributos como educação, inteligência, beleza e gentileza são incompatíveis à prostituta. Gislaine declara:

Tem uns que falam “Você é tão educada, tão bonita, tão gentil, aqui não é lugar pra você”. Eu digo: “Ai, tô esperando um homem rico, bonito, poderoso e que venha aqui me buscar de jatinho e como eu sei que isso não vai acontecer, por enquanto, eu fico aqui mesmo.” (XI-25)

Para resistir a essas formulações pejorativas, as prostitutas fazem uso de humor e ironia nas respostas dadas aos clientes, por vezes, afirmam que estão esperando um homem rico e bonito, ou perguntam se eles têm um emprego que forneça a mesma renda a elas, ou ainda, dizem que gostam da vida que levam, algumas também respondem que estão naquela vida porque existem clientes que as vão procurar. Fátima se contrapõe a imagem pejorativa que tende a retratar a prostituta como pessoa burra e sem educação, ela comenta que possui uma amiga que é prostituta, cujas filhas receberam uma ótima

educação, descortinando que além de ser educada, a mulher que exerce prostituição é capaz de educar bem a seus filhos.

As duas filhas são maravilhosas, supereducadas, uma já tá fazendo faculdade, a outra é meio descabeçada, sabe? Mas elas têm uma educação, nossa é difícil de encontrar. Eu tenho na minha casa, minha mãe nunca foi prostituta, mas eu não tive a educação que as filhas dela têm. O jeito que elas conversam com a gente, como elas tratam a gente, supereducadas. (VII-28)

No constante movimento de assimilar, identificar e refutar os diferentes estereótipos veiculados acerca da prostituta e da prostituição, as participantes da pesquisa vão aprendendo por meio das interações estabelecidas no interior dessa prática, a criar formas de resistência à opressão a que estão submetidas, assim significam e recriam cotidianamente o trabalho sexual. Fernanda comenta que no início sentia dificuldade, mas com o tempo foi assumindo uma postura mais ativa nas negociações com os clientes, se posicionando de forma a não aguentar humilhações por parte do cliente.

Aí a gente tem que falar, calma, não é bem assim não... A coisa mais difícil foi quando eu comecei e eu não sabia muito, aí os homens já falavam um monte e eu ficava quieta. Mas hoje, os homens que vêm aqui e nós que humilha eles, eles ficam quietinho, porque a gente não aguenta mais humilhação não, quer ir quer ir, não quer ir não quer, a gente fala que não tá passando fome não. (XV-25)

As experiências vivenciadas na noite ensinam as prostitutas a “não baixar a cabeça”, a enfrentar as adversidades e a desenvolver uma postura ativa nas relações, tornando-se capazes de explicitar suas vontades, desejos e limites ao interagir com a clientela ou com outras mulheres nas casas noturnas. Fernanda diz que sua mãe a aconselha a adotar a postura de não baixar a cabeça, pois na vida é preciso saber se impor a fim de minimizar opressões.

Igual minha mãe fala: “não pode baixar”, minha mãe sabe o que eu faço, só que eu não gosto de levar uma com ninguém, minha mãe fala: “não pode baixar, se você baixar a cabeça aí elas pisa. Porque do mesmo jeito que elas é mulher e que elas têm uma racha, você também tem, não pode correr, se for pra enfrentar pra apanhar, cê apanha, se for pra bater, cê bate também, mas não baixa a cabeça”. Porque tem umas mais assim que é de anos na casa e gosta de folgar, aí você tem que pagar mais de louca do que elas, senão elas monta em cima de você... em zona é assim! (XV-29)

Na noite também é possível dar asas à imaginação, ou seja, permitir que as coisas sejam vividas, sentidas e interpretadas de maneiras distintas. Drogas como a maconha e álcool, percebidas como males sociais a serem combatidos, ganham outra significação, descortinam-se o prazer, a diversão e o alívio do stress que também caracterizam o uso dessas substâncias psicoativas. Gislaine diz que a “maconha é remédio para acalmar o stress” (XI-40). Fernanda comenta sobre o consumo de álcool: “Ah, é bom. É menos chato e é pra aguentar também senão não tem jeito não. E ganha também nas dose, né? E também tem as máquina, já começa a dançar e a gente se diverte” (XV-55).

As casas noturnas se configuram como espaços em que tanto a prostituta como o cliente podem vivenciar de formas distintas as relações de gênero. Nas relações com a prostituta, o cliente pode expor suas fantasias sem o receio de ser julgado; a experiência adquirida pela prostituta ao longo do exercício de sua prática possibilita que o cliente se sinta mais à vontade e que suspenda seus preconceitos (ao menos entre quatro paredes) e solicite à prostituta aquilo que não consegue solicitar a sua namorada ou esposa, por exemplo, práticas sexuais em que almeja ser penetrado. Fernanda afirma:

Então os homens enganam muito, a gente se engana muito com os homens, né? Quem vê pensa, nossa olha que homem chique, chega na hora, nossa, o homem vai dar o cu... Na zona que eles se revelam mesmo quem que eles é! Eles pode ficar mais à vontade e mostrar realmente quem que eles é. (XV-17)

Entre uma dose no salão e o programa no interior do quarto, essas mulheres se movimentam na noite e experimentam novas formas de vivenciar sua sexualidade, de ser mulher e de atuar no mundo. Entram em contato direto não só com os desejos, mas também com os medos que os homens nutrem acerca das distintas maneiras de vivenciar a sexualidade, elas fazem leitura dos corpos da clientela e apreendem os motivos pelos quais os homens ocultam seus desejos, notadamente, quando tais desejos se contrapõem ao que é imposto pela heteronormatividade. Fernanda destaca:

Eles falam: “Eu venho aqui porque vocês são mais experiente, mais safada na cama!” A maioria tem vergonha, né? De virar pra namorada e falar o que quer. (XV-20)

As prostitutas são mais experientes não apenas porque conhecem distintas práticas sociais, mas por viverem de forma ousada no mundo aprendendo a se contrapor aos ditames sociais que visam a controlar o que as pessoas podem ou não fazer, assim, elas permitem que os clientes se sintam mais à vontade para experimentar o novo. A prostituta auxilia o cliente a desenvolver disponibilidade para fazer a leitura da realidade e para permitir que algo (do lido/percebido) lhe aconteça. Por meio de seus saberes de experiência, as prostitutas incentivam a clientela a deixar de lado a obrigação de ser machão e o medo de entregar-se pela ventura de perceber-se com o outro na busca por prazer e por atribuir sentido à vida. Elas sabem que tal busca é permeada por confiança e desconfiança, medo e ousadia, opressão e emancipação e que, por isso mesmo, deve ser trilhada com coragem, permanentemente, “sem baixar a cabeça”.

V - CONSIDERAÇÕES ACERCA DO FENÔMENO INVESTIGADO

Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas
– nunca o ato de entrega se fará.
Tenho que dar o mergulho de uma só vez,
mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão.
E quem sou eu para ousar pensar?
Devo é entregar-me. Como se faz?
Sei porém que só andando é que se sabe andar
e – milagre – se anda.
(CLARICE LISPECTOR, 1993)

Nesse capítulo, teço considerações acerca do fenômeno investigado e comento as dificuldades e aprendizagens vividas ao longo da trajetória de investigação. Primeiramente, apresento a interpretação do fenômeno investigado que foi elaborada por meio do diálogo e convivência com as mulheres participantes da pesquisa. A seguir, discorro sobre a viabilidade do referencial teórico-metodológico adotado no sentido de compreender o educar-se na noite e, por fim, teço considerações sobre como o tema educação se faz presente na prática da prostituição, comento os entraves ao acesso à educação por pessoas que exercem prostituição e discorro sobre como os saberes da noite podem contribuir com a prática educativa escolar.

5.1 – A interpretação do fenômeno

Com olhar voltado a apreender como mulheres se educam na prática da prostituição e tendo o diálogo e o convívio como fios condutores do fazer pesquisa, foi possível perceber as prostitutas como sujeitos engajados numa práxis de transformação da realidade que se encontram em movimento na busca por ser mais. Refutando a posição de vítimas essas mulheres criam e vivenciam novas formas de ser e estar no mundo e reinventam, assim, a história. Práxis de transformação é compreendida como o agir e pensar do ser no mundo que não percebe a realidade como estática e que por isso se movimenta no sentido de transformá-la, forjando novas formas de ser e estar no mundo. Sendo assim, só pode ser concretizada por pessoas que não adotam uma postura fatalista frente à realidade.

A práxis de transformação é fruto de uma *consciência ético-crítica*⁴⁹ que permite ao sujeito o engajamento na busca por sua libertação, isto é, pela transformação e superação da opressão que visa a negar sua existência. A tomada de *consciência ético-crítica* inicia-se com a percepção de “opressão- exclusão” por parte da exterioridade que, ao tomar conhecimento da negação de sua existência passa a se engajar na “afirmação do seu próprio ser valioso; a partir dessa afirmação começa uma luta de libertação”. Essa afirmação é resultado de um processo dialético em que as relações “dominador-dominado” e “sistema-exclusão” configuram-se como “o horizonte de compreensão” (DUSSEL, 2007, p. 421).

Nesse sentido, ressalto que embora o processo de libertação seja iniciado com a percepção da opressão e exclusão vividas, enquanto busca permanente ele requer o engajamento por parte dos sujeitos demandando novas respostas e ações frente aos desafios percebidos. Como exemplo, cito a organização de prostitutas no Brasil que entendo como um movimento em busca de libertação dessas mulheres, o qual foi iniciado com a percepção e denúncia da violência policial sofrida na década de 1980, e que teve continuidade com a participação dessas mulheres como agentes multiplicadoras de combate ao HIV/Aids e outras infecções no decorrer da década de 1990 e que, atualmente, tem se engajado na busca pelo reconhecimento do trabalho sexual como profissão e como direito sexual.

As reivindicações coletivas que são elaboradas por prostitutas que se organizam em associações são delineadas e estruturadas nas experiências vivenciadas por essas mulheres no exercício de sua ocupação. Por meio dos saberes de experiência, as prostitutas vão tomando conhecimento da opressão que recai sobre as mulheres, notadamente, sobre aquelas que exercem prostituição. Percebendo os mecanismos de opressão que visam a excluí-las da totalidade (confinamento de zonas de prostituição em lugares afastados da cidade, xingamentos e estereótipos, violência física e simbólica, depreciação da mulher que possui múltiplos parceiros sexuais, etc), as prostitutas passam a afirmar seu valor, sua humanidade, contrapondo-se aos dispositivos que tentam relegá-las à invisibilidade e a negar sua existência. Nesse processo de afirmação,

⁴⁹ Termo empregado para aludir ao movimento de passagem da esfera de apreensão espontânea e mitificada da realidade para uma apreensão problematizadora, na qual a realidade passa a ser vista como objeto cognoscível e passível de transformação e não mais como algo dado (FREIRE, 1970; DUSSEL, 2007).

tanto denunciam estruturas desumanizantes e opressoras como anunciam novas possibilidades de ser/estar no mundo. Certamente, como processo dialético, o afirmar-se é marcado por contradições, conflitos, idas e vindas, mas sempre impulsionado pelo desejo de ir além. E como bem aponta Merleau-Ponty (2006, p. 611), só posso ir além se me entranho “no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço.”

Partindo dessa compreensão e com intenção de explicitar aos meus interlocutores como se delineou a interpretação do fenômeno investigado que apreendeu o educar-se na noite enquanto práxis de transformação da realidade, considero necessário discorrer sobre o mundo-vida das prostitutas participantes da pesquisa, isto é, apresentar suas formas de perceber o mundo, a si mesmas e os mecanismos de opressão, bem como seus modos de responder ao que lhes desafiam. Procuo, dessa forma, mostrar como as prostitutas se entranham no mundo e como elaboram o seu fazer.

Para as participantes da pesquisa o mundo não é algo estático, mas horizonte de diversas possibilidades. O próprio ingresso na prática da prostituição é entendido por elas como uma dessas possibilidades que no decorrer de sua existência se apresentou como alternativa viável para atingir seus distintos objetivos (fazer o pé-de-meia, custear despesas dos filhos, sair de ambiente marcado por opressão familiar ou consumo de droga, vingar-se de marido infiel, conhecer homens “descolados”, viajar e conhecer pessoas, dentre outros). Ser/estar prostituta é sempre uma resposta frente a uma realidade vivida anteriormente, a qual essas mulheres não quiseram se adaptar, por isso, o ingresso nessa atividade se configura como um passo dado em direção a novas possibilidades de ser e viver.

Os depoimentos cedidos pelas participantes da pesquisa confirmam a coexistência de múltiplos fatores que condicionaram, mas não determinaram o ingresso e permanência em contextos prostitucionais. Na convivência com prostitutas que exercem trabalho sexual em São Carlos, conheci mulheres que afirmavam terem optado por prestar serviços sexuais, bem como mulheres que consideravam terem sido impelidas a ingressar na prostituição, todas elas mencionavam que exerciam voluntariamente essa atividade. Não procurei levantar dados com intenção de comprovar que o ingresso na prostituição é resultado de uma escolha ou de uma possível falta de opção, pois em qualquer ocupação – e não apenas no trabalho sexual –

as escolhas são realizadas sob influência de diversos condicionantes sociais, o que implica em ganhos e perdas.

Algumas mulheres com quem conversei ao longo da convivência em campo destacam como aspecto positivo de seu ingresso no trabalho sexual a obtenção de renda necessária à conquista da autonomia financeira que permite libertar-se do jugo masculino, não precisando mais pedir permissão a um homem – seja pai, namorado ou marido – para fazer o que tem vontade. A leitura que elas fazem da realidade parte de sua exterioridade como mulheres e como membros de classes populares. E dessa perspectiva, destacam o preconceito e estigma que recai sobre a prostituta como aspecto negativo dessa ocupação, na medida em que os mesmos se configuram como entraves para o acesso a direitos (se deparam com dificuldades para acessar sistemas de saúde, pra fazer matrícula em instituições de ensino, para encaminhar denúncia sobre violência e condições de trabalho desfavoráveis, são impelidas a viver longe dos filhos e familiares a fim de preservá-los do preconceito, etc).

As experiências conformadas na prática da prostituição permitem que as prostitutas questionem imposições quanto às formas de vivenciar a sexualidade, tal como a heteronormatividade, pois na noite essas mulheres tomam conhecimento de diferentes formas de estabelecer relacionamentos afetivo-sexuais. A prostituta se depara frequentemente com distintas práticas sexuais e fantasias apresentadas pela clientela o que permite rever a primazia de valores que são tidos como aceitáveis (sexo com amor, sexo para reprodução, relações heterossexuais) na busca pela obtenção do prazer, em detrimento dos valores que são refutados socialmente (sexo por dinheiro, relações homossexuais). Esse contato com diversas práticas sexuais e fantasias não impede que algumas prostitutas nutram certos preconceitos com relação às maneiras de vivenciar a sexualidade, o que pode ser depreendido nas asserções de algumas participantes da pesquisa que depreciaram comportamentos de clientes que possuem o desejo de ser penetrados durante o programa. Todavia, cabe ressaltar que esse tipo de depreciação não significa necessariamente uma reprovação às práticas homoeróticas, antes consiste numa forma de questionar/relativizar o papel do homem nas práticas sexuais que tende a ser percebido como o ser ativo enquanto a mulher é vista como o ser passivo.

Na noite, as prostitutas vivenciam experiências diversas e muitas delas se contrapõem ao que é imposto às mulheres no processo de normatização da sexualidade, tais como possuir múltiplos parceiros sexuais, fazer sexo desvinculado do amor, cobrar

pelos serviços sexuais prestados, possuir vida noturna e não fixar residência. As prostitutas participantes desta pesquisa não costumam se fixar em uma única casa noturna, pois viajam frequentemente de uma cidade a outra, buscando encontrar estabelecimentos que lhes forneçam melhores condições de trabalho e maiores possibilidades de ganho financeiro. Para algumas mulheres, essa constante mobilidade pode dificultar, mas não impedir, a cristalização de rotinas com parceiros afetivos, frente a essa dificuldade e aliada a uma desilusão com relação aos homens, há prostitutas que optam por manter relacionamentos homossexuais com as mulheres colegas de trabalho. Todavia, cabe ressaltar, que essas mulheres apresentam uma identidade sexual fluida, pois mesmo aquelas que costumam se relacionar com mulheres não descartam a possibilidade de sentir prazer com homens, tal como fora observado por Bezerra (2009) que desenvolveu investigação sobre prostitutas “entendidas”⁵⁰ na cidade de Natal/RN.

Em consonância com Freire (1998, p. 152) que afirma que é na disponibilidade permanente à vida “que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim”, as prostitutas vão aprendendo e experimentando novas formas de ser mulher nas relações com os homens. As participantes da pesquisa conhecem as convenções de gênero impostas às mulheres e identificam com clareza aspectos morais que regem o que a sociedade espera que seja executado por uma mulher e o que não deve ser feito por ela, qual o espaço ela pode ou não ocupar, bem como os comportamentos considerados aceitáveis e rechaçados socialmente, enfim conhecem o estigma da puta que resulta em julgamento depreciativo, imputação de estereótipos e violência destinados a todas as mulheres que ousam não seguir aquilo que está preestabelecido conforme norma vigente. Após passar ao exercício do trabalho sexual, paulatinamente, as participantes da pesquisa foram aprendendo e experimentando outras maneiras de ser mulher e atuar no mundo, e mesmo não rompendo totalmente com normas e convenções assimiladas em experiências vivenciadas anteriormente, o ingresso na prática da prostituição configura-se como espaço/tempo em que se concretiza a aprendizagem de que é possível recriar as maneiras de ser no mundo.

A minha experiência em campo engendra a compreensão de que a prostituta – assim como todo ser humano – é um ser condicionado, mas não determinado; o que

⁵⁰ O termo alude a mulheres prostitutas que praticam sexo com homens através de uma relação de trabalho e com mulheres a partir da relação de afeto (BEZERRA, 2009).

implica em reconhecer a história como tempo de possibilidade e não de determinismo (FREIRE, 1998). As trajetórias apresentadas pelas mulheres participantes da pesquisa são marcadas por condicionamentos (econômicos, culturais, sociais) entrelaçados a sua existência, todavia, não anulam sua condição de sujeito capaz de realizar escolhas, de fazer e refazer continuamente o seu caminho e a si próprio.

Esse processo de atribuir sentido ao vivido e refazer a si e a realidade – o educar-se na noite – se concretiza por meio de disponibilidade, desconfiança e resistência mencionadas nas asserções das participantes da pesquisa e que resultaram na formulação das respectivas categorias “*soltar a puta que há dentro de si*”, “*ficar com o pé atrás*” e “*não baixar a cabeça*”. De acordo com Freire (1998, p.151), “estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam”, seja um rosto de desaprovação ou braços abertos para um acolhimento. É pela disponibilidade que a mulher vai aprendendo a ser puta e vai assimilando as regras do trabalho sexual, ao conversar com prostitutas mais experientes, ao observar o comportamento dos clientes e das prostitutas no salão, ao comparar as condições de trabalho nas diferentes casas noturnas, ao fazer a leitura dos sinais apresentados por clientes, prostitutas e proprietários de casas noturnas a fim de apreender o que é tolerado e o que é refutado nesses estabelecimentos.

A dinâmica das casas noturnas e as interações traçadas na noite corroboram a apreensão de um mundo em movimento que leva a prostituta recém-chegada na casa a desenvolver sua curiosidade, a lançar um olhar atento ao entorno e aos gestos das pessoas, por meio das conversas as prostitutas vão desenvolvendo processos de escuta. Freire (1998, p. 135), destaca que escutar “vai mais além da possibilidade auditiva de cada um” e consiste na “disponibilidade permanente” e “abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”. A disponibilidade consiste, portanto, numa abertura para vivenciar novas experiências e para ler e apreender o que lhe acontece.

A aproximação ao mundo-vida das prostitutas com intuito de compreender como elas percebem sua realidade levou-me ao entendimento de que essas mulheres não são vítimas de uma história determinista previamente traçada e diante da qual não há mais nada a fazer. Pelo contrário, a prostituta figura como sujeito de suas experiências e, conforme aponta Larrosa-Bondía (2002), o sujeito da experiência é marcado pela disponibilidade em provar e se expor durante a travessia em dado espaço e tempo, assumindo riscos que se façam presentes durante o caminhar.

Tendo em vista que a disponibilidade leva o sujeito a assumir riscos durante seu caminhar, na noite as prostitutas também aprendem por meio da desconfiança, ou seja, “ficando com um pé atrás”. Ficar com o pé atrás consiste em estratégia por meio da qual as prostitutas visam a se precaver, ao conjecturar sobre as intenções das pessoas que delas se aproximam (clientes, colegas de trabalho, pesquisadores, funcionários de casas noturnas, etc). Desconfiar é uma postura apresentada pelas prostitutas que lançam um olhar processual à realidade (capaz de apreender o mundo em movimento), desconfiar é se abrir à dúvida, é questionar as intenções e motivações das pessoas, consiste em identificar os riscos e vulnerabilidades que permeiam o exercício do trabalho sexual.

Cabe ressaltar que a vulnerabilidade e riscos em contextos prostitucionais não decorrem apenas de posturas individuais adotadas por quem exerce prostituição, mas também é fruto do estigma e preconceito disseminados socialmente contra diferentes grupos que apresentam as chamadas “sexualidades dissidentes”⁵¹ (prostitutas, homossexuais, travestis, transexuais). A imputação de estereótipos e do rótulo de desviante visa a negar a cidadania plena a essas pessoas. A negação da cidadania não se manifesta somente devido a desigualdades econômicas, uma vez que diferenças étnicas, de gênero, de orientação sexual dentre outras também favorecem a exclusão desses segmentos sociais.

Freire (1998, p. 151) alerta que a desconfiança permite se “resguardar das artimanhas da ideologia”, posto que por meio dela seja possível se defender da postura arrogante que leva a tornar-se “absolutamente certo das certezas”. Ao desconfiar e ficar com o pé atrás, as prostitutas vão desmitificando a prática sexual desvinculada do amor e a lógica que a reprime. As prostitutas passam a questionar a ideologia que propaga que sexo sem amor consiste em prática inapropriada para as mulheres e “naturalizada” para os homens, pois vivenciam em seu cotidiano a possibilidade de prestar serviços sexuais ao cliente sem, necessariamente, criar vínculos afetivos com os mesmos. Boa parte das mulheres com quem conversei ao longo da pesquisa apresentou percepção crítica acerca do preconceito que recai sobre a mulher que ousa ter múltiplos parceiros e que pratica sexo desvinculado do amor, a qual recebe o rótulo de “safada”, “galinha”, “vadia”. Algumas mulheres sentiram esse preconceito na pele, especialmente, aquelas oriundas de cidades de pequeno porte, o que por vezes favoreceu o ingresso na prostituição, pois

⁵¹ O termo sexualidades dissidentes é empregado para referenciar práticas sexuais que são alvo de estranhamento e/ou reprovação por não corresponderem às práticas tidas como aceitáveis no processo de normatização e naturalização da sexualidade (FIGARI; DÍAZ-BENITEZ, 2009).

segundo expressão frequentemente utilizada por elas “quem faz a fama, deita na cama”, isto é, ciente de que já sofriam preconceito por se relacionarem com múltiplos parceiros sexuais, elas decidem se dedicar à prostituição como estratégia de inserção socioeconômica, aliando dessa forma a atividade trabalhista com a possibilidade de sentir prazer, de se divertir, de “chapar”, de aproveitar a noite em companhia das colegas de trabalho, de viajar e conhecer diferentes pessoas.

A desconfiança não anula a capacidade de estabelecer vínculos de colaboração e solidariedade entre as prostitutas. As participantes da pesquisa mencionaram que é comum fazer amizades na noite, seja com clientes, funcionários e demais prostitutas colegas de trabalho. Tal como aponta Wong Un (2002, p. 6), “no mundo contemporâneo, as formas comunitárias são múltiplas, sutis, e mutáveis”, as quais esperam de nós um olhar capaz de “enxergar as amplas paisagens culturais que vão pintando”. O convívio das mulheres nas casas noturnas, as quais não apenas trabalham, mas por vezes também residem nesses estabelecimentos, corrobora um sentimento de pertencimento a uma comunidade e engendra a percepção de “estar no mesmo barco” impulsionando-as a navegarem juntas em busca do ser mais.

Na noite, as prostitutas também aprendem a desconfiar de pessoas que se consideram “donas da verdade” e que se julgam capazes de ditar o caminho que elas devem seguir. Elas questionam a hipocrisia e arrogância de clientes que almejam “salvá-las” da prostituição e que se dizem dispostos a ajudá-las a saírem dessa vida. Elas percebem que a prostituição é uma prática relacional que não se concretiza apenas pela oferta, mas também pela demanda de serviços sexuais, sendo assim, se elas estão “nessa vida” é porque existe a clientela que demanda tais serviços. Elas refutam a posição de vítima que precisaria de orientação ou tutela do cliente para aprender a conduzir a própria vida. As prostitutas conseguem ver que essas promessas ocultam intenções não verbalizadas pelos clientes, tais como a de julgar-se superior, depreciar o trabalho sexual ou buscar acesso exclusivo ao corpo da mulher.

Essa atitude por parte dos clientes é significada pelas prostitutas como dispositivo que visa a negar sua existência, negar sua inteligência, sua responsabilidade, sua condição de sujeito. E percebendo essa negação, as prostitutas vão criando respostas para resistir. Resistência é entendida, aqui, como reação dada pelas prostitutas com intenção de denunciar e superar os fatores opressivos que condicionam sua existência

(negação de sua ocupação como forma de trabalho, desigualdades sociais, relações assimétricas entre homens e mulheres, imposição da figura da prostituta como vítima e explorada, etc). É nesse sentido que a práxis da transformação da realidade sempre parte da percepção de uma realidade opressora e da constatação de relações desumanizantes que condicionam o ser menos, o que pode gerar o engajamento na busca pela vocação ontológica de ser mais (FREIRE, 1970).

O educar-se na noite desvela às prostitutas distintas formas de opressão. As mulheres participantes da pesquisa ressaltam o preconceito associado à prostituta como mecanismo de exclusão. Para algumas mulheres, a opção por exercer trabalho sexual culminou na ruptura do convívio familiar, ao passo que foram expulsas de seus lares quando assumiram ser prostituta. Ser puta é uma maneira de ser no mundo que é depreciada socialmente, o ingresso na prostituição é interpretado como “falta de vergonha na cara”, “falta de coragem para trabalhar”, “falta de oportunidades” ou “falta de educação, valores ou estrutura familiar”. Por isso, com intenção de minimizar esse preconceito e evitar a exclusão social, não são todas as mulheres que assumem a atividade exercida perante familiares e amigos. Por outro lado, há mulheres que consideram que é importante assumir e enfrentar aqueles que não as aceitam como são.

No jogo das idas e vindas, as prostitutas resistem a essa ideologia que as retrata pela negatividade, contudo, ao mesmo tempo em que questionam, também existem momentos em que aderem a essa negatividade, o que varia em função do interlocutor e do objetivo que se espera alcançar. Sendo assim, embora refutem essas construções, em certas ocasiões, por exemplo, com intenção de sensibilizar o cliente para obter pagamento maior, a prostituta pode se apresentar como vítima das vicissitudes da vida, como pessoa desfavorecida que não teve oportunidades na vida e que por isso teve de exercer essa atividade. Em outros momentos, diante de minha presença enquanto pesquisadora que interpelava o motivo do ingresso nessa prática, algumas prostitutas mencionaram que se ocupavam dessa atividade porque não gostavam de trabalhar ou para obter um dinheiro fácil, contrariando a perspectiva também verbalizada por elas de que prestar serviços sexuais é um trabalho tão duro quanto outro.

Essas situações se coadunam ao entendimento de Wong Un (2002, p. 110) que observa que, com a finalidade de entender as transformações no mundo social, as ciências sociais vem propondo novas miradas acerca de sujeitos e identidades, o sujeito

passa a ser compreendido como “possuidor de múltiplas identidades parciais” que faz uso das identidades e dos papéis sociais a partir de “um mercado interior de símbolos, identificações, superposições, trocas e negociações”. Isso nos leva a compreender que para enfrentar as adversidades com que se deparam, as prostitutas desenvolvem estratégias e “manhas” a fim de alcançarem seus objetivos.

Freire (1998, p.87) salienta que as resistências “são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos” que devem fornecer-lhes fundamentos para sua rebeldia frente às ofensas que visam a negar sua existência. O autor afirma que não é na resignação, mas sim na rebeldia que nos afirmamos, que se instaura a partir do reconhecimento da opressão-exclusão e que deve desdobrar-se no anúncio de outras formas de ser no mundo.

Por meio da resistência, as prostitutas vão apreendendo o mundo como possibilidade, como realidade a ser problematizada e não determinada. Nesse sentido, a própria prática da prostituição vai sendo ressignificada e reinventada pelas mulheres que dela tomam parte, a partir das leituras que elas vão tecendo de suas próprias experiências e histórias de vida.

Essas novas leituras se contrapõem às percepções estereotipadas que visam a depreciar o trabalho sexual. Assim, a prostituição deixa de ser associada ao submundo e, para quem “estava desandada”, torna-se possibilidade de ficar mais tranquila e “dar um tempo nas drogas”. Para quem era subjugada por pai ou marido e sofria controle de sua sexualidade, a prática da prostituição torna-se horizonte de novas experiências, espaço onde é possível conhecer novas pessoas e lugares, onde é possível desenvolver a autoestima e sentir-se desejada. Para quem tinha dupla jornada de trabalho, ganhando pouco e sofrendo controle do patrão, o trabalho sexual é uma ocupação que gera maior remuneração, apresenta horários mais flexíveis e permite trabalhar em local mais descontraído em que é possível se divertir. Para quem sentia nojo das prostitutas por considerá-las sujas, a convivência com essas mulheres vai gerando amizades, vínculos de cooperação e solidariedade, aos poucos é possível perceber que “as coisas não são bem assim” e a prostituta deixa de ser vista como vetor de doenças para figurar como agente de sua própria prevenção e sujeito de sua vida.

Ao reinventar a prática da prostituição, as mulheres transformam também suas formas de atuação, vão aprendendo a valorizar-se, a não baixar a cabeça, a enfrentar as

adversidades, a assumir uma postura mais ativa nos relacionamentos, a ter esperança, a dar asas à imaginação e, assim, vão recriando a realidade e novas formas de ser/estar/atuar no mundo. Os saberes de experiência consolidados na noite desvelam a prostituição como prática social que vai se construindo nas relações, em certo espaço-tempo, que se estabelecem entre pessoas de diferentes origens, gêneros, classes sociais, faixas etárias, escolaridade e grupos étnicos, cada uma delas possui interesses e objetivos específicos e por meio de suas interações desenvolvem processos educativos que se conformam segundo suas necessidades sejam elas econômicas, biológicas, afetivas, estéticas, lúdicas ou psíquicas.

5.2 – Viabilidade do referencial teórico-metodológico

Lançar mão das contribuições da fenomenologia e da educação popular foi essencial na busca por apreender as participantes da pesquisa em sua situacionalidade, isto é, por meio de suas experiências. Nesse sentido, procurei adentrar no mundo-vida dessas mulheres, a fim de captar seus temas significativos, suas expressões e leituras da realidade. A aproximação ao mundo-vida permitiu identificar diversas expressões utilizadas por essas mulheres para se referir às experiências vivenciadas na noite, as quais desvelam significações distintas para essa prática.

A prestação de serviços sexuais foi comparada a um jogo, o emprego da expressão a “boate é um jogo” alude à existência de normas que regulam o trabalho sexual, as quais são conhecidas e compartilhadas pelas mulheres que exercem essa ocupação. Todavia, esse jogo é marcado pela ausência de previsibilidade, pois cada casa noturna implementa suas normas de maneira peculiar e fornece condições de trabalho e tratamento distintos às prostitutas. Lançar um olhar para a experiência refuta compreensões essencialistas que visam a fixar uma definição estática para essa prática que se encontra permanentemente em movimento.

A suspensão, a dialogicidade e a convivência configuraram-se como fios condutores da metodologia que favoreceram o processo de interação entre mim e as participantes da pesquisa. Para desenvolvê-los me empenhei em estudo rigoroso dos aportes da fenomenologia e da educação popular, especialmente da obra de Merleau-Ponty e Paulo Freire. A postura dialógica demanda disponibilidade para pronunciar o

mundo com o outro, exige o exercício da intersubjetividade e uma escuta atenta do que as pessoas têm a dizer. Escutar o que as prostitutas tinham a dizer não implicou na anulação de minhas crenças e subjetividade, antes se configurou como busca por tentar compreender a lógica própria com que elas formulavam suas definições e significavam suas experiências, procurando apresentar também as minhas compreensões.

Por vezes, foi necessário interpelar as prostitutas com intenção de questionar o que queriam me dizer com o uso de algumas expressões, por exemplo, quando empregavam o termo “meter o louco”, o qual assume distintas conotações⁵² como viver intensamente sem temer consequências, envolver-se em confusões, retirar tudo o que for possível do cliente (dinheiro, doses, favores, presentes, etc), “chapar” e identificar-se com um estilo de vida boêmio, ou seja, a mesma expressão era empregada por elas em diferentes situações e ganhavam sentidos distintos. Também fui interpelada pelas mulheres, que me questionaram como seria feita a divulgação dos dados, se suas vozes seriam veiculadas em algum canal de comunicação, se sua identidade seria preservada.

Tendo o diálogo como fio condutor da metodologia, durante todo o fazer pesquisa procurei adotar uma postura coerente com esse princípio, por isso sempre explicitava os meus objetivos de pesquisa, me apresentava às mulheres nas casas noturnas, mencionava que estava desenvolvendo uma pesquisa, solicitava permissão para estar junto, me dispunha a conversar com elas, bem como aprendi a ouvir não e a respeitar seus tempos e silêncios.

A convivência com prostitutas desvelou que o fazer pesquisa com elas requer o desenvolvimento de paciência para que seja possível fazer a leitura de gestos e sinais apresentados pelas participantes da pesquisa por meio de sua corporeidade. Essa leitura requer proximidade dos participantes da pesquisa e exige “um gesto de interrupção” que, conforme aponta Larrosa-Bondía (2002, p. 24) consiste em “parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião” e “cultivar a atenção”. Essa postura paciente favoreceu a aprendizagem de atender aos tempos das participantes da pesquisa, conversando com quem se dispunha a falar, respeitando quem não queria ou não se sentia à vontade para conversar, a paciência me ensinou a persistir e a continuar frequentando as casas noturnas, mesmo em momentos em que as pessoas se negavam a falar comigo, por exemplo, quando houve um episódio de violência em

⁵² Outras acepções dessa expressão são apresentadas no diário de campo (registro do dia 16 de abril).

frente a uma das casas noturnas que resultou na morte de um cliente, após esse evento se seguiu um momento de extremo silêncio nesta casa. Mesmo assim, permaneci frequentando as casas procurando interagir com as mulheres e funcionários, tentando entender o silêncio e o que ele nos ensinava num contexto como esse. Silenciar diante de cenas de violência consiste em mais uma “manha” das prostitutas para se preservar e garantir sua sobrevivência.

As contribuições da educação popular e da fenomenologia embasaram o desenvolvimento de processos de escuta que favoreceram a apreensão do mundo-vida das prostitutas. Para compreender as percepções apresentadas pelas participantes da pesquisa, foi preciso realizar “um mergulho no sensível”, tal como aponta Clarice Lispector (1993) no excerto apresentado na epígrafe deste capítulo. Fazer um mergulho no sensível significou lançar mão da intuição, da sensibilidade e não apenas da cognição, consistiu em ir às coisas mesmas, tentando apreender como as prostitutas sentem e fazem a leitura de suas experiências. Realizar pesquisas em contextos prostitucionais requer entrega por parte da pesquisadora que deve estar preparada para mergulhar de uma só vez na realidade investigada. Esse mergulho abrange tanto a compreensão como a incompreensão, já que se trata de inserção em um contexto com valores próprios, com normas e regras de organização peculiares, com modos de vida e experiências que, muitas vezes, são distintas das vivenciadas pela pesquisadora. Compreender o ser humano no movimento de sua existência exige entrega e busca por conhecer o outro, sua leitura da realidade e sua percepção do mundo.

Outra aprendizagem consolidada por mim no decorrer desta pesquisa foi a de que estudar a temática da prostituição exige esforço permanente no sentido de questionar os pressupostos e visões de mundo que orientam as distintas definições, representações e estereótipos veiculados acerca dessa prática, os quais influenciam tanto as percepções sociais, a formulação de políticas públicas, como a bibliografia produzida sobre o tema. Nesse sentido, ressaltamos a viabilidade de utilizar uma metodologia com base na fenomenologia e nas contribuições da educação popular que favoreçam a suspensão de preconceitos e a compreensão do ser humano no movimento de sua existência, ou seja, como ser no mundo.

A suspensão exigiu uma atenção permanente no sentido de não verbalizarmos nossas concepções prévias. A expressão ‘concepção prévia’ não alude apenas às representações vigentes e estereótipos que depreciam a prática da prostituição, mas a todo conceito formulado previamente ao contato direto com as prostitutas. Por isso, nas

conversas com as prostitutas procurei ouvir mais do que falar, escutar os relatos dessas mulheres visando a apreender leituras que elas próprias teciam de suas vivências, em vez de fazer análises prematuras com base em concepções teóricas formuladas a partir de experiências alheias às participantes da pesquisa.

Para suspender preconceitos foi preciso desenvolver uma postura dialógica e pautada na humanização das pessoas envolvidas no processo de investigação. A experiência no campo de pesquisa engendra a percepção de que as pessoas carregam consigo algumas concepções prévias acerca da prática da prostituição que vão sendo problematizadas e desmitificadas por meio do contato e convivência com pessoas que se ocupam dessa atividade. Todavia, esse processo de problematização dos mitos requer dialogicidade, isto é, uma disponibilidade para aprender com o outro, para conhecer as visões de mundo construídas em experiências vividas por pessoas que exercem prostituição.

As contribuições da fenomenologia e da educação popular foram essenciais para o desenvolvimento dessa postura dialógica e auxiliaram no estabelecimento de vínculos entre mim e participantes da pesquisa, pois diferentemente de investigações com sujeitos fixos, nas casas noturnas, as mulheres apresentam intensa mobilidade.

Para alguns pesquisadores da temática, a mobilidade configura-se como uma dificuldade ao desenvolvimento da investigação. Já que é comum ir a campo e conversar por horas com uma prostituta e, ao voltar à casa noturna após uma semana, não encontrá-la mais. Nem sempre é fácil lidar com essa mobilidade, pois ela pode gerar avaliações prematuras de que o trabalho não terá continuidade, de que não possuímos habilidade para tecer vínculos de empatia com as prostitutas ou, ainda, de que elas não querem participar. Essa dificuldade potencializa-se, quando a pesquisadora possui experiência docente, como eu, e de certa forma já está acostumada a contar com um grupo que lhe conceda audiência. Nas primeiras experiências em campo, foi muito difícil trabalhar essa ansiedade e refutar esse tipo de avaliação. A experiência prévia no campo de pesquisa aliada ao referencial pautado na educação popular e na fenomenologia contribuiu sobremaneira à aprendizagem de que as interações nas casas noturnas são efetivadas a partir de dinâmica e temporalidade próprias.

Lidar com a mobilidade e tecer vínculos de confiança e empatia com prostitutas constituem-se em desafio que requer permanentemente resposta por parte do pesquisador que investiga prostituição em casas noturnas. Cada ida a campo configurou-se como momento de estabelecimento de uma nova interação com as

participantes de pesquisa. A cada interação, foi possível observar que as prostitutas, geralmente, tentavam captar minhas intenções e faziam uma leitura de como eu me relacionava com as demais pessoas nas casas. Por pertencerem a um grupo social que é alvo de estigma, as prostitutas criam estratégias para se defenderem da discriminação e quando percebem que seu interlocutor exterioriza verbalmente seus preconceitos, geralmente, elas param de falar ou fazem uso de expressões e termos chulos com intuito de sinalizarem sua reprovação à postura do interlocutor e ao teor da conversa.

Os saberes elaborados por meio do contato sensível com o mundo, tal como os produzidos pelas prostitutas em suas experiências na noite, não devem ser vistos como inferiores. Pois como reconhece Merleau-Ponty (2006), o sentir configura-se como comunicação vital com o mundo. Embora a epistemologia ocidental priorize o conhecimento racional em detrimento de saberes que são originados no contato sensível com o mundo, é por meio da estesia do corpo que podemos nos comunicar com o mundo, compreender a experiência vivida e, inclusive, fazer ciência.

5.3 – Saberes da noite: contribuições para pensar a prática educativa escolar

A educação também se configura como tema do universo temático de pessoas que exercem prostituição. Esse tema surgiu nas conversas com prostitutas, em São Carlos. Uma delas apresentou experiências de discriminação vividas na infância devido a sua condição financeira, outra mencionou a dificuldade em voltar a estudar devido à falta de documentação.

No tocante ao acesso a sistema de educação, além do preconceito e da discriminação, a mobilidade também dificulta a permanência das prostitutas em instituições de ensino, cuja rotina é marcada pelo controle dos corpos no tempo e espaço escolares, os quais são observados na formulação do calendário, na disposição da mobília e no controle de frequência. A necessidade constante de viajar aliada à ausência de um comprovante de residência – tendo em vista que parcela significativa dessas mulheres reside na própria casa noturna onde presta serviços sexuais – caracterizam-se como empecilhos para continuidade à educação (SOUSA; OLIVEIRA, 2010b).

Embora esteja disposto na Declaração de Jomtien (1990), que a educação básica deva centrar-se na aquisição e nos resultados efetivos da aprendizagem e não mais exclusivamente na matrícula, frequência aos programas estabelecidos e preenchimento de requisitos para a obtenção do diploma, observamos que a ausência de comprovante

de residência e a incompatibilidade para adaptar-se ao calendário escolar ainda são elementos que se apresentam como obstáculos para que as prostitutas deem continuidade à sua escolarização. Como alternativa viável para superar essa dificuldade, algumas prostitutas com quem conversei nas casas noturnas de São Carlos sugeriram o desenvolvimento de cursos organizados por módulos de ensino, como os que constituem o Telecurso⁵³. Durante convivência nas casas noturnas também pude observar uma ampliação no número de pessoas com acesso a tecnologias como computador (notebook) e internet móvel. Dessa forma, ações educativas na modalidade de educação à distância (Ead) voltadas a essas pessoas também podem configurar-se como estratégia viável no sentido de favorecer a continuidade aos estudos e a problematização de temas de seu interesse como direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos, relações de gênero, combate a discriminação e preconceito, dentre outros.

A temática da educação também se apresenta nos documentos e ações elaboradas por associações de prostitutas. Tais como a publicação do jornal Beijo da Rua, a criação da grife Daspu e a realização do projeto Mulheres Seresteiras⁵⁴, exemplos de atividades culturais que possuem um caráter educativo que almeja fomentar a autoestima das prostitutas e educar a sociedade para o desenvolvimento de uma nova postura e novos valores frente à prática da prostituição. A presente pesquisa se alia a essa perspectiva, por isso busquei desvelar saberes de experiência consolidados na prática da prostituição com intenção de fomentar o questionamento “o que podemos aprender com as prostitutas?”, bem como “de que forma os saberes consolidados na noite podem nos ajudar a pensar a educação escolar?”.

Embasada nos estudos e ações realizados no interior do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos e da linha de pesquisa homônima ligada ao Programa de Pós-graduação em Educação (UFSCar), compreendi que a referência de que nos valem para nos apropriar do que a escola se propõe a nos ensinar é elaborada no cotidiano no interior de diferentes práticas sociais que vivenciamos fora do ambiente escolar. Destarte, entendemos que valores, posturas e atitudes consolidados nas distintas

⁵³ Proposta educacional voltada a brasileiros que não concluíram, por algum motivo, os Ensinos Fundamental e Médio. Informações disponíveis em <http://www.novotelecurso.org.br>

⁵⁴ Evento cultural que reúne prostitutas e amadores do sexo e da música para algumas horas de diversão, integração e revitalização comunitária. De acordo com Gabriela Leite, esse projeto constitui-se também como ato político na medida em que negava a saída de prostitutas da praça Tiradentes (localizada na cidade do Rio de Janeiro) em função das transformações previstas no Projeto Monumenta/BID. Para mais informações acessar www.beijodarua.com.br (BEIJO DA RUA, edição de maio/2005).

práticas sociais podem trazer contribuições para pensarmos a educação escolar nos diferentes níveis de ensino (OLIVEIRA, e col., 2009). Como exemplo desse tipo de contribuição, Gonçalves Junior (2009) discorre sobre a capoeira que gera o conhecimento de uma prática corporal e favorece a afirmação da identidade e da história do povo africano e seus descendentes, resultados que se aliam aos processos educativos a serem desenvolvidos também em ambientes escolares.

Com intuito, portanto, de fazer essa reflexão entre os saberes consolidados na noite e suas contribuições para os processos educativos escolares, destaco que na noite, as prostitutas aprendem por meio de sua corporeidade, ao observar o comportamento de prostitutas mais experientes, ao ler os gestos dos clientes no salão, ao conversar com colegas de trabalho, ao compartilhar informações sobre casas noturnas, ao negociar o programa com a clientela, ao vivenciar diferentes práticas sexuais, ao sentir-se desejada, etc.

Minha experiência docente engendra a percepção de que diversos saberes e processos educativos desenvolvidos pelas prostitutas podem corroborar processos de ensino e aprendizagem em instituições escolares, destaco inicialmente a necessidade de **aprender por meio da corporeidade**, isto é, num movimento que não visa a desvincular o pensar do sentir, mas no qual ambos sejam faces de um mesmo processo de aproximação ao que/quem se deseja conhecer. A escola se pauta apenas na inteligência como forma de acesso ao conhecimento, de modo que a corporeidade tende a ser vigiada, controlada e vilipendiada como meio que permite acessar ao conhecimento. Isso desestimula os educandos que não sendo desafiados corporalmente, não conseguem desenvolver a curiosidade necessária que favorece a busca por conhecer.

Enquanto educadores, podemos aprender com prostitutas a estimular e **desenvolver a imaginação**, aprendizagem fundamental para uma prática educativa que se direciona no sentido da transformação da realidade e não da adaptação dos educandos frente a estruturas sociais e conteúdos programáticos estanques. Imaginação que vai sendo alimentada pela leitura da realidade e que é fruto de outro processo educativo também consolidado na noite, qual seja **comparar diferentes contextos**. As instituições de ensino, nem sempre, estimulam os educandos a compararem contextos, pois é comum pautarem suas atividades pedagógicas em um contexto hegemônico que envolve situações e experiências alheias à boa parte dos grupos sociais dos educandos. Assim, em vez de aguçar a curiosidade dos educandos e estimular a ampliação da percepção da

realidade, tende a adaptá-los a uma estrutura totalizante, ingenuamente, tida como modelo a ser seguido.

Um bom exemplo, de estrutura normativa que limita a prática educativa nas escolas se refere às discussões sobre sexualidade, por pautar-se na heteronormatividade e na ideia de sexo voltado a procriação, uma parcela significativa de educadores enfrenta dificuldade para implementar um programa de orientação sexual nas escolas, muitos sentem-se desconfortáveis ou despreparados para discutir temas como homossexualidade, masturbação, sexo desvinculado da reprodução, dentre outros. As experiências apresentadas pelas prostitutas nos mostram a importância de **ressignificar a sexualidade, a masculinidade e a feminilidade** a partir de uma abordagem social e histórica capaz de desvelar que não existe uma maneira universal de vivenciar a sexualidade, de ser homem ou ser mulher, mas sim diferentes maneiras de ser no mundo, de se relacionar com o outro e de buscar prazer e afetividade.

Para compreender essas diferentes formas de ser e estar no mundo, precisamos aprender a **lidar com a diversidade** - outro processo educativo consolidado na noite que pode contribuir, sobremaneira, com as práticas educativas escolares. Frente aos diversos processos de exclusão que resultam de processos de globalizações hegemônicas que temos vivenciado, recentemente, faz-se necessário o desenvolvimento de uma perspectiva multicultural que leve em consideração a heterogeneidade e não padronização dos grupos culturais e que, por isso mesmo, esteja proposta ao desenvolvimento do diálogo intercultural (SANTOS, 2003).

Pautando-se no diálogo intercultural, os educadores não aderem à “educação bancária” de que no fala Freire (1970), cuja função seria depositar conteúdos programáticos nas “cabeças vazias” dos educandos; em vez disso, os educadores passam a problematizar junto com os educandos as diferentes possibilidades de existir no mundo, conhecer as diferentes culturas e grupos sociais e os mecanismos que, historicamente, vem tentando impedi-los de ser mais. Nessa perspectiva, a função das instituições de ensino consiste, primeiramente, em problematizar a realidade percebida em vez de centrar-se na transmissão de conteúdos, temas e valores de grupos hegemônicos. Para problematizar a realidade em diálogo com os educandos podemos lançar mão de outro processo educativo consolidado na noite, que consiste em **aprender com os outros ao ver, falar e escutar**.

Só assim, na proximidade do estar e aprender com outro, é possível tecer relações mais horizontais entre educadores-educandos, corroborando o desenvolvimento da autoestima de ambos. As prostitutas nos ensinam que **desenvolver a autoestima** é uma aprendizagem fundamental na afirmação da condição de sujeito, pois foi reconhecendo o seu valor negado e que elas passaram a se engajar na transformação da realidade, deixando de aderir à realidade opressora.

No caso dos educadores que, por vezes, se encontram em ambiente marcado por opressão e condições de trabalho estressantes (número elevado de alunos, imposição de conteúdos e metodologias de ensino de cima para baixo, baixa remuneração, jornada ampliada, desvalorização da prática docente, etc), é muito importante o desenvolvimento de sua autoestima para que possam acreditar no potencial de sua prática educativa tornando-se capazes de refutarem a imagem negativa que tende a retratar o professor como mero reprodutor de normas sociais.

Para superar essas condições opressivas, nas instituições de ensino, podemos lançar mão de outro processo educativo consolidado na noite que consiste em **tecer vínculos de colaboração e solidariedade**. A prática educativa que almeja fomentar a transformação da realidade se pauta na comunhão, no fazer e caminhar juntos, que leva ao diálogo e à pronúncia coletiva do mundo. A comunhão e o diálogo preparam educadores e educandos para **realizar escolhas e implementar ações para atender suas necessidades**, bem como a **aprender a enfrentar as adversidades** numa percepção em que “todos estão no mesmo barco”, isto é, todos fazem parte de uma totalidade mais ampla e precisam ser aceitos e respeitados em sua singularidade. Esses processos educativos engendram a tomada de consciência que leva o ser humano a reconhecer-se como sujeito que faz e refaz sua prática, que recria sua realidade e reinventa a história.

Entendo que os processos educativos, aqui, apresentados podem sulevar a construção de uma prática educativa transformadora e problematizadora da realidade, a qual pode ser implementada tanto dentro quanto fora das instituições escolares. Em se tratando da escola, contribuiria para minimizar preconceitos e derrubar muros que, infelizmente, ainda dificultam as pessoas marginalizadas (como prostitutas, travestis, transexuais, homossexuais, etc) a ingressarem e a permanecerem em instituições de ensino.

Com o desenvolvimento desta pesquisa procurei desvelar que as prostitutas e os saberes consolidados na noite têm muito a nos ensinar acerca de como desenvolver uma prática educativa dialógica, democrática e pautada na valorização das diversidades de todas as pessoas envolvidas no processo de educar e educar-se. A análise do fenômeno educar-se na noite desvelou a pluralidade e diversidade que caracterizam a prática da prostituição, demonstrando que o exercício dessa atividade não se constitui em experiência homogênea e estática, posto que seja frequentemente significado de forma peculiar por cada prostituta.

Encerro, as minhas reflexões, não sem antes reafirmar a curiosidade e esperança que me motivaram a estudar a prática da prostituição. Ao aproximar-me das prostitutas sentia que existia “algo além” dos aspectos financeiros que garantia sua permanência nessa prática social, mas não conseguia visualizar bem o quê, isso foi aguçando minha curiosidade que impulsionou o desenvolvimento desta investigação. Ao lançar mão das contribuições da educação popular e da fenomenologia entendi que esse “algo além” consiste justamente na aprendizagem por parte dessas mulheres de que é possível recriar a realidade e reinventar sua existência. Terminei, pois essas linhas, na esperança de que as mesmas sejam retomadas futuramente por mim, por prostitutas, educadores e outras pessoas para que possamos aprender a “soltar a puta que existe em cada um de nós” e, assim, aprender a reinventar nossa realidade em comunhão, imaginando e experienciando novas formas de ser/estar/agir no mundo.

REFERÊNCIAS:

AGUSTIN, Laura. **Trabajar en la industria del sexo**. In. O laboral e inmigración. Madrid, España, n. 6, ju.2000.

_____. Lo no hablado: deseos, sentimientos y búsqueda de pasárselo bien. In. OSBORNE, R.(ed). **Trabajador@s del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI**. Barcelona: Bellaterra, 2004, p.181-192.

_____. La industria del sexo, los migrantes y la família europea. **Cadernos Pagu**, n.25, Campinas, jul/dez. 2005, p.107-128.

ALVAREZ, Gabriel O.; TEIXEIRA RODRIGUES, Marlene. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/Aids. **SER Social**, Brasília, n. 8, set. 2009, p.187-208.

ANTÔNIO, João. **Leão-de-chácara**. 7ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

AMARAL, Débora M. **Pedagogia da terra: olhar dos/as educandos/as em relação à primeira turma do estado de São Paulo**. 2010. 238p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

AMARAL, Robson S. **Lazer e processos educativos no contexto de trabalhadores/as rurais do MST**. 2010. 212p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010b.

AQUINO, Priscila S.; NICOLAU, Ana I. O.; MOURA, Escolástica R.F.; PINHEIRO, Ana K. B. Perfil sociodemográfico e comportamento sexual de prostitutas de Fortaleza - CE. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n.3, set. 2008, p.427-434.

ARAÚJO-OLIVERA, Sonia S. **Dialogicidad e intersubjetividad crítica em la pedagogia de Paulo Freire**. 2000. 222p. Tese (Doutorado em Estudos Latino-Americanos). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.

ARROYO, Miguel G. Educação popular, saúde, equidade e justiça social. In. **Cadernos Cedes**. Campinas, vol. 29, n.79, set/dez., 2009, p.401-416.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2, Lisboa: Quetzal Editores, 2008.

BEIJO DA RUA. Prostitutas lançam a grife Daspu. Novembro, 2005. Disponível em: <http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?edicao=28&coluna=6&reportagem=587&num=1>. Acesso em: dez/2005.

BEZERRA, Danieli M. **Prostitutas entendidas: o que entender?** 2009. 94p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BICUDO, Maria A. V. Sobre a fenomenologia. In. BICUDO, M. A. V; ESPÓSITO, V. H. C. (orgs). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1997.

BOEMER, Magali R. A condução de estudos segunda a metodologia de investigação fenomenológica. **Revista Latino-americana de Enfermagem** – Ribeirão Preto, v. 2, n.1, 1994, p.83-94.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos**. Porto : Porto Editora, 1994.

BORGES, Maristela C.; BRANDÃO, Carlos R.. **Igualdade e diferenças: as culturas e a cultura popular**. Disponível em<www.unimontes.br/coloquiointernacional/arquivos/21maristelacorreaborges.pdf> Acesso em: mai. 2010.

BRANDÃO, Carlos R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n.1, jan./jun. 2007, p.11-27.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da aids**. Séries Manuais, n. 47, Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.

_____. Programa Nacional de DST e Aids. **Avaliação da efetividade das ações de prevenção dirigidas às profissionais do sexo, em três regiões brasileiras**. Série Estudos Pesquisas e Avaliação, n.7. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL, Subchefia para assuntos jurídicos. Casa Civil. **Lei n. 12015**, 7 ago., 2009. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2009/Lei/L12015.htm#art2>. Acesso em: sex. 2009.

CARMO, Paulo S. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2004.

CARVALHO, Silvia B. **As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a fazer a vida no centro da cidade**. 2000. 70 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.

CASTILHO, Ela W. V. A criminalização do tráfico de mulheres: proteção das mulheres ou reforço da violência de gênero? **Cadernos Pagu**, n.31, p. 101-123, jul/dez. 2008.

CHERFEM, Carolina O. **Mulheres marceneiras e autogestão na economia solidária: aspectos transformadores e obstáculos a serem transpostos na incubação em**

assentamento rural. 2009. 235 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

CORRÊA, Adriana K. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em Enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem** – Ribeirão Preto, v. 5, n.1, 1997, p.83-88.

CORSO, Carla. Desde dentro: los clientes vistos por una prostituta. In. OSBORNE, R.(ed). **Trabajador@s del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI**. Barcelona: Bellaterra, 2004, p.121-131.

DA SILVA, A. P; BLANCHETTE, T.G. Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In. CORREA, S.; PARKER, R. (orgs). **Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos**. Rio de Janeiro: SPW, 2011, p.192-233.

DECLARAÇÃO DE JOMTIEN. **Declaração mundial sobre educação para todos**. Jomtien, Tailândia, março, 1990.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Duas narrativas fantásticas: a dócil e o sonho de um homem ridículo**. Tradução de Vadim Nikitin. São Paulo: Editora 34, 2009.

DUSSEL, Enrique D. De la fenomenología a la liberación. In. **Filosofia de la liberación**. Bogotá: Nova América, 1996.

_____. **Ética da libertação: na idade da globalização e exclusão**. 3ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ESPAÑA, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Secretaría General de Asuntos Sociales. Instituto de Migraciones y Servicios Sociales. Coletivo Ioé. **Mujer, inmigración y trabajo**. Madrid : Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2001.

FALS BORDA, Orlando. Da pedagogia do oprimido à pesquisa participativa. In. STRECK, Danilo (org). **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FERREIRA, Flávia C. **A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo**. Relatório final bolsa PIBIC/CNPQ – UFSCar, 2002.

_____. **Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual**. 2006. 142 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In. BICUDO, M.A.V; ESPÓSITO, V.H.C. (orgs). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba : UNIMEP, 1997.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.11, n. 1, p.3-10, jan./jun., 1986.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1/96, 1996, p.7-33.

_____. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In. PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F.; CARRARA, S. (orgs). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p.257-282.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2), mai./ago., 2007, p.291-308.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. (Série Ecumenismo e humanismo; v.16).

_____. **Extensão ou comunicação?** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Coleção O mundo, hoje; v.24).

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Política e educação: ensaios**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões de nossa época; v.23).

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. (Coleção Educação e Comunicação, v.1).

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção educação e comunicação; v.18).

GABEIRA, Fernando. **Projeto de Lei n.98**, 2003. Disponível em: www.mtecbo.gov.br. Acesso em: dez. 2003.

GARIZABAL, Cristina. Prostitución: miradas feministas. Por los derecho de las trabajadoras del sexo. In. **Viento Sur**, n.87, ano XV, jul. 2006, p.61-67.

GARNICA, Antonio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e Fenomenologia. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997, p.109-122.

GASPAR, Maria D. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GEAMMAL, Jeanine T. **O surgimento da marca Daspu e a projeção de sua imagem através da imprensa**. 2009. 188p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Tecnologia e Ciências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

_____. **A constituição da sociedade**. Tradução Álvaro Cabral. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GOMES, Romeu. Prostituição infantil: uma questão de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, v.10, n.1, jan./mar. 1994, p.58-66.

_____. A violência enquanto agravo à saúde de meninas que vivem nas ruas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 10 (1), 1994b, p.156-167.

GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. S.; FONTOURA, Helena A. A prostituição infantil sob a ótica da sociedade e da saúde. **Revista de Saúde Pública**. v. 33, n.2, abr. 1999, p.171-179.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3, jul./set. 2009, p.700-707.

GONÇALVES, Maria A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papyrus, 2007.

GRUPO DAVIDA; SILVA, Ana Paula; BLANCHETTE, Thaddeus; PINHO, Ana Mina M.; PINHEIRO, Bárbara; LEITE, Gabriela S. Prostitutas, traficadas e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o tráfico de seres humanos. **Cadernos Pagu**, n.25, jul./dez. 2005, p. 153-184.

HERMANN, Kai; RIECK, Horst. **Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída**. 14ª ed. São Paulo: Difel – Difusão Editorial, 1983.

JULIANO, Dolores. El peso de la discriminación: debates teóricos e fundamentaciones. In. OSBORNE, R.(ed). **Trabajador@s del sexo**: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI. Barcelona: Bellaterra, 2004, p.43-55.

_____. El trabajo sexual en la mira: polémicas y 157stereótipos. **Cadernos Pagu**, n.25, jul./dez. 2005, p. 153-184.

_____. **Derechos humanos y trabajo sexual.** Disponível em: <www.genera.org.es/archivo/Derechos%20humanos%20y%20trabajo%20sexual.pdf>. Acesso em out. 2010.

KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu**, n.25, jul/dez. 2005, p.55-78.

LAGE, Victor. **Lutas e brincadeiras:** processos educativos envolvidos na prática de lutar. 2009. 207p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, jan./abr. 2002, p.20-28.

_____. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LEITE, Gabriela. LEITE, Gabriela S. **Eu, mulher da vida.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. Caminho aberto para a puta cidadã. Coluna da Gabi. In. **Jornal Beijo da Rua**, nov/dez, 2005.

_____. **Filha, mãe, avó e puta:** a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. **Voto em Gabriela Leite, 4301, por questões de linguagem e de desejo.** Disponível em < <http://gabrieladaspu.blogspot.com> > Acesso em setembro de 2010.

LEMOS, Fábio M. **Compreensões de trabalhadores em transnacionais de São Carlos acerca da prática social lazer:** processos educativos envolvidos. 2007. 157p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

LENZ, Flávio. Decisão histórica: prostitutas rejeitam financiamento para combate a Aids. In. **Jornal Beijo da Rua**, ago. 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva.** 12ª ed. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In. BICUDO, M.A.V.; ESPÓSITO, V.H.C. (orgs). **A pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1997.

MAGALHÃES NETO, Antonio C. **Parecer do relator dep. Antonio Carlos Magalhães Neto.** Disponível em: www.camara.gov.br/sileg/integras/308020.pdf . Acesso em: jun. 2010.

MARTIN, Denise. **Riscos na prostituição**: um olhar antropológico. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: Fapesp, 2003.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Centauro, 2003.

MENDES, Marcelo N.; MARQUES, Luiz Alberto S. Os filhos da zona: expectativas, cotidianos e pensares de profissionais do sexo sobre a educação escolar de seus filhos. **Anais da 32ª. Reunião da ANPED**. Caxambu, 2009, p. 1-16.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sobre a fenomenologia da linguagem**. Coleção Os pensadores. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. **O olho e o espírito**. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O visível e o invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MORAES, Aparecida F. **Mulheres da Vila**: prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Corpos normalizados, corpos degradados: os direitos humanos e as classificações sobre prostituição de adultas e jovens. **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Salvador, 2011. p. 1-22.

MOREIRA, Isabel Cristina C.C.; MONTEIRO, Claudete F.S. Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, set-out, 62(5), 2009, p.789-792.

MOREIRA, Wagner W. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.11, n.3, 2003, p. 85-90.

NÓBREGA, Teresinha P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91, mai./ago. 2005, p. 599-615.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

OLIVAR, José Miguel N. A angústia dos corpos indóceis: prostituição e conflito armado na Colômbia contemporânea. **Cadernos Pagu**, n.31, 2008, p.365-397.

_____. **Guerras, trânsitos e apropriações**: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. 2010. 385p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____. Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 75, v. 26, fev. 2011, p. 89-101.

_____. **Trabalho sexual**: entre direitos trabalhistas e condenações morais ou o liberalismo em conserva. Disponível em <www.sxpolitics.org/pt/wp-content/uploads/2009/02/olivar-ts-entre-direitos-laborais-e-condenas-morais-o7112port.pdf> Acesso em mar. 2011b, p.1-9.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA-MONTRONE, Aida V.; JOLY, Ilza Z. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. **Anais da 32ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, 2009, p.1-17.

OLIVEIRA, Maria W. **Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades**: perspectivas de diálogos entre saberes e sujeitos. 2003. 141p. Relatório de pós-doutorado. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Maria W.; STOTZ, Eduardo N. Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. **Anais da 27ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, 2004, p.1-17.

OSBORNE, Raquel. **Las prostitutas**: una voz propia (crónica de un encuentro). Barcelona: Icaria Editorial, 1991.

PAIS, José M. Jovens acompanhantes: puta de vida que me fez puta. In. _____. (org). **Ganchos, tachos, biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001, p. 259-306.

PASINI, Elisiane. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. **Cadernos Pagu**, n.25, p.185-216, dez., 2005.

_____. **Os homens da vila**: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina. 2005. 272 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005b.

_____. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. In. FIGARI, C. E.; DÍAZ-BENITEZ, M. E. (orgs). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 237-262.

PASSOS, Luiz Augusto. Fenomenologia. In. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDRO, Joana M. Vender o corpo, vender o sexo – serviços sexuais e trabalhadoras/es do sexo: uma apresentação. In. FÁVERI, M.; SILVA, J.G.; PEDRO, J.M (orgs.) **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis: Editora UDESC, 2010, p. 11-16.

PESSOA, Fernando. **Ficções do Interlúdio (I)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PESSOA, Jadir M. Mestres de caixa e viola. **Cadernos Cedex**, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Os silêncios dos corpos da mulher. In. MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (orgs). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 13-27.

PIRES, Isabel C. P.; MIRANDA, Angélica E. B. Prevalência e fatores correlatos de infecção pelo hiv e sífilis em prostitutas atendidas em centro de referência DST/AIDS. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, vol.20, n.3, p. 151-154, abr., 1998.

PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. **Cadernos Pagu**, n.19, p.195-231, 2002.

_____. Entre a praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina. In. PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs). **Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 283-318.

_____. Dossiê gênero no mercado do sexo. In. **Cadernos Pagu**, n.25, Campinas, jul./dez., 2005, p.7-23.

_____. Sujeição ou subversão: migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **História e Perspectivas**, Uberlândia (35): jul./dez.2006, p.13-55.

_____. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.22, n.64, p.17-32, jun., 2007.

_____. Entre as máfias e a ajuda: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. **Cadernos Pagu**, n.31, p. 29-63, dez., 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, E. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>>. Acesso em: abr. 2010.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

REIS, Tatiana. Prostituição feminina: interação entre sexualidade, corpo, cor e desejo. **Anais do VII Seminário Internacional Fazendo Gênero**. 2008, p. 1-7.

REYNAGA, Elena E. El trabajo sexual en la America Latina y el Caribe. In. REDTRASEX. **10 años de acción** (1997-2007): la experiencia de organización de la Red de Trabajadoras Sexuales de Latinoamérica y el Caribe. 1ª ed. – Buenos Aires: REDTRASEX, 2007.

RIBEIRO JUNIOR, Djalma. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora**. 2009. 142p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SANTOS, Boaventura S. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. In. _____. (org). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2003, p. 427-461.
_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção para um novo senso comum; v.4).

SÃO CARLOS. **Plano de desenvolvimento institucional**. 48p. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2004.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**. PUC-SP, São Paulo, n. 16, fev. 1998, p. 297-325.

SGANZELLA, Natália C.M. **Feitas só por mãe: sentidos de maternidade e família entre mulheres prostitutas**. 2011. 101p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2011.

SILVA, Rogério A. **Prostituição: artes e manhas do ofício**. Goiânia: Câne Editorial, Ed. UCG, 2006.

SILVA, Carina P. **A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo**. Relatório final bolsa PIBIC/CNPQ – UFSCar, 2002.

SILVA, Petronilha B. G. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro**. 1987. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

_____. Pesquisa em Educação, com base na fenomenologia. **Pesquisa em Serviço Social**. Associação Nacional de Pesquisa em Serviço Social. Rio de Janeiro, v.1, ano 1, 1990, p. 109-132.

_____. Ações afirmativas na UFSCAR: em busca da qualidade acadêmica com compromisso social. **Revista Políticas Educativas**, Campinas, v.2, n.1, p. 41-53, dez., 2008.

SILVA, Petronilha B. G.; ARAÚJO-OLIVERA, Sonia S. **Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa.** In. VI ENCUENTRO CORREDOR DE LAS IDEAS DEL CONO SUR. **Anais do VI encontro corredor de las ideias del cono sur: Sociedad civil, democracia e integración.** Montevideo, 12 de marzo, p. 1-8, 2004.

SIMÕES, Soraya S. Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.2, n.1, jan/jun, 2010, p.24-46.

_____. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca.** Niterói: EdUFF, 2010b.

SIMÕES, Soraya S; NOBRE, Carlos. Programa, programinho. In. **Jornal Beijo da Rua**, jul. 2002.

SIMÕES, Sônia M. F.; SOUZA, Ívis E.O. Um caminhar na aproximação da entrevista fenomenológica. **Revista Latino-americana de Enfermagem** – Ribeirão Preto, v. 5, n.3, 1997, p.13-17.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SOUSA, Fabiana R. **Educação em direitos humanos e reprodutivos junto a profissionais do sexo.** Relatório de bolsa treinamento, UFSCar, São Carlos, 2003.

_____. **Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes.** 2007. 163p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

SOUSA, Fabiana R.; OLIVEIRA, Maria W. Saberes da noite: processos educativos consolidados na prática da prostituição. **Anais da 33ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2010, p.1-15.

_____. Prostituta como sujeito de direitos: reflexões sobre direitos humanos, diversidade e educação. In. **Anais do I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos**, 2010b, p. 1-16.

_____. Contribuições da educação popular e fenomenologia para a pesquisa em educação realizada com prostitutas. **Anais da 34ª Reunião Anual da ANPED.** Caxambu, 2011, p.1-17.

_____. Percepções de prostitutas sobre o processo de educar-se nas experiências vivenciadas na noite. In. GONÇALVES JUNIOR, L.; CORRÊA, D. A.; RODRIGUES, C. (orgs). **Educação e experiência: construindo saberes em diferentes contextos.** Curitiba: Editora CRV, 2011b, p. 171-192.

SOUZA, Aquiles D. **Identidades veladas: Fanny: a formação e a educação na cidade de Brusque na década de 1960.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Vale do Itajaí, Itajaí, 2005.

SOUZA, Francisca I. **O cliente: o outro lado da prostituição.** Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto; São Paulo: Annablume, 1998.

SOUZA, Paulo A. **Lazer e processos educativos: mergulhos culturais na Bacia do Salto.** 2010. 135p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

SWAIN, Tânia N. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Revista Unimontes Científica**, Montes Claros, v.6, n.2, jul/dez. 2004, p. 23-28.

TEDESCO, Letícia L. **Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre/RS.** 2008. 208 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TEIXEIRA RODRIGUES, Marlene. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.12, n.1, jan./jun. 2009, p. 68-76.

TORRES, Carlos A. A voz do biógrafo latino-americano: uma biografia intelectual. Disponível em: < http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000029/Vida_Biografias_Voz_Bi%F3grafo_Latino_Americano_Intelectual_v1.pdf> Acesso em: mai. 2011.

TORRES, Gilson V.; DAVIM, Rejane M. B.; COSTA, Terêsa N. A. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.7, n.3, p. 9-15, jul., 1999.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VALLA, Victor V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.21, n. 2, p.177-190, jul./dez., 1996.

_____. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 14(2), 1998, p.7-18.

WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In. JAGGAR, A.; BORDO, S. R. (orgs). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.101-125.

WONG UN, Julio A. **Visões de comunidade na saúde**: comunalidade, interexistência e experiência poética. 2002. 166p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.

ZEMELMAN, Hugo. Prólogo. In. SÉRGIO, M.; TRIGO, E.; GENÚ, M.; TORO, S. **Motricidad humana, una mirada retrospectiva**. Instituto Internacional del Saber. Colección Léeme, Colombia, 2009.

APÊNDICES



APÊNDICE I - Artigos sobre prostituição publicados no portal Scielo

AUTORIA/DATA	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO	PERIÓDICO
GOMES, Romeu. 1994	A violência enquanto agravo à saúde de meninas que vivem nas ruas.	Violência Sexual; Prostituição; Saúde Pública.	Analisar a influência da violência e prostituição no processo de saúde-doença de meninas que vivem na rua	Cadernos de Saúde Pública Escola Nacional de Saúde Pública Fundação Oswaldo Cruz
GOMES, Romeu. Mar 1994	Prostituição infantil: uma questão de saúde pública	Prostituição; Maus-Tratos Sexuais Infantis; Violência; Saúde Pública.	Analisar a prostituição infantil, a partir de uma revisão bibliográfica, com vistas a subsidiar a abordagem desta problemática no campo da Saúde Pública	Cadernos de Saúde Pública Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ Fundação Oswaldo Cruz
MAZZIEIRO, João B. 1998	Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920	Criminalidade; prostituição; homossexualismo; São Paulo.	Acompanhar debates de criminólogos, juristas, médicos e outros profissionais sobre a sexualidade julgada criminalizável e doentia	Revista Brasileira de História Associação Nacional de História - ANPUH
PIRES, Isabel C.P.; MIRANDA, Angélica E. B. Abr 1998	Prevalência e fatores correlatos de infecção pelo hiv e sífilis em prostitutas atendidas em centro de referência DST/AIDS.	Prostituição; AIDS; Sífilis; Doenças sexualmente transmissíveis; Drogadição; Atendimento primário.	Levantar dados sobre saúde de trabalhadoras do sexo atendidas No Centro de Referência em DST/AIDS, em Vitória/ES	Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia Fed. Brasileira das Sociedades e Ginecologia e Obstetrícia

TORRES, Gilson V.; DAVIM, Rejane M. B.; COSTA, Terêsa N. A.; Jul 1999	Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens	Prostituição; adolescência.	Identificar as razões que fizeram adolescentes de Natal/RN a optar pelo exercício da prostituição e as perspectivas de futuro desse grupo de jovens	Revista Latino-Americana de Enfermagem Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / USP
GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. S.; Fontoura, Helena A. Abr 1999	A prostituição infantil sob a ótica da sociedade e da saúde	Prostituição infantil; Problemas sociais; Saúde infantil [Saúde pública].	Analisar as representações sociais e as relações estruturais em torno da prostituição feminina	Revista de Saúde Pública Faculdade de Saúde Pública da USP
SIMON, Cristiane P; SILVA, Rosalina C.; PAIVA, Vera Ago 2002	Prostituição juvenil feminina e a prevenção da Aids em Ribeirão Preto, SP	Síndrome de imunodeficiência adquirida; Prostituição; Adolescência; Conhecimentos, atitudes e prática; Comportamento sexual; Infecções por HIV; Promoção da saúde [programas de prevenção].	Investigar as percepções sobre AIDS para o desenvolvimento de programas de prevenção com a prostituição juvenil feminina	Revista de Saúde Pública Faculdade de Saúde Pública da USP
PISCITELLI, Adriana. 2002	Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo.	Turismo, sexualidade, prostituição	Analisar relatos de viajantes à procura de sexo que freqüentam pontos do circuito internacional de turismo sexual, no NE brasileiro.	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu

RODRIGUES, Marlene T. Jun 2004	O sistema de justiça criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão.	Prostituição; sistema de justiça criminal; polícia; cidadania; direitos humanos.	Analisar a legislação penal e os aspectos referentes à prostituição	Sociedade e Estado Departamento de Sociologia da UnB
SCHREINER, Lucas et al. Abr 2004	Prevalência de sintomas depressivos em uma amostra de prostitutas de Porto Alegre	Prostituição; depressão; transtornos depressivos.	Quantificar a prevalência de sintomas depressivos em amostra de prostitutas de Porto Alegre e fatores associados	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul Sociedade de Psiquiatria do RS.
ANJOS, José C. G. Abr 2005	Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres.	Prostituição, masculinidades, cultura sexual e reprodutiva	Documentar os modos de socialização e os tipos de comportamento, segundo o sexo e a saúde reprodutiva de adolescentes na África	Revista Estudos Feministas Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da UFSC
GIRALDO, Paulo C. et al. Maio 2005	Influência da frequência de coitos vaginais e da prática de duchas higiênicas sobre o equilíbrio da microbiota vaginal	Prostituição; Coito; Aparelhos sanitários; Vaginose bacteriana; Vagina [microbiologia].	Verificar se alta frequência de coitos vaginais e o uso de duchas higiênicas interferem com a microbiota vaginal	Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia Fed. Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia
TAQUETTE, Stella R. et al. Abr 2005	Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos.	Homossexualidade; Adolescência; DST/Aids; Prostituição masculina.	Investigar as características de adolescentes masculinos que se relacionaram sexualmente com outros homens	Ciência & Saúde Coletiva Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

SILVA, Ana Paula; BLANCHETTE, Thaddeus Dez 2005	"Nossa Senhora da Help": sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana.	Turismo sexual, Prostituição, Copacabana, Tráfico de mulheres, Gringos	Realizar uma crítica às análises que reduzem o complexo jogo de interesses e de agentes que configuram o turismo sexual no Rio de Janeiro a uma equação simples e maniqueísta	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
PELUCIO, Larissa Dez 2005	Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti.	Travestis; Prostituição; Clientes; Gênero; Sexualidade.	Evidenciar a importância dos territórios de prostituição como locais fundamentais para construção do "ser travesti"	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
PASINI, Elisiane Dez 2005	Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa	Prostituição Feminina; Turismo; Relações de Gênero; Rio de Janeiro; Vila Mimosa.	Apresentar a problemática de espaços criados em função do consumo do sexo na Vila Mimosa e a circulação de estrangeiros	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
GRUPO DAVIDA et al. Dez 2005	Prostitutas, "traficadas" e pênicos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o "tráfico de seres humanos"	Tráfico de Seres Humanos; Prostituição; Brasil; Pânico Moral.	Analisar a produção recente sobre tráfico de pessoas, buscando evidenciar como dados contraditórios são transformados em 'fatos' no processo de produção de saberes	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
PEREIRA, Cristiana S. Dez 2005	Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX.	Prostituição; Escravidão; Rio de Janeiro; Buenos Aires; Século XIX.	Evidenciar algumas conexões entre os debates regulamentaristas e as relações de trabalho no contexto da prostituição exercida em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, final século XIX.	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu

RUSSO, Gláucia Dez 2007	No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos	Dinheiro; valor; preço; prostituição; símbolo.	Analisar o dinheiro, o valor e o preço como elementos simbólicos e sua relação com a prostituição.	Caderno CRH Centro Recursos Humanos/UFBA
LOPES, Concimar S.; RABELO, Ionara V.M; PIMENTA, Rosely P. B.; Abr 2007	A Bela Adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia.	Prostituição; Psicologia Social; profissionais do sexo; sexualidade.	Compreender como prostitutas se relacionam com a sua sexualidade e suas percepções sobre o tráfico de mulheres	Psicologia & Sociedade Associação Brasileira de Psicologia Social
PISCITELLI, Adriana. Jun 2007	Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha	Indústria do sexo; Prostituição; Migração; Gênero; Corporalidade; Exotismo.	Analisar como corporalidade e gênero se integram na intensa concorrência que tem lugar na indústria transnacional do sexo	Revista Brasileira de Ciências Sociais Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS
BENZAKEN, Adele S. et al. Dez 2007	Intervenção de base comunitária para a prevenção das DST/Aids na região amazônica, Brasil	Síndrome de imunodeficiência adquirida ; Doenças sexualmente transmissíveis; Prostituição; Educação em saúde; Promoção da saúde; Vulnerabilidade em saúde; Participação comunitária; Brasil	Descrever estudo de caso de intervenção de base comunitária para controle das DST/Aids, desenvolvido com prostitutas	Revista de Saúde Pública Faculdade de Saúde Pública da USP
AQUINO, Priscila S. et al. Set 2008	Perfil sociodemográfico e comportamento sexual de prostitutas de Fortaleza - CE	Prostituição; comportamento sexual; sexualidade.	Identificar o perfil sociodemográfico e o comportamento de prostitutas de Fortaleza/CE	Texto & Contexto – Enfermagem/ UFSC (Programa de Pós Graduação em Enfermagem)

MALTA, Monica et al. Out 2008	HIV/AIDS risk among female sex workers who use crack in Southern Brazil.	Mulheres; Prostituição; Cocaína, Crack; Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde; Pesquisa Qualitativa.	Compreender o contexto social no qual estão inseridas trabalhadoras do sexo que usam crack e seu impacto na adoção de comportamentos de risco frente ao HIV/Aids	Revista de Saúde Pública Faculdade de Saúde Pública da USP
MENESES, Adélia B. 2008	"Dãolalalão" de Guimarães Rosa ou o "Cântico dos cânticos" do sertão: um sino e seu badaladal.	"Dãolalalão"; Guimarães Rosa; "Cântico dos cânticos"; Prostituição; Sociedade escravista.	Analisar a presença da prostituta na obra de Guimarães Rosa	Estudos Avançados Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo
OLIVAR, José M. N. Dez 2008	A angústia dos corpos indóceis: prostituição e conflito armado na Colômbia contemporânea.	Prostituição, Colômbia, Direitos Humanos	Elaborar uma reconstrução etnográfica do significado da prostituição num contexto de dominação masculina paramilitar, na Colômbia	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
BERNSTEIN, Elizabeth. Dez 2008	O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo	Prostituição, masculinidade, desejo, mercantilização, intimidade, trabalho sexual, gentrificação	Investigar os significados dados a diferentes tipos de trocas sexuais comerciais	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
TEIXEIRA, Flávia B. Dez 2008	<i>L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição</i>	Travestis, migração, prostituição, tráfico de pessoas	Investigar a circulação das travestis brasileiras nos cenários de prostituição em Milão, Roma. Brasil (Uberlândia)	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu

OLIVEIRA, Marina P. P. Dez 2008	Sobre armadilhas e cascas de banana: uma análise crítica da administração de Justiça em temas associados aos Direitos Humanos.	Direitos Humanos, tráfico de pessoas, prostituição, Justiça, Protocolo de Palermo	Analisar o tratamento dado pelo Sistema de Justiça ao tráfico de pessoas no Brasil, entre 2003 e 2008	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
CASTILHO, Ela W. V. Dez 2008	A criminalização do tráfico de mulheres: proteção das mulheres ou reforço da violência de gênero?	Tráfico de Mulheres; Prostituição; Criminalização; Discurso Judicial; Gênero.	Analisar o conteúdo de decisões judiciais que dispõem sobre tráfico de mulheres para prostituição com o objetivo de verificar se os juízes avaliam o fato na perspectiva de gênero	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
PISCITELLI, Adriana Dez 2008	Entre as "máfias" e a "ajuda": a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas	Tráfico de Pessoas; Crime; Direitos Humanos; Gênero, Prostituição	Comentar as dificuldades relativas à produção do conhecimento sobre tráfico de pessoas	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu
NUNES, Eliane L. G.; ANDRADE, Arthur G. Abr, 2009	Adolescentes em situação de rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André, Brasil.	Adolescência; violência doméstica; abuso de drogas; prostituição; AIDS.	Investigar as condições de vida de adolescentes do sexo feminino em situação de rua, envolvidas com o abuso de drogas e com a prostituição, visando orientar estratégias de prevenção às DST/AIDS	Psicologia & Sociedade Associação Brasileira de Psicologia Social
RODRIGUES, Marlene T. Jun, 2009	A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?	Prostituição; direitos humanos; políticas públicas.	O objetivo deste artigo é examinar duas dessas iniciativas: o Projeto de Lei n. 98/2003 (Fernando Gabeira) com vistas a reconhecer a prostituição como um "serviço de natureza sexual" e a inserção da atividade de profissionais do sexo como parte da CBO.	Revista Katálisys PPG em Serviço Social -UFSC

MOREIRA, Isabel C. C. C.; MONTEIRO, Claudete F. S. Out, 2009.	Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência.	Prostituição; Violência; Enfermagem	Descrever minha vivência na obtenção dos depoimentos utilizando a entrevista fenomenológica. Foram entrevistadas onze prostitutas em Teresina, PI.	Revista Brasileira de Enfermagem Associação Brasileira de Enfermagem
RIBEIRO, Moneda O. ; DIAS, Aretuzza F. Jun, 2009	Prostituição infanto-juvenil: revisão sistemática da literatura	Prostituição; Criança; Violência; Violência sexual.	Compreender como a prostituição infanto-juvenil está sendo explicada pelos pesquisadores, utilizando um extenso levantamento bibliográfico de artigos científicos, nacionais e internacionais.	Revista da Escola de Enfermagem da USP
SOUZA, Rafaela A.; SOUSA, Lídio Jun, 2009	Os dilemas da nomeação: prostituição infanto-juvenil e conceitos relacionados	Estigma; Prostituição; Vitimização.	A partir de uma breve revisão da literatura, o artigo apresenta algumas das principais controvérsias relacionadas à nomeação do fenômeno da prostituição infanto-juvenil feminina.	Estudos de Psicologia (PUC Campinas)
MOURA, Ana D. A.; PINHEIRO, Ana K.B; BARROSO, Maria G. T. Set, 2009	Realidade vivenciada e atividades educativas com prostitutas: subsídios para a prática de enfermagem.	Prostituição; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Educação em Saúde; Prevenção Primária.	Descrever as condições de vida e saúde das prostitutas e analisar o trabalho educativo realizado pela Associação das Prostitutas do Ceará (APROCE) quanto à prevenção das DST/AIDS.	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem (UFRJ)
PONTES, Heloisa Dez, 2009.	Beleza roubada: gênero, estética e corporalidade no teatro brasileiro.	Gênero; Corporalidade e Estética; Atrizes; Teatro Brasileiro; Prostituição e Representação.	O artigo discute as relações entre estética e gênero e suas implicações nas carreiras das atrizes Cacilda Becker, Maria Della Costa, Tônia Carrero e Cleyde Yáconis.	Cadernos Pagu Publicação de Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu

<p>MOURA, Ana Débora Assis et al</p> <p>Set, 2010</p>	<p>O comportamento de prostitutas em tempos de aids e outras doenças sexualmente transmissíveis: como estão se prevenindo?</p>	<p>Mulher; Prostituição; Doenças sexualmente transmissíveis; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.</p>	<p>Verificar o comportamento de prostitutas quanto à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da aids, bem como investigar como estão se prevenindo das mesmas.</p>	<p>Texto & Contexto – Enfermagem</p> <p>UFSC (Programa de Pós Graduação em Enfermagem)</p>
<p>FIDALGO, Andrés S.; SUAREZ, Carlos J.; VALLEJO, Elkin</p> <p>Dez, 2010</p>	<p>Faces da ilegalidade em Bogotá</p>	<p>Bogotá; Violência; Renovação urbana; Prostituição; Legalidade e ilegalidade</p>	<p>Neste artigo, são exploradas, a partir de uma perspectiva etnográfica, as diversas relações entre legalidade e ilegalidade nessas regiões de medo e perigo, cuja degradação física e moral é atribuída a certas pessoas estigmatizadas</p>	<p>Tempo Social</p> <p>Dep. Sociologia da FFLCH (USP)</p>
<p>DAMACENA, Giseli N.; SZWARCOWALD, Célia L.; BARBOSA JUNIOR, Aristides.</p> <p>2011</p>	<p>Implementação do método de amostragem <i>respondent-driven sampling</i> entre mulheres profissionais do sexo no Brasil, 2009.</p>	<p>HIV; Prostituição; Comportamento Sexual.</p>	<p>Em 1997, foi proposta uma técnica de amostragem probabilística para populações de difícil acesso, o Respondent-Driven Sampling (RDS). Este artigo descreve alguns pressupostos do RDS e todas as etapas de implementação em um estudo com 2.523 profissionais do sexo em dez municípios brasileiros.</p>	<p>Cadernos de Saúde Pública</p> <p>Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ Fundação Oswaldo Cruz</p>
<p>MEIS, Carla De</p> <p>2011</p>	<p>Cultura e <i>empowerment</i>: promoção à saúde e prevenção da Aids entre prostitutas no Rio de Janeiro.</p>	<p>Estigma; Empowerment; Organização comunitária e promoção à saúde; Prostituição.</p>	<p>Discutimos as dificuldades encontradas na realização de projetos de promoção à saúde entre grupos marginalizados, a partir de questionários e grupos de discussão realizados no trabalho de prevenção da aids entre prostitutas, no Rio de Janeiro (RJ), nas décadas de 80 e 90.</p>	<p>Ciência & Saúde Coletiva</p> <p>Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva</p>

<p>AQUINO, Priscila S.; NICOLAU, Ana I. .; PINHEIRO, Ana K.. B.</p> <p>Fev 2011</p>	<p>Desempenho das atividades de vida de prostitutas segundo o Modelo de Enfermagem de Roper, Logan e Tierney</p>	<p>Prostituição; Modelos de enfermagem; Saúde da mulher</p>	<p>Objetivou-se compreender as principais necessidades presentes nas atividades de vida de seis prostitutas atuantes em Fortaleza/CE que apresentavam alterações identificadas anteriormente na consulta de enfermagem em ginecologia.</p>	<p>Revista Brasileira de Enfermagem</p> <p>Associação Brasileira de Enfermagem</p>
<p>OLIVAR, J.M. N.</p> <p>Fev 2011</p>	<p>Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina</p>	<p>Prostituição; parentesco; corpo; sexualidade; Porto Alegre.</p>	<p>Com base num diálogo sobre sexualidade, parentesco e corpo, propõe-se uma reflexão etnograficamente baseada na natureza das relações de prostituição.</p>	<p>Revista Brasileira de Ciências Sociais</p> <p>Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS</p>



APÊNDICE II - Teses e dissertações sobre prostituição disponíveis na BDTD (2000 a 2010)

AUTORIA/DATA	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO	INSTITUIÇÃO
Sonia Margarida Gomes Sousa 2000	Prostituição infantil e juvenil: uma análise psicossocial do discurso de depoentes da CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito, sexualidade infantil, sexualidade juvenil, Prostituição juvenil -- Brasil	Esta pesquisa tem como objeto de estudo os significados de prostituição infantil e juvenil contidos nos discursos de depoentes da Comissão Parlamentar de Inquérito que pretendeu apurar responsabilidades pela exploração e prostituição infanto-juvenil.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Psicologia Social) Grau: Doutorado
Lumena Celi Teixeira 2001	O outro lado do espelho: a exploração sexual sob o olhar de adolescentes prostituídas	Prostituição juvenil, Exploração sexual, Adolescência e prostituição, Violência sexual	Objetivando revelar o sentido subjetivo da exploração sexual para adolescentes prostituídas, foram analisados os discursos de três jovens atendidas pelo Projeto Camará (São Vicente/SP).	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Psicologia Social) Grau: Mestrado

Marlene Rodrigues Teixeira 2003	Polícia e prostituição feminina em Brasília: um estudo de caso	Prostituição, polícia, cidadania, Brasília,	A pesquisa, concretizada mediante a observação direta da prática da polícia civil, teve por objetivo levantar e sistematizar informações que permitissem analisar os determinantes, as características e os impactos da intervenção policial na esfera da prostituição feminina.	Universidade de Brasília Programa de Pós-graduação em Sociologia Grau: Doutorado
Stella Maris Botelho Nogueira 2003	"Prostituição de adolescentes: uma imagem construída na adversidade da sociedade"	Adolescente, família, prostituição, violência	Conhecer e analisar o contexto da prostituição feminina de adolescentes - considerada como agravo à saúde e uma forma de violência - e o seu significado, por meio da experiência da prostituição na adolescência.	Universidade de São Paulo (Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública) Grau: Mestrado
Eduardo Moreira Assis 2005	A cidade e o "mal necessário"; zona de prostituição e marginalidade social em Pouso Alegre - MG	Zona de prostituição, território, cultura, experiência, história oral, imprensa, preconceito, Prostituição - Pouso Alegre, MG, Marginalidade social,	Refletir sobre a construção da Zona de Prostituição enquanto território urbano e explorar as tensões que permearam as relações estabelecidas entre cidade e a Zona no decorrer dos anos.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (História Social) Grau: Mestrado
Eliane Nunes Lima Guerra 2005	"Adolescentes que vivem na rua: um estudo sobre a vulnerabilidade ao HIV/aids relacionada à droga, à prostituição e à violência"	Adolescente, DST, Feminino, Menores de rua, Prostituição	O estudo investigou qualitativamente a vulnerabilidade às DSTs e ao HIV/aids em adolescentes que vivem na rua e estão envolvidas com a prostituição juvenil, com o uso de drogas e com a violência.	Universidade de São Paulo Programa de Pós-graduação em Fisiopatologia Experimental Grau: Mestrado

Aquiles Duarte de Souza 2005	Identidades Veladas: Fanny: a formação e a educação na cidade de Brusque na década de 1960	Memória, identidade, educação sexual, Brusque, prostituição, Educação, história	Objetivou-se investigar a identidade de uma cidade, no seu contexto e abrangência, dentro de uma característica societal do sul do Brasil, em aspectos como: educação, formação, escola, professores, alunos e sexualidade.	Universidade do Vale do Itajaí Pós-graduação em Educação Grau: Mestrado
Nhandeyjara de Carvalho Costa 2005	O lado duro da vida fácil a exploração sexual de meninas adolescentes da periferia de Fortaleza-CE e o resgate da cidadania	Prostituição de adolescentes, Educação em Saúde, Cidadania, Saúde Coletiva	Este estudo teve como objetivo geral: compreender o significado de ser menina adolescente e viver em situação de prostituição num bairro da periferia da cidade de Fortaleza-CE.	Universidade de Fortaleza Grau: Mestrado
Alexandre Fleming Camara Vale 2005	O Vôo da Beleza: Travestilidade e Devir Minoritário	Sexualidade, prostituição, experiência transgênero, transfobia e migração	Discutir elementos suscetíveis de desempenhar um lugar significativo na experiência transgênero: a injúria e a violência, o processo de feminilização, a prostituição e os efeitos de liberdade e de miséria dos processos migratórios.	Universidade Federal do Ceará Programa de Pós-graduação em Sociologia Grau: doutorado
Flávia do Carmo Ferreira 2006	Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual	Educação popular, Educação e saúde, Prostituição, Prostituição feminina	Analisar as similaridades e diferenças nas percepções de trabalhadoras do sexo e profissionais do sistema público de saúde sobre os processos educativos relacionados à saúde da trabalhadora do sexo.	Universidade Federal de São Carlos Programa de Pós-graduação em Educação Grau: mestrado

Gláucia Helena Araújo Russo 2006	Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição	Dinheiro, Sociabilidade, Relações de prostituição, Símbolo, Troca, Amor,	Neste trabalho realiza-se uma discussão sobre a relação entre dinheiro e prostituição de forma a superar seus aspectos meramente econômicos, percebendo a ambos como fenômenos sociais, culturais e históricos e tomando-os como símbolos, cujo estudo ajuda a desvendar a realidade.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Grau: Doutorado
Fabiana Rodrigues de Sousa 2007	Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes	Educação popular, Prostituição, Dialogicidade, Processo educativo	Esta pesquisa teve como objetivo identificar processos educativos que se desenvolvem nas relações estabelecidas entre prostitutas e clientes, tendo como ponto de partida a percepção dessas mulheres sobre tais processos	Universidade Federal de São Carlos Programa de Pós-graduação em Educação Grau: Mestrado
Monica Benfica Marinho 2007	A carreira da prostituta militante: um estudo sobre o papel das práticas institucionais na construção da identidade da prostituta militante da Associação das Prostitutas da Bahia	práticas institucionais, comunicação, identidade, prostituição	O objetivo é compreender o processo de construção da identidade da prostituta membro desta associação, e como as práticas da instituição que colocam em funcionamento procedimentos, regras, normas e comunicações participam desta construção.	Universidade Federal da Bahia (Sociologia) Grau: Doutorado

Liciane Rossetto Ferreira 2007	A comunicação e o turismo sexual: as garotas do Brasil - um olhar hermenêutico	Prostituição – Brasil, Turismo, Comunicação	O presente estudo, um olhar lançado sobre o Turismo Sexual, nas relações promovidas pela Comunicação entre turistas argentinos e moças da comunidade, em Florianópolis, Santa Catarina, no período de janeiro a abril de 2007, contempla uma Tríplice Análise da pesquisa, através da Hermenêutica em Profundidade (HP)	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Comunicação Social Grau: Doutorado
Níliá Viscardi 2007	Violência, juventude e controle social no Uruguai: efeitos da violência na construção de trajetórias e identidades	Violência, Uruguai, Juventude, Adolescência, Exclusão social, Conflito, Controle social, Identidade social, Violência escolar, Violência doméstica, Delito, Prostituição, Abuso sexual, Homicídio, Tráfico de drogas	Explicar a importância que os fenômenos de violência que emergem entre os jovens têm na sociedade uruguaia atual e os laços que eles mantêm com a integração social	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Sociologia Grau: Doutorado
Gisele Becker 2007	A construção da imagem da prostituição e da moralidade em Porto Alegre pelo jornal gazetinha : uma análise dos códigos sociais segundo a hipótese de agendamento : 1895-1897	Jornalismo, História, Imprensa, Jornalismo impresso, História e Crítica, Prostituição – Porto Alegre, Moralidade, Jornais Porto Alegre, Agenda Setting,	A proposta de análise aqui apresentada pretende se debruçar não apenas sobre a fala do jornal em si, mas sobre a maneira como ela foi elaborada por meio da construção de códigos de agenciamento de poder	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Comunicação Social Grau: Doutorado

<p>Andreia Skackauskas Vaz de Mello</p> <p>2007</p>	<p>Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: o caso da organização de prostitutas Davida</p>	<p>Sociologia, Sociologia urbana, Sociologia industrial, Movimentos Sociais, Prostitutas, Prostituição</p>	<p>À luz da sociologia das organizações, o presente estudo tentou identificar as dimensões organizacionais e societárias que afetam a vida das ONG independentemente das visões idealizadas por seus líderes ou mentores intelectuais sobre o seu desenvolvimento</p>	<p>Universidade Federal de Minas Gerais</p> <p>Programa de Pós-graduação em Sociologia</p> <p>Grau: Mestrado</p>
<p>Martha de Toledo Machado</p> <p>2007</p>	<p>Personalidade infanto-juvenil e crimes sexuais: proibições de excesso e proteção insuficiente (contribuição à tipologia dos princípios de conformação e interpretação da lei penal)</p>	<p>Exploração sexual de crianças e adolescentes, Brasil -- [Constituição (1988)], Crime sexual contra as crianças -- Brasil, Prostituição juvenil -- Brasil, Direitos das crianças -- Brasil</p>	<p>O trabalho problematiza as questões por que proibir, quando proibir e como proibir o abuso, a violência e a exploração sexual de crianças e adolescentes, sob a Constituição de 1988, à luz de duplo interesse: melhor efetividade da tutela aos direitos fundamentais da vítima e aos do suposto autor desses crimes.</p>	<p>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Direito)</p> <p>Grau: Doutorado</p>
<p>João Diogenes Ferreira dos Santos</p> <p>2007</p>	<p>Violência no sertão da ressaca a negação dos direitos da população infanto-juvenil em Vitória da Conquista, Bahia (1997-2005)</p>	<p>Violência, Crianças e Adolescentes, Cultura Política, Políticas Públicas, Vitória da Conquista (Bahia), Política e governo -- 1997-2005, Políticas públicas,</p>	<p>Esta tese tem por objetivo refletir sobre a realidade das desigualdades sociais e da violência contra crianças e adolescentes, em Vitória da Conquista, Bahia, no período de 1997 a 2005.</p>	<p>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo</p> <p>(Doutorado em Ciências Sociais)</p> <p>Grau: Doutorado</p>

Hisakhana Pahoona Corbin 2007	Migração brasileira para Guiana como uma estratégia de sobrevivência: um estudo de caso aproximado	estratégia de sobrevivência, impactos socioambientais, Guiana, Brasil, Amazônia, MIGRACAO, imigrantes - Guianas, trabalhadores estrangeiros brasileiros - Guiana, Brasil - migração - Guiana, Guiana - migração, mineração, prostituição	O estudo examinou, descreveu e analisou o processo da migração e da adaptação, e os impactos socioeconômicos e ambientais físicos e as preocupações associadas com as atividades de sobrevivência destes migrantes na Guiana	Universidade Federal do Pará Grau: Mestrado
Caroline Ausserer 2007	Controle em nome da proteção: análise crítica dos discursos sobre o tráfico internacional de pessoas	Discurso, Migração, Michel Foucault, Crime Organizado, Prostituição	Este trabalho analisa o funcionamento, as ambigüidades e as implicações políticas dos discursos mais correntes contemporâneos sobre o tráfico internacional de pessoas.	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Ailton da Silva Santos 2007	Corpo educado? Percepção do risco de contrair HIV e práticas educativas entre travestis profissionais do sexo.	travesti, prostituição, práticas educativas, percepção de risco, gênero	O objetivo da presente pesquisa é conhecer quais os sentidos que as travestis profissionais do sexo atribuem às práticas educativas das quais participam em relação ao risco de contrair HIV/AIDS nas suas atividades sexuais.	Universidade Federal da Bahia Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva Grau: Mestrado
Rika Hagino 2007	Considerações sobre a obra Nigorie (Enseada de águas turvas) e sua autora Higuchi Ichiyô (1872-1896	Crítica à pobreza e à desigualdade social, Higuchi Ichiyô, Literatura da era Meiji (1868-1912), Nigorie (Enseada de águas turvas), Prostituição,	Esta dissertação intenta investigar como a condição de vida da escritora Higuchi Ichiyô vai modificando o seu pensamento literário levando-a à criação do universo da obra Nigorie (Enseada de águas turvas) tentando desvendar seus ideais sociais.	Universidade de São Paulo Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa Grau: Mestrado

<p>Eloísa Gabriel dos Santos</p> <p>2008</p>	<p>Mulheres jovens de Uruaçu (GO), vulneráveis ao tráfico de pessoas para a exploração sexual comercial: subsídio para o atendimento do serviço social</p>	<p>Jovens mulheres, Tráfico de pessoas, Cidade de Uruaçu, Prostituição -- Uruacu, GO, Prostituição juvenil</p>	<p>Este estudo mostra o depoimento de três jovens mulheres, alvos do tráfico de pessoas na cidade de Uruaçu, interior de Goiás, e tem como proposta discutir os aspectos políticos e subjetivos que envolvem o universo dessas mulheres.</p>	<p>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo</p> <p>Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social</p> <p>Grau: Mestrado</p>
<p>Fernanda Guedes dos Santos</p> <p>2008</p>	<p>O comércio ilícito do prazer e a ação policial e jurídica em Porto Alegre (1889-1930)</p>	<p>Prostituição, justiça (direito), polícia, História</p>	<p>O presente trabalho é uma análise da ação policial e jurídica frente ao meretrício. Objetiva demonstrar um entendimento do papel da prostituição frente ao desenvolvimento da cidade de Porto Alegre no final do século XIX início do XX.e dos órgãos responsáveis pela fiscalização da mesma.</p>	<p>Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul</p> <p>Programa de Pós-graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas</p> <p>Grau: Mestrado</p>
<p>Gustavo Henrique Ferreira Bittencourt</p> <p>2008</p>	<p>Da pornografia: os diários de Bruna, Marise e Gabriela: as prostitutas letradas</p>	<p>Diários, Pornografia, Prostituição, Ciências Sociais</p>	<p>Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar a relação entre trabalho e prostituição no cotidiano dos profissionais do sexo do baixo meretrício em Belo Horizonte e como se dá a construção de sociabilidades a partir desta relação.</p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Norte</p> <p>Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais</p> <p>Grau: Mestrado</p>

Monica Queiroz de Oliveira 2008	Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil	Psicologia, trabalho, prostituição, sexo, vergonha	Analisar a relação entre trabalho e prostituição no cotidiano dos profissionais do sexo do baixo meretrício em Belo Horizonte e como se dá a construção de sociabilidades a partir desta relação.	Universidade Federal de Minas Gerais (Psicologia Social) Grau: Mestrado
Sandro Xavier da Silva 2008	As vozes de mulheres profissionais do sexo sobre a legalização do seu trabalho: discurso e gênero	Análise de discurso crítica, gênero social, prostituição, agenciamento	É projeto do Estado a legalização do trabalho de profissionais do sexo. A pesquisa, então, analisa depoimentos de mulheres que trabalham com a prostituição, por meio dos quais oferecem sua avaliação sobre a situação.	Universidade de Brasília Programa de Pós-graduação em Linguística Grau: Mestrado
Andréia da Silva Costa 2008	O tráfico de mulheres: o caso do tráfico interno de mulheres para fins de exploração sexual no estado do Ceará	Tráfico de mulheres, Prostituição – Ceará, Direito Constitucional	A presente pesquisa dispôs-se a analisar o tráfico de pessoas sob quatro perspectivas: a) no âmbito global; b) no âmbito nacional; c) no âmbito estadual; d) na perspectiva do tráfico interno de mulheres para fins de exploração sexual no Ceará.	Universidade de Fortaleza Grau: Mestrado
Ronaldo Alves da Silva 2008	As práticas informacionais das Profissionais do Sexo da zona boêmia de Belo Horizonte	Ciência da Informação, prostituição	Neste trabalho buscamos investigar as práticas informacionais de um grupo heterogêneo, que ainda não ganhou a configuração oficial de grupo profissional: as profissionais do sexo.	Universidade Federal de Minas Gerais Pós-graduação em Ciência da Informação Grau: Mestrado

Romilda Meira de Souza Barbosa 2008	"Garota de programa": acontecimento discursivo	Análise do discurso, prostituição	a) analisar o discurso da/sobre a prostituta/prostituição, para observar a tensão entre formações discursivas (FDs) componentes desse discurso; b) analisar as relações de FDs, sentidos, sujeitos no espaço intra e interdiscursivo	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Programa de Pós-graduação em Letras Grau: Mestrado
Leticia da Luz Tedesco 2008	Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre/RS	Porto Alegre (RS), Antropologia social, Sexualidade, Prostituição, Estudo etnográfico, Identidade, Afetividade, inter-relações sociais, Exploração sexual	Este trabalho é uma análise antropológica sobre as relações afetivas e comerciais entre mulheres que se prostituem e os demais agentes da prostituição, os chamados rufiões ou proxenetas. Através do trabalho etnográfico buscamos compreender os sentidos e representações sobre as concepções de trabalho e de exploração.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Antropologia Social Grau: Mestrado
Rossana Maria Marinho Albuquerque 2008	Para além da tensão entre moral e economia: reflexões sobre a regulamentação da prostituição no Brasil	Prostituição, Estado, Regulamentação da prostituição, Emancipação política, Emancipação humana	O presente trabalho tem como objeto de estudo as atuais propostas de regulamentação da prostituição no Brasil, expressas pelos Projetos de Lei (PL) 4244/04 e 98/03.	Universidade Federal de Alagoas Programa de Pós-graduação em Sociologia Grau: Mestrado

Aline Karen Matté 2008	Prazeres velados e silêncios suspirados: sexualidade e contravenções na região colonial italiana: 1920-1950	Sexualidade, prostituição, Rio Grande do Sul, colonização italiana, aspectos religiosos, imigração italiana, história	A Região Colonial Italiana tem origem na política de colonização implantada pelo governo imperial brasileiro no final do século XIX. Pretende-se abordar e analisar algumas das lacunas referentes à história dessa região, principalmente as alusivas à sexualidade.	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em História Grau: Mestrado
Eliane Lima Guerra Nunes 2008	Adolescência e corpo: a prostituição e o abuso de droga como sintoma	Adolescente, doenças sexualmente transmissíveis/DST, gravidez na adolescência, HIV, mulher, prostituição, psicanálise/psicologia, transtornos relacionados ao uso de substâncias/psicologia	O estudo propõe, com base na escuta da história de vida de dez jovens, entre 19 e 25 anos, que vivem na prostituição em boates na cidade de Santo André – SP, realizar uma discussão a respeito das DST/AIDS e da toxicomania.	Universidade de São Paulo Faculdade de Medicina Grau: Doutorado
Cristian Vivente Rodrigues 2009	Vislumbrando os sujeitos invisíveis sob o foco das práticas de controle social Uberaba 1865/1935.	Cidade, Sujeitos invisíveis, Disputas, História social, História, Prostituição - Uberaba (MG)	O trabalho em tela visa problematizar, num processo de constituição da cidade de Uberaba, entre 1865 e 1935, as relações sociais tramadas entre os diferentes grupos sociais, as quais contribuíram para ocultar a participação de determinados agentes.	Universidade Federal de Uberlândia Programa de Pós-graduação em História Grau: Mestrado
Flavia Helena Santos Peret 2009	Homossexualidade, violência e pobreza: as representações do amor não-hegemônico em Cidade de Deus e Estação Carandiru	Homossexualismo na literatura, Travestismo, Identidade sexual na literatura, Prostituição masculina, Literatura e sociedade, Homofobia, Alteridade	Discussão sobre a representação das travestis - personagens historicamente marginalizadas - na produção literária contemporânea brasileira, tendo como objeto de estudo os livros Cidade de Deus, do escritor Paulo Lins e Estação Carandiru, de Drauzio Varella.	Universidade Federal de Minas Gerais Programa de Pós-graduação em Letras Grau: Mestrado

Monise Gomes Serpa 2009	Exploração sexual e prostituição: um estudo de fatores de risco e proteção com mulheres adultas e adolescentes	Mulher, Psicologia, Exploração Sexual, Prostituição, Fatores de risco, Fatores de proteção,	O objetivo desse estudo foi identificar os fatores de risco e proteção em mulheres adolescentes e adultas em situação de exploração sexual e prostituição, analisando os contextos nos quais estão inseridas.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Psicologia Grau: Mestrado
Tatiana Eulálio Dantas Guedes Marwell 2009	O tratamento jurídico penal ao tráfico internacional de pessoas para fins sexuais no Brasil à luz da Convenção de Palermo	Tráfico internacional de pessoas, Exploração sexual/prostituição, Convenção/Protocolo de Palermo, Globalização, Criminalidade transnacional, DIREITO, direito penal, Tráfico humano - mulheres	Analisar o tratamento jurídico-penal conferido pelo Brasil ao delito de tráfico internacional de pessoas para fins sexuais, frente às necessárias medidas de prevenção e combate ao ilícito, professadas no Protocolo de Palermo.	Universidade Católica de Brasília (Direito Internacional Econômico) Grau: Mestrado
Maria Ilidiana Diniz 2009	Silenciosas e silenciadas: descortinando as violências contra a mulher no cotidiano da prostituição em Natal-RN	prostituição, violência, relações patriarcais de gênero, serviço social	O objetivo central da investigação é analisar de que forma a atividade prostitucional potencializa diferentes formas de violência no cotidiano da prostituição desenvolvida na cidade de Natal.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte Programa de Pós-graduação em Serviço Social Grau: Mestrado
Danilo de Assis Clímaco 2009	Tráfico de mulheres, negócios de homens: leituras feministas e anti-coloniais sobre os homens, as masculinidades e/ou o masculino	Psicologia, Masculinidade, Prostituição, Feminismo, Mulheres,	Os estudos sobre homens, o masculino ou as masculinidades surgiram ao longo da déc. 1970 dentro de diferentes tendências do feminismo. Os esforços de diálogo entre estas tendências são escassos, pretendendo esta dissertação se somar a eles.	Universidade Federal de Santa Catarina Programa de Pós-graduação em Psicologia Grau: Mestrado

Jeanine Torres Geammal 2009	O surgimento da marca Daspu e a projeção de sua imagem através da imprensa	Prostituição, Inclusão social, desenho industrial, Marca social, Imagem de marca, Moda,	O presente trabalho é um estudo sobre a criação e aparecimento público da Daspu, marca de vestuário feminino que se tornou conhecida nacionalmente ao entrar em polêmica com a grife paulista Daslu, importante multimarcas de luxo.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro Programa de Pós-graduação em Design Grau: Mestrado
Francisca Solange Mendes da Rocha 2009	As relações afetivas e a esfera da intimidade em "O Cortiço", de Aluísio Azevedo	O Cortiço, Século XIX, Família, Afetividade, Intimidade, Azevedo, Aluísio, 1857-1913. O cortiço - Crítica e interpretação, Família na literatura, Redes de relações sociais na literatura, Adultério na literatura, Prostituição na literatura	O presente trabalho ressalta as valiosas contribuições do romance O Cortiço, de Aluísio Azevedo para a compreensão do contexto social fluminense de final de século XIX.	Universidade Federal do Ceará (Mestrado em Letras) Grau: Mestrado
Danieli Machado Bezerra 2009	Prostitutas entendidas: o que entender?	Entendidas, Estudos queer, Identidade, Prostituição, Sexualidade	Verificamos se mulheres prostitutas que se autodefinem entendidas praticam sexo com homens através de uma relação de trabalho e com mulheres a partir da relação de afeto. Analisamos esta prática da atividade sexual como sendo mais uma possível expressão da sexualidade.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Grau: Mestrado
Sérgio Aguiar Montalvão 2009	A homossexualidade na bíblia hebraica: um estudo sobre a prostituição sagrada no antigo oriente médio	Bíblia hebraica, Homossexualidade, Interdito, Oriente próximo, Prostituição,	O trabalho tem o objetivo de apresentar a homossexualidade na Bíblia Hebraica através das passagens de Levítico 18:22, 20:13, Deuteronômio 22:5, 23:18-19, 1º Reis 14:24, 15:12, 22:46 e 2 Reis 23:7.	Universidade de São Paulo Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica Grau: Mestrado

<p>Cláudia Jaqueline Martinez Munhoz</p> <p>2009</p>	<p>Percepção de mulheres, profissionais do sexo, sobre suas condições de vida, saúde e trabalho.</p>	<p>Saúde Integral da Mulher, Morbidade Referida, Condições de Vida, Saúde e Trabalho, Prostituição, Profissionais do Sexo, Assistência em Saúde, saúde pública, Assistência Integra a Saúde da Mulher</p>	<p>Caracterizar sócio demograficamente hábitos de vida e descrever a percepção de mulheres profissionais do sexo da cidade de Votuporanga-SP, a respeito de suas condições de vida e trabalho.</p>	<p>Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto</p> <p>Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde</p> <p>Grau: Doutorado</p>
--	---	---	--	--



APÊNDICE III - Diário de Campo

DIÁRIO I		
Data: 9 de abril de 2010	Casa: 6	Horário: 14h30
Participantes: Pesquisadora, Sabrina (aluna Pedagogia), duas prostitutas (Fiona e Felícia), sr. Felipe (vigia e auxiliar de limpeza)		

Eu e Sabrina nos encontramos no ponto de ônibus por volta das 14h. Pegamos o ônibus e descemos próximo à casa noturna (casa 6) por volta das 14h20, batemos palmas e ninguém veio nos atender, notamos que o portão de entrada estava aberto, mas ficamos aguardando do lado de fora, pois havia dois cachorros que latiam assustados com nossa presença.

Chamei o senhor Felipe⁵⁵ que trabalha como vigia durante o dia, naquele estabelecimento comercial. Depois de alguns minutos, apareceu uma moça na varanda da casa e disse que podíamos entrar. Perguntei se os cachorros não avançariam, ela respondeu que não e, então, entramos. O senhor Felipe veio nos receber, ele disse que achava que as meninas ainda estavam dormindo. Falei que uma mulher havia nos recebido e falado conosco da varanda. Então, ele comentou que poderíamos subir e verificar se elas já estavam acordadas.

Subimos a escada e fomos até o andar de cima, onde se localizam os quartos, banheiros e uma sala com tv que dá acesso à varanda. Encontramos uma mulher saindo do banheiro, cumprimentamo-nos e, em seguida, ela entrou em um dos quartos. Adentramos no corredor e fomos até a sala de estar, lá encontramos a moça que consentira em nossa entrada. Apresentamos-nos e ela confirmou que, realmente, havia acordado há pouco tempo; pediu para sentarmos no sofá da sala e aguardar, enquanto ela entrou em um dos quartos comunicando-nos que iria colocar uma calça, pois estava com vestes de dormir.

Logo em seguida, ela voltou e retomamos a conversa. Eu e Sabrina falamos sobre nossas propostas de trabalho, contamos que somos estudantes da área de Educação. Falamos que somos estudantes da UFSCar e que participamos do GETS (Grupo de estudos sobre trabalho sexual), falamos sobre as ações e atividades de extensão que o grupo já desenvolveu em algumas casas noturnas da cidade e sobre nossas intenções de trabalho para esse ano. Ela também se apresentou, disse que se chama Fiona e que está na casa faz algumas semanas, ela nos contou que mora em São Paulo e, às vezes, vem passar um tempo na casa 6, juntamente com uma amiga – a Felícia que também presta serviços sexuais. Fiona nos contou que por

⁵⁵ Todos os nomes empregados são fictícios, a fim de manter em sigilo a identidade de pessoas participantes da pesquisa. Por se tratar da Casa 6, os nomes empregados iniciam-se com a letra F (sexta letra do alfabeto).

estar há pouco tempo na casa, ainda não se enturmou muito com as outras mulheres e por isso, ainda, fica um pouco isolada.

Fiona nos perguntou se aceitávamos tomar um café. Aceitamos e descemos para cozinha. Ela verificou a garrafa térmica, ainda havia um pouco de café, nos três tomamos. Depois ela decidiu fazer mais café, alegando que seria bom tomar um café fresco. Aceitamos e ficamos conversando na cozinha. Falamos sobre o projeto de extensão que será desenvolvido por Sabrina que aborda a temática da Educação em Direitos Humanos. Fiona perguntou se éramos alunas do curso de Direito. Falamos que não, eu contei que sou Pedagoga e que faço pós-graduação em Educação e Sabrina disse que é aluna do curso de Pedagogia e que vem estudando a temática dos direitos humanos porque se interessa pelo assunto. Fiona perguntou como funciona o projeto de extensão. Falamos que a proposta do projeto é debater documentos de direitos humanos de acordo com a demanda apresentada pelas mulheres das casas noturnas. Sabrina perguntou se ela tinha alguma curiosidade com relação ao tema e Fiona respondeu que para explicar era preciso contar um pouco de sua história. Falamos para ela contar.

Fiona contou que era filha de pais separados e que morava em São Paulo com seu pai e o irmão. Seu pai sofre de esquizofrenia e sua irmã mais velha é a responsável legal pelo pai, essa irmã já é casada e vive em outro lar. Fiona começou a prestar serviços sexuais, inicialmente, fazia apenas show e dança, depois passou a fazer stripper e, por fim, a realizar programas (1). Ela disse que seu irmão passou a criticá-la, após relacionar-se com uma companheira que não aceitava a atividade que Fiona exercia e motivado pela influência de sua companheira, ele acabou expulsando Fiona de casa (2). No entanto, esse irmão deve pensão alimentícia a um filho. Essa criança é filha do irmão de Fiona (pelo lado paterno) com a irmã de Fiona (pelo lado materno). A irmã materna de Fiona entrou na justiça com pedido de pensão alimentícia, esse processo foi um pouco demorado, mas de acordo com o relato cedido por ela, está prestes a ser executado. Por isso, ela queria obter mais informações sobre pensão alimentícia e sobre as possíveis consequências aos responsáveis que não efetuam o pagamento da mesma. Ela almeja saber se seu irmão pode ir preso e se poderá ser atribuída alguma responsabilidade legal ao seu pai ou irmã mais velha.

Enquanto conversávamos na cozinha, chegou Felícia que estava passeando pela cidade. Apresentamo-nos a ela e voltamos a falar sobre as atividades exercidas por membros do grupo de estudos de trabalho sexual e sobre as atividades que pretendemos desenvolver na casa 6. Perguntamos se ela tinha alguma curiosidade ou interesse referentes aos direitos humanos. Ela disse que não.

Perguntei para Fiona quem estava se alojando no imóvel localizado no terreno atrás da boate, ela disse que as travestis estão morando lá. Perguntei se havia alguma relação com o imóvel e a casa noturna, ela disse que não, pois fica cada grupo em seu lugar, as mulheres na boate e as travestis lá no fundo, o imóvel tem até entrada independente. Perguntei se seria possível fazer uma visita às travestis, conversar com elas e convidá-las a participar do projeto para discutir educação e direitos humanos. Fiona respondeu que não saberia me informar e que seria melhor conversar diretamente com elas. Fiona revelou que ainda não conhecia as travestis e

que, talvez, eu pudesse tentar falar com o cozinheiro Fabinho, pois ele tem amizade com algumas travestis. Agradei a informação e mudamos de assunto.

Felícia perguntou se Fiona já havia jantado, ela respondeu que não. Felícia subiu, deixou suas coisas no quarto e voltou. Ela verificou as panelas que estavam sobre o fogão com a refeição preparada pelo cozinheiro da casa. Felícia perguntou se aceitávamos jantar, falamos que não, pois estávamos tomando café. Ela falou que ia esquentar o jantar. Fritou algumas linguiças que estavam na geladeira e preparou uma salada para ela e Fiona. Enquanto Felícia preparava as refeições, continuávamos a conversar. Fiona relatava algumas experiências escolares, disse que sofreu muito preconceito e perseguição na escola, pois as crianças riam dela e de sua irmã, devido a sua condição financeira. Quando estava nas séries iniciais, ela revelou que apanhava de alguns meninos e que tinha medo de contar isso a sua mãe. Um dia, chegou chorando em casa e a mãe quis saber o porquê, como ela não parava de chorar, sua irmã acabou falando que ela apanhara de um menino. No outro dia, a mãe de Fiona foi buscá-las na saída da aula, e perguntou quem era o menino que costumava bater nela, ela não queria dizer, mas a irmã apontou quem era o menino. A mãe fora até a saída da escola com os primos de Fiona e, ao ver o menino que batia em sua filha, consentiu que eles dessem uma surra em tal menino. De acordo com Fiona, depois desse dia ela e sua irmã não apanharam mais na escola, mas continuaram a sofrer preconceito.

Assim que as refeições estavam prontas, as duas serviram-se e subimos novamente para a sala de estar. Felícia ligou a televisão e vimos um trecho de um programa sobre exposição e encaminhamento de problemas familiares. Elas contaram que ainda não se acostumaram com a casa, pois segundo seus relatos, nas boates de São Paulo a aparelhagem é melhor. Disseram que em São Paulo, há casa noturna com DJ e música eletrônica que para elas são facilitadores na hora de fazer o show e a dança na barra de ferro (pole dance). Em São Carlos na maioria das casas não há DJ, mas sim jukebox e segundo elas os clientes escolhem, predominantemente, músicas sertanejas (3).

Felícia perguntou se havia casas de massagem em São Carlos. Respondemos que sim, ela olhou para Flávia e voltou a nos questionar.

- Vocês sabem de que casa eu estou falando? É de casa onde dá pra trabalhar de dia? Onde os clientes vão para fazer massagem, mas se quiser também pode conversar com as meninas e depois fazer um programa.

Falei que não podia afirmar a existência desse tipo de casa de massagem, em São Carlos, pois nunca conversei com pessoas que confirmaram ter usufruído desse tipo de serviço. Depois por volta da 16h30, despedimo-nos e combinamos que voltaríamos na próxima semana, na sexta-feira, para conversar com Fiona sobre pensão alimentícia. Perguntamos se chegar às 14h30 seria um bom horário ou se seria melhor às 15h30, Fiona sorriu e disse que podia ser às 15h30.

DIÁRIO II		
Data: 16 de abril de 2010	Casa: 6	Horário: 15h30
Participantes: Pesquisadora, Sabrina (aluna Pedagogia), Fabinho (cozinheiro) e Fádía		

Eu e Sabrina chegamos à casa 6 por volta das 15h30. No portão de entrada, avistamos o Fabinho⁵⁶ que trabalha na casa preparando as refeições para as mulheres que prestam serviços sexuais. Perguntei se ele se recordava de mim, Fabinho respondeu que sim e disse para entrarmos. Perguntei se havia meninas na casa, ele respondeu que só havia uma.

Entramos e Fabinho nos conduziu até o andar de cima da casa, local onde estão localizados os quartos que alojam as mulheres que prestam serviços sexuais. Fabinho foi até o quarto de Fádía e nos apresentou a ela, dizendo que éramos pessoas da universidade e que realizávamos pesquisa na casa noturna. Fádía saiu do quarto e veio conversar conosco. Eu e Sabrina nos apresentamos a ela. Fádía quis saber mais informações sobre o trabalho que realizamos nas casas noturnas. Falei que pesquisava processos educativos consolidados na vida na noite e Sabrina falou sobre o trabalho de extensão em educação e direitos humanos.

Fádía ligou a televisão e continuamos conversando na sala. Sabrina lhe entregou um exemplar do jornal Beijo da Rua⁵⁷, dizendo que era uma produção da organização de prostitutas do Rio de Janeiro. Ela agradeceu e disse que gostava de ler, falou que às vezes tem insônia e aproveita para ler.

Perguntei há quanto tempo ela estava na casa 6. Fádía disse que havia chegado, recentemente, naquela tarde, e por isso estava descansando. Perguntei de onde ela vinha, ela nos contou que trabalhava em uma boate em Araraquara com sua irmã.

Perguntei a ela sobre sua idade, pois ela aparenta ser bem jovem. Fádía disse que tem 18 anos, mas que já viveu muita coisa nessa vida. Ela falou que realiza serviços sexuais desde os 10 anos de idade, os chamados “favores” em troca de alguma retribuição de ordem financeira. Ela nos contou que, na ocasião, sua família residia na periferia da zona leste da cidade de São Paulo e consentia que ela prestasse tais “favores” porque atravessava um período marcado por dificuldades financeiras. No entanto, ao gozar de melhores condições socioeconômicas, Fádía afirma que seus pais a expulsaram de casa alegando não aceitá-la por ser prostituta (1).

Fádía nos disse que teve uma filha, na adolescência. Ela foi mãe com quatorze anos e o pai da criança não assumiu a paternidade. Nesse caso, a criança foi adotada pela mãe de Fádía e foi criada como sua irmã. Fádía disse que é usuária de drogas ilícitas como cocaína e que, durante sua adolescência teve envolvimento com pessoas ligadas ao tráfico, segundo ela, correu muitos riscos nesse período e depois passou a dedicar-se ao exercício da prostituição (2). Perguntei se ela conseguia prestar serviços sexuais em casas noturnas mesmo sendo menor. Fádía falou que trabalhou na rua, mas não gostou porque considera muito perigoso. Depois ela passou a prestar serviços sexuais em boates, disse que falsificava os documentos. Segundo ela,

⁵⁶ O nome foi modificado, mas optamos por manter o uso do diminutivo a fim de indicar modo como o cozinheiro gosta de ser denominado.

⁵⁷ Para mais informações acessar www.beijodarua.com.br.

alguns proprietários de casa suspeitavam que ela fosse menor, alguns deles proibiam sua entrada na casa noturna, mas outros acabavam aceitando.

Fádia também contou que não faz uso de drogas ilícitas na casa noturna, pois nem sempre o proprietário ou as outras mulheres aceitam (3). Ela falou que prefere usar drogas junto com os manos, ou seja, pessoas que ela considera como irmãos, pois conforme seu relato são pessoas em quem ela confia, pois a protegem quando necessário (4). Fádia disse que aprendeu a falar gírias com os manos. Sabrina comentou que nem sempre entende as gírias e perguntou o significado da expressão “*meter o louco*” empregada por Fádia. Ela sorriu e disse que o significado da expressão “*meter o louco*” depende do contexto em que é usada, por exemplo, se utilizada por uma pessoa que se encontra com outra, entre quatro paredes, o termo significa realizar o ato sexual, transar. Já quando empregada pelo membro de um grupo de pessoas procurando diversão, a expressão passa a significar zoeira e curtição. E se a expressão é utilizada por uma prostituta, na noite, pode significar aproveitar para tirar proveito do cliente, por exemplo, se uma prostituta fala “*vou meter o louco no cliente*” pode significar que ela irá tirar proveito do cliente, fará ele pagar doses, etc.

Fádia também disse que pensava em voltar a estudar. Ela parou de estudar na oitava série e pretende voltar a estudar em São Carlos, mas tem dificuldade em pegar a transferência na escola onde estudou em São Paulo e disse que as escolas exigem comprovante de residência no momento da matrícula, documento que as mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas nem sempre conseguem apresentar, pois costumam residir nas próprias boates onde trabalham (5). Falamos sobre a possibilidade de fazer uma prova de reclassificação. Ficamos responsáveis por verificar as escolas da região que oferecem ensino fundamental.

Combinamos um próximo encontro, perguntei se ela aceitaria conceder uma entrevista para falar sobre o que aprende e ensina na noite. Ela disse que sim. Conversamos um pouco sobre o GETS/UFSCar. Fádia nos contou que já fora convidada a participar de uma aula para falar sobre prostituição. Ela disse que se quisermos, ela aceitaria participar de uma reunião de nosso grupo de estudos. Mostramo-nos interessadas com a proposta. Fádia nos passou o número de seu telefone. Combinamos um novo encontro, despedimo-nos e fomos embora.

DIÁRIO III		
Data: 30 de abril de 2010	Casa: 6	Horário: 15h50
Participantes: Pesquisadora, Sabrina e Carla (alunas de Pedagogia) e Francisca		

Eu, Sabrina e Carla encontramos-nos por volta das 14h50, na estação norte de integração e ficamos aguardando o ônibus Castelo Branco que vai até a avenida Getúlio Vargas, onde se localizam algumas casas noturnas da cidade. Enquanto esperávamos, conversamos sobre a visita à casa 6. Carla estava um pouco ansiosa por tratar-se de sua primeira ida a uma casa noturna. Ela fará um trabalho de inserção na prática da prostituição para observar processos educativos ali consolidados, essa atividade consiste em um trabalho previsto na disciplina intitulada Práticas Sociais e Processos Educativos ministrada para o curso de graduação em Pedagogia da UFSCar.

O ônibus veio com bastante atraso, às 15h27. Chegamos à casa noturna por volta das 15h50. Entramos na casa 6, como de costume o portão estava apenas encostado. Os cachorros vieram em nossa direção, mas apenas farejaram e foram embora. Ao chegar próximo à porta de acesso à casa, vimos uma mulher tomando uma espécie de xarope, dissolvido dentro de um copo americano, ela tomava colheradas do líquido presente no copo.

Apresentamo-nos a ela e perguntei se havia menina na casa disposta a conversar conosco. Ela deu risada, não sei bem se de nervosismo ou se ela estava intrigada com nossa presença. No entanto, ela nos conduziu ao andar de cima, onde ficam os quartos. Havia mais uma garota, dormindo no quarto, ela tentou acordar a moça que estava dormindo. Falamos que não era preciso e ficamos conversando com Francisca.

A televisão estava ligada. Sabrina entregou a Francisca um exemplar do Jornal Beijo da Rua. Explicamos que o jornal era produzido por uma organização de mulheres prostitutas da cidade do Rio de Janeiro. Francisca disse que não gostava muito de ler e perguntou se tínhamos um cigarro para lhe ceder, mas infelizmente nenhuma de nós possuía cigarro. Continuamos a conversar, perguntei há quanto tempo estava na Casa 6. Ela disse que havia chegado ontem. Perguntei de onde ela vinha, ela respondeu que vinha de Araraquara. Carla perguntou se ela exercia trabalho sexual há muito tempo. Francisca respondeu que sim, mas que não lembrava desde quando. Mais uma vez, ela ficou rindo. Perguntei se ela estava achando curiosa a nossa presença ali. Ela disse que não, mas continuou sorrindo. Perguntei onde estava o Fabinho – o cozinheiro da casa noturna – e ela disse que ele já havia ido embora.

Carla questionou Francisca sobre os motivos pelos quais passou a exercer prostituição, ela disse que não saberia responder aquela pergunta. Percebi que ela apresentava certo desconforto diante de nossa presença, não sei bem se por timidez ou se receio por não nos conhecer; esse desconforto se fazia perceptível por meio das risadas e das respostas evasivas que Francisca nos dava. Nesse caso, achei melhor dizer a ela que voltaríamos na próxima semana (1).

Falamos sobre o projeto de extensão que vem sendo desenvolvido por Sabrina acerca de educação e direitos humanos. Sabrina falou que voltaríamos na próxima semana e que se ela tivesse alguma dúvida sobre direitos, poderíamos conversar sobre esse assunto no próximo encontro. Despedimo-nos e fomos embora, combinamos em voltar na quinta-feira, às 14h30.

Resolvemos passar na casa 7 para tentar retomar o contato com as pessoas da casa e apresentar nossas propostas de ações educativas e pesquisa para esse ano. Chamamos, mas ninguém veio nos atender. Resolvemos ir embora e voltar em outra ocasião.

DIÁRIO IV**Data:** 6 de maio de 2010**Casas:** 6, 7 e 8**Horário:** 14h30**Participantes:** Pesquisadora, Carla (aluna da Pedagogia), Fabinho (cozinheiro casa 6) e Helena (funcionária casa 8).

Eu e Carla nos encontramos às 14h na estação norte de integração de ônibus. Cheguei e Carla estava me aguardando, sentada no banco do ponto de ônibus. Cumprimentei-a e sentei ao seu lado. Falei da possibilidade de irmos à casa 7 com intuito de procurar retomar o contato com essa casa, tendo em vista que na semana anterior fomos até lá, chamamos e batemos palmas, mas não conseguimos falar com nenhuma pessoa da casa. Carla aceitou e combinamos em passar primeiro na casa 7 e depois seguir para casa 6.

Chegando à casa 7, eu e Carla chamamos e batemos palmas, no entanto, ninguém veio nos atender. Resolvemos ir à casa 6. Andamos por alguns quarteirões e chegamos à casa 6, avistei, o proprietário da casa saindo de carro do estacionamento da casa. Aproximamo-nos do carro dele e eu o cumprimentei. Ele respondeu ao cumprimento. Comuniquei a ele que estava voltando a realizar atividades na casa e perguntei se estava tudo bem. Ele respondeu que sim em tom amistoso. Perguntei se havia mulheres na casa, ele disse que havia três mulheres e que, talvez, duas delas estavam dormindo. Falei que Carla também era aluna da universidade e perguntei se podíamos entrar, ele respondeu que sim e se despediu, dando partida no carro.

Entramos na casa e avistamos o seu Felipe fazendo a limpeza do salão. O salão é o local onde clientes e prostitutas interagem à noite, onde ocorre a negociação do programa. Nessa boate, o salão fica logo à frente da casa e sua porta de acesso, geralmente, se encontra fechada. Hoje, estava aberta porque seu Felipe estava limpando o chão do salão, puxando água com um rodo e depois foi passar pano. Carla observou o salão, os espelhos, o palco onde é realizado o show na barra de ferro. Depois demos a volta e fomos em direção à porta lateral da casa que dá acesso à cozinha e ao andar de cima, onde se localizam os quartos e a sala de estar. Costumamos entrar por essa porta lateral, a porta do salão só fica aberta à noite, quando a boate está em funcionamento. Durante o dia, a entrada e saída é realizada pela porta lateral, local ao qual, frequentemente, os clientes não tem acesso.

Na entrada da porta lateral estava o Fabinho que realiza serviços como cozinheiro da casa e junto com ele estava uma moça. Cumprimentamos aos dois. Eles responderam. A moça olhou apreensivamente para o Fabinho, provavelmente, curiosa com nossa presença. Fabinho explicou que éramos da universidade e que realizávamos pesquisa nas casas, ele perguntou se ela queria conversar conosco. Apresentei-me a ela e expliquei que estudávamos processos educativos da vida na noite e por isso nos interessávamos em conversar com as mulheres que prestam serviços sexuais nas casas noturnas. A moça disse que havia acordado há pouco tempo e subiu para o andar de cima, demonstrando certa timidez e receio em falar de si (1).

Fabinho falou que havia conversado com Laura – travesti que gerencia uma casa onde se alojam outras travestis que exercem prostituição – e que havia falado para ela sobre meu interesse em conhecer e conversar com as travestis. Em encontro anterior, realizado na casa 6, fiquei sabendo que algumas travestis estão morando em uma casa localizada no terreno atrás da casa 6 e perguntei se seria possível conversar com as travestis sobre trabalho sexual e a

vida na noite. Na ocasião, Fabinho me dissera que para conversar com as travestis é preciso falar antes com Laura. Perguntei como poderia conversar com Laura e Fabinho se dispôs a fazer o contato.

Fabinho perguntou se queríamos água. Aceitei, pois o dia estava bem quente. Entramos na cozinha e ele retirou uma garrafa da geladeira e disse que eu poderia me servir, apontou para o escorredor em cima da pia, mostrando onde estavam os copos. Fabinho falou que ia até a casa localizada no terreno dos fundos para ver se conseguia conversar com Laura. Solicitou que o esperássemos. Eu e Carla consentimos e ele saiu, nós bebemos um copo de água e depois Carla guardou a garrafa novamente na geladeira. Saímos da cozinha e ficamos sentada em um banco de madeira localizado em frente à porta lateral da casa 6. Ficamos observando seu Felipe que entrava e saía do salão com um rodo e um pano, o qual vinha enxaguar de vez em quando no tanque que fica bem próximo do banco de madeira, onde estávamos sentadas.

Fabinho voltou e sentou-se conosco. Ele disse que conversou com Laura e que ela consentiu que conversássemos com as travestis na próxima semana, na quinta ou na sexta. Fabinho nos passou o número de seu celular e pediu para ligarmos na quarta-feira para confirmar se será melhor irmos à quinta ou sexta-feira. Agradei o favor e anotamos o telefone de Fabinho (2). A cadela que vive ali na casa veio juntar-se a nós. Fabinho fez carinho nela e nos contou como a cadela apareceu ali. Ela estava maltratada e abandonada, ele e o pessoal da casa colocavam comida e davam água, então a cadela acabou ficando por ali. Além dela, há um cachorro o Dourado que já nasceu por ali. Fabinho revelou que gosta muito de cachorros e que possui seis cachorros em sua casa. Falei para ele que Sabrina também gosta muito de cachorros.

Fabinho riu e me cobrou, mais uma vez, a presença de um rapaz nas visitas realizadas à casa. Ele é homossexual e costuma brincar comigo, falando para eu trazer um rapaz junto comigo e não apenas mulheres como costume fazer (referia-se a presença de Carla e Sabrina). Falei para ele que havia um rapaz participando do grupo de estudos sobre trabalho sexual e que, possivelmente, ele também fará visitas à casa, logo em breve.

Conversamos sobre o preconceito que as pessoas têm com relação aos homossexuais. Fabinho disse que “na época da Aids”, as pessoas pensavam que Aids era uma doença de “viado”(3). Ele comentou que talvez não recordássemos disso, pois éramos muito jovens. Eu falei para ele que me recordava sim, nos anos 80, havia os chamados grupos de risco composto por homossexuais, prostituta e usuário de drogas.

Falei para Fabinho que havíamos passado, antes, na casa 7 e que ninguém nos atendeu. Ele disse que as pessoas ficam lá no fundo e não escutam e que para conversar com alguém da casa é preciso ir entrando na casa. Ele contou que o portão, geralmente, se encontra aberto, nesse caso é só entrar até o estacionamento e chamar lá de dentro, caso contrário ninguém nos ouvirá. Ele também falou de uma casa nova (casa 8), localizada um pouco acima da casa 6. Fabinho nos passou o nome de possíveis contatos, nome de pessoas que trabalham nessa casa e que podem nos receber, contribuindo para que seja possível entrar na casa e conversar com as mulheres que exercem trabalho sexual. Segundo Fabinho, essa casa costuma ter bastante mulher e, talvez, seja um bom local para realizarmos nosso trabalho de investigação. Mais uma vez agradecemos a ele pelas informações e pelo cuidado em favorecer nosso contato com essas pessoas. Despedimo-nos dele e resolvemos ir até essa casa.

Subimos a pé por mais alguns quarteirões, até que avistamos a fachada da boate. Fomos até lá e batemos palmas ao portão. Aguardamos um pouco e ouvimos uma voz feminina perguntando quem era. Falei que era Fabiana, colega do Fabinho. Ela respondeu que Fabinho não se encontrava lá. Eu disse que sabia, mas que gostaria de falar com ela por um minuto e perguntei se isso era possível. Ela pediu para aguardarmos. Esperamos por alguns minutos e depois o portão se abriu. Uma mulher loira nos atendeu, ela estava com uma luva em uma das mãos, o que nos fez acreditar que ela era uma funcionária da casa. Apresentamo-nos e falamos que éramos estudantes da universidade, contamos que estudávamos a vida na noite e nos interessávamos em conhecer o que as pessoas aprendem e ensinam na noite. Também contei, brevemente, sobre o trabalho de extensão desenvolvido por Sabrina sobre direitos humanos e educação. Perguntei se as mulheres da casa se interessariam em conversar conosco e a participar do projeto de extensão. Ela também se apresentou, chama-se Helena e disse que, possivelmente, as mulheres teriam interesse, no entanto, naquele horário elas estavam dormindo. Perguntei que horário seria bom para encontrarmos as mulheres acordadas e Helena respondeu que às 17h ou 17h30 é um bom horário, inclusive disse que poderíamos voltar, hoje, mais tarde. Faltavam poucos minutos para as 16h. Agradecemos a atenção que Helena nos deu e combinamos com ela que voltaríamos na próxima semana. Perguntamos sobre o melhor dia da semana, ela falou que pode ser qualquer dia, menos sexta-feira, pois nesse dia a casa já está aberta no período da tarde. Então combinamos que voltaríamos na casa até quinta-feira. Mais uma vez agradecemos pela atenção, despedimo-nos e fomos embora.

Saímos da casa 8 e resolvemos passar, novamente, na casa 7, pois teríamos que descer a avenida para pegar o ônibus. Ao passar em frente à casa 6, avistamos Fabinho em um telefone público. Ele fez um sinal para que esperássemos um pouco, logo desligou a chamada e perguntou se havia alguém na casa 8. Falamos para ele que conversamos com uma funcionária da casa e que combinamos em voltar na próxima semana. Fabinho nos contou que essa semana havia poucas mulheres nas casas por causa do feriado dos dias das mães. Segundo ele, elas costumam ir embora para suas cidades, nesse feriado, para visitarem suas mães. Despedimo-nos e confirmamos que iríamos ligar para ele, na quarta-feira.

Eu e Carla passamos, novamente, em frente à casa 7. Chamamos algumas vezes e não obtivemos resposta. Vimos que o portão, realmente, estava apenas encostado, como nos dissera Fabinho. Abrimos o portão e adentramos à garagem da casa, onde estava estacionada uma moto. Paramos por ali e batemos palmas e chamamos algumas vezes. Não obtivemos resposta e optamos por voltar em outra ocasião. Eu e Carla voltamos para avenida e percebemos que nosso ônibus já havia passado. Decidimos voltar um trecho a pé, observando a avenida Getúlio Vargas - conhecida zona de prostituição da cidade. Notamos que cada trecho possui uma movimentação diferente, uma extremidade é um pouco mais deserta com bastante indústrias, a outra é mais movimentada, há comércios. Vimos um ônibus se aproximando, pensamos que era o UFSCar e embarcamos nele. Depois conversando com o cobrador, notamos que estávamos no ônibus errado. Fizemos sinal e descemos. Nos dirigimos ao ponto, pegamos outro ônibus e fomos embora.

DIÁRIO V		
Data: 12 de maio de 2010	Casas: 6 e 8	Horário: 16
Participantes: Pesquisadora, Domila (aluna de Ciências Sociais), Fabinho (casa 6), Helena e Heliana (casa 8).		

Eu e Domila nos encontramos no ônibus que segue para avenida onde se localizam as casas 6 e 8. Descemos do ônibus e passamos na casa 6 para conversar com Fabinho. No encontro da semana passada conversamos sobre a possibilidade dele intermediar o contato de pessoas do nosso grupo de estudos e algumas travestis que exercem prostituição. Ele se dispôs a nos apresentar às travestis e por isso combinei que conversaria com ele hoje.

O dia estava bem frio. Chegamos à casa um pouco mais tarde que de costume. Sentimos um cheiro muito bom de comida. Entramos, notei que os cachorros não vieram ao nosso encontro. Vi que um deles estava deitado, junto a um cobertor e um pote com água. Quando estávamos perto da porta lateral, eu chamei o Fabinho. Chegamos junto à porta e avistei-o cozinhando. Ele respondeu. Deixei minha bolsa no banco de madeira que fica em frente à porta. Fabinho falou para entrarmos, a porta estava aberta, mas havia um portãozinho de madeira encostado que deve servir para bloquear a entrada dos cães. Abrimos a portinha de madeira e entramos na cozinha. Lá estava Fabinho terminando de preparar o jantar. Elogiamos o cheiro da comida que ele estava preparando. Ele nos ofereceu água e disse que estava preparando um café. Perguntou se aceitávamos um cafezinho. Falou que faz café toda tarde para o patrão (referindo-se ao proprietário da casa). Aceitei a água e esperamos ele passar o café para tomar um pouco.

Apresentei Domila ao Fabinho, dizendo que ela era aluna da universidade e membro do Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual (GETS). Ele nos avisou que não tinha meninas na casa, pois elas estavam viajando e chegariam, logo em breve, de Ribeirão Preto. Falei para ele que havíamos passado para conversar sobre o contato com as travestis e que eu voltaria na casa na quinta ou na sexta. Ele disse que ainda não conseguira falar com a Laura – uma travesti que irá nos apresentar as demais colegas. Fabinho disse que deve falar com ela amanhã, pela manhã, por isso me pediu que ligasse para ele no horário do almoço.

Fabinho olhou para Domila e disse que ela era bem novinha e perguntou sua idade. Ela respondeu que tem 19 anos. Ele perguntou para ela: “– Como você pensava que era uma casa noturna? O que você imaginava?”. Domila pensou um pouco e disse que não saberia responder. Ele disse: “– As pessoas imaginam muitas coisas, mas é uma casa normal, aqui é uma casa normal como as outras, tem quartos, cozinha.” Domila respondeu que imaginava a casa a partir dos relatos fornecidos por mim durante as reuniões do grupo de estudos, mas ela não conseguia imaginar o local com muita precisão.

O café ficou pronto. Fabinho nos serviu um pouco de café. Bebemos enquanto conversávamos. Ele perguntou se o café estava bom e respondemos que sim. Até brinquei com ele dizendo: – Está muito bom. Você já pode casar! Ele deu risada. Confirmei que ligaria amanhã, no horário do almoço e disse que estávamos subindo para a casa 8. Despedimo-nos e fomos embora.

Voltamos a avenida e andamos um trecho a pé. Saímos da avenida e entramos numa rua que dá acesso à casa 8. Chegando lá, o portão estava fechado. Bati palmas e chamei Helena (funcionária com quem conversei na semana passada). Ela respondeu pedindo para aguardarmos um momento. Logo em seguida veio abrir o portão, cumprimentamo-nos e ela disse que havia falado em mim há pouco tempo, para as meninas da casa. Perguntei se havia menina na casa, ela respondeu afirmativamente, mas disse que havia apenas uma, pois as demais estavam viajando e algumas haviam saído. Perguntei se podíamos entrar e ela consentiu amigavelmente.

Ela pediu que a seguíssemos e foi até o local onde estão os quartos, onde as meninas ficam alojadas. Ela chamou Heliana que respondeu do banheiro. Pelo barulho do chuveiro percebemos que ela estava tomando banho. Helena falou que havíamos chegado e a moça respondeu para aguardarmos um pouco, enquanto ela terminava o banho. Helena disse que estava ocupada com os serviços de alimentação e pediu licença para retirar-se, falou para sentarmos e aguardarmos. Foi o que fizemos. Sentei em uma cama, logo a frente da porta do banheiro e Domila sentou-se em uma cadeira.

Pouco depois, Heliana saiu enrolada numa toalha e nos cumprimentou. Entrou em um quarto e vestiu-se. Veio até a cama e deitou-se, enrolando-se com um cobertor. Ela perguntou se trabalharíamos na casa. Apresentamo-nos a ela, dizendo que éramos alunas da universidade e que participamos de um grupo de estudos sobre trabalho sexual. Falei para ela sobre a pesquisa que venho realizando e disse que me interessava em saber o que as pessoas aprendem e ensinam na vida na noite. Também falei sobre o trabalho de extensão que Sabrina desenvolve sobre educação e direitos humanos.

Havia uma televisão ligada exibindo alguns videoclipes. Passou um clipe da cantora Lady Gaga. Ficamos observando suas roupas e a cena apresentada no videoclipe. Heliana comparou essa cantora à Madonna. Eu disse que as duas eram conhecidas como pessoas polêmicas. Domila disse que havia escutado boatos dizendo que essa cantora era sobrinha do cantor Marilyn Maisson. Conversamos um pouco sobre música. Perguntei se na boate tocavam músicas como a de Lady Gaga ou se eram músicas sertanejas, ela disse que são músicas agitadas como a de Lady Gaga.

Perguntei a Heliana qual sua cidade de origem. Ela disse que é de Goiânia e que já trabalhou em Ribeirão Preto, em Jaboticabal e, agora, está em São Carlos. Perguntei se ela estava gostando da cidade. Heliana disse que a cidade é boa para trabalhar, mas que sente falta de uma vida noturna e reclamou que os bares em São Carlos costumam fechar muito cedo. Ela nos contou que estava acostumada com Ribeirão, depois que trabalhava na casa, costumava sair com as colegas de trabalho em busca de diversão, iam a bares para dançar e tomar uma cerveja. Aqui, em São Carlos, é difícil porque os bares fecham cedo e quando elas saem da boate, os bares já se encontram fechados. Diminuindo assim suas possibilidades de lazer (1). Conversamos sobre alguns bares de São Carlos. Eu e Domila passamos algumas dicas de bares que tem atendimento e preço bons.

Perguntei se o frio tem interferido no movimento da casa. Ela disse que sim, pois geralmente, em dias frios aparecem menos cliente. Falei que nosso grupo de estudos está pretendendo organizar uma mostra de filmes na semana do dia da prostituta, em junho. Disse que se elas

tiverem interesse, nós gostaríamos muito de contar com a participação delas. Expliquei que elas não precisariam se identificar, apenas aparecer para assistir aos filmes, caso seja do interesse delas. Heliana disse que é possível e que vai conversar com as meninas. Também falei que conhecia o pessoal do grupo Teatro Descalço, um grupo da cidade que realiza peças teatrais com cunho educativo. Esse grupo está elaborando uma peça intitulada o “Auto da Camisinha”, falei que havia o interesse em fazer a estreia em algumas casas noturnas, perguntei se elas se interessariam. Heliana disse que sim, que seria uma boa idéia e também ficou de conversar com as outras meninas.

Entreguei a ela um exemplar do jornal Beijo da Rua. Ela agradeceu e disse que leria mais tarde. Perguntei que dia da semana e horário seria melhor para realizarmos um novo encontro na casa. Heliana falou que seria bom ir quinta-feira, por volta das 16h30, pois é o dia em que tem mais meninas na casa. Agradecemos a atenção de Heliana, despedimo-nos e combinamos em voltar na quinta-feira. Passamos na cozinha, despedimo-nos de Helena e falamos que voltaríamos na quinta.

Descemos um trecho da avenida a pé, cerca de quatro quarteirões. Paramos no ponto de ônibus, depois embarcamos no ônibus e viemos embora.

DIÁRIO VI		
Data: 14 de maio de 2010	Casas: 7	Horário: 15h30
Participantes: Pesquisadora, Carla e Sabrina (alunas de Pedagogia) e uma funcionária da casa		

Eu, Carla e Sabrina nos encontramos, às 15h, na estação norte de integração de ônibus. Ficamos aguardando o ônibus chegar, enquanto isso conversamos sobre como fora a visita realizada na casa 8 (feita por mim e Domila, na quarta-feira). Contei que havia sido uma boa visita de apresentação das ações do grupo e que conversara com Heliana (uma moça muito simpática que trabalha na casa 8). Falei que havíamos combinado de voltar na quinta-feira (20 de maio).

O nosso ônibus veio, embarcamos e descemos próximo a casa 7. Saímos da avenida principal e fomos para a rua detrás, onde se localiza a casa 7. Conforme sugestão de Fabinho (cozinheiro da casa 6), abrimos o portão que encontrava-se apenas encostado e entramos até o final do estacionamento, de lá batemos palmas. Uma mulher que trabalhava fazendo a limpeza da casa veio nos atender. Apresentamo-nos a ela e falamos do trabalho que realizamos em algumas casas noturnas, contamos que participamos de Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual (GETS) e perguntamos se ela gostaria de conversar conosco, mas ela disse que estava ocupada limpando os quartos (1). Depois perguntei se havia meninas na casa e se elas se interessariam em conversar conosco. A mulher que nos atendeu disse que elas ainda estavam dormindo. Perguntei pelo proprietário da casa, para confirmar se ainda era o mesmo que eu conhecia de atividades realizadas na casa anteriormente. Ela confirmou que ainda era o mesmo proprietário. Então perguntei a ela qual seria um bom dia para retornarmos à casa e em que horário. Ela disse que seria melhor nos fins de semana, domingo ou sábado à tarde, ou na sexta à tarde. Perguntei se poderíamos retornar na próxima sexta, por volta das 16h30. Ela respondeu que sim e disse que seria melhor, pois chegarão novas meninas na próxima semana. Combinamos que voltaríamos na próxima semana e fomos embora.

DIÁRIO VII
Data: 20 de maio de 2010 Casas: 6 Horário: 16h30
Participantes: Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia) e Fátima

Eu e Carla descemos na avenida próximo a casa 6, por volta das 16h30. Havíamos planejado de passar na casa 8 a fim de efetivar o contato com o pessoal da casa. Subimos alguns quarteirões a pé e passamos em frente à casa 6. Avistamos o cozinheiro Fabinho e decidimos entrar para cumprimentá-lo e para verificar se havia alguma mulher na casa.

Fabinho estava terminando de preparar o jantar. Sentamos no banco de madeira e conversamos com ele. Fátima que estava alojada na casa desceu até a cozinha. Fabinho nos apresentou a ela dizendo que éramos da universidade e que realizávamos pesquisa sobre trabalho sexual. Ela perguntou se éramos da USP ou da UFSCar. Respondemos que éramos estudantes da UFSCar. Fátima nos convidou para subir até a sala. Aceitamos o convite e subimos.

Fátima tem 28 anos, exerce prostituição há 12 anos. Ela é solteira, tem namorado, não tem filhos e é natural de Araraquara. Disse que costuma trabalhar em Ilha Bela em São Sebastião, também trabalhou em Cubatão e outros locais. Ela perguntou como era o trabalho que realizávamos nas casas noturnas, falei para ela que pesquisava processos educativos na prática da prostituição e que por isso, frequentava as casas noturnas e conversava com as mulheres sobre as experiências vivenciadas na noite. Ela disse que aceitava conversar conosco. Li o termo de consentimento esclarecido e perguntei se poderia gravar o áudio de nossa conversa. Ela respondeu que sim e liguei o gravador.

Conversamos na sala, Fátima estava sentada em um sofá e eu e Carla no outro. A conversa foi realizada de modo espontâneo, Fátima falou sobre suas experiências, quando necessário, fiz questionamentos com intuito de sanar dúvida ou aprofundar algum ponto apresentado em seu discurso. A televisão estava ligada. Fátima e Carla falavam sobre uso do celular no momento em que liguei o gravador. Pedi à Fátima para falar sobre situações vivenciadas na noite nas quais ela julgava ter aprendido ou ensinado algo, comentei que não ia seguir o modelo pergunta-resposta e que ela poderia sentir-se à vontade para falar.

Fátima: – Eu comprei já celular caro e não adianta.

Carla: – Eu tive um, eu fiquei cinco anos com ele e não consegui nem tirar foto.

Fátima: – E outra, qualquer tombinho e olha...

Fabiana: – É verdade!

Fátima: – Esse aqui (*referindo-se a seu aparelho de celular*) leva cada tombo, eu tenho dó dele...

Fabiana: – Eu com celular não dou certo, eu esqueço... Por isso eu nem uso.

Fátima: – Eu já durmo com meu celular, embaixo do travesseiro.

Carla: – Tem gente que não usa mais nem relógio, é tudo pelo celular.

Fátima: – É mesmo, eu usava relógio, agora nunca mais... No quarto com cliente, agora é só celular mesmo...

Fabiana: – Já deixa do lado, na mesinha?!

Fátima: – É bem por ai mesmo, já avisa... olha tá dando sua hora!!! (*risos*)

Fabiana: – Antes de começar a gravar, você estava falando o que achava das outras meninas que trabalham na noite...

Fátima: – É nojenta... Eu achava que elas eram nojentas! Era isso, eu me afastava muito... depois de muitos anos trabalhando na noite que eu comecei a me enturmar, fazer amizade. Eu tenho ótimas amizades aqui em São Carlos. Eu tenho duas amigonas, aqui em São Carlos, mas eu não sei... eu tinha nojo, achava que elas eram nojentas... (1)

Fabiana: – Mas por que você pensava isso?

Fátima: – Ah! É outra visão, eu não sei se você pensa assim... Como que é a vida da mulher que trabalha na noite? Como deve ser a higiene dela? Se ela tem roupa limpa? Se ela toma banho frequentemente? Como que é?... Se ela usa camisinha? Se ela tem algum corrimento? Tipo isso, né! Ai eu fui vendo, fui conhecendo e vi que não é por esse lado... Que tem muita mulher que trabalha na noite que ela é mais limpa que muita mulher que fica na rua... ela se cuida. Né?! Ela se cuida, faz exame preventivo, sempre está conversando com o ginecologista. E tem mulher na rua que não... que acha um absurdo fazer um exame... Ai eu fui vendo que não é bem por aí, que a mulher que trabalha na noite se cuida mesmo! Lógico que depende da mulher, pois tem mulher que trabalha na noite para sustentar o vício. Né?! Para usar droga, já essas aí ... já não se cuidam, mas quem tem família, quem tem de sustentar família, tem todo cuidado e higiene com o corpo (2).

Fabiana: – Se protege?!

Fátima: – É... se protege, tem medo. Né?! De pegar alguma doença e levar para dentro de casa!

Fabiana: – E como você entrou pra noite?

Fátima: – Já faz doze anos que eu entrei pra noite... Meu pai era uma pessoa muito brava, muito brava!!! Eu nunca me dei com ele, a gente nunca se entendeu... Era briga, mas briga feia mesmo. Sabe?! Ele batia, eu tinha uma raiva dele, mas uma raiva dele... ele me batia... eu queria morrer. A gente não podia arrumar namorado, não podia ficar lendo, não podia fazer nada. Sabe?! Não podia se divertir, era da escola para casa... (3) Uma coisa que eu achei bom nele, é que ele nunca deixou faltar nada dentro de casa e estudar ele sempre incentivou... Só que por outro lado, você ficava presa dentro de casa. Ai, quando eu fiz dezessete anos eu arrumei um namorado, e ele odiava... tá certo que não era boa coisa... (risos) e ele odiava ele. Ai uma vez eu estava saindo com ele (*referindo-se ao namorado*) e meu pai disse que eu não precisava mais voltar pra casa... e ele já era independente, tinha casa dele e tudo...

Fabiana: – Quem? O seu namorado?

Fátima: – É, ai ele disse, é “vamos embora”. Ai eu estava voltando para pegar minha roupa e meu pai não deixou eu sair com nenhuma peça de roupa de dentro de casa... Ele era muito ruim, meu pai, muito, muito, muito ruim... Ai sai de casa com ele (*referindo-se ao namorado*), morei oito meses com ele e ele morreu!

Carla: – Nossa!!!

Fátima: – Ai, eu me senti perdida porque.... voltar pra casa de jeito nenhum!!! Né?! Eu ainda encontrava minha irmã, eu tenho duas irmãs... e a gente estudava, eu não parei de estudar, eu tava no terceiro colegial, tava no último ano... minha irmã tava no segundo, eu e ela é um ano de diferença... Ai ela falava “nossa Fá”, todo dia que eu encontrava ela, ela colocava mais medo ainda, “o pai tá louco da vida”, “o pai não sei o que...” E ai, eu nunca mais voltei pra casa, daí foi ai que eu comecei a trabalhar na noite...

Fabiana: – Mas você já conhecia alguém que trabalhava na noite?

Fátima: – Não... tanto que quando eu entrei, eu não sabia nada! Assim, até sexo oral eu cheguei a fazer sem camisinha porque eu achava que era normal.. cê tá entendendo?! Depois de um tempo que eu tava na noite, que eu fui conversando, que eu comecei a ir ao ginecologista... é que eu fui saber que sexo oral tem que fazer com camisinha. E... eu comecei assim... (4) (nesse momento entra Fabinho – o cozinheiro da casa, ele vem trazendo um copo de café para cada uma de nós).

Fabiana/Carla/Fátima: – Obrigada!

Fabinho: – Tchau meninas, eu vou embora, viu!

Fabiana: – Tchau, Fabinho. Eu te ligo depois!

Fabinho: – Tá, pode ligar. Eu falei para Laura (*referindo-se à travesti que mora atrás da casa 6*) que você ia ligar tá!?

Fabiana: – Tá bom, obrigada!

Fabinho: – Se quiser mais café, vocês pegam lá, tá!

Fabiana/Carla: – Tá, obrigada!

Fátima: – Então, aí depois disso, eu comecei a trabalhar, eu fui para uma boate lá em Ibaté, eu trabalhei um tempo lá em Ibaté. Depois comecei a viajar, viajar, viajar. Nisso já se passaram doze anos.

Carla: – E você já voltou a ver seu pai?

Fátima: – Meu pai faleceu faz dois anos... mas é... antes dele morrer, eu ajudei muito ele também, né! Na época ele ficou internado, porque antes dele ficar desse jeito, minha mãe pagava plano de saúde pra ele, ele falou que não precisava... e quando mais precisou, minha mãe tinha parado de pagar, daí ele precisou ficar internado e fui eu que... que ajudei, aí a gente voltou a se falar, só que... a morte dele foi rápida sabe!? Foi coisa de duas semanas, meu pai foi internado e faleceu.

Fabiana: – E ele sabia que você trabalhava na noite?

Fátima: – Não. Tsiu! Tsiu! Não. Nem minha mãe, na verdade, não sabe... Não. Eu tenho uma amiga, uma amiga em Araraquara que ela sabe o que eu faço.

Carla: – E você tem saudade da sua mãe, da sua irmã?

Fátima: – Tenho. Da minha mãe, das minhas irmãs... Nossa! Eu adoro elas, mas elas não sabem o que eu faço ainda. Elas acham que eu trabalho como promotora... Também eu já trabalhei, eu já vendi cartão de crédito, já trabalhei como telemarketing ativo e receptivo, então... eu sempre trabalhei, eu sempre fui de me virar. Né! Elas não imaginam, creio eu né, que elas não imaginam o que eu faço.

Fabiana: – E você sempre viaja? Você gosta de viajar mesmo?

Fátima: – Sempre viajo... Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, eu tava em Minas Gerais esses dias. Eu não consigo mais ficar parada em um lugar. Eu fiz um curso agora no final do ano que passou, eu fiz um curso de inspeção de solda, eu fiz o nível um, são dois níveis né! Lá em São José dos Campos que eu fiz. Ai, eu quero sair, assim, da noite, né. E eu já fiz Enfermagem também, mas eu morro de medo de sangue, (*risos*), morro de medo de sangue, ai com esse curso que eu fiz, eu mandei meu currículo e fui aprovada para subsidiária da Petrobrás, só que pra eu começar a trabalhar nessa obra, precisa ter uma AS, é uma autorização da obra pra poder contratar terceiros, porque até então, só está trabalhando quem é concursado da Petrobrás. Essa AS não saiu ainda, então eu estou esperando a qualquer momento eles me chamar.

Carla: – Ai você vai deixar a noite?

Fátima: – Vou. Eu já deixei algumas vezes (*ela dá uma gargalhada*). Já deixei algumas vezes, mas sempre acabo voltando, mas dessa vez eu não pretendo voltar não!

Fabiana: – E porque que volta assim pra noite?

Fátima: – A hora que começa a apertar... aperta o calo, aperta o bolso, ai com certeza, ai parece, assim, toda vez que você fala “ah! não, vou parar, não vou mais trabalhar não, na noite, vou começar a trabalhar sério agora, vou mudar de vida”, é incrível, parece que cai do céu, assim, aquele anjo na sua frente e te oferece “te dou tanto pra você ir lá dormir comigo hoje”, ai acaba voltando! Acho difícil a mulher que conheceu a vida uma vez sair e nunca mais voltar ou ... sei lá, eu acho que sempre acontece. Tem uma amiga minha, no Rio de Janeiro, que ela é formada em Direito, ela trabalha num escritório super bem concedido lá no Rio de Janeiro e de final de semana ela vai pra boate fazer ponto, ganha super bem e por final de semana ela tira o que... uns novecentos, mil reais só de final de semana e de semana ela trabalha... então, a pessoa está acostumada com uma vida, com um padrão de vida que só ela trabalhando ali sério, ela não vai conseguir.. e num final de semana ela tira mil reais, ou seja, por fora são quatro mil reais fora a renda dela. Né! Então a pessoa acaba voltando (5).

Fabiana: – E fora isso, também tem a questão das viagens?

Fátima: – Tem, you conhece muita gente, muito lugar... e sem tá na noite, só se a pessoa for milionária mesmo. Porque eu passei por cada lugar que, nossa, eu nunca imaginava conhecer (6).

Fabiana: – É eu conversei com outras mulheres que me falaram isso, que poder viajar é um lado bom da noite.

Fátima: – É mesmo, semana que vem eu já tô descendo para São Sebá (*referindo-se a São Sebastião, cidade do litoral paulista*). Eu já estou morrendo de saudade de lá e não consigo ficar muito tempo longe de lá. Eu já estou até pensando, seriamente, quando eu começar a trabalhar e tiver que ficar lá na região de Suzano. Né! Porque a obra é ali naquela região. Como que eu vou fazer pra descer pra São Sebá?

Carla: – Vai ter que pegar uma praia ali perto mesmo.

Fátima: – Ave Maria, Santos, São Vicente, Bertioga... Deus me livre! Ai quem conhece o lado bom (*risos*), gente... Cubatão, Cubatão é o “ó” ... gente como alguém consegue morar naquela cidade podre, suja, fedorenta! Só que é uma cidade que dá muito dinheiro!

Carla: – Tem turista?

Fátima: – Não. É indústria, ali são vinte quilômetros de Santos, né! É na baixada, e tem muita indústria ali, Petrobrás, refinaria ali em Cubatão, tem COSAN, um monte de indústria ali, então, vem muita gente de fora, a mão de obra vem de fora, então, a cidade é lotada de homem. E se você vai trabalhar ali, nossa, você ganha muito dinheiro, só que é muito perigoso.

Fabiana: – Por quê?

Fátima: – Porque ali em Santos, Cubatão, São Vicente, Bertioga, a Aids corre solta ali! E os homens, se você não prestar atenção, eles tiram a camisinha, eles estouram a camisinha, eles querem transar sem camisinha de tudo quanto é jeito, tem homem que quer pagar mais caro (7).

Carla: – E você vai regularmente ao médico?

Fátima: – Oh! Eu antes eu ia mais, eu frequentava mais o médico, de seis em seis meses eu tava... Agora, no final do ano eu fiz um check up lá em Cubatão. Mas ai, eu tô fazendo de ano em ano agora. Eu não estou mais fazendo de seis em seis meses como eu devia, né?! Eu ainda fui no final do ano porque eu achei que eu tava com uma infecção, eu tava me sentindo

desconfortável e com uma coceira estranha... Eu tenho namorado e eu tenho relação com ele sem camisinha, até achei que ele tivesse sei lá... me passado alguma doença, alguma coisa assim, mas ai eu fui no médico e ele me falou que eu tava com alergia do gel da camisinha. Ai eu tive que trocar a camisinha, trocar o gel, porque agora é gel a base de água, né?! Porque eu usava gel a base de óleo e tive que trocar... Xinguei meu namorado até... (*risos*)! Mas mesmo assim, eu devia me prevenir com ele também... porque ele viaja muito. Ele trabalha na Petrobrás, um dia ele tá aqui, outro dia tá lá no final do mundo também e eu não sei com quem. Eu conheci ele na noite. Ele que me incentivou a fazer esse curso e que tá me dando uma força pra trabalhar nessa obra. Sabe?! Ele que enviou meu currículo e que tá conversando com o pessoal lá dentro. Mas eu sei que eu devia me prevenir mais ainda com ele, porque ele também... ele é pior que eu... um dia ele tá aqui, outro dia ele tá lá... vai saber com quem ele anda?! (8)

Fabiana: – Por que será que na noite as meninas sempre usam camisinha com cliente, mas com o namorado nem sempre? Por que você acha que isso acontece?

Fátima: – Oh. Você já transou assim com um homem de camisinha e ai depois tirou a camisinha?

Fabiana: – Durante a transa?

Fátima: – Pode ser assim, vamos supor um dia você transa com ele de camisinha e no outro acontece de transar com ele sem camisinha, já aconteceu?

Carla: – É bem melhor!

Fátima: – É! Então, às vezes quando eu tô brigada com ele, se eu tô encanada com alguma coisa, ai eu ponho a camisinha... Só que no outro dia, quando dá uma esquentada ai eu já tiro, quando esquenta, sei lá... (*risos*)! É ruim né!? Mas tem que usar... (9)

Carla: – É

Fabiana: – E você trabalha mais em casa mesmo, em boates, ou já trabalhou também na rua?

Fátima: – Já. Quando eu fui trabalhar lá em São Vicente, quando eu ainda não conhecia direito lá a baixada... Eu fui pra uma boate, quando eu cheguei lá a boate tinha fechado. Cheguei sem dinheiro nenhum... Daí tem uma avenida lá, a Presidente Vargas... Não! É Presidente Vargas ou Presidente Wilson?! Coisa assim, uma das principais lá em São Vicente. Ai eu cheguei lá e falei: “Meu Deus! Eu tô sem dinheiro, sem dinheiro para dormir num hotel e pra almoçar no outro dia!”. Eu cheguei lá e a boate tava fechada, a boate que eu tinha ido, né?! Tinha uma boate lá só que mesmo assim eu ia precisar subir de táxi pra lá e eu tava sem dinheiro. Ai o que eu fiz? Eu fui lá para essa Presidente Wilson, eu acho que é Presidente Wilson. Fui para essa Presidente Wilson e cheguei lá, tinha umas meninas trabalhando lá na rua, né?! Tinha... de um lado era as meninas trabalhando e do outro lado era as travestis. Ai eu cheguei lá e veio uma menina me falar: “Oh, você não pode trabalhar aqui!”. Ai eu fui atrás dela, né?! Eu gosto de falar pouco: “Sabe o que é?! Eu sou lá de Araraquara, sou lá do interior e eu vim pra cá pra tal boate e a boate tá fechada, tô sem dinheiro, preciso trabalhar! Eu preciso comer e preciso dormir em algum lugar hoje!”. Daí comecei a conversar com ela. Ela disse: “Não. Porque você veio, você pediu. Você não é que nem as outras meninas que já vem falando ‘Eu vou trabalhar aqui’. Então você pode trabalhar ai hoje, se quiser vim amanhã você pode vim, pode fazer seu dinheiro, arrumar seu dinheiro e ir embora”. Ai eu tive que trabalhar, trabalhei ainda... fiz amizade com elas ali na rua, né?! E tinha um hotel, ali nessa Presidente Wilson mesmo, tinha um hotel e um drive. Ai a gente já fazia os programas ali mesmo, o cliente já passava, pegava a

gente, dava a volta e entrava pro motel. Acabei trabalhando dois ou três dias (*ficamos todas em silêncio ouvindo o barulho da televisão ligada, foi Fátima quem interrompeu o silêncio*).

Fátima: – Aqui em São Carlos também, o Maurão⁵⁸ (*proprietário da casa 6*) fecha muito cedo a boate. Né?! (*risos*). E, às vezes, vira uma coisa boa ai na frente (*referindo-se à Avenida Getúlio Vargas, zona de prostituição frequentada também pelas travestis*) por fechar cedo aqui, você sai ai na rua e sempre... é certeza! O problema daqui, é que a maioria dos homens que vem aqui, que vê a mulher ai na rua, eles na verdade vem atrás de homem! Porque se eles quisessem mulher, eles iam vim para boate! Então se eles já tão ai na rua, eles tão atrás de homem. Já aconteceu do cara chegar e: “Oi tudo bem? Tudo bom! Mas o que que cê é? Cê é homem ou é mulher?”. Não. Eu sou mulher! “Ah! Então tá bom” (*risos*). E daí saia fora! Ou seja, a maioria dos homens que vem ai, vem atrás de homem... Ou senão, a gente sai com eles... Que nem, tem um que eu conheci ai, que eu sempre converso com ele, é um cara até bem sucedido. Ele pega a mulherada, leva pro motel e a mulherada come ele! É... se arreganha, calça o sapato da gente, veste a roupa... é o cara é assim! (10)

Fabiana: – A fantasia dele é essa?!

Fátima: – É. Inclusive ele é casado com uma mulher maravilhosa que ele tirou da noite, de uma boate lá de Rio Claro. Linda, linda mesmo! E ele vem atrás da mulherada, mas pra isso, pra mulherada comer ele.

Fabiana: – Então são várias fantasias que o cliente tem, né?!

Fátima: – Nossa... teve um (*gesticulou freneticamente com as mãos e sorriu*)! Essa eu nunca esqueço... Ele também era podre de rico, porque quem tem mais dinheiro são os mais podres! Hoje em dia, o cara que tem mais dinheiro é o mais podre que tem! Esse cara era dono de uma rede de supermercado ai, conhecido também, ai ele chegou na boate e olhou uma vez... Ele até tinha uma deficiência em uma das vistas dele. Sabe?! Então para ver você, ele tinha que chegar e pegar senão ele não enxergava direito. Ai ele falou assim: “Você faz o programa comigo?”, eu falei “Faço”. Ele falou assim: “Mas você faz de tudo? Você topa tudo?” e eu falei: “Pagando bem. Né?”. Ai nisso a dona da boate conhecia ele e disse “Esse cara é rico, ele é assim e é assado. Ele vai pagar você em cheque, você pode pegar o cheque dele que eu seguro o cheque dele e te dou dinheiro e não sei o quê...”. Ai eu fui meio assim e ele falou “Então, vamo lá. Né?” e eu falei “Mas você não vai me pagar?” Ele disse: “Vou deixar o cheque aqui em cima da mesa, na hora que acabar o programa você fala quanto que foi que ai eu vou fazer”. Eu pensei, tá bom né! Ai começou... Ele já arrancou a roupa e já ficou de quatro. Tinha um buraco desse tamanho (*ela mostrou com as mãos e deu risada*), juro pra vocês! Ai eu comecei, pus a camisinha na mão e comecei tal (*nesse momento Fátima estalou os dedos*). Daí ele falou: “Ah. você não tem nada maior ai?”. Eu fui procurar, ai sabe um Rexona (*referindo-se ao desodorante*)? Porque eu não tinha, né, o pinto antes. Ai eu falei pra ele “Eu tenho esse Rexona aqui”, daí eu coloquei a camisinha no Rexona e pau no rabo dele. E ele “Põe mais, põe mais!”. Juro pro cês! E ele “Põe mais, põe mais!”. E eu já estressando, porque estressa de uma tal maneira... E o cara nada de gozar e só “Põe mais, põe mais!”. Por mais o quê? Não tinha mais o que enfiar no rabo dele. Ai a dona da casa deixava, sabe esse taco de bets?! Deixava atrás da porta da casa pros engraçadinhos que ia tirar uma lá, então sempre deixava ali atrás da porta esse taco. Ai, catei o taco, mas enorme assim (*demonstrou mais uma vez gesticulando*

⁵⁸ Os nomes empregados foram trocados a fim de preservar a identidade das pessoas citadas.

com as mãos), eu não conseguia enfiar a camisinha! Eu enfiava no cara e nada desse cara gozar, ele me tirando do sério e “Põe mais, põe mais!”

Carla: – Você tá brincando?

Fátima: – Rá... Você não viu nada do que ele aprontou! “Põe mais, põe mais!” Daí ele falou assim: “Tem ovo?” Ai eu fui na geladeira e não tinha ovo, eu falei assim: “Tem tomate!” E ele: “Serve”. Eu peguei dois tomates e pá... enfiei no rabo dele e ele fingia que estava botando (risos). Não, vai vendo... ai, era uma chácara, era afastado da cidade e tinha dois cachorrões capa preta, um deles era o Bob. Ai ele viu o Bob. “E aquele cachorro lá?”, eu falei “O que tem o cachorro?”, “Chama ele!”, mas cachorro assim, não entra dentro da casa, né! Ai eu tive que ir atrás do cachorro, tive que fazer ôôô pra tentar enfiar esse cachorro pra dentro, o cachorro entrava até a metade e depois voltava... Eu consegui colocar esse cachorro para dentro do quarto. Ele chupou o órgão do cachorro e virava pro cachorro pegar ele... ainda falou assim pra mim: “Será que eu vou ficar grudado?”(11), ai... (risos de todas nós)... Isso foi a noite inteira, eu não aguentava mais olhar pra cara desse cara !!! Eu não aguentava mais ver ele, sabe?! Tudo eu já tinha enfiado nele e nada dele gozar. Ele chupou o órgão do cachorro e virava pro cachorro pegar ele... teve uma hora que o cachorro ameaçou até, sabe? Ameaçou subir nele, mas acho que não pega... não pega. Não sei... O cachorro vai atrás da cadela porque ela está no cio, é o cheiro... Sei lá, né! Mas não ia pegar o cara, assim, né! Daí tá... ele pagou, ele foi embora! Ai, no outro dia, eu tava conversando com a dona, ai ela falou assim pra mim que, antes dela ser dona da casa, ela trabalhava numa boate e ele era conhecido já onde ela trabalhava na cidade, ela disse que uma vez ele foi pro hospital porque tava no quarto com uma mulher e ele desse jeito “Põe mais, põe mais!”. A mulher tava comendo ele com um taco de bilhar, daí acho que a mulher devia estar bem loca já e estressada... porque ele estressa qualquer uma, sabe? Acho que dinheiro nenhum no mundo paga o nervoso que você passa com ele a noite inteira, sabe? Ai a menina, acho que nervosa, socou o cabo no rabo dele... Disse que ele foi pro hospital com o negócio socado no rabo dele, teve que fazer cirurgia e quase que ele morreu... ôôô, fez cirurgia, um monte de coisa, quase que ele morreu!

Fabiana/Carla: – E ele nunca mais voltou?

Fátima: – Não. Eu conheci ele numa cidade do lado, né?! E ele morava nessa cidade, onde tinha essa rede de supermercado, era de uma família super conhecida, mas acho que ele gostava mesmo era disso!

Fabiana: – Ele era um frequentador das casas?

Fátima: – Assíduo. Todo mundo já conhecia ele, já sabia das maluquices dele... Bom, a mulherada que trabalhava na noite, né, já sabia das maluquices dele, do que ele gostava, mas ele pagava muito bem! Mas nossa, tinha que ter paciência... Eu falava pra mim mesma “Nunca mais!” Naquele dia eu tomava banho, eu tomava banho e parecia que eu continuava suja, podre, imunda... de lembrar do que aconteceu, porque eu não me conformava sabe? Como uma pessoa consegue, né? Mas isso eu já vi muito sim... que nem, esses dias atrás eu tava lá em Minas, ai veio um menino lindo, lindo, novinho, sentou do meu lado, ai eu comecei a conversar com ele, ai ele falou assim “Põe seu pé aqui, tira o sapato!” Eu tirei o sapato e ele mexia no meu pé, mexia, mexia... Ele era novinho, lindo mesmo... e ele mexia, mexia no meu pé! Ai ele falou assim: “Quanto que você cobra pra deixar eu chupar o seu pé?” (12). Ele era estudante lá de São Paulo, mas mora na Ilha. Ele é adepto daquele povo que gosta de andar descalço, ele é todo meio ‘hippão’, sabe? Ele ficou conhecido lá na universidade porque ele inventou o sapato sem sola, porque parece que é uma religião esse povo que anda sem

sapato, então como ele precisava trabalhar, ele não podia ir trabalhar descalço, então o que ele fazia? Ele cortava o fundo do sapato, tirava a sola, né e só ficava em cima... E ele também tem sina por pé, então ele chega assim na boate, ele olha seu pé, ele olha sua unha, tudo! Ai ele leva você pra casa dele e passa cinza em você, carvão em você, sabe? Então o prazer dele é ficar mexendo em você, no seu pé, estimulando o órgão dele com pé, assim sabe? É uma delícia ir pra casa dele... Ah! Ele adora pizza, o negócio dele é pizza, pizza com queijo, muito queijo. Ai, tem uma pizzaria lá em Ilhabela que é a melhor pizzaria que eu já fui, tem aquela pizza mesmo, cheia de queijo, maravilhosa! Ele compra essa pizza e faz a gente pisar na pizza pra ele comer!

Carla: – Você já sentiu vontade de ficar com cliente?

Fátima: – Sim com meu namorado... a gente tá junto!

Carla: – Quanto tempo?

Fátima: – Cinco anos que a gente tá junto... Mas eu já gostei de homens (risos), outro dia eu tava encanada com um lá em São Sebastião, mas ai eu resolvi dar uma volta, sabe pra tirar ele da cabeça... porque agora que tá indo tudo bem comigo, sabe? O outro tá me dando a maior força, ai me aparece esse que trabalha na mesma área que ele, trabalha na mesma empresa, sabe? Ai é complicado! Ai eu acabei saindo lá de São Sebastião, dando essa volta, faz uns dois meses que eu vim... que eu comecei a viajar de novo pra ver se eu tirava ele da cabeça. (13) Ontem eu liguei e perguntei e ai, como vai o Cláudio?, “Ah, ele não para de falar em você!” E eu puta que pariu! “Ele não para, ele quer te ver de tudo quanto é jeito, ele já pediu pra mim ligar pra você e não sei o quê!” Eu falei meu deus do céu, o que eu vou fazer?

Fabiana: – E como é, assim, quando você acaba gostando de um cliente? Atrapalha o trabalho ou não?

Fátima: – Atrapalha... Bastante!

Fabiana: – Atrapalha?

Fátima: – Atrapalha porque... parece que na hora em que está mais lotada a boate, que tem mais cliente, que é a oportunidade de você já fazer, acelerar e ganhar o dinheiro que você perdeu... sei lá, alguma coisa assim... ai, ele chega (*ela dá uma gargalhada*)!

Fabiana: – Ai você só tem olhos pra ele?

Fátima: – Ai acaba... e outra você não trabalha direito, talvez ele fale: “Não, você pode fazer o que tem de fazer ai, depois você vem conversar comigo!” Só que você não sabe se você trabalha ou se olha pra ele, se tem alguém sentada do lado, sabe? Com quem que ele tá conversando? Tá fazendo aqui, mas tá de olho no que ele tá aprontando lá... Ai não vira não... Só perde dinheiro! A maioria da mulherada que tem namorado dentro da boate, que o namorado vai lá, ela para de ganhar dinheiro! O que atrapalha muito também e que hoje é o que você mais vê, é o relacionamento de mulher com mulher na boate. E a maioria das meninas perde dinheiro porque ai rola ciúmeira, né, elas brigam entre elas... (14)

Fabiana: – Mas ai, rola ciúmes delas com as outras meninas ou com os clientes?

Fátima: – Com cliente, com as outras mulheres.. é tudo né! Oh! Sai cada briga!!!

Carla: – Alguma mulher já te chamou pra fazer programa?

Fátima: – Já. Faço sempre. Eu tenho uma cliente lá em Ilhabela (risos). Ela é ótima, paga super bem, trata a gente bem... inclusive hoje eu conversei com ela, faz umas duas horas que ela me ligou e perguntou quando eu ia voltar. Eu falei “Eu tô voltando, semana que vem já estou ai”. Mas ela paga super bem, me leva pra casa dela, ela mora lá no Bonete, em Ilhabela, é uma praia maravilhosa!

Fabiana: – Eu conheço o Bonete!

Fátima: – Você conhece o Bonete? Então ela mora lá no Bonete, ai eu vou... ela me deixa super à vontade, faz de tudo, compra as coisas... Ela queria que eu casasse com ela (risos). Mas não, não consigo, não dá certo! Mas ela me trata super bem, super bem! (15)

Fabiana: – E se você tivesse que falar assim de uma coisa que você aprendeu na noite, que você acha que aprendeu na noite e que antes de trabalhar na noite você não sabia.

Fátima: – Eu acho que foi mais lidar com a mulherada ai... Eu vi muita coisa, assim que eu... Que nem, eu não imaginava ver, pegar esses cliente podre, ter relação com homem, sabe?

Fabiana: – Rã, rã!

Fátima: – Eu não me imaginava fazendo isso não, mas só que é o que dá mais dinheiro... ai eu acabei tendo uma visão bem mais ampla, assim, do que é um relacionamento, né! Coisa que eu não sabia o que que era antes um relacionamento e hoje eu já acho tão normal homem com homem, mulher com mulher, essa fissura que homem tem por pé, porque é uma coisa assim normal, pra quem trabalha na noite tá acostumada a ver homem ter fissura, tara por pé, sabe? Isso daí, eu não, não... eu não sei, eu acho que eu não sei se eu posso tirar algum proveito disso!? (16) Eu acho que não, né?! (*ela sorriu e lançou um olhar como se quisesse nos interrogar*)

Fabiana: – Eu não sei... O que você acha?

Fátima: – (*sorrindo*) Eu acho que não, viu... Eu não sei!

Fabiana: – O que você acha que já ensinou? O que uma pessoa que trabalha na noite pode ensinar pros outros?

Fátima: – A se prevenir. Porque o homem, a primeira coisa que vem a cabeça dele é “Tira a camisinha. Não eu te dou a mais, quanto que é seu programa? Eu te dou o dobro. Tira a camisinha, vai”. Homem... homem é podre! A se prevenir... Aprendi a me prevenir mesmo. E quando, antes de eu entrar na noite, eu não me prevenia tanto não! Não me prevenia tanto não, porque foram raros assim que eu tive relacionamento de camisinha, quando eu não trabalhava na noite. Mas depois que eu comecei a trabalhar na noite, é só camisinha. (17) (*nesse momento tocou o telefone, ela olhou e não atendeu*)

Fabiana: – E o relacionamento com as outras meninas, hoje é mais tranquilo?

Fátima: – Já, nossa, tenho muita amizade por ai, a gente se fala sempre: “Onde se tá?” “Ah! Eu tô aqui e você?” “Ah, eu tô aqui, tá bom ai?” “Aqui tá bom e ai?” “Ah! Aqui tá mais ou menos” “Ah, então vem pra cá, então!”

Fabiana: – Existe uma troca de informação então?

Fátima: – É. Eu vim para São Carlos porque eu fiquei sabendo que tinha melhorado (*risos ironizando o movimento na casa que segundo ela anda fraco*).

Fabiana: – Parece que em São Carlos tem umas ondas, tem época que tem muita menina nas casas e outras vezes tem menos, né?

Fátima: – É. Mas em todo lugar é assim.

Fabiana: – Em todo lugar é assim? Por que será?

Fátima: – Em todo lugar é assim. É onde tá rolando mais dinheiro, que nem, eu conversei com uma amiga Marisa e a gente sempre viaja juntas também, ai ela mora aqui em São Carlos. Ai eu perguntei: “E ai Marisa, como tá São Carlos?” “Ah! Fá, tá bom, tá dando pra tirar um dinheiro assim”, mas eu vim e não gostei não, estava bem melhor em Minas (18). Só que como eu já estou fora de casa, quero voltar pra São Sebastião, vou ficar uns dias aqui e depois eu volto viajar.

Carla: – Que lugar de Minas você tava?

Fátima: – Ah, eu fui pra Guaxupé, Sete Lagoas, Poços de Caldas... é Carmo do Rio Claro!

Carla: – Olha esse lugar eu não conheço.

Fátima: – Fica perto de Três Corações, de São Thomé das Letras, sabe?

Carla: – Ah, sei!

Fátima: – É linda aquela região!

Fabiana: – É bonito, lá!

Fátima: – É muito lindo! E... acho que foi só.

Carla: – Eu conheço Alfenas.

Fátima: – Alfenas é próximo, mas eu não cheguei a trabalhar lá não. Mas o problema de Minas ainda é que o programa é muito barato, você faz um programa atrás do outro... Teve um domingo lá que eu falei assim: “Eu não vou fazer programa, hoje eu não vou fazer programa, eu vou só beber”, (*toca o telefone novamente, ela olha e não atende*) só que ai... é onde mais aparece... esse dia eu cheguei a ficar dolorida de tanto programa que eu fiz. Fiz muito programa... lá se faz mesmo, faz um atrás do outro, só que tá muito barato o programa lá!

Fabiana: – Tá quanto um programa lá?

Fátima: – Cinquenta, sessenta reais o programa, é muito barato lá... E eles não pagam mais que isso, porque em Minas...

Fabiana: – É a média da região mesmo?

Fátima: – É... e eles não ganham tão bem assim como no estado de São Paulo, o pessoal paga bem porque ganha bem aqui.

Fabiana: – Aqui o mínimo tá quanto?

Fátima: – Cem, cento e vinte. Depende também né do programa que você vai fazer! É meia hora né! Cem, cento e vinte meia hora...

Fabiana: – Programa simples é meia hora?

Fátima: – É... depende também né!?

Fabiana: – E quantos programas mais ou menos uma pessoa faz por noite? Por exemplo, lá em Minas que você estava fazendo bastante.

Fátima: – Lá em Minas? Oito, nove programas por noite... Nossa, para... chega a inchar e arder... de você ir no banheiro e urinar e arder assim, sabe!? De tanto programa que faz, ai você perde a lubrificação... ai o gel come, né?! Tem homem que ainda fala “Ai não passa isso daí não”, mas de que jeito... se não passar a camisinha vai estourar! E o homem, ele fica puxando... e puxa, puxa a camisinha pra estourar... pra estourar... Lá em Bertioga, quando eu comecei a trabalhar lá em Bertioga, lá eles são tudo jegue aquele povo lá embaixo!!! Nossa uns pauzão!

Fabiana: – Os caiçaras?

Fátima: – É os caiçaras... tudo com uns pauzão mesmo... ai eles já falam “Fica de quatro”, só que já tinham me avisado, quando eu cheguei lá, que o homem que falar fica de quatro, ele vai forçar e vai estourar a camisinha. Ah! Mas é fatal, você tem que fazer já pondo a mão assim sentindo a camisinha, porque eles puxam, estouram, eles tiram a camisinha... Já aconteceu de eu tá fazendo programa com o cara e na hora que eu vou ver “tá muito estranho isso” e na hora que eu fui ver, o cara tinha tirado a camisinha! (19).

Fabiana: – Eles confiam então, pois querem fazer sem camisinha?

Fátima: – O homem quer... Todo homem é assim, não tem aquele que... A não ser que o cara tenha alguma doença e se o cara for muito centrado, ele ainda... ele ainda fica preocupado...

Eu queria até saber, porque toda vez eu me esqueço de perguntar para ginecologista o que que é... do cara chegar a ejacular e sair sangue o que que é... ele gozar sangue... Isso é doença, né? Eu queria saber o que que é... Porque isso, lá pra baixo, na Baixada, isso dá um monte!

Carla: – Nossa!

Fátima: – Deve ser gonorreia, né!?

Fabiana: – Deve ser algum tipo de doença venérea mesmo, mas agora qual exatamente eu não sei.

Fátima: – Mas chega a encher a camisinha de sangue, sabe?!

Carla: – Ai você fica preocupada com isso?

Fátima: – Nossa... a primeira vez que aconteceu isso, eu fiquei desesperada achando que tinha coisado em mim, sabe?! E o cara, ele falou assim “apaga a luz”, ai você já fica meio assim, né?! Na hora que já fala apaga a luz, fica de quatro, você pode já ter certeza que alguma coisa tem... ai, nada desse cara gozar, nada desse cara gozar, ai na hora que ele gozou, eu corri no bocal, acendi a luz e no que eu olhei... nossa meu, tinha muito sangue, tinha muito sangue! Eu entrei em desespero, foi a primeira vez que eu vi isso! Só que depois em Santos, em Cubatão, nesses lugares, é normal nessa região portuária.

Carla: – Você já conversou com outras meninas?

Fátima: – Já, já... A maioria já viu já, normal! Principalmente, lá na Baixada. É normal lá, isso daí. Um cara me falou uma vez que era diabete... Ele acha que a mulher da zona é burra! É... a maioria acha que porque é mulher da zona é burra! (20). E eu sempre me esqueço de perguntar pra ginecologista o que que é isso... e não é pouco não, sai sangue como se tivesse cortado, sai sangue mesmo, não é pouco não! É feio... ai eu fico imaginando um cara desse com a mulher... não se previne, sei lá... imagine para mulher, como deve ser também?! Um cara podre, terrível, né!? (*silêncio por alguns segundos, Fátima observa a televisão por alguns segundos*).

Fátima: – E hoje vocês já foram onde?

Fabiana: – Hoje a gente veio aqui e passamos antes numa casa ali em cima, perto do posto de gasolina.

Fátima: – Lá no Pedrão (*referindo-se ao proprietário da casa 7*) vocês não vão?

Fabiana: – Lá a gente vai amanhã.

Fátima: – Ah!

Fabiana: – Nós fomos lá esses dias, chamamos, chamamos, mas ninguém veio atender. Ai o Fabinho falou pra gente abrir o portão e entrar, pois o portão fica apenas encostado, caso contrário o pessoal não ouve chamar. Ai semana passada nós conseguimos falar com uma moça que trabalha lá, ela pediu para gente voltar na sexta... Então nós vamos voltar lá amanhã. Amanhã você vai está por aqui?

Fátima: – Vou!

Fabiana: – Assim que sair de lá, a gente pode dar uma passada aqui.

Fátima: – Ah, vem sim!

Fabiana: – Tem o jornalzinho Beijo da Rua produzido pela organização de prostitutas do Rio de Janeiro, me esqueci de trazer hoje, mas amanhã eu trago e passo aqui pra te entregar.

Fátima: – Ah, legal! Traz sim, eu quero ler sim...

Fabiana: – Porque é pertinho né, a casa do Pedrão, assim que sair de lá, a gente passa aqui.

Fátima: – Que horas?

Fabiana: – Mais ou menos nesse horário mesmo.

(*toca o telefone da Carla*)

Carla: – É minha avó me ligando, faz tempo que eu não vou embora pra minha cidade.

Fabiana: – Ela quer saber se você está viva, né?!

Carla: – É!

Fabiana: – O pessoal que trabalha na noite é parecido com nós estudantes, fica um tempo longe de casa, ai liga dando notícias... Depois some de novo...né?

Fátima: – É... Eu não consigo mais ficar em casa...

Carla: – É... Eu também não consigo.

Fátima: – Eu chego em casa, assim, sabe?! Eu fico um, dois dias na minha casa e já fico desesperada... Pra onde que eu vou? Deixa eu ver... Ai você fica no telefone: “Ei, onde você tá? Tá bom aí? Ah! Tá rolando! Tá rolando ou tá bom? Ah... Então tô indo!”.

Fabiana: – E as meninas passam informações verdadeiras, quando falam que tá bom é porque tá mesmo?

Fátima: – Lugar que é bom sempre é Cubatão. Lugar que é bom sempre, você pode ir qualquer época do ano, qualquer dia da semana, lá você anda na rua e os caras ficam te chamando. Na rua os caras ficam “ô, você não faz programa comigo?”, ai é bom que os caras ficam aumentando: “ô, faz um programa comigo”, e você fala “eu não tô trabalhando hoje, eu não tô na boate hoje” e eles “não, vamo comigo, rapidinho, eu moro aqui embaixo” “rapidinho a gente vai lá, te dou tanto, vamo? Ah, então de dou tanto! Vai? Então vamo vai!”

Fabiana: – Dá para barganhar um pouco mais?

Fátima: – É, você sai pra comprar alguma coisa e acaba compensando. Dia de pagamento, então...nossa... terrível, já fiz doze programas em uma noite, lá em Cubatão, doze programas. Só que no outro dia, eu catei minhas coisas e fui pra Araraquara. Ave Maria, eu não quero ver homem, minhas férias... não voltei pra lá tão cedo, não! (21)

Carla: – Você já se meteu em alguma fria, fazendo algum programa?

Fátima: – Nossa! Uma vez, né, o cara chegou lá na boate e falou assim “Quanto que você cobra pra ir lá numa chácara lá?”, na verdade isso me aconteceu aqui em São Carlos, no Broa... “Quanto que você cobra pra ir lá no Broa?” Ah cobro tanto! “Você tem uma amiga pra levar?” Tenho. “Quanto que ela cobra?” Ah! Não sei. Quanto que você vai cobrar? Vou cobrar tanto! “Então vamos!” Ué! Foi tão fácil assim... o cara não vai chorar, não vai pedir um desconto, não vai falar nada?! Tipo... já fiquei com o pé atrás... (22) “Não o que vocês quiserem vai ter! Vocês usam droga? Quê que vocês usam? Vou mandar levar lá! Vocês bebem? O que vocês bebem? Vou mandar levar lá!” A gente foi conversando, fomos fumando um baseado (*referindo-se a um cigarro de maconha*) no meio do caminho... A hora que chegou lá que ele entrou com o carro, era uma chácara, ele entrou com o carro, nisso o menino desceu e eu desci com essa minha amiga, a gente ficou do lado de fora do carro assim... e ele desceu e foi abrir o porta mala... eu nunca vi tanta arma na minha vida!!! Nossa, ai eu comecei a tremer e disse Lúcia (*referindo-se a amiga que estava com ela*) onde a gente se enfiou? Meu Deus... Eu sabia que tinha alguma coisa! Eu disse, não pode ser, era muita, muita arma! E o cara “Não... Pode ficar fria! Ninguém vai mexer com vocês não, nós nem vamos fazer o programa com vocês não... é que a gente precisava de alguém pra vir com a gente, pra polícia não parar, porque tava em casal né!” ai não sei o quê, na maior cara de pau... e eu falei: “Meu... e se a polícia para? A gente ia presa juntas não ia ter como explicar!”(23) e ele disse: “Você é muito desesperada... você já recebeu, se quiser ir embora você pode ir, porque o que a gente tinha que fazer a gente já fez!”. Ai eu liguei pro Nico (*referindo-se a um taxista da cidade que trabalha*

atendendo especialmente às mulheres que exercem prostituição) e pedi pra ele ir me buscar. Ele falou “Onde você tá?” Tô aqui no Broa. “Nossa! O que que você tá fazendo aí?” (risos). Em vez de ele ir te buscar, ele que saber o que você tá fazendo lá, porque foi parar lá, o que que tinha lá... Nico, pelo amor de Deus vem me buscar! Ai eu comecei a chorar no telefone e ele veio, veio rapidinho, sabe?! (24) Nossa... aquele dia eu sabia... A gente cobrou do cara, enfiou a faca no cara, e o cara “Tudo bem! Você tem uma amiga?” Tava muito fácil, se a pessoa for muito lorde pode ter certeza que alguma coisa tem... Ou é pra droga.... a princípio eu até desconfiei que tivesse alguma droga. Só que se fosse droga ele ia falar “Fica sossegada a gente tem, a gente vai levar”, ele perguntou o que que a gente usava, o que a gente queria, ai ele falou eu vou mandar entregar lá. Bom ai eu falei, droga não é... também né, que pensamento. Mas ai, era armamento pesado, tava lotado (25).

Fabiana: – O que eles queriam era chegar mesmo lá sem serem abordados?

Fátima: – Isso. E uma vez, minha vó morreu e eu tava lá em Corumbá, Mato Grosso do Sul, ai fui pro aeroporto de Campo Grande, cheguei no aeroporto fui passar o cartão, meu cartão tava vencido, não tinha como eu tirar dinheiro. Vou embora de carona né, pensei comigo, eu tenho que ir embora... como que eu vou me virar, esperar até segunda-feira pra abrir o banco, pra mim assinar. Isso ai já me aconteceu outras vezes, daí você tem que mostrar um documento com foto, assinar um papel e eles iam mandar pra minha agência que é daqui de Araraquara, pra eles mandarem o xerox da assinatura, para eles confirmarem a assinatura e liberar o dinheiro. Ai eu falei assim, não eu vou embora, vou embora, peguei minhas coisas, juntei minhas coisas e fui... Fui indo, fui indo (risos). Ai começou a escurecer, o cara tinha me dado carona até um trevo, nem lembro que cidade que foi, ai tava começando a escurecer... ele ainda falou “Oh! Corre pra você pegar uma carona logo, porque à noite você não vai conseguir”, ainda mais lá que é divisa com a Bolívia, corre muita droga e a mulherada carrega muita droga, então os caminhoneiros não costumam dar carona pra mulher por isso, com medo da mulher tá carregando droga, tal né. Ainda mais à noite, né, parada com uma mala enorme, no meio da estrada e comecei a pedir carona, pedir carona e nada. Os caminhões passavam e a noite, assim, caindo e eu desesperada com vontade de me jogar na frente do carro pra ver se assim eles paravam, sabe?! Um breu, um breu, não tinha nada, nada... eu sozinha, só mato, só mato, sozinha no meio da estrada... Essa noite eu também fiquei com muito medo, porque ai eu tive que dormir... no meio da... estrada, assim, ao relento... Ai tinha uma árvore num campo, eu pulei a cerca e fui pra essa árvore, ai eu comecei a tirar todas minhas roupas de dentro da mala, sabe, ai forrei assim com minhas roupas e ia vestindo roupa, ia vestindo roupa porque era um frio, um frio lá... de dia faz um calor infernal e à noite faz um frio de rachar você, de rachar...

Carla: – Você ficou com fome? Você tinha alguma coisa pra comer?

Fátima: – Nada... nessa hora nem dá fome, dá um nervoso... e bicho ... fiquei com medo de bicho também, né! Ai eu comecei a tirar as coisas da mala e vestir roupa, uma roupa em cima da outra e jogava roupa assim... eu tentei dormir, dava uma cochilada e acordava assustada porque eu nunca tinha passado por isso, né... dormir ao relento, assim no meio da rua, no meio do mato, sem nada, né! Até que começou a amanhecer... ai eu comecei a juntar as minhas coisas já e fui pra estrada... ai eu não fiquei meia hora na estrada e já parou um caminhoneiro que estava vindo aqui pra São Paulo, na divisa do estado e ele me deu uma carona.

Carla: – Ai você conseguiu?!

Fátima: – É consegui... Nossa! Nesse dia também foi terrível, nossa... eu sozinha, ainda se tivesse alguma amiga, sabe?! É diferente, mas sozinha... foi horrível. Os únicos dois dias que eu passei... que eu chorei, assim, sabe? Falei “Meu Deus, e agora? E agora!” Chorei mesmo!

Carla: – Nossa, a gente passa umas coisas... é difícil.

Fátima: – É... O dia da arma também, eu podia tá presa ai de besteira...

Fabiana: – Deve ter sido difícil mesmo, eu imagino o que ficou passando pela sua cabeça “Pra que eles estão levando toda essa arma?”, você não sabe, né!

Fátima: – É... Mas é que se for ver, uns caras desses não tem nem como você falar que são gente boa, mas querendo ou não, eles acabaram sendo porque “Não, você tá muito desesperada, então pode ir embora! O que a gente precisava fazer, já fez, ninguém vai fazer programa com vocês não, porque o combinado não foi esse”, desse jeito... como se a gente já soubesse o que tava acontecendo “o combinado não foi esse, eu falei que vocês só iam vim e curtir, mas já que cê tá desesperada ai, pode ir embora!”. Você acha que eu ficar lá curtindo o quê? Curtindo o medo, né! (*risos*) Com o cu desse tamanho (*gesticulou abrindo os braços*) e a adrenalina. “Será que os homem (*referindo-se à polícia*) vão chegar aqui?! Ia ficar esperando os homem invadir lá... Nunca!

Fabiana: – É muita coisa, né, é imprevisível...

Fátima: – É! Cada coisa...

Carla: – É contando é engraçado, mas pra quem passou...

Fátima: – Verdade! Mas o que mais rola na noite é isso daí, traficante, traficante de droga, traficante de arma, traficante de animal, tudo quanto é traficante eu conheço, tudo, tudo... Por isso que a mulher tem que viajar mesmo, já pensou acontece alguma coisa e você tá sabendo...

Fabiana: – Mas por que será que na noite eles vão muito, procurar a noite assim?

Fátima: – Uma porque todo homem, eu acho que tem esse sonho, assim, de um dia poder chegar na boate gastar e beber e pagar, sabe?! E o homem só tem oportunidade fazendo isso, porque hoje em dia trabalhando, ele não vai chegar lá e “desce ai essa garrafa”, sabe, até pelo apego ao dinheiro, “oh, trabalhei o mês inteiro pra chegar numa noite e torrar tudo”, então, acho que só traficante mesmo é quem gasta horrores em boate, quando começa a gastar muito a mulher já sabe, olha ai tem, a mulher já sabe. (26)

Fabiana: – E o que você acha dessa discussão que tem que regulamentar a profissão?

Fátima: – Olha eu acho legal (*risos*), mas eu não pretendo assim assinar a minha carteira como, sei lá como é que é garota do sexo? Profissional do sexo ou garota de programa, ah não, eu não assinaria a minha carteira!

Fabiana: – Por quê?

Fátima: – Acho que mais por isso, a minha família não sabe o que eu faço, eu não ia conseguir... trabalho como profissional do sexo (*risos*). (27)

Fabiana: – Mas tem gente que fala assim, não quer assinar a carteira, mas acha que pode pagar por fora.

Fátima: – É. Eu tenho uma amiga que paga por fora também.

Fabiana: – É porque ai mais pra frente se ela quiser, dá para aposentar, né!?

Fátima: – É verdade. Eu tenho uma amiga que ela faz isso. Mas daí a colocar na carteira, porque é difícil você encontrar uma mulher que a família dela inteira sabe. Eu tenho uma amiga aqui mesmo, ela tem casa, tem carro, tem duas filhas criadas, uma delas está fazendo faculdade lá em Rio Claro, sabe? Ela trabalha na noite, trabalha aqui, ela trabalha na noite a

família dela é lá do Mato Grosso de Nova Xavantina e não sabe o que ela faz. As filhas sabem. As duas filhas são maravilhosas, supereducadas, uma já tá fazendo faculdade, a outra é meio descabeçada, sabe, mas elas têm uma educação, nossa é difícil de encontrar. Eu tenho na minha casa, minha mãe nunca foi prostituta, mas eu não tive a educação que as filhas dela têm. O jeito que elas conversam com a gente, como elas tratam a gente, supereducadas... (28)

Carla: – E elas se dão bem com a mãe dela?

Fátima: – Dá, adoram ela. Quando eu venho para São Carlos a gente sai, vamos no shopping, vamos tomar um chopp, vamos fazer alguma coisa. Elas se dão bem com as meninas (*referindo-se às prostitutas*) também. Só que não trabalham, né?!

Fabiana: – É que muita gente acha assim, porque é filha de prostituta vai ser prostituta também...

Fátima: – Mas não, tanto que uma delas já tá fazendo faculdade, a outra está terminando o colegial... E outra dependo do jeito que você cria seu filho, você tem que se por como um exemplo, “olha eu tô fazendo isso por vocês, eu não quero que vocês passem o que eu passo, ou o que já passei ou o que eu tô passando”, né!? E as filhas dela sabem, mas a mãe, o pai e os irmãos não sabem. Ninguém sabe. E ela é lá do outro lado do mundo, eu falo que Mato Grosso do sul é uma viagem, pois qualquer lugar que você for de Mato Grosso é longe, é uma viagem...

Carla: – São quantas horas de viagem pra lá?

Fátima: – Pra Corumbá, onde eu gosto de trabalhar, é dois dias... de ônibus, né? De avião, se você pegar aqui em Campinas até Campo Grande dá uma hora, é que o fuso horário muda, é uma hora de diferença lá, então acho que dá umas duas horas. Ai chega em Campo Grande e tem que pegar um ônibus até Corumbá, são mais dezoito horas.

Carla: – É pequena essa cidade Corumbá?

Fátima: – Ah, deve ser uns trinta mil habitantes... Faz divisa com Santa Cruz de La Sierra. É uma cidade turística, rola dinheiro lá só quando abre a pesca, agora já abriu, abre em abril a pesca. Só que não é bom porque tá muito frio, o rio tá cheio ainda, então vai pouco turista, agora, o bom é ir pra outubro e novembro, a pesca fecha em novembro. Quando tá calor, o rio tá baixo é quando se pegam os maiores peixes, ai bomba, só gente do dinheiro. Quando eu cheguei a primeira vez pra trabalhar lá, eu fui pra Porto Morrinho, ai nisso chegou uma turma ali de turistas e tal, e eles iam descer o rio de chalana até Porto Murtinho, ai eles me deram mil reais para descer o rio com eles por dois dias, não tive relação com nenhum deles. Porque eles não vão atrás de sexo, eles querem uma mulher lá porque querem companhia, porque eles gostam de cozinhar, sabe, só gente bem de grana, gostam de cozinhar, de conversar, gostam de contar piadas, gostam de falar besteira, mas eles não gostam de transar, não gostam de ter relação com mulher da noite.

Fabiana: – Mas gostam da companhia?

Fátima: – Gostam da companhia, gostam de dar risada, gostam de saber, gostam de perguntar, gostam de contar causos, gostam de explicar... nossa, é muito bom!

Fabiana: – Eles querem atenção?

Fátima: – Querem atenção, querem zuar, falar besteira, abobrinha. Eles gostam disso, o cara que vai pescar a maioria deles é assim, contar piada, caso... (29)

Carla: – Eu tenho uns parentes em Nova Andradina, é assim também.

Fátima: – Bonito, você conhece Bonito?

Carla: – Não.

Fabiana: – Já vi um especial na TV Cultura.

Fátima: – Bonito é lindo. Uma coisa que não mostra na TV, e eu acho que devia mostrar, é que nem, eu já fui pra muito lugar bonito, só que assim eu nunca vi a natureza como é viva praquele lado. Você vê casal de arara, chega assim o final da tarde, é um barulho que elas fazem, sabe, de andar em bando, então é aquela barulheira. Elas não se misturam, a azul é a mais linda, é a mais bonita de todas porque é uma cor viva, sabe, é sempre a azulzinha com a azulzinha, a vermelhinha com a vermelhinha, não mistura! Tem tucano, papagaio, maritaca, é tudo coisa que você não vê... Você vai pro Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro é lindo, mas se olha pro céu e você vê tiroteio... E lá não, é a natureza mesmo!

Carla: – Mesmo assim muita gente só pensa em viajar pra fora do Brasil.

Fátima: – Pra quê? O Brasil é lindo, lindo. Muito lindo, muito lindo lá, é lindo demais. O tucano é tão vivo, não parece o tucano de cativeiro, se você comparar a diferença da cor do que tá na natureza com o que tá no cativeiro é muito grande, ele é muito mais colorido, a cor viva, sabe?! E você vê ele lá no cativeiro, ele meio xoxinho... Um lugar que eu não conheço, mas sou louca pra ir é o Rio Grande do Norte, o Maranhão também, eu não conheço muito lá pra cima... Também rola muito pouco dinheiro por lá, lá programa as meninas faz por dez, vinte reais e, às vezes, até por um prato de comida! (30)

Fabiana: – Mas é que nem você falou antes, lá o pessoal ganha menos e então as coisas são mais baratas, acho que o programa também.

Fátima: – Teria que juntar um dinheiro e ir pra passear mesmo. E lá rola mesmo o turismo, o pessoal que vai lá... os gringos que vai atrás das menininhas novinhas. Eu tenho muitas amigas da Bahia que começaram a trabalhar na noite por isso, os gringos vão atrás das menininhas e acaba prostituindo as meninas, depois as meninas começam a sair ai no mundão, começam a viajar... E rola muito isso mesmo, a maioria das meninas que vem lá de cima começaram tudo com gringo, tudo novinha com doze, treze anos. Eles vêm atrás das menininhas mesmo!

Fabiana: – Fátima obrigada por conceder a entrevista, nós vamos finalizar agora. Amanhã a gente dá uma passada aqui então.

Fátima: – Ah! Vem sim, vem e traz o jornalzinho.

Fabiana: – Ah, eu trago sim, eu ia trazer hoje, mas acabei esquecendo, também achei que não ia ter menina aqui, hoje.

Fátima: – É. Aqui é meio imprevisto mesmo, as meninas viajam muito. É que acaba enjoando da casa, a mulher. Eu venho ainda por causa das minhas amigas, porque senão eu acho que eu nem voltaria mais pra São Carlos, tem tanto lugar melhor que aqui, é que eu tenho muita amiga, fazia um ano que eu não vinha pra cá. Ai eu falei, vou dar uma volta lá em São Carlos, mas eu já devia ter ido pra casa já. Mas já que eu estou aqui, vou ficar o final de semana, segunda-feira eu me joga!

Fabiana: – Então tá, mais uma vez obrigada, amanhã a gente dá uma passada ai!

Fátima: – Vem sim

A entrevista durou pouco mais de uma hora. Eu disse a Fátima que iria transcrever a entrevista e que poderia levar uma cópia da transcrição para ela, após uma ou duas semanas. Fátima avisou que possivelmente não estaria mais na casa, pois estava pensando em retornar para o litoral. Agradei sua disponibilidade em conversar conosco e em colaborar com a pesquisa. Despedimo-nos e fomos embora.

DIÁRIO VIII		
Data: 21 de maio de 2010	Casas: 7	Horário: 16h30
Participantes: Pesquisadora, Carla e Sabrina (alunas de Pedagogia) e uma funcionária		

Eu, Carla e Sabrina nos encontramos, às 16h, na estação norte de integração de ônibus. Ficamos aguardando o ônibus chegar. O nosso ônibus veio, embarcamos e descemos próximo a casa 7 por volta das 16h30.

O portão estava apenas encostado, entramos na casa e fomos até o local onde se localizam os quartos. Batemos palmas. Uma funcionária da casa veio e nos atendeu. Apresentamo-nos a ela e falamos do trabalho de extensão em educação e direitos humanos desenvolvido pelo GETS. Ela esboçou um sorriso e repetiu a expressão direitos humanos, demonstrando certa curiosidade em torno desse tema. Perguntamos se ela gostaria de conversar conosco e se havia meninas na casa com disponibilidade para conversar conosco. A funcionária respondeu que ela estava ocupada e que as meninas ainda estavam dormindo e disse para voltarmos mais tarde (1). Perguntamos qual seria um bom horário para retornarmos à casa. Ela disse que seria melhor por volta das 18h. Perguntamos que horário as meninas começavam a se arrumar para trabalhar, ela respondeu que era por volta das 19h. Combinamos que voltaríamos na próxima semana e fomos embora.

DIÁRIO IX
Data: 27 de maio de 2010 Casas: 8 e 6 Horário: 16h30
Participantes: Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia), Helena e Fabinho

Fui à estação de integração de ônibus, embarquei no ônibus por volta das 16h10. Carla já estava no ônibus, sentei-me junto a ela e fomos conversando. Chegamos à casa 8 por volta das 16h30, batemos no portão e chamei por Helena. O portão se abriu, cumprimentamos a Helena e perguntamos se havia menina na casa. Ela disse que só havia uma, mas que ela estava de saída. Perguntei por Heliana e fui informada de que ela também havia saído. Perguntei se Helena estava ocupada e ela respondeu afirmativamente, pois costuma realizar os serviços de limpeza e alimentação da casa. Despedimo-nos dela e falamos que voltaríamos por volta do dia 10 de junho, pois na próxima semana terá o feriado de Corpus Christi.

Eu e Carla resolvemos passar na casa 6. Descemos a avenida a pé por alguns quarteirões, de longe avistamos uma aglomeração de pessoas em frente à casa 6. O Fabinho (cozinheiro da casa) estava entre elas, junto de um homem e mais quatro travestis. Aproximamo-nos e cumprimentamos as pessoas presentes. Perguntei a Fabinho o que havia acontecido, uma travesti respondeu dizendo que o homem havia batido em seu carro Eco Sport e que, portanto, deveria pagar os estragos. Aproximei-me e notei os dois carros com arranhões e sinais de batida. O homem falava com sotaque espanhol e disse que não havia batido, apenas chegou ao local e os carros estavam daquele jeito. Outra travesti que estava presente afirmou que vira o homem batendo no carro de sua colega.

A travesti que era a proprietária do carro batido havia ligado para a polícia e nos informou de que a polícia disse que não poderia comparecer ao local da batida e que as pessoas envolvidas é que deveriam se encaminhar até a delegacia para fazer o boletim de ocorrência. Perguntei o que eles fariam e solicitei que os mesmos saíssem da avenida, pois naquele local passa muito caminhões. Ambos vieram para calçada, onde estávamos. A travesti disse que havia duas alternativas: ir juntos a uma delegacia ou entrar em um acordo. O homem perguntou que acordo deveria ser feito. A travesti proprietária do carro propôs que fossem todos juntos a uma funilaria ver quanto ficaria o conserto e o homem efetuaria o pagamento, caso contrário, todos iriam a uma delegacia. O homem aceitou o acordo e ia entrar em seu carro, enquanto as travestis se dirigiam ao Eco Sport. A proprietária do carro disse para sua colega ir junto com o homem, no carro dele, para evitar que ele fugisse ao acordo firmado (1). Perguntei se elas gostariam que eu as acompanhasse, elas disseram que não precisava. Despedimo-nos e elas foram embora, junto com o homem.

Fabinho disse que ia passar um café e que logo iria embora. Ele convidou-nos para tomar um cafezinho. Eu e Carla aceitamos, entramos na cozinha e esperamos ele passar o café. Avisei que haveria um evento em comemoração ao dia da prostituta, convidei Fabinho a participar e pedi que ele divulgasse junto às mulheres da casa e também às travestis. Perguntei se poderia fixar um cartaz na sala da casa, ele consentiu e disse que eu podia subir para colar. Subi, coleí o cartaz na parede da sala e descí. Tomamos café e conversamos um pouco com Fabinho. Perguntei se ele aceitaria conceder uma entrevista para falar sobre as aprendizagens resultantes do trabalho que ele exercia. Ele ficou um pouco apreensivo, mas logo em seguida disse que aprendeu muita coisa. Contou que existe muito tipo de mulher na noite, umas que

não aprendem nada e vão para zona para “ficar dando uma de gostosa”, nada está bom para esse tipo de mulher e que pode fazer qualquer coisa que elas estarão colocando defeito. Mas falou que também tem muita mulher boa, humilde e que exerce esse trabalho porque precisa. Perguntei se ele achava que a prostituição era um trabalho como outro, ele disse que não, falou que é trabalho, mas a vida é muito dura (2). Perguntei se ele aceitaria participar de uma entrevista e ele respondeu que ia pensar.

Lavamos os copos. Ele fechou a casa e fomos embora. Viemos a pé, eu, Carla e Fabinho conversando. Ele nos contou um pouco sobre sua vida, disse que já foi usuário de crack e que teve uma vida muito difícil, perdeu tudo por causa desse vício. Há quatro anos tomou a decisão de sair de sua cidade e veio para São Carlos, obstinado a abandonar o vício e a sair do ciclo de amizades que favorecia que ele usasse essa droga. Hoje, vive sem usar nenhum tipo de drogas e, segundo sua opinião, está cem por cento, comparado a situação em que já esteve. Ele também nos contou que sua mãe faleceu quando ele tinha 14 anos e que isso foi muito difícil para ele assimilar. Quando chegamos na praça Santa Cruz, Fabinho despediu-se e entrou em um supermercado. Eu e Carla seguimos caminhando até nossas casas.

DIÁRIO X**Data:** 1 de junho de 2010**Casas:** 6, 7 e 9**Horário:** 16h30**Participantes:** Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia), Fabinho, Laura, Letícia, Gislaine, Glória, Gil e funcionário (casa 7).

Cheguei à estação de integração de ônibus, por volta das 16h. Esperei o ônibus que chegou por volta das 16h10, embarquei nele e encontrei Carla. Sentei-me ao seu lado e fomos conversando sobre o evento que realizaremos amanhã referente ao dia internacional da prostituta. Descemos na avenida Getúlio Vargas, por volta das 16h30, caminhamos até a casa 6. Entramos pelo portão do estacionamento que dá acesso a casa, Fabinho estava escondido próximo a porta lateral e nos pregou uma peça, tentando nos assustar emitindo um som: – Buu!! Rimos e eu falei para ele que desse jeito ele nos mataria com um ataque do coração.

Depois falei para Fabinho que estávamos lá para conversar com Laura – uma travesti que abriga em sua casa demais travestis que exercem prostituição. Falei para ele que havia marcado o encontro por telefone. Ele nos levou até a casa 9, onde mora Laura e as demais travestis. Quando entramos, notei que havia quatro cachorros, todos latiram diante de nossa presença, um deles bem pequenino veio em nossa direção e latia insistentemente. Fiquei preocupada com medo de que ele me mordesse. Entrei na varanda, e notei logo que o local estava diferente, eu já conhecia a casa, pois em 2006 essa residência era habitada por mulheres que exerciam prostituição na casa 6, e eu frequentava o local para conversar com elas, na ocasião realizava a coleta de dados de pesquisa desenvolvida ao longo do curso de mestrado.

Laura veio nos atender, Fabinho nos apresentou a ela e disse que ia voltar para casa 6, pois estava passando um café. Laura estava com uma touca rosa na cabeça, vestia shorts jeans e camiseta. Ela nos convidou para entrar. Eu e Carla entramos, sentamos na sala. O local, realmente, estava bem modificado se comparado à última vez em que eu estive lá. As paredes bem pintadas, a casa estava com mobília nova, tudo impecavelmente limpo, inclusive os trabalhos de crochê que davam um ar muito agradável ao local, como tapetes e centro de mesa. Falei para Laura que a casa estava bem diferente. Ela respondeu que o ambiente precisava mesmo de um trato. Perguntei há quanto tempo elas estavam residindo ali, Laura respondeu que faz mais de um ano.

Falamos para Laura que participamos do grupo de estudos sobre trabalho sexual ligado à UFSCar e que nos interessamos por conhecer o que as pessoas aprendem e ensinam na noite. Perguntei se elas tinham interesse em conversar conosco sobre esse tema. Laura nos contou que já havia participado de uma pesquisa desenvolvida por pessoas da universidade, falou que no início achava um pouco estranho falar sobre sua vida, mas que depois se acostumou com a pesquisadora e que acabou criando um vínculo com ela (1).

Ela disse que as meninas da casa, provavelmente, aceitariam conversar conosco. O cachorrinho que antes latia para mim, veio até a sala e pulou no sofá onde estávamos sentadas, primeiro procurou o colo de Carla, depois veio para meu colo. Laura riu e disse que ele gosta de colo.

Laura nos contou que não trabalha na noite, só cuida da casa e das meninas. Ela fica em São Carlos durante a semana e viaja para outra cidade da região, nos fins de semana, onde gerencia uma boate. Falei que mesmo assim tínhamos o interesse em entrevistá-la, para saber o que ela conhece sobre os saberes da noite. Ela riu e disse que pode sim nos conceder uma entrevista, só precisamos marcar. Depois ela saiu e foi até o quarto conversar com as demais travestis para verificar se elas aceitariam conversar conosco. Enquanto ela estava lá, apareceu uma mulher e nos cumprimentou. Perguntei se ela trabalhava com Laura, ela riu e falou que não e que era amiga do pessoal. Laura voltou para sala e estava atendendo um celular.

Uma travesti chamada Letícia, veio e nos cumprimentou. Ela disse que aceitaria conversar conosco sobre a vida na noite. Eu e Carla nos apresentamos e falamos um pouco sobre o grupo de estudos do qual participamos. Falei sobre a investigação que desenvolvo acerca de processos educativos na prática da prostituição. Letícia disse que poderia conversar conosco na terça-feira, após horário de almoço. Combinamos de nos encontrar após às 14h30. Enquanto conversávamos, algumas travestis passaram pela sala, uma delas saiu e foi estender uma toalha de banho, outra saiu se penteando, uma travesti veio de fora e entrou no quarto. Todas nos cumprimentaram. Falei para Letícia sobre a metodologia do trabalho do grupo, que não revelamos os nomes das pessoas entrevistadas, pois adotamos nomes fictícios. Também falei que os dados obtidos nas conversas são utilizados apenas para fins de investigação científica. Depois, Letícia se despediu e disse que ia sair para comprar algo. Ela se despediu e saiu em companhia de outra travesti.

Laura voltou, após atender alguns telefonemas. Falamos para ela sobre o evento que o grupo de estudos realizará amanhã, na UFSCar, sobre o dia da prostituta e a convidamos a participar, bem como as demais travestis. Laura disse que seria difícil comparecer por causa do horário e nos contou que para elas participarem é preciso ser mais cedo, já que costumam se arrumar para trabalhar na noite por volta das 17h. Falei para Laura que o grupo Teatro Descalço está elaborando uma peça teatral intitulada o Auto da Camisinha e que tem interesse em apresentar uma pré-estreia na casa. Perguntei se elas tinham interesse e Laura confirmou que sim, disse que seria bom se fosse entre segunda e quinta-feira, pois na sexta ela costuma viajar cedo. Falei para ela que tentaria ver com o grupo se poderia ser na quarta-feira dia 23 de junho e que depois ligaria para confirmar. Depois agradecemos pela atenção e dissemos que voltaríamos na próxima semana para conversar com Letícia. Despedimo-nos e fomos embora.

Eu e Carla resolvemos passar na casa 7 a fim de verificar se havia alguma menina acordada, pois das outras vezes que passamos por lá, sempre as encontramos dormindo. Faltava pouco para as 18h. Chegamos ao portão e verificamos que o mesmo se encontrava aberto, entramos no estacionamento, seguimos até perto da porta de entrada da casa e batemos palmas. De dentro de um dos quartos ecoou uma voz questionando quem éramos. Respondi que era a Fabiana e uma mulher saiu. De longe, reconheci o rosto, tratava-se de Glória - uma mulher com quem já havia conversado há alguns anos atrás. Perguntei a ela se lembrava de mim. Ela ficou olhando para meu rosto e disse: – Não sei... parece que sim! Ela pediu para entrarmos no quarto e falou que tinha mais meninas ali. Entramos e encontramos mais duas mulheres - Gil e Gislaíne - deitadas na cama, era um quarto pequeno, localizado ao fundo da casa, mobiliado com duas camas e uma beliche. Expliquei que éramos da universidade e falei sobre o grupo de estudos de trabalho sexual. Conteí que temos interesse em estudar a vida na noite e os

processos educativos consolidados nela. Elas riram e disseram que aprendem muita coisa na noite! Falamos que gostaríamos de marcar um dia para conversar com elas sobre essas aprendizagens. Elas consentiram, mas apontaram preocupação com relação a divulgação de seus nomes. Contamos que não revelamos os nomes das pessoas com quem conversamos, que adotamos nomes fictícios. Uma delas perguntou sobre o nome da casa, também falamos que não revelamos o nome da boate e que empregamos números para fazer referência a cada casa (2). Elas riram, um rapaz veio e nos observou por alguns minutos, depois retornou para dentro da casa. Após alguns segundos ele voltou acompanhado de uma moça. Eles estavam rindo e chamaram Glória lá fora. Fiquei conversando com Gil. Também me recordava de seu rosto e perguntei se eu já havia conversado com ela há alguns anos na casa da Larissa⁵⁹. Ela falou que era possível, pois realmente havia trabalhado lá. Glória entrou sorrindo e disse que o Giba (o rapaz que estava rindo e é funcionário da casa) estava tirando sarro dizendo que pensou que éramos entrevistadoras do programa do Gugu⁶⁰. Gislaine riu e disse que havia escrito uma carta para o programa a fim de ganhar uma passagem de volta a sua terra natal. Rimos juntas. Depois combinamos que voltaríamos na próxima semana para conversar com elas. Glória e Gislaine falaram que poderíamos voltar na terça-feira, só que mais cedo, pois naquele horário elas já costumam se arrumar para trabalhar. Combinamos de voltar na terça, após 14h30. Glória e Gislaine disseram que gostariam de conversar todas juntas e falamos que tudo bem. Elas brincaram e perguntaram se poderiam falar mal do cafetão e do filho do cafetão – nesse momento olharam para o rapaz que estava com elas e todas caíram na risada. Eu e Carla agradecemos a atenção, despedimo-nos e fomos embora.

⁵⁹ Nome fictício empregado para fazer referência à proprietária de uma casa noturna da região.

⁶⁰ Apresentador de programa veiculado na televisão. Há um quadro no programa, no qual o apresentador financia as passagens para que as pessoas voltem a sua cidade de origem.

DIÁRIO XI		
Data: 8 de junho de 2010	Casas: 7	Horário: 15h30
Participantes: Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia), Gislaine, Glória, Gil.		

Embarquei no ônibus que vai para região da Getúlio Vargas, por volta das 15h10. Encontrei com Carla e fomos conversando até descer próximo à casa 7. Fomos caminhando até a casa e, como de costume, o portão estava apenas encostado. Entramos e seguimos em direção ao quarto, onde havíamos conversado com Glória, Gil e Gislaine na semana anterior. Batemos palmas e uma voz no quarto perguntou quem era. Glória saiu e a cumprimentamos. Ela nos cumprimentou e disse que poderíamos entrar no quarto. Gislaine estava deitada em uma das camas fumando um cigarro. Entre beliche e a cama em que Gislaine estava deitada, havia um criado mudo com uma televisão ligada. Elas estavam assistindo à televisão. Entrei no quarto juntamente com Carla e nos sentamos em uma das camas.

Falei sobre a pesquisa que realizada e do meu interesse em estudar processos educativos consolidados na noite. Perguntei se elas tinham disponibilidade para conversar sobre o que aprendiam e ensinavam nas experiências vivenciadas na noite e se aceitariam conceder uma entrevista. Elas disseram que sim e me perguntaram se eu usaria gravador. Eu disse que só usaria mediante seu consentimento e elas responderam que eu poderia usar. Elas riram e Glória disse que Gislaine era chique, pois iria ser entrevistada. Glória me perguntou como seria realizada a entrevista. Tendo em vista que elas manifestaram o desejo de participar coletivamente da entrevista, no encontro da semana passada, eu disse para elas que a entrevista seria realizada como uma conversa, cada uma delas poderia começar se apresentando, falando um pouco sobre como ingressaram no trabalho sexual e depois poderiam se sentir à vontade para falar sobre as experiências em que consideravam ter aprendido ou ensinado algo na noite.

Eu tirei o gravador da bolsa, coloquei as pilhas e falei que iria ligá-lo. Coloquei o gravador entre o beliche em que Glória estava e a cama em que Gislaine estava deitada. Pedi permissão e baixei um pouco o volume da televisão, para que não houvesse tanta interferência na captação do áudio. Falei para elas que o áudio da entrevista não seria veiculado em nenhum meio de comunicação e que eu iria transcrever os dados para usar apenas no contexto da pesquisa. Falei também sobre o termo de consentimento esclarecido com relação à participação na pesquisa, mas elas não quiseram assinar. Falei sobre a possibilidade de assinar com o pseudônimo que elas utilizavam na noite e, então, elas assinaram o termo. Também falei que elas poderiam ficar tranquilas com relação aos nomes, pois ao transcrever os depoimentos, eu iria trocá-los por outros fictícios. Avisei que estava ligando o gravador e Gislaine se apresentou.

Gislaine: – Meu nome é Gislaine... mas pode me chamar como vocês quiserem! (risos).

Carla: – Você tem quantos anos?

Gislaine: – Eu tenho vinte e três.

Glória: – Vinte e três?

Gislaine: – (risos) Não... de verdade, eu tenho vinte e sete.

Fabiana: – E você (referindo-me à Glória)?

Glória: – Eu vou fazer vinte e cinco anos.

Carla: – Você vai fazer ainda?

Glória: – É. Eu vou fazer em outubro.

Carla: – Que dia de outubro?

Glória: – Dia dezesseis de outubro.

Carla: – Tem que fazer um bolo, pra gente comemorar, hein!

Gislaine: – Ah, mas aqui a gente faz aniversário de todas... quer dizer, de todas assim, né, das que são mais chegadas da gente, das que a gente anda mais juntas! Ai todo aniversário a gente faz bolo e comemora.

Glória: – É mesmo, a gente fez o da Cris, fez o do Pedrão (*proprietário da casa*) que só deu confusão!

Fabiana: – O do Pedrão? Deu confusão, por quê?

Gislaine: – Ah! Sei lá... juntou todo mundo, sei lá chapou, todo mundo chapou...

Glória: – Ave Maria, eu não sei o que aconteceu não, menina! Eu bebi pouquinho e tava chapada!

Gislaine: – Não é isso que eu tô falando, menina! Que eu bebi pouco pra ficar ruim como eu fiquei... Ontem também eu tomei uma Amarula, tomei um vinho e fiquei louca!

Glória: – Trilouca!

Carla: – Ah, é muito, né?

Gislaine: – Acha? Não é não, perto do que a gente tá acostumada a tomar... E eu ontem tava tomando cerveja, como que eu fiquei ruim daquele jeito?

Fabiana: – Você tava tomando cerveja na boate?

Gislaine: – Aqui.

Fabiana: – E pode?

Glória: – Escondido (*risos*)!

Gislaine: – Escondido não que já é exagero, todo mundo vê (*risos*)!

Glória: – Mas é escondido!

Gislaine: – O próprio dono vê, como é que é escondido?! (*as duas dão gargalhadas*)

Glória: – Escondido dos homens!

Gislaine: – Ah, tá... aquelas latas desse tamanho em cima do balcão e é escondido?! A gente bebe cerveja quando não está acompanhada dos clientes. Tá entendendo? O cliente tá lá bebendo com as outras meninas e a gente tá tomando cerveja. Na hora que o cliente vem conversar com a gente: “Ah, você quer tomar uma cerveja?”, ai a gente fala: “Ah, não posso, tenho que tomar a dose!”. “Ué, mas por que se você tava tomando cerveja nesse instante?”, “Porque eu tava sozinha, não tava te acompanhando e regra da casa é regra da casa!”, eu falo logo assim! (1)

Carla: – Ah, tá a regra da casa é que você não pode beber cerveja com o cliente.

Gislaine: – É porque se ele quer minha companhia, ele tem que pagar pela minha companhia...

Fabiana: – E ai, geralmente, ele pega essa outra dose porque é um pouco mais cara?

Gislaine: – É. A cerveja é cinco e a dose é quinze.

Glória: – Mas tem hora que a gente fica tão chapada, que eu bebo cerveja na mesa com os homens! (*risos*) Eu bebo escondida mesmo!

Fabiana: – E ele não fala nada? O Pedrão não fala nada?

Glória: – (*sorrindo*) Ele não vê!

Gislaine: – Não, nesse ponto ele tá certo porque aqui, ele bota tudo... é alimentação, é moradia... tá tudo desarrumado, mas na hora que arruma fica tudo ajeitadinho. Tá reformando

os quartos, alimentação aqui é muito boa, não falta nada... a cozinha aqui é aberta vinte cinco horas, não é nem vinte e quatro horas por dia...

Carla: – Vocês podem ficar à vontade, comer a hora que quiser, fazer?

Gislaine: – Pode. Ele banca um custo de vida pra gente... se a gente fosse bancar um restaurante lá fora, ia gastar muito mais. Então, ele tem que ter o lucro dele, e o lucro dele sai da dose. É das doses que a gente bebe que a gente paga o que consome na casa e dá lucro pra ele, só que esses dias tá difícil dá lucro pra ele, hein! (2)

Fabiana: – Por que ninguém tá querendo tomar dose?

Gislaine: – Não. Eles querem, o salário é que não tá ajudando...

Glória: – Agora o movimento tá melhorando!

Gislaine: – Tá melhorando... é que o movimento ficou ruim por causa do fim de mês.

Carla: – É por causa do fim do mês?

Gislaine: – O fim do mês e o frio também.

Fabiana: – O frio interfere também no movimento?

Glória: – Ai, eu não posso com o frio!

Fabiana: – Por quê?

Glória: – Ai, porque pra dar pro homem nesse frio, eu preciso de uma coberta, pra dar pra eles debaixo da coberta!

Gislaine: – Ah, eu já fiz isso umas três vezes... tive que pegar uma coberta. Acha? Eu não dou conta não. É muito frio! Tem que tirar a roupa, tomar banho... um dia desses eu ia chorando, só pensando na água. Tirar a roupa... nossa e a gente coloca, é calcinha, é meia, é calça...

Carla: – E vocês sempre usam roupa curta, mesmo no frio?

Gislaine: – Acha?

Glória: – Não. Vai do jeito que quiser.

Gislaine: – Se você quiser se enrolar num edredom e subir... vai do seu gosto. Se quiser põe roupa curтинha...

Glória: – Ah, eu não uso roupa curta.

Gislaine: – É, mas ela tava só com esse vestido ai!

Glória: – Ah, é mas eu tava... ah, não sei! (*risos*)

Gislaine: – E chegou aqui no meu quarto: “Vou subir pelada!” (*risos*). Eu não, eu visto curтинha, visto calça, calço bota, depende do dia. Ontem eu tava com um vestidinho azul, um vestidinho jeans e uma meia preta...

Glória: – Xadrez!

Gislaine: – É xadrez... é xadrez mas tem preto (*risos*)... e de bota e o sobretudo por cima, por causa do frio. Mas tava tão frio, mas tão frio que o sobretudo não tava resolvendo, ai eu vim aqui, desci, peguei uma blusa de frio de lã, coloquei por cima do vestido... Falei “Ah, eu não vou ficar aqui tomando frio não!” Eu já tava pensando em descer e colocar um moletom. Aqui é frio demais! É mês de agosto que é o mês do frio, aqui?

Glória: – Eu quero passar bem longe desse mês de agosto (*risos*).

Fabiana: – E quando está muito frio? Vocês vão embora trabalhar em outro lugar? Como vocês fazem?

Glória: – Eu vou casar! (*Gislaine dá uma gargalhada*)

Fabiana: – Vai casar? Com quem?

Glória: – (*sorrindo*) Vou casar em Tocantins com meu amado!

Gislaine: – Ah, tá... Em Tocantins (*risos*). Achei que tu ia casar aqui pela quinta vez com aquele homem de ontem... Essa aí é a que mais já casou, aqui na casa! Ela mesma é que fala... Mas eu também casei, minha filha!

Glória: – Casou?!

Gislaine: – Não aqui na zona... mas trabalhava numa boate.

Glória: – Tu não me viu grávida, não, lá embaixo? (*Glória dirige a palavra a mim e refere-se ao galpão onde antes funcionava a casa 7*)

Fabiana: – Vi. Quando eu te conheci você estava grávida.

Gislaine: – Então, eu conheci um cara e começou aquela putaria de namorinho, namorinho, né?

Glória: – É... esses namorinhos que acabam com a gente!

Gislaine: – Ai dia de sábado a boate fechava e ele vinha me buscar, eu passava o domingo na casa dele, na segunda à noite ele me trazia, depois levava de volta. Ai toda semana ficava um pouco de roupa minha na casa dele, quando eu vi não tinha mais roupa, tava tudo lá. Ai ele falou por que você não vem morar aqui? E nisso eu fiquei, minha filha, perdi minha juventude toda ... só não perdi muito porque me ferrei na vida.

Glória: – E eu que tirei minha virgindade dentro de um cabaré!

Fabiana: – Eu lembro que você me falou dessa história... que você saiu de casa, né?!

Glória: – Eu fugi de casa, minha mãe me batia (*risos por parte dela e nós estávamos em silêncio, ouvindo*). Eu fugi e fui pro cabaré, sem querer cheguei num cabaré (*risos*). E quando tive que conversar com homem, ave Maria, o homem me pegava e eu me encolhia, me pegava e eu me encolhia (*ela mostrava com o corpo o jeito como se encolhia, dobrava os braços e cabeça em direção às pernas*).

Fabiana: – Mas ele sabia que você era virgem?

Glória: – Sabia nada! Ai foi... ele perguntou: “Que você tem?” e eu falei “Nada”, “Você tá com medo?” “Tô!” Aí foi, aí na hora ele viu e perguntou “Tu é virgem?”, eu falei: “Sou.” E ele: “Não, eu não acredito não! Tu é mesmo?” e eu falei “Sou”. Ai ele falou: “Nossa, a primeira mulher que eu tô vendo virgem é você!”. E foi assim, ai eu fui aprendendo, aprendendo e hoje eu sou uma putona (3).

Fabiana: – E como que é que aprende a ser uma putona, então?

(*nesse momento passa uma mulher na porta, Gislaine dirige a palavra a ela*).

Gislaine: – Tem batata, aí?

Glória: – Já quer comer de novo? Comeu dois pão desse tamanho com mussarela, ainda agorinha...

Gil: – Oi, tudo bem? Dá licença, posso sentar aqui com vocês?

Todas: – Pode.

Glória: – Vem participar da entrevista.

Fabiana: – Estamos aqui fazendo uma entrevista para ver como é a vida na noite, o que vocês aprendem e ensinam na noite...Ela me falou que aprendeu a ser uma putona, estou aqui perguntando como é que se aprende isso?

Gislaine: – Ah, isso daí é na prática mesmo...

Fabiana: – Ah, é na prática mesmo, no dia-a-dia? Não tem ninguém que ensina, que fala como que é o serviço?

Gislaine: – Eu acho que todo mundo já tem uma puta dentro de si.

Glória: – É mesmo. Você só sabe quando tá em quatro paredes mesmo!

Gislaine: – Com o passar do tempo, só vai fazendo essa quenguinha se soltar... (4)

Fabiana: – Vai se soltando?

Glória: – É... vai se soltando... (risos) ai você aprende a ser putona mesmo! (5)

Fabiana: – Então, antes de vocês trabalharem na noite vocês não sabiam como era, só sabiam aquilo que passa na televisão... Ou já sabiam como que era, já conheciam alguém que trabalhava na noite?

Glória: – Eu não sabia. Eu cheguei na casa virgem.

Fabiana: – Mas você não falou nem pra dona da casa?

Glória: – Nada... Eu tava no ônibus e a mulher me falou “Tu vai pra onde?”, eu falei “Eu não sei”, e ela falou “Vamos embora pra casa de fulana, lá tem trabalho”. Eu pensei que era um bar.

Gislaine: – Então você caiu no cabaré e não sabia que era cabaré?

Glória: – Foi. Eu pensei que era bar, eu pensei que ia trabalhar pra mulher, mas ela não falou qual era o serviço.

Gislaine: – Ah tá!

Glória: – Ai, de noitinha, ai a mulher me chama... ai, minha filha, quando chega lá e o homem fala pra mulher que eu era virgem. A mulher fala “Olha... uma virgem dentro da casa, deixa eu dá uns amarra marido ai!”. Gente do cão, cê tá vendo como é...

Gislaine: – Lógico (risos).

Fabiana: – Por que eles sabiam que você era virgem e todo mundo queria ficar?

Glória: – Isso. Eu era novinha...

Fabiana: – Você tinha falado pra ela que era menor. Ela sabia ou não?

Glória: – Ela nem perguntava essas coisas não...

Fabiana: – Ah, ela nem perguntava dessas coisas.

Glória: – Não.

Carla: – Hoje em dia eles perguntam?

Glória: – Hoje em dia é mais...

Fabiana: – E você quando começou a trabalhar?

Gislaine: – Ah, lá na minha cidade... é lá na Bahia, eu tinha uma amiga, uma coleguinha, uma conhecida e era de menor também na época... E lá tinha uma mulher que ela não tinha zona, ela tinha uma casa normal...

Glória: – De primeiro era só casa né ou bar...

Gislaine: – Não, nem bar não tinha, era uma casa mesmo. Tinha um bar na frente, que pegava cerveja no bar e depois entrava pra casa. E os homens ligavam pra ela, e ela ajeitava as mulheres, as mocinhas... tinha quatro quartos na casa dela. Tava melhor do que na zona (risos de Gislaine e Glória)! Mas eram quartos normais de residência, ai quem queria ficar ali ficava, quem queria ir pro motel ia... Ai ela tinha o número de várias meninas, ai chegava um e dizia “Ah eu quero uma morena”, ela ligava, “Oh, eu quero uma mais moderna!” (risos)... Ai minha colega: “Ah, nós vamos lá”, e eu: “Que nós vamos fazer?” Primeira vez que eu cheguei lá, o cara ‘pá’... ai eu fui pro motel com ele. (6)

Carla: – Você era virgem?

Gislaine: – Era não... ai fomos, eu fui e fiquei com o cara lá pela primeira vez, depois fui pro motel com outro... Depois sumi de lá, era longe pra caralho da minha casa, ai sumi de lá... Ai, um dia, uma outra amiga minha, olha as amigas (risos)... Uma outra amiga minha me levou

em outro lugar, que já era um barzinho mesmo normal e em cima tinha três quartos, já era uma coisa mais 'pá'. Ai eu fui com ela a primeira vez... adorei né, um barzinho, dançar...

Glória: – Ai se o povo daqui vê... (*risos de Glória e Gislaine*).

Gislaine: – Ai cheguei 'pá', fiquei lá um dia... depois a gente veio embora pra casa, dormi lá um dia e depois vim embora pra casa... Meu negócio era tá ali...(7) Comecei a ir lá, só que eu conhecia um cara, ai eu tava lá e o cara chegou e eu com outro cara no quarto e pra sair do quarto eu tinha que dar de cara com o desgraçado, pois eu fiquei trancada nesse quarto até quatro horas da manhã...

Fabiana: – E você não queria sair porque ele ia te ver?

Gislaine: – Porque ele ia me ver... Mas mesmo assim o desgraçado me viu... Ai eu sumi de lá, já sabia que minhas amigas iam lá. Ai eu fui parar numa zona, já era zona mesmo, mas não igual as daqui. Era numa cidade colada na minha, quarenta minutos da minha cidade. Fiquei lá, 'pá'... lá a gente tomava cerveja, não era dose. Ai eu arrumei um namoradinho lá, sai da zona e fiquei na casa dele, a casa dele era na praia e não sei o quê, ai eu fiquei, fiquei... onde ele me levar eu vou, tô pro que der e vier...(8) Mas ai aconteceu um problema lá e eu fui embora pra casa.

Carla: – Pra casa da sua mãe?

Gislaine: – Isso da minha mãe, na minha cidade. Eu fiquei lá, mas todo final de semana eu ia pra praia, ficava na casa do cara. Ai um dia eu tô bem linda em casa assistindo à televisão de baby doll, chega minha amiga "Menina, vamos viajar?". Eu nem perguntava pra onde, ó, ai ela subiu, eu fui e peguei uma mochila minha e coloquei umas mudinhas de roupa, um biquíni que eu achei que a gente ia pra praia ou pra alguma fazenda ali próximo, alguma cidade ai, sabe? Ai ela virou: "Mulher, tu não vai levar suas roupas não? Mulher, a gente vai pra São Paulo! Você vai levar só isso?", ai eu falei: "O quê?", ela "É a gente vai pra São Paulo!", eu falei peraí, ai fomos catando as bolsas, malas, tudo... arrumei tudo dentro das malas, meus sapatos, peguei tudo, tudo, não sobrou nada. Ai colocamos as malas dentro do carro, dois homens foram levar a gente. A gente saiu, curtiu, foi pra um show, se divertimos pra caramba, eu fiquei com um deles, ai deixaram a gente numa casa, a gente dormiu num hotelzinho lá na minha cidade, eles tiraram a gente de casa com medo da gente desistir da viagem. A viagem ia ser de manhã, entendeu?! Eles deixaram a gente no hotelzinho, de manhã pegaram a gente, compraram as passagens de ônibus, eu lembro como hoje, deu cem reais pra cada uma pra almoçar, ai foram no mercado compraram biscoito, bolacha, salgadinho, revista pra gente ler... (9) Sei que a viagem ficou só entre os cem reais que deu pra cada uma e a feira que eles fizeram, porque foi uma feira com um monte de coisa, entendeu, ficou dois reais pra cada uma. Nossa foi a melhor viagem da minha vida, juro pra vocês! A gente sentou... Nossa tô falando muito! (*ela interrompeu a fala e ficou nos olhando*).

Fabiana: – Não, pode falar, para mim quanto mais vocês falarem melhor (*risos*).

Gislaine: – Ai a gente sentou nas poltronas e atrás tinha dois rapazes da mesma idade que a gente, ai no meio do caminho já mudou, um veio pra frente, eu fui pra trás, ai já ficou dois casais... nisso a gente já veio namorando, eu pensando "Ai meu deus que vergonha, como uma pessoa pode ser puta? Que horror!" (10) ai já viemos namorando no meio do caminho, no beijinho, a gente fez a maior farra, toda parada a gente comia e ó enchia o caneco. Os carinhas desceram no Rio e a gente veio pra São Paulo. Ai quando cheguei deu aquele impacto, a boate mesmo, sabe, vários leões, um monte de espelho, contorno, sofazinho de canto, aquele impacto, né, das coisas que a gente via lá e o que tava vendo aqui... também eu já conhecia

alguma coisa de boate famosa assim, porque eu trabalhei em Porto Seguro também, numa boate lá que era a boate, dava de dez a zero nas boates daqui, tem até sauna, banheira ao ar livre, aquela coisa pra turista mesmo porque verão é só turista, você só pega brasileiro se quiser, se quiser pega só turista mesmo...(11) Ai comecei...

Fabiana: – E esses homens que pagaram a passagem pra vocês, eles trabalhavam nessa boate em São Paulo?

Gislaine: – Então, um era primo da dona da boate e o outro era sobrinho da dona da boate. E a dona da boate era da minha cidade, ela é baiana da minha cidade e eles têm família lá. Eles tinham ido visitar a família deles, só que uma menina que já trabalhava aqui em São Paulo deu o telefone da minha amiga que era amiga dela também pra quando eles tivessem lá, eles ligarem e procurassem ela.

Fabiana: – Entendi, eles foram pra visitar a família, mas se encontrassem alguém querendo viajar...

Gislaine: – Isso, ele já tinha o número dela, ai ele ligou e explicou o que que era e tal, passou o número da amiga em São Paulo para ela ligar e confirmar. Ai ela ligou e falou com a amiga dela, ai era lembrou de mim e me chamou... não tava programado, não tinha nada programado... eu tava em casa quando ela chegou, “Ai vamos viajar”, mas eu já tava acostumada a ir viajar assim do nada, uns três ou quatro dias. Minha mãe já tava acostumada sem ficar preocupada, só que dessa vez ela se ligou, porque ela pensou “Ela levou tudo que era dela”, então ela não tá aqui perto. Ai ela disse que minha irmã falava, minha prima falava “Não, ela tá na praia”, mas ela dizia: “Ela não ia levar bota, salto... ela tá longe, ela foi embora pra longe”. Mas ai ficou aquela dúvida, ela pode estar por perto, mas foi embora pra sempre. Ai depois de um tempo eu liguei, falei, expliquei... “Onde cê tá?”, expliquei assim “por alto”, porque ela nunca virou assim pra mim e falou “Cê tá na zona?”

Carla: – Mas ela desconfia, então?

Gislaine: – Ela sabe! Hoje ela sabe, entendeu? Mas ela nunca chegou pra perguntar “Você tá na zona?”, diretamente, sabe, mas ninguém é tonto... Ela já sabendo a filha que tinha, ela não é tonta de acreditar em conversa, né!? (12).

Carla: – E você tem contato com ela?

Gislaine: – Com ela, com filho... Eu casei, hã, eu casei? Eu me juntei, me amasiei com um cara lá, ele é o pai do meu filho, eu fui morar com ele, depois me separei e fui embora voltei pra casa dela (*referindo-se à sua mãe*). Meu filho está com ela.

Fabiana: – E seu filho Glória?

Glória: – O meu filho está com minha mãe.

Fabiana: – Ele está com quantos anos?

Glória: – Vai fazer seis anos.

Fabiana: – Então você, Gislaine, já conhecia algumas amigas que trabalhavam nesse esquema, você começou indo com elas?

Gislaine: – Lá a gente fazia muito esse negócio de telefone, sabe?

Glória: – Ai tu gostou dessa vida? (*ela pergunta e dá risada*)

Fabiana: – E o quê que tem nessa vida que atrai. Na visão de vocês, por que as pessoas fazem esse trabalho?

Gislaine: – Ai eu já não sei explicar pra você... eu não sei explicar.

Glória: – O lado bom na zona é porque é um dinheiro fácil e rápido (*Glória dá risada e revê sua fala*), mas não é fácil não, é rápido! (13)

Fabiana: – Ah, é um dinheiro rápido. E as pessoas ganham bem na noite, por exemplo, em comparação com outro trabalho, vocês já tiveram outro trabalho?

Glória e Gislaine: – Eu já!

Glória: – Eu já fui babá.

Fabiana: – E ganhava mais ou menos que na noite?

Glória: – Ganhava menos.

Fabiana: – Ganhava bem menos?

Glória: – (*rindo*) Ah, ganhava oitenta reais.

(*silêncio... ficamos por alguns minutos ouvindo o som da televisão que anunciava a exibição do filme “Romeu e Julieta”, um casal composto por um corintiano e uma palmeirense.*)

Fabiana: – E os clientes, o que eles ensinam pra vocês?

Glória: – Ai, é tanta coisa...

Gislaine: – Ai, eu não sei explicar, pois cada um é uma coisa.

Fabiana: – Cada cliente é uma coisa diferente, nunca é igual?

Glória: – Não tem igual.

Gislaine: – Eu gosto de homem safado, ui, eu sou complicada. Eu não gosto de homem certinho, eu nunca namorei homem certinho, eu sempre namorei bandido. Minha mãe me chamou de Maria Porta de Cadeia. Eu gosto do cara moreno, com aquela correntona no pescoço, aquele bonezinho, assim ó, aquela bombetinha, tênis, que gosta de tomar uma cerveja geladinha. Agora chega aquele cara, todo de terninho, engomadinho, cabelo lisinho que chega falando “Você poderia me fazer o favorrr (*ela reforça o r*) de me dar o prazer da sua companhia?”, ai vá pro inferno (*todas rimos*). Eu prefiro “Vem cachorra, vem aqui, senta aqui!”, ai eu vou (14).

Glória: – Ai meu deus, que bagunça!

Fabiana: – E nas casas, vêm os dois tipos de cliente?

Gislaine: – Vem. Vem bicha, homossexual.

Glória: – Vem sapatão.

Gislaine: – Tem aqueles, ai “eu te amo, eu te amo”

Glória: – Tem até um casal aqui, eles vêm aqui direto.

Fabiana: – Quer dizer que vem casal, vem lésbicas, mulheres. E pode entrar? Eles deixam mulher entrar?

Glória: – Pode. Tem lugar que não pode, mas aqui pode.

Fabiana: – E o cliente também quer meninas dos dois tipos?

Gislaine: – Sim. Tem homem que gosta de mulher mais comportadinha. Tem homem que gosta de mulher mais...

Glória: – Cachorrona!

Gislaine: – É cachorrona. Eu fico rezando pra chegar um cachorrão, porque esses homens engomadinhos demais, a gente não tem nem o que falar pra eles! (*risos*). Não tem assunto. Agora se é um mano, se é um cara mais descolado você tem assunto pra conversar, entendeu?!(15).

Fabiana: – E quando vocês estão conversando com o cliente, no que vocês prestam atenção durante a conversa? Por que há tanta conversa antes de fazer o programa?

Glória: – Ah, eu já falo logo “Ai me dá uma dose, pelo amor de deus” (*risos de todas*). Eu quero beber. Ai já fica animado o negócio.

Fabiana: – Os clientes sempre vão pagando ou tem uns que não gostam?

Glória: – Ah, tem uns que não pagam não.

Gislaine: – Tem uns ai que você fala o valor da dose e só falta eles bater na gente.

Glória: – Tens uns que falam “Eu só quero te conhecer”. Ai eu falo: “Então cê fica conhecendo, tchau!”.

Fabiana: – Como que é?

Glória: – “Eu tô só conhecendo, pra dar uma olhadinha!”

Gislaine: – Tem homem que já entra aqui sabendo que vai gastar, mas tem uns... Tem uns que vem aqui já pra gastar, como teve um dia ai, sábado, eu tomei vinte e cinco doses com o cara. E toda hora ele, cinco reais de música, cinco reais de música. Todo mundo desceu e só ficou eu bebendo com esse cara, eu dançava, me requebrava e me acabava, ai ele ia e ‘pá’ fechava uma comanda de duzentos e tantos, depois abria outra mais duzentos e tantos. Primeiro, tava bebendo ele e outra menina. Ai ela foi e me chamou, ai ele não queria mais pagar pra ela, só queria pagar pra mim.

Fabiana: – Mas por quê? Por que ele gostou de você?

Gislaine: – Foi. Mas tem homem que entra aqui, já assim mesmo “Ah, só vim conhecer”, “Eu tô só dando uma olhadinha”. Eu tenho um ódio desse negócio “eu tô só dando uma olhadinha”, dá vontade de tirar o olho que é pra não olhar mais pra nada. Agora tem homem que vem pra gastar, né.

Fabiana: – Mas quando eles falam que estão só dando uma olhadinha, o que que eles estão querendo?

Glória: – Tá com vontade de ficar olhando uma menina.

Gislaine: – Tem homem que vem aqui só pra ficar vendo as mulheres e parece mosca de padaria, roda, roda, roda e não pousa em nada, não come nada, entendeu. Ele quer só...

Glória: – Amassar.

Gislaine: – Olhar, ai a mulher passa de junto e ele passa a mãozinha, só pra encher o saco, entendeu, tem uns que vêm só pra encher o saco. Ai tem outros que chegam, fica lá no cantinho, ai todas as meninas da casa vão lá conversar com ele. “Não tô dando uma olhadinha nas meninas”. Esse você pode ficar na sua que ele vai escolher. Ai depois que olha todas, presta atenção em todas, analisa detalhe por detalhe, ele vai lá e chama uma. Tem homem que é assim! Já tem outros que atira pra todo lado. Quem chegar, a primeira que chegar, sabe, vai. Outros que vem e ai quer duas, três, quatro. Nossa, homem é um bicho complicado! (16)

Fabiana: – E vocês já sabem quem é quem? Pelo jeito que ele tá ali vocês já sabem ou não?

Gislaine: – Não. Muitas vezes não...

Glória: – A gente se engana também.

Gislaine: – Às vezes, a gente pensa “Nossa, aquele ali vai gastar, hein!”.

Glória: – Ai não gasta naaada (risos)!

Fabiana: – Então, tem que chegar perto e conversar mesmo?

Gislaine: – Já tem outros que você pensa: “Nossa, não quero nem encostar naquele ali, olha o estilo do cara, meu! Aquele cara ali só veio pra encher o saco.” Daqui a pouco você vê o homem sentar na mesa e ai, ó, as doses descendo... Você fala “Me enganei”.

Glória: – Igual o homem, ontem, ele falou você faz streap? Eu falei assim “Pelo amor de deus, olha o meu corpo, fazer streap?” (*ela deu risada*). Ele falou: “Ah, então você tem preconceito com seu corpo mesmo”. Ah, não tem nada a ver, pra fazer streap pro cara só lá no quarto.

Gislaine: – Como no sábado, chegou três caras e sentaram. Um falou assim: “Eu vou tomar uma dose, você me acompanha?” Acompanho.

Glória: – Falou, é agora, é só oferecer...

Gislaine: – Olha o tamanho das minhas canelas, eu pulo o balcão. Ai pegamo a dose, eu fui e sentei com ele. Ai ele queria streap, eu fui chamei uma, ela fez streap. Ai ele foi e chamou outra amiga minha pra sentar na mesa. Eles estavam em três caras, ai eu fui e fiquei com um e ela com o outro, ai toda a hora o streap rolava, se todo mundo quisesse fazer, fazia... Ai no final eu fui e desci pro quarto com o amigo dele. Ai ele falou “Você não fez o show?”

Fabiana: – Uma coisa é o show e outra é o streap?

Gislaine: – Não. É a mesma coisa.

Fabiana: – Mas você faz no palco ou no quarto? Como que é?

Gislaine: – Não depende, se o cara quiser pagar pra ir pro quarto.

Fabiana: – E se for feito no palco quem paga?

Gislaine: – O cara que pediu, ué, ele que pediu, ele que paga.

Fabiana: – Toda menina faz show ou tem menina que é mais tímida?

Glória: – Não, aqui todas faz.

Fabiana: – Não pode ser muito tímida, não?

Glória: – Não. Mas eu mesmo só gosto é de beber, minha filha. Eu só gosto da cachaça.

Gislaine: – Se desse movimento, assim, só pra beber, beber, beber... Eu não fazia programa. Porque eu me amarro lá em cima da cama com o cara dentro do quarto, eu prefiro beber, assim eu ranco o dinheiro dele todinho nas doses. Outro dia, eu não aguentava nem falar (17).

Gil: – Começou a fazer mímica (*risos*).

Gislaine: – Eu não conseguia explicar e comecei fazer assim (*ela gesticulava com os braços e as mãos e todas riam*).

Fabiana: – Qual a vantagem de ficar assim tomando as doses?

Gil: – Tem dia que a gente quer chapar.

Gislaine: – Eu já não aguentava mais, ele já tinha fechado a comanda e ficava só pegando um dinheiro, uns vinte reais, eu ia lá e pegava uma dose, ai eu fazia assim (*gesticulou com a mão, esfregando o dedo indicador no polegar*), me dá um dinheirinho, me dá um dinheirinho (*risos*). Ai eu pegava o dinheiro e (*fez barulho para simular sua corrida*) e voltava pra pegar outra dose.

Glória: – Me dá um dinheiro... (*solta uma gargalhada*). Ah! Ah! Ah! (*risos de todas*).

Fabiana: – O dono da casa gosta quando vocês ficam bebendo?

Todas: – Gosta.

Gislaine: – Lógico que o dono da casa gosta, é bom pra ele, pra ele. E de certa forma, é bom pra gente também. E tem dia que a gente quer chapar mesmo. Ai eu gosto de beber.

Gil: – Ah, eu também.

(*o celular toca nesse momento e Gil atende*).

Fabiana: – Vocês tiram mais tomando dose ou com o programa?

Glória: – Com os dois.

Gislaine: – Se você for pensar em cem, cem, cem... com o programa você ganha mais. Mas tem dia que você não tá afim.

Gil: – Ninguém tem um remedinho, aí? As minhas cólicas, só a base de injeção.

Glória e Gislaine: – Não.

Gislaine: – Tem homem que você quer ir pro quarto, sabe, ai vamos, tem uns que eu fico “Ai, vamos, vamos, vamos!”, tem uns desgraçados que dizem: “Vamos esperar um pouquinho”, “Vamos logo, vamo embora”. Tem outros, que você quer fugir, entendeu. Então tem que ir

com esses, primeiro, que é pra não dar muito trabalho, porque chega lá se você sacode pra um lado, sacode pro outro... e cabou (risos de todas). Sai, sai, sai que você não tá conseguindo. (18)

Gil: – Mas aqui você arruma amigos também porque tem pessoas que vem aqui e não fazem programa, só pagam pra beber. (19)

Gislaine: – É isso que a gente tá falando, eu sai da zona, mas a zona não sai de mim! Então, tudo isso tá dentro de mim... é isso, tem dia que a gente xinga os homens, xinga tudo. E também tem aquele lado assim do ego, da autoestima.

Fabiana: – Como assim do ego?

Gislaine: – É, às vezes, a autoestima da mulher ela quer se sentir desejada, sabe? Já teve vezes de eu ver mulher falando pro cara “Eu não quero ir pra cama com você”, e o cara ficar indo atrás dela “Eu quero você”, aí você se sente assim, nossa, mesmo o cara tendo que me pagar para eu ficar com ele, ele quer... (20)

Fabiana: – É bom para autoestima?

Gislaine: – Isso. Tem homem que gosta de saber que a mulher é um biscoito e que tá ali com ele só pelo dinheiro...

Glória: – É. Tem homem que gosta, sente prazer com isso.

Gislaine: – Teve um aqui, esses dias, que ele falava que o tesão dele era jogar dinheiro na mulher assim na cama... (21)

Gil: – Ai que lindo!

Glória: – Ai, eu quero um desses! (risos de todas)

Gislaine: – Mas ele não podia, porque ele tinha que pagar lá em cima primeiro, entendeu? Eu falei, então...

Gil: – Mas é só ir...

Gislaine: – Eu falei, então joga em cima de mim, áah (ela deu um grito), vamos unir o útil ao agradável.

Fabiana: – E por que eles dão caixinha? Por que gostaram da menina?

Todas: – É.

Gil: – Tem homem que eu já trabalhei que ele senta do seu lado assim e é a mesma coisa dele tá conversando com uma amiga, não é?

Glória e Gislaine: – É.

Fabiana: – Eles gostam da pessoa ou da aparência?

Todas: – Da pessoa.

(Gislaine pede uma água de coco para Lúcio, um rapaz que trabalha na casa e passava em frente à porta do quarto).

Gislaine: – Tem homem que chega aqui e vem buscar uma companhia pra conversar.

Glória: – Tem muitos que vêm porque têm problema em casa e vêm pra desabafar.

Gislaine: – Tem homem que chega em casa e tem aquela mulher emburrada, aquela mulher triste, aquela mulher assim que o casamento não tem mais diálogo, né, Glória?!

Glória: – É não tem mais conversa...

Gislaine: – Ai quando chega aqui encontra as meninas animadas, as meninas curtindo. Mesmo ele sabendo que estão ali na companhia dele por causa do dinheiro, mas que acaba virando uma amizade. (22)

(nesse momento entra o Lúcio, um funcionário da casa e traz uma água de coco em caixinha para Gislaine, junto com um copo cheio de gelo).

Fabiana: – E faz parte do trabalho de vocês também, fazer essa companhia e conversar?

Gislaine: – Eu sempre falo que toda quenga tem um pouco de psicóloga.
(ela comenta que a água de coco está quente e diz que entendeu porque Lúcio trouxe o gelo)

Fabiana: – Então eles também vêm pra conversar e falar dos problemas que têm em casa?

Glória: – Eles gostam de se divertir. Tem mulher também que chega na boate e quer contar os seus problemas, ai eles dizem “Mas eu já tenho problemas” *(risos)*.

Fabiana: – Você tá dizendo que tem menina que quer contar os problemas dela? Ai o cliente fica escutando ou não?

Glória: – É. Tem cliente que escuta, tem cliente que fala “Não, pelo amor de deus, problemas já bastam os meus!” *(risos de todas)*.

Gislaine: – E tem uns que vem também que parece que ou é psicólogo ou é investigador, pois já chega “Quantos anos você tem? De onde você é? Você tem filho? É casada? Ai meu bem, mas por que que você tá aqui na zona?”, ai eu já falo “Eu tô porque eu gosto, gosto mesmo!” (23).

Glória: – Ai por que que você tá nessa vida? Por que você não sai dessa vida? *(Glória modifica sua voz, imitando a fala de um cliente)*.

Fabiana: – E quando eles dizem isso o que vocês fazem?

Glória: – Eu falo: “Eu não. Vou sair dessa vida pra quê? Pra trabalhar na casa dos outros de empregada?”

Gislaine: – Eu falo: “Eu gosto, eu gosto.”

Glória: – Eu quando eu casei, eu não aguentei, eu tive que voltar pra zona! *(risos)* (24)

Gislaine: – Tem uns que falam “Você é tão educada, tão bonita, tão gentil, aqui não é lugar pra você”. Eu digo: “Ai, tô esperando um homem rico, bonito, poderoso e que venha aqui me buscar de jatinho e como eu sei que isso não vai acontecer, por enquanto, eu fico aqui mesmo”(25).

Fabiana: – Glória, você falou que depois que casou sentiu falta da noite. Por quê?

Glória: – Menina, eu ficava trancada, eu chapava.

Fabiana: – Você ficava sozinha?

Glória: – Rã, rã *(acenou a cabeça em gesto afirmativo)*

Gislaine: – Ah, eu também. Eu cheguei até a ficar com depressão.

Gil: – Mas isso também depende, eu acho que se você vive com quem você gosta, né?

Glória: – Ah, mas eu não gostava do cara.

Gil: – Então é por isso que você não...

Gislaine: – Eu gostava.

Gil: – Eu não casei, casei, também não, né, mas estou enrolada!

Glória: – É. Juntou os panos de bunda! *(risos de todas)*

Gil: – Amigui, né?

Glória e Gislaine: – É. Amigou!

Fabiana: – E você tá gostando?

Glória: – É com o dono daqui *(referindo-se ao proprietário da casa)*.

Gil: – Eu gosto!

Glória: – Do gordão *(ela dá risada)*.

Gislaine: – É aquela coisa, no caso dela, ela gosta dele.

Gil: – E eu também acho que ele gosta de mim.

Gislaine: – É... ele gosta, porque se não gostasse não tinha te tirado da noite, tinha te deixado ai. Mas eu, eu também gostava do meu marido.

Fabiana: – Você tá falando do pai do seu filho?

Gislaine: – É. Eu gostava dele, mas eu sentia falta das minhas amigas.

Glória: – É isso, a gente sente falta.

Gislaine: – Da balada (26).

Glória: – Eu enchia a cara e quando ele chegava, eu xingava ele todinho.

Fabiana: – Mas vocês acham o quê? Que é a rotina do casamento, o dia-a-dia, isso que é ruim? Ou vocês sentem falta da noite mesmo?

Glória: – Não sei, não é uma coisa assim... É cachaça mesmo *(ela fala e dá risada)*.

Gislaine: – É porque cada uma tem, tem... sua personalidade.

Glória: – É que eu não gostava mesmo dele, eu casei pelo golpe *(risos)*.

Fabiana: – Como assim pelo golpe? Pra sair da noite ou pelo dinheiro?

Glória: – Pelo dinheiro *(risos)*.

Fabiana: – Ele era um cliente também?

Glória: – Era.

Gil: – Isso é uma coisa que eu não faria. Jamais. Durou quanto tempo?

Glória: – O que?

Gil: – Seu casamento?

Glória: – Ah, um foi um ano e pouco. O outro foi dois anos. O outro foi... *(risos)*.

Gil: – Mas tudo no golpe? Ou você gostava?

Glória: – Não. Ai, só um que eu gosto, até hoje. Mas aquele safado não me quer mais!

Fabiana: – Que é o pai do seu filho? Ou não?

Glória: – Não. Eu não casei com o pai do meu filho não!

Gislaine: – Eu fui morar porque eu gostava dele.

Fabiana: – Mas você foi morar porque achava que ia dar certo?

Gislaine: – E deu, né, quatro anos. Deu certo, a gente teve o nosso filho. E não deu mais certo por causa dele. Ai eu já tinha me conformado com a minha condição de mulher casada.

Carla: – Isso lá na Bahia?

Gislaine: – Não. Ele é daqui. Ele veio depois pra Araras, ai eu vim atrás dele. Né.
(Glória comenta que está com vontade de tomar um caldo)

Gislaine: – Eu, no início, eu achava que eu podia ter as duas coisas: a minha vida de zoneira e ter meu marido, isso é o que eu queria.

Fabiana: – Uma junção?

Gislaine: – Pois é, uma junção.

Gil: – Mas que marido que vai aceitar isso?

Gislaine: – Mas depois que eu fui entender que eu ia ter que escolher entre um e o outro, né (27)!

Glória: – Mas tem mulher que trabalha na zona e o marido sabe.

Fabiana: – Nesse caso o marido tem ciúmes? Mas aceita?

Glória: – É... aceita *(ela responde sem demonstrar muita convicção e dá uma risada)*.

Gil: – Eu acho que esses maridos são os que dependem da mulher, né?! Porque para aceitar...

Glória: – Não, porque se ela gosta dele, ama ele, mas ele não vai dar o que ela quer roupas caras, sapatos caros, então ela precisa de dinheiro para comprar.

Gil: – Então eu acho que ele também deve depender do dinheiro dela.

Fabiana: – Gil, você acha que ela deve sustentar ele também, por isso ele aceita?

Gil: – Lógico. Porque eu acho que convém a ele, entendeu, deixar ela ir pra noite. Porque eu acho que se uma pessoa gosta, realmente, ela não aceita isso. É vamos supor, se você arruma um marido, você gostaria que ele fosse na zona de novo? (28) *(dirige a pergunta à Glória)*

Glória: – Eu aceitaria.

Gil: – Cê tá... Ah *(todas dão risadas)*.

Gislaine: – Meu ex-marido, ele ia pra zona quase toda noite, mas eu ia com ele...(29)

Gil: – Ai sim!

Gislaine: – Eu ia com ele, às vezes, eu ia sozinha *(ela interrompe a fala e pega um cigarro no maço que estava em cima da cama de Glória)*

Glória: – Olha, já está dando um golpe no meu cigarro *(risos)*.

Gislaine: – Eu pedi pro menino trazer mais um, guarda esse ai pra gente fumar depois.

Glória: – Ah, mas é bom demais essa vida, eu não quero casar não. Mas eu tô quase casando de novo *(risos)*. (30)

Fabiana: – Então você está pensando em casar de novo?

Gil: – É mais um dote?

Glória: – Não. Esse eu tô amando mesmo *(risos)*.

Gislaine: – E o pior é que eu vou falar pra vocês que eu já vi esse filme. Porque essas meninas que casam por golpe, golpe, no final acabam gostando do fila da puta, né? Acabam pegando o pior, o mais pobre, o mais desgraçado...

Glória: – O pior que é isso mesmo, é isso!!!

Gislaine: – É isso mesmo, o mais pobre que muitas vezes já vem porque quer dar o golpe (31).

Glória: – É isso, ele que quer dar o golpe *(risos)*!

Gislaine: – Eu já vi várias vezes.

Fabiana: – Ela está pensando que vai dar o golpe e quem toma é ela, é isso?

Gislaine: – Eu já vi isso várias vezes em zona, a menina dá golpe, dá golpe, dá golpe, ir morar com cara para poder tirar tudo que podia dele, entendeu, de ficar com um cara para poder sustentar outro e no final ficava com o pior, o bosteira mesmo *(risos de todas)*.

Gil: – Isso eu também já vi, é uma pessoa ficar com outra pra sustentar outra.

Carla: – E no final fica sem nenhum?

Gil: – Fica sem ninguém. Ela tá dando golpe num pra ficar com o outro, ai ele dá um golpe nela pra ajudar outra.

Glória: – Não, mas o golpe que eu falo não é assim não, os que eu dei não.

Gislaine: – Era pra você mesma?

Gil: – Você deu um golpe bem dado, Glória mala!

Glória: – Não. Porque...

Gil: – Bonito, falando que deu golpe nos outros...

Glória: – Claro, eu ganhei minha casa *(risos)*.

Gislaine: – Eu, antes do meu ex-marido, não era golpe, mas eu tinha um cliente que, nossa, ele gastava o céu comigo, mandava dinheiro pra minha casa.

Fabiana: – Te bancava?

Gislaine: – Bancava de tudo, linda... meu dinheiro era só pra curtir! O dinheiro que eu fazia, entendeu? Mas eu não gostava do filho da puta.

Gil: – Mas é sempre assim, ai!

Gislaine: – Nossa, quando ele chegava na boate, as meninas faziam “Ai”.

Fabiana: – Ele era um cliente fixo que te bancava?

Gislaine: – Isso. E ele morria de ciúmes do Leonardo que era meu ex-marido. Ai foi indo, foi indo e quanto mais eu ficava com outro, mais eu tomava nojo do meu cliente, eu já não queria mais, me escondia dele quando ele chegava, entendeu, já cheguei a pegar outras meninas pra ir pro quarto com ele. Ele encanava em mim, ele comprava as coisas e me dava, me chamava pra sair, mas eu não queria mais, você vai pegando raiva daquela pessoa porque aquela pessoa te impede de ficar com outro. É foda! (32)

Gil: – Eu trabalhei acho que uns três anos na noite, eu nunca tive um cliente assim que me bancasse, nunca. Eu trabalhei assim, eu comecei a trabalhar aqui, trabalhei uns seis meses e fiquei grávida, ai eu sai da noite. Ai eu voltei ano passado. Eu trabalhei mesmo um ano e pouco, e voltei ano passado no final do ano, ai trabalhei outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro só. A última vez que trabalhei aqui foi em fevereiro, não março.

Fabiana: – Mas você também não procurou porque esses clientes fixos têm que procurar ou não? Como que é?

Gil: – Não assim, eu não procurava porque na noite tem cliente que embaça na sua, que pega no seu pé. A Geise, por exemplo, aquele fortão, o cara vinha aqui todo santo dia, segunda a sábado. Ele ficou fazendo isso um mês mais ou menos, não foi? Ela já não aguentava mais, ela falava “Eu não quero nada com ele”, mas o cara era insuportável.

Gislaine: – Verdade.

Gil: – Tinha um cara só que vinha aqui e ele queria ficar só comigo, mas toda vez que eu ficava com ele, eu já tava chapada. Chapada, assim, tinha tomado uns goles e ai ele aparecia. Um certo dia ele não aparece no meio da noite e quem disse que ele queria outra. O dono falou “Vai atender o cara”, eu falei “Não vou”, ai eu me escondi e ele foi lá “Tá se escondendo de mim?” “Eu não tinha nem te visto” (33).

Glória: – Ai tem uns caras chato!

Carla: – É uma situação chata, mesmo.

Gil: – É porque um dia eu vi, ele era um cara muito peludo.

Fabiana: – Opa, eu já gosto de homem peludo.

Gil: – Homem peludo é uma coisa, ele era um Tony Ramos (*risos*).

Fabiana: – Era um urso? (*risos*)

Gil: – Isso, tinha a cara de um urso. Ele nunca avisava, mas toda semana ele vinha. Quando ele chegava era uma festa, eu já sabia que ia tomar mais umas quinze doses. Ai um dia ele chegou e eu não tinha tomado nada ainda. Ai ele começou a me pegar, como eu tava meio chapada, eu nem ligava. Ele não era feio, era cheiroso, mas gente como eu ia beijar um pescoço desses? Esse urso, ai abandonei o barco. Ele ficou um bom tempo me ligando, mas eu nem atendia, mandava recado e eu nem retornava. Ele ficava muito assim “Mas você gosta de mim mesmo?” “Você gosta de mim?” Eu já não gostava, eu só não queria ser deselegante com ele, mas eu falava “Eu gosto de você”, mas ele queria que eu falasse que gostava mais.

Fabiana: – Ele estava querendo algo a mais?

Gil: – Tem homem que é meio louco, quando ele começa a comprar as coisas sem você pedir, assim, quer dizer o quê “Ah, vou fazer e talvez vou ganhar” (34).

Gislaine: – Ah isso é verdade. Eu tinha um namorado, a gente terminava e voltava, terminava e voltava, se estapeava, sabe, se xingava, ele me tirava e eu tirava ele porque eu sabia que eu podia chamar ele “Seu viado, vagabundo, desgraçado, eu odeio você!”, mas eu sabia, ele sabia que eu amava ele, eu podia xingar à vontade que era na mão mesmo (*gesticulou socando a*

palma da mão), a gente brigava, ficava dois dias, daqui a pouco chegava, voltava, a gente se encontrava. “Ah, quem sabe um dia eu vou fugir.” Ai fugi da Bahia. Cheguei aqui, ai meu deus do céu, ai pensava assim “Agora tomei no cu mesmo, porque tá longe.”

(nesse momento entra uma pessoa no quarto e nos cumprimenta, pede o celular de Gislaine e depois sai)

Gislaine: – Ai ele me falou “Achou o que você foi procurar ai?” “Achei”. “O quê?” “Foi paz, sossego, tranquilidade.” E ele: “Fugiu de mim?”, eu disse: “Não. Fugiu de mim.” Ai ele já veio no dia seguinte falando isso e eu disse que preferia não comentar. Mas ele sabe, eu posso ficar com quem eu quiser, mas é dele que eu gosto (35).

Carla: – E você acha que ele gosta de você também?

Gislaine: – Eu sei que ele gosta. Eu e todo mundo sabe, mas é que a gente... (acenou com a cabeça fazendo sinal de negação).

Fabiana: – Não dá certo junto?

Gislaine: – Não dá. Ele é vagabundo. Um quer mostrar pro outro que ele gosta mais. Ele quer me mostrar que eu gosto mais dele, eu quero mostrar pra ele. Então eu sei, se eu pegar e for embora daqui amanhã, ele pode estar com quem for, mas se falar assim “Fulana chegou”, ele vai, eu sei, eu não acho, eu tenho certeza. E eu sei que se ele chegar aqui, eu cato assim, se ele falar “Eu não quero mais saber de você, você vai morrer agora”, eu meto a mão nos cabelo, carca e vira homem, sai carregando “Cê vai me ouvir, cê vai falar comigo”.

Fabiana: – Esse é o verdadeiro amor bandido?

Gislaine: – Amor doentio! Isso é, nossa, é loucura!

Fabiana: – E você Glória já teve um amor também?

Glória: – Ah, eu tô iludida.

Fabiana: – Por que iludida, por que está gostando dele?

Glória: – Ai, não sei (*dá uma gargalhada*). Eu tô gostando!

Fabiana: – Ele é daqui ou da sua cidade?

Glória: – Não. É da minha cidade.

Fabiana: – E o que vocês acham, assim, dá certo quando alguém conhece alguém na noite e se relaciona com ela?

Todas: – Ah dá!

Glória: – Joana até hoje está com o Mineiro (*referindo-se a uma colega que trabalhou com ela na casa 7, há alguns anos atrás quando a casa ainda funcionava em um galpão a alguns quarteirões da Avenida Getúlio Vargas*).

Fabiana: – Quando é assim deu certo porque a menina é mais tranquila ou por quê?

Glória: – Não. Deu certo porque eles se gostam mesmo, ali é um amor correspondido.

Fabiana: – E no seu caso, você disse que não deu certo seu casamento, foi porque você não gostava dele ou acha que foi por quê?

Glória: – A gente se ilude mesmo, eu morava numa fazenda, meu deus, junto com a sogra, ai credo! Pior coisa é morar junto com sogra, ave Maria! Ela era a mulher mais chata do mundo.

Fabiana: – Mas ela sabia que ele tinha te conhecido na noite ou não?

Glória: – Sabia. Ela tinha o prazer de olhar pra mim e falar_“Ai, eu tô fazendo uma faculdade” (risos). Eu tô na noite, mas eu tenho segundo grau, eu não fiz uma faculdade porque eu não quero. Mas eu morei com ele quase três anos, ai, era ruim demais, tinha vez que eu ficava na sala assistindo TV até ele ir dormir, ai eu chegava na cama e o homem tava acordado, ai que ódio. Eu saía correndo, ai pelo amor de deus, não quero não (36).

Fabiana: – As pessoas, às vezes, me perguntam trabalhar na noite deve ser difícil porque as mulheres têm que dormir com um cliente que nem conhece, sem ter vontade deve ser muito ruim, mas pela história que você está me contando, isso também pode acontecer até com o marido, o que vocês acham?

Glória: – É, às vezes, você não tá com vontade. Eu falava, ai hoje não, tô morrendo de dor de cabeça, por favor (*risos de todas*)!

Fabiana: – E ele ficava na dele?

Glória: – Ficava nada, mulher!

(nesse momento entra uma menina⁶¹ que estava se preparando para viajar para uma boate em outra cidade, ela dá uma blusa à Gil e pede para ela entregar para Gabi. Gislaine pergunta se elas já estão da saída, a menina responde que sim. Outras meninas entram no quarto para se despedir de Gil, Glória e Gislaine, todas com suas mochilas e malas prontas. Elas se abraçam e combinam de ligar uma para as outras).

Fabiana: – E vocês mudam de uma casa pra outra como? Vocês conhecem as meninas das outras casas? Ou vão com a cara e a coragem para outra cidade?

Glória: – Depende. Eu já rodei tanto, já passei tanto a perreio.

(outras meninas entram para se despedir, assim que elas saem, eu pergunto para onde estão indo. Gislaine diz que as meninas estão indo para Americana e Limeira e que ela irá encontrá-las na sexta-feira).

Glória: – Eu já rodei tanto! No Brasil, eu conheço qualquer lugar. Eu era mais doida, deus me livre, eu era doida demais.

Fabiana: – Por que que vai mudando?

Glória: – Ah, vai ficando velha (*dá uma gargalhada*).

Fabiana: – Não fala isso que eu sou mais velha que você (*risos*).

Gislaine: – Eu fico triste quando o pessoal vai embora.

Carla: – Você vai para Americana encontrar com elas?

Gislaine: – Vou.

Glória: – E eu vou para os braços do meu amor (*risos de todas*).

Fabiana: – E lá você vai dar um tempo? Vai ficar um tempo sem trabalhar na noite?

Glória: – Não. Eu vou pra trabalhar lá.

Fabiana: – Ele sabe que você trabalha na noite?

Glória: – Sabe.

Fabiana: – E quando vocês chegam numa casa nova como que é? É difícil para acostumar?

Gislaine: – Ah, é chato quando você chega e não conhece ninguém.

Fabiana: – Ai, nesse caso, até pegar amizade com alguém vai um tempo?

Glória: – Eu me enturmo rápido.

Carla: – Rola muita briga?

Glória: – Não.

Gislaine: – Em alguns lugares rola!

Fabiana: – Cada casa tem regras diferentes ou é parecido?

⁶¹ Menina é um termo empregado pelas prostitutas e demais funcionários de casas noturnas de São Carlos para fazer referência à mulher que presta serviços sexuais nesses estabelecimentos. Não é empregado para fazer referência à idade dessas mulheres, pois não são apenas as mais jovens que são denominadas dessa forma, todas as mulheres da casa são tratadas como meninas.

Glória: – É mais ou menos parecido, só que tem casa que as menina é mais metida. Tem casa que as regras é mais... o cafetão é ignorante, tem casa que o cafetão é gente boa, é legal (37).

Fabiana: – E você só vai sabendo com o tempo? Primeiro vai e depois fica sabendo?

Gislaine: – É. Tem casa que qualquer coisinha é multa. Boate é um jogo, você vai pro lugar sem saber como é que vai ser o serviço lá, se gostar você fica, senão você sai. E também acaba sendo um perigo, isso nunca aconteceu comigo, mas eu já vi caso de menina que vai pra um lugar e ficar presa lá (38).

Fabiana: – Presa na boate, você fala?

Gislaine: – É.

Glória: – Minha amiga foi pra Inglaterra, tá lá, dizem que lá, ó, ou fica com os homens ou apanha!

Fabiana: – E não pode sair e ir embora?

Glória: – Não.

(nesse momento chega dois homens lá fora e conversam com o funcionário da casa).

Gislaine: – Oi meu amor, nossa vem aqui! *(ela chama um dos homens lá fora)*

Glória: – Pois é, na Inglaterra lá onde ela tá é assim.

Fabiana: – Mas ela foi sem saber como era lá?

Glória: – Isso.

Fabiana: – Mas e aqui no Brasil, vocês conversam pra saber como que é o lugar antes de ir?

Glória: – Sim, igual aqui, eu gosto daqui, o dono da casa é gente boa, é uma pessoa legal pra trabalhar.

(nesse momento o homem que Gislaine chamou entra no quarto e nos cumprimenta. Ele pergunta se elas ainda estavam dormindo até agora. Elas dão risada e dizem que acordaram há pouco tempo e que estão dando entrevista)

Gislaine: – Ei que maconha desgraçada era essa de ontem à noite?

Rapaz: – Chapou?

Gislaine: – Nossa, ontem eu quase morri, é manga rosa essa, né?

Rapaz: – É.

(uma menina aparece e diz que não vai embora não. O rapaz sai do quarto e vai falar com o outro homem e as meninas lá fora).

Glória: – *(dá risada e comenta)* Vocês ficam falando de maconha aqui, olha que tá gravando ali ó *(ela aponta para o gravador em cima do móvel na cabeceira da cama)*. (39)

Gislaine: – Maconha é remédio para acalmar o stress! (40)

Fabiana: – Não se preocupem, na universidade também tem pessoas que fazem uso de maconha. Pode ficar tranquila porque não vamos divulgar os nomes das pessoas envolvidas na entrevista em nenhum momento da pesquisa.

Gislaine: – Tá vendo, é isso que me atrai em um homem *(refere-se ao homem que acabou de sair do quarto)*, voltando a esse assunto de zona, porque fora da zona é mais difícil você encontrar esse tipo de homem. Meu tipo de homem é assim, homem que gosta de mulher vagabunda.

Carla: – Ele é um cliente?

Gislaine: – Não. É um contato. O tipo de homem que fala “Você quer curtir? Vamos curtir à noite inteira! Você quer pinto? Toma pinto! Você quer dinheiro? Toma dinheiro!” E joga o dinheiro na sua cara *(risos)* (41).

Glória: – Ai minha perna tá toda rachada *(referindo-se à pele ressecada)*.

Gislaine: – Bom, tá muito bagunçado esse quarto, eu vou arrumar minhas coisas.

Fabiana: – É. Também estamos chegando ao fim da entrevista, já passou de uma hora.

Gislaine: – Não. Pode ficar à vontade, aí, enquanto nós vamos falando, eu vou arrumando minhas coisas aqui na cama. Então, fora da zona não tem esse tipo de homem, fora da zona é diferente, os homens já são mais zuar por zuar e tal, mas você não tem esse prazer, entendeu, por exemplo, a mulher que é vadia mesmo, que é biscatona mesmo, ela não tem esse prazer que ela tem aqui dentro. De “É isso que você quer? Então toma! Pá. Você gosta vagabunda! Eu sei que você gosta!” É legal! (42)

Fabiana: – Será que é por isso que quando casa, às vezes, sente falta desse movimento?

Gislaine: – Exatamente, é desse movimento, dessas coisas que a gente sente falta. Por exemplo, onde que eu vou achar esse prazer duplo, você tá ganhando dinheiro, você sabe que tá usando a pessoa e a pessoa tá te usando também. Tem mulher que gosta disso, tem mulher que não.

Fabiana: – Então, mas na noite tem gente que tá procurando isso mesmo? Tem gente que fala que sempre vai existir a noite e outras falam que vai acabar porque agora a mulher toma pílula e pode transar com mais autonomia...

Gislaine: – Não acaba, não acaba por isso, porque do mesmo jeito que tem mulher que o prazer dela é ser mulher, mãe, dona de casa e sente prazer em cozinhar pro maridinho, sempre vai existir mulher que tem sonho de casar, e sempre vai existir mulher que o sonho e o prazer é esse, é ter tudo o que ela encontra aqui dentro. Tudo. Até as brigas, as confusões atraem pra falar a verdade, até os problemas, o que você tem na zona, às vezes, quando você sai, você sente falta (43).

Fabiana: – E como se aprende a lidar com essas coisas, com as brigas, as confusões?

Gislaine: – É como eu estou falando, é a convivência mesmo, conforme o tempo. Você entra, algumas né, com aquela coisa “Aí, eu posso confiar em todo mundo. Todo mundo é bonzinho, todo mundo é amigo”, com o tempo você sabe que vai ter que aprender a lidar com pessoas diferente de você. Eu costumo dizer que isso aqui é um Big Brother (fazendo referência ao reality show veiculado na televisão), mora todo mundo junto, sem câmeras o que é pior. Você tem que aprender a lidar com pessoas diferentes, nem todo mundo aqui é igual. Tem as turminhas, tem a turminha mais safada, tem a turminha mais recatada, tem a turminha mais “um” (ela empina o nariz e estica a mão), não é? (44)

Fabiana: – A turminha das metidinhas?

Gil: – Aqui, umas se acham, mas estão no mesmo lugar, então eu acho que não pode desmerecer ninguém.

Gislaine: – Exatamente.

(uma menina entra e oferece morangos, agradecemos mais não aceitamos).

Gislaine: – Olha, até pimenta tem dentro do quarto *(ela encontra um vidro de pimenta, ao arrumar suas coisas).*

Gil: – Ah, mas isso aí não pode faltar em comida nenhuma.

Gislaine: – Entendeu, então você tem que aprender a lidar com as pessoas, tem pessoa mais nervosa, mais esquentada, tem pessoa mais calma, que não tá nem aí pra nada, qualquer coisa “por que você olhou?”, tem outras não, entendeu? Tem que aprender que se você baixar muito a cabeça você vai mostrar a bunda, aqui... Se você baixar a cabeça, você vai apanhar feito mala velha. (45) Tem lugar que você chega que as mulheres são barra pesada, eu mesma

fui pra uma boate uma vez, boate não, boate... um boteco, uma zona, sei lá que diabo era aquilo, sei nem como é que chama aquilo.

Glória: – Um risca faca.

Gislaine: – É, nossa, as mulheres querendo se matar, sabe, agora tem lugar que você chega e é sossegado como aqui, às vezes sai uns arranca rabo, mas dá pra... Nossa, tô arrumando, mas parece que quanto mais eu arrumo, mais parece bagaceira (*risos*).

Nesse momento, a menina que desistiu de ir embora entrou no quarto e falou que ia para o centro comprar umas roupas para trabalhar e convidou Gislaine para ir com ela. Um dos homens que estava lá fora conversando com as mulheres, não aquele que entrou no quarto, mas sim o outro iria com ela para pagar as roupas. Ela chamou Gislaine para ir junto, mas Gislaine respondeu que não poderia ir porque precisava dormir um pouco, caso contrário não conseguiria trabalhar à noite. Verifiquei que a entrevista já estava com duração de 1h20, agradei a elas pela atenção e disponibilidade em conversar conosco. Avisei que encerraria a entrevista e desliguei o gravador. Despedi-me delas e combinei em voltar na próxima semana. Glória e Gislaine comunicaram que, provavelmente, não estariam mais na casa 7, pois pretendiam viajar no fim de semana. Eu e Carla desejamos a elas uma boa viagem e fomos embora. Gil disse que tem ido pouco à casa durante o dia, mas falou que provavelmente a encontraríamos em outra ocasião. Agradecemos pela atenção que nos foi dada por elas e fomos embora).

DIÁRIO XII		
Data: 10 de junho de 2010	Casas: 6 , 7 e 9	Horário: 14h30
Participantes: Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia) e Letícia		

Cheguei à estação de integração de ônibus, por volta das 14h. Embarquei no ônibus às 14h08 e encontrei Carla lá dentro. Sentamos juntas e fomos conversando. Descemos na avenida próximo à casa 6, por volta das 14h30. Subimos um quarteirão a pé, passamos em frente à casa 6 e notamos que o carro do proprietário estava lá, comentei com Carla que deveria ser dia de pagamento na casa. Notamos que havia um grupo de mulheres sentadas no banquinho de madeira, localizado em frente à porta de entrada de acesso a casa 6.

Não entramos pela casa 6, fomos direto ao portão de acesso à casa 9 – onde residem as travestis. Ficamos um pouco com receio de entrar, mas como a casa é localizada nos fundos, não adiantaria chamar, pois ninguém ouviria. Percebemos que o portão estava apenas encostado, entramos com receio dos cachorros. No entanto, nenhum cachorro veio ao nosso encontro. Chegamos ao quintal e avistamos a casa. Havia uma travesti sentada em frente à casa, com um espelhinho e uma pinça na mão, ela estava fazendo a sobancelha.

Cumprimentamo-nos e nos aproximamos da entrada da casa. Perguntamos se Letícia estava na casa, ela disse que sim e a chamou. Notei que havia outras travestis sentadas à mesa, localizada na varanda. Cumprimentamo-nos e aguardamos Letícia que saiu da casa e veio nos receber. Ela perguntou se poderíamos voltar amanhã, pois ela gostaria de assistir à abertura da Copa do Mundo da África e estava ocupada terminando a limpeza da casa. Falei que poderíamos voltar em outra data e combinei que ligaria para confirmar dia e horário (1). Ela agradeceu. Despedimo-nos e fomos embora.

DIÁRIO XIII		
Data: 16 de junho de 2010	Casas: 6, 8 e 9	Horário: 14h30
Participantes: Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia) , uma travesti (casa 9) e Hiago (gerente da casa 8)		

Cheguei à estação de integração de ônibus, por volta das 14h. Embarquei no ônibus por volta da 14h10 e encontrei Carla lá dentro. Sentei-me ao seu lado e fomos conversando. Chegamos a casa 6, por volta das 14h30. O portão estava apenas encostado como de costume, entramos e fomos até a cozinha. Não encontramos Fabinho. Chamamos algumas vezes, mas ninguém veio nos atender. Resolvemos passar na casa 9 que fica localizada atrás do terreno da casa 6. Entramos pelo longo corredor lateral e avistamos algumas travestis sentadas na varanda, perguntamos por Letícia. Uma das travesti nos disse que Letícia estava viajando. Perguntei se elas tinham disponibilidade para conversar conosco, ela respondeu que estavam ocupadas fazendo faxina na casa (1). Combinamos de voltar após algumas semanas. Falei para elas avisarem a Laura que estive na casa a fim de tentar agendar a apresentação do grupo de teatro. Elas disseram que dariam o recado à Laura.

Subimos um quarteirão e fomos até a casa 8 a fim de retomar o contato com o pessoal da casa, tendo em vista que já fazia algumas semanas que não retornávamos lá. Chamamos em frente ao portão vermelho da casa, demorou e ninguém respondeu. Um carro estacionou em frente à casa e desceu um homem. Cumprimentei-o e me apresentei como aluna da UFSCar, participante do grupo de estudos de trabalho sexual e falei brevemente do trabalho que desenvolvemos nas casas noturnas da região. Ele se apresentou como Hiago e disse que trabalha na gerência da casa, consentiu que fizéssemos inserção na casa, mas avisou que havia poucas meninas na casa naquela semana, falou para voltarmos após umas duas semanas que possivelmente terá mais mulheres trabalhando na casa (2). Agradei pelas informações, despedimo-nos e fomos embora.

DIÁRIO XIV		
Data: 20 de agosto de 2010	Casas: 6	Horário: 16h30
Participantes: Pesquisadora, Carla e Gabriela (alunas de Pedagogia), Lúcia (transexual – casa 9) e Gilda (funcionária casa 7).		

Eu e Gabriela nos encontramos na estação norte de integração de ônibus às 15h. Embarcamos no ônibus da linha Castelo Branco e encontramos Carla. Sentamos juntas e fomos conversando até a avenida Getúlio Vargas – conhecida zona de prostituição da cidade. Eu e Carla falamos sobre as pessoas e as casas noturnas para Gabriela, mais nova integrante do grupo de estudos sobre trabalho sexual que realizará um trabalho de extensão nas casas noturnas.

Chegamos na casa 6 por volta das 15h30. O portão estava aberto, entramos e chamamos o Fabinho (cozinheiro da casa), mas ninguém respondeu. Fomos até o portão lateral que dá acesso à cozinha e ao local onde as mulheres ficam alojadas. Chamamos algumas vezes, a porta estava aberta, mas ninguém respondeu. Adentrei até o início da escada que leva ao andar superior, chamei mais uma vez e ninguém respondeu. Voltei e observamos que havia movimento de pessoas na casa 9 que se localiza ao fundo do terreno da casa 6. Decidimos dar tentar conversar com as travestis que residem na casa 9.

Demos a volta e entramos no longo corredor que leva até a casa 9. Vários cachorros de pequeno porte vieram ao nosso encontro, paramos no meio do corredor com receio de que algum cachorro pudesse nos morder. Uma travesti observou e chamou outra pessoa que veio nos atender. Ela se apresentou como Lúcia e nos contou que era transexual e ativista que milita em defesa dos direitos GLBT. Também nos apresentamos, falamos do grupo de estudos sobre trabalho sexual e da atividade de extensão em educação e direitos humanos que temos desenvolvido em casas noturnas com prostitutas. Falamos que conhecemos Laura e que ela nos autorizou a frequentar a casa para conversar com as travestis, caso elas tenham interesse. Lúcia disse que achava muito boa nossa intenção em dialogar com as travestis e disse que finalmente alguém da universidade se preocupava com essa população. Ela nos contou que participa de diversos congressos que debatem os direitos GLBT e que teria muito interesse em promover debates sobre esse tema (1). Falamos um pouco mais sobre o trabalho de extensão que será desenvolvido por Gabriela e combinamos de retornar para planejar alguma ação coletivamente com ela. Lúcia falou para procurarmos ir mais cedo a casa 9, pois por volta das 16h as travestis costumam se preparar para o trabalho noturno. Falei para ela que não estaria em São Carlos na próxima semana, pois vou participar do Seminário Fazendo Gênero em Florianópolis, mas combinei que ligaria para ela assim que retornar para agendarmos uma exibição de vídeo seguida de conversa com as travestis, na casa 9. Lúcia foi muito receptiva conosco e disse que ficarei aguardando nossa ligação. Despedimo-nos e fomos até a casa 7.

Chegamos à casa 7 e vimos uma mulher indo em direção a um rapaz que estava numa caminhonete parada em frente à casa. Aproximamo-nos do portão de entrada, perguntei para mulher se havia meninas na casa e se eu poderia entrar. Ela respondeu que sim. Entramos e encontramos um funcionário – filho do proprietário - que já nos conhece de vista, pois estava presente em outros encontros realizados na casa. Perguntei a ele se havia mulheres na casa, ele disse que havia pouca menina e falou que podíamos entrar. Entramos e fomos em direção

ao quarto onde algumas mulheres ficam alojadas, em frente ao quarto encontramos uma mulher que estava arrumada e caminhava em direção ao portão. Apresentamo-nos a ela e falamos sobre o trabalho que desenvolvemos nas casas noturnas, contamos que somos estudantes da UFSCar e que temos interesse em conversar sobre os processos educativos consolidados na noite. Ela se chama Gilda e mostrou-se disposta a conversar conosco, mas disse que naquele momento estava de saída. Ela nos contou que realiza os serviços de limpeza na casa durante o dia e presta serviços sexuais à noite. Perguntou se poderíamos voltar outra hora. Respondi que sim, falei que estaria fora de São Carlos na próxima semana, mas que poderíamos voltar na quarta-feira da outra semana. Ela contou que provavelmente haverá mais mulheres na casa, já que muitas viajaram para participar da festa do Peão de Barretos e em breve estarão de volta (2). Outras duas mulheres se aproximaram, pareciam ter acordado a pouco tempo. Falamos que voltaríamos na outra semana para realizar uma atividade sobre direitos humanos e vida na noite. Elas responderam que estariam por lá e disseram que o melhor dia seria na quarta-feira à tarde. Agradecemos a atenção, despedimo-nos e fomos embora.

Voltamos caminhando ao longo da Avenida Getúlio Vargas, por ser uma zona de prostituição, os homens costumam passar de carro e soltar gracejos às mulheres. Um homem falou: “Ainda bem que ainda tem mulher por aqui!”, em referência ao grande número de travestis que se prostituem nesse local. Fomos explicando como se divide o ponto de prostituição para Gabriela, em que local se concentram as travestis e as mulheres a fim de ofertarem serviços sexuais. Depois, ao chegar à Avenida São Carlos pegamos o ônibus UFSCar e fomos embora.

DIÁRIO XV**Data:** 2 de setembro de 2010**Casas:** 6, 7 e 8**Horário:** 15h20**Participantes:** Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia), Domila (aluna C. Sociais), Fabinho (cozinheiro casa 6), entrevista com Fernanda, Flávia e Fabíola

Embarquei no ônibus Castelo Branco por volta das 15h05. Encontrei Carla lá dentro e sentei-me ao seu lado. Perguntei por Domila, Carla respondeu que ela não embarcou na UFSCar. Domila embarcou na estação de integração, um ponto à frente. Fomos conversando. Eu disse a elas que havia preparado uma dinâmica de grupo para realizar com as meninas da casa 7, como fora combinado no encontro realizado na semana passada. Chegamos a casa 7 por volta das 15h20. O portão estava apenas encostado como de costume. Entramos e nos aproximamos da cozinha e dos quartos onde as mulheres ficam alojadas. Estava tudo em silêncio. Chamamos algumas vezes por Gilda (mulher que realiza serviços de limpeza na casa e que havia combinado o encontro conosco). Depois de algumas tentativas, uma janela se abriu e uma menina nos atendeu. Ela disse que Gilda não estava e falou que na casa só havia ela e mais duas meninas recém-chegadas. Perguntei a ela se gostaria de participar de uma dinâmica de grupo para conversarmos sobre o corpo da mulher nos meios de comunicação. Ela respondeu que as meninas eram novas na casa e que provavelmente não aceitariam participar (1), mas pediu para aguardarmos um pouco. Elas saíram do quarto. Apresentamo-nos e eu expliquei como seria a dinâmica. Uma delas perguntou se teriam que escrever. Respondi que não, apenas fazer alguns recortes de revista e depois iríamos conversar sobre o corpo da mulher. Elas disseram para voltarmos outro dia, pois teria mais mulheres e também porque Gilda estaria de volta. Agendamos o retorno, despedimo-nos e fomos até a casa 8.

Para chegar à casa 8, tivemos que subir alguns quarteirões a pé. Chegando lá, chamamos em frente ao portão que é todo fechado e não permite visualizar quem está do outro lado. Uma voz feminina respondeu questionando quem era. Perguntei por Helena que trabalha com serviços de limpeza e também presta serviços sexuais na casa 8. A voz respondeu que Helena não trabalhava mais lá. A voz pediu para eu olhar pela fresta lateral que há no portão. Olhei e avistei uma mulher com uma criança. Apresentei-me a ela e disse que fazia parte de um grupo de estudos da UFSCar e que realizávamos um trabalho nas casas noturnas. Perguntei a ela se havia mulheres na casa. Ela respondeu que as meninas estavam dormindo. Perguntei a ela quando seria um bom dia para conseguir conversar com as meninas. Ela disse para retornarmos na quinta mesmo, na próxima semana ou na outra. Agradei a atenção, agendei um novo encontro e descemos até a casa 6. Estávamos pensando em passar primeiramente na casa 9 para tentar confirmar o próximo encontro na casa, mas da avenida avistamos o Fabinho em frente à cozinha da casa 6. Resolvemos entrar para cumprimentá-lo.

Entramos e saudamos Fabinho. Perguntei a ele como havia sido o mês de julho, ele respondeu que tudo bem. Falamos para ele que estivemos lá na semana retrasada e que não o encontramos, até sentimos o cheirinho gostoso do café que ele prepara, possivelmente, ele devia ter ido embora pouco antes de passarmos na casa. Fabinho riu, ele nos ofereceu água e aceitamos já que estava fazendo muito calor. Ele nos contou que havia meninas na casa e nos levou até o andar superior, na sala, para nos apresentar a elas. Disse que somos da universidade e que fazemos pesquisa sobre a vida na noite. Havia três mulheres na sala,

Fabíola estava deitada num colchonete tirando um cochilo e Fernanda e Flávia estavam sentadas em um dos sofás assistindo à televisão.

Fabinho disse às mulheres que elas podiam confiar em mim, pois eu frequentava a casa constantemente com o consentimento do proprietário. Elas se dispuseram a conversar comigo (2). Fabíola e Fernanda são oriundas de Minas Gerais e trabalham na noite há cerca de três anos. Flávia é oriunda de Rondônia e mora em São Carlos há oito anos, realizava outros serviços e passou a ocupar-se do trabalho sexual há menos de um ano (cerca de oito ou nove meses). Após explicar os objetivos da pesquisa e o foco da investigação, Flávia foi a primeira a demonstrar interesse em conceder entrevista, mas revelou que era tímida para falar sozinha. Ela conversou com Fernanda de modo a convencê-la a também participar da conversa, ambas estavam sentadas no sofá e assistiam à televisão no momento em que cheguei à casa noturna (3) em companhia de Carla e Domila. Fabíola estava deitada descansando em um colchonete estendido no chão da sala de estar e disse que estava tentando tirar uma soneca.

Eu, Carla e Domila sentamos em outro sofá disposto na sala e falamos sobre o grupo de estudos de que fazemos parte e sobre nossos estudos referentes à vida na noite. Entreguei a elas um cartão com meus dados (telefone, e-mail) e com informações sobre o GETS.

Flávia contribuiu para que Fernanda e Fabíola aceitassem a participar da entrevista, pois dizia a suas colegas que seria bom falar conosco para que as pessoas saibam como é a vida na noite. Ela ria e dizia que era engraçado ser convidada para dar entrevista. As três aceitaram em conversar conosco sobre o que aprendem e ensinam na noite. Fabíola avisou que estava com sono e que tinha receio de dormir durante a conversa. Eu disse que ela poderia ficar à vontade e que se sentisse sono poderia dormir sem constrangimento devido a nossa presença. Durante a entrevista, realmente, Fabíola acabou dormindo.

Elas consentiram que eu gravasse o áudio de nossa conversa, mas não sem antes questionar qual seria o uso que eu faria das vozes registradas e se elas seriam veiculadas em algum meio de divulgação. Eu falei que os relatos seriam utilizados estritamente para fins da investigação proposta e que as vozes delas não seriam veiculadas publicamente em nenhum momento da pesquisa (4). Retirei o gravador da bolsa e o coloquei no chão da sala, avisei que estava ligando o aparelho. Elas questionaram quem deveria começar a falar. Respondi que quem se sentisse mais à vontade poderia começar a falar já que não seria estipulada previamente uma ordem para falar e perguntar. Cada participante poderia sentir-se livre para falar no momento em que julgasse necessário. Falei que a ideia era descrever situações vivenciadas na noite nas quais elas consideravam ter aprendido ou ensinado alguma coisa.

Flávia: – Eu sou Flávia e vim de Rondônia, mas eu moro aqui em São Carlos já faz oito anos.

Fabíola: – Eu vim de Minas e trabalho na noite há três anos.

Fernanda: – Eu vim de Minas e trabalho há três anos também.

Fabiana: – E você Flávia?

Flávia: – Eu trabalho na noite faz oito ou nove meses, eu conheci ela (referindo-se à Fernanda) em outubro, nós não tamo em outubro ainda, então não faz nem um ano.

Fernanda: – É tem onze meses.

Fabiana: – E como que foi que vocês entraram na noite?

Flávia: – Ah, eu foi mais vingança mesmo. Me separei e daí eu falei assim, ah, quer saber? Meu marido me traiu, assim, quando eu era casada, ele veio na noite, né, e eu fiquei sabendo. Ai eu falei: “Agora o negócio é o seguinte, agora quem vai pra zona sou eu!” e então, tô até agora. É gostei... ai eu gosto, é assim na noite, né, tô até agora. É claro, não pretendo ficar muito, mas...(5).

Fernanda: – E eu já entrei na noite assim, por... Por negócio de marido também, não deu certo, larguei e tenho um filho e como eu não gosto de trabalhar e não gosto que os outros manda em mim, vim pra zona. Ai gostei e tô até hoje. (6)

Fabiola: – E eu... é porque eu não gosto de trabalhar (risos), não gosto que ninguém manda... é por esse motivo.

Fabiana: – Você tem filho?

Fabiola: – Não. Nem pretendo.

Fabiana: – Vocês falaram que gostam de trabalhar na noite porque ninguém manda. Com funciona isso, ninguém manda, não tem regras? Como que é?

Fernanda: – Assim, muitos pensam que porque a gente tá na noite e os caras pagam, a gente vai e é obrigatório, não, a gente pode escolher, a gente vai com quem a gente quiser (7). Mas se eu tô na noite também um pouco é pra ajudar minha mãe, ajudar o meu filho, entendeu. Venho de longe para levar dinheiro pra eles, pra ajudar. Já comprei meu carrinho com o dinheiro da noite, tô fazendo minha casa, tem que ficar, mas tem que ter um objetivo, não pode só ficar e ficar ai, sabe? Tem gente que já gasta em droga. (8)

(Flávia dá uma gargalhada nesse momento).

Fabiana: – Você concorda que tem que ter um objetivo?

Flávia: – Com certeza (risos). Eu mesma entrei nessa, pretendo ficar pouco tempo, mas mesmo assim vou fazer meu pé-de-meia. No momento, agora, quero comprar meu Civic, com certeza (9).

(Fernanda e Fabiola dão risada)

Fabiana: – Seu objetivo é comprar um carro?

Flávia: – É, mas eu quero o Honda, o Honda é meu sonho de consumo, eu compro ainda, quando eu ficar rica, mas eu compro.

Fabiana: – Então seu objetivo é fazer um pé de meia para comprar um carro e outras coisas?

Flávia: – É só um modo de expressar, eu quero dar uma autoestima, né! É claro, também pode comprar um Golzinho, mas eu não compro, tem que pensar um pouco mais alto, né!

Fabiana: – Tem que ter um motivo para continuar batalhando, trabalhando?

Flávia: – É e se você for pensar pequeno, já viu...

Fernanda: – É se for para sair dessa vida por causa de amor, namorar, casar, não, porque homem é tudo lixo, bem, fala que gosta de você, ama, mas acontece que você vira as costas e tá te traindo ali na outra esquina. É ilusão, homem é ilusão (10).

Flávia: – Casamento é um carro na garagem e o nome da casa dele no nosso nome, ai sim nós amamos ele (risos) (11).

Fabiana: – Vocês já trabalharam na rua também ou só em casa?

Fernanda: – Não. A primeira vez, assim, nunca trabalhei, mas quem me levou, me levou num barzinho assim, sabe, um barzinho chique, mas não para você ficar lá fora, mas lá dentro, era um barzinho discreto. Ai depois eu fui vindo pra boate, mas eu comecei com dezessete anos.

Fabiana: – Esse barzinho era em Minas mesmo?

Fernanda: – Era.

Flávia: – Eu comecei em casa mesmo, eu tava fazendo academia, daí eu conheci uma pessoa na academia e ela comentou por causa que eu tava reclamando muito que tava sem emprego, né. Ai eu comecei a trabalhar num spa, mas ai não deu certo e eu fiquei parada e as contas só aumentando. Ai eu peguei e comentei com essa pessoa lá na academia e ela já era da noite, só que eu não sabia ainda. Ai ela começou a comentar como era uma casa noturna e que ela conhecia a dona de uma casa noturna, ela comentou alguma vezes e daí eu peguei e falei pra ela que eu queria entrar.

Fabiana: – Isso foi aqui em São Carlos?

Flávia: – Não. Daí eu já tava com raiva, né, por causa da separação, dai eu falei “Agora eu vou”. Isso foi rapidinho, foi coisa assim, eu me separei dele no dia dos namorados... foi no dia dos namorados que eu me separei dele, ai demorou, deixa eu ver... acho que uns dois meses, daí eu já conheci essa pessoa e logo em seguida eu fui, já tava com raiva mesmo. Ai eu tive essa oportunidade e pensei, vou me vingar, é agora.

Fabiana: – E você Fabíola, como foi que começou a trabalhar na noite?

Fabíola: – Eu conheci uma menina e como eu tava um pouco desandada, sabe, ai ela pegou e me chamou pra ir pra boate, ai eu fui e gostei (12).

Fabiana: – Você estava desandada como?

Fabíola: – Nas pedra (*referindo-se ao uso de crack*)!

Fabiana: – E o que tem na noite que vocês gostam?

Fernanda: – Ganha dinheiro fácil... que mais meninas?

Fabíola: – Goza bastante (risos), conhece vários homens, vários gatinhos e ... (13)

Fernanda: – Vários coroaos bonitos, porque aqui não vêm aqueles velhinhos...

Fabíola: – E também você vê muita coisa, quem vê cara não vê coração.

Fernanda: – Tem uns que sai que tem namorada e deixa a namorada dentro de casa e vem aqui e paga pra nós. Tudo bonitinho, novinho!

Fabíola: – É quem vê cara não vê coração, chega aqueles caras fino que trabalha em empresa e tudo o mais, de gravata, paga pra você ir pro quarto com ele e chega lá vira o cusão pra você comer (14).

Fernanda: – É vira o cusão... Depois que eu entrei pra noite, eu me decepcionei com os homens, até menino novinho. Quando não acontece isso do cara virar a bunda pra dá, nós vai com os novinho pro quarto e chega lá, aquele pinto fedido, ai que nojo! Uns meninos tão bonito assim, cê olha e cê não vê que é fedido, chega lá é uma carniça! (15).

Fabiana: – Mas por que é assim?

Fernanda: – Não sei por que é assim. Pro cê vê, tem muito menino que vem aqui que faz faculdade e um monte de coisa, mas quando vai com a gente pro quarto, eles fedem! Tem uns que fedem (risos de todas)!

Fabíola: – Sem contar que a maioria tudo usa cocaína (ela dá uma risada enquanto fala).

Fernanda: – Usa, é tudo cheirador de pó! Então, quando eu entrei na zona, eu pensava assim, vai ser diferente, os homens é tãranran, eu pensava, quando eu não tava na noite, eu pensava outra coisa dos homem. Mas esses homem, agora que eu conheço direito, eles é um lixo! Tudo sujo! Uns de gravata bonito, bem, de nome aqui na cidade em São Carlos, bem! Uns novinho que quer ser o que não é, chega no quarto e o pinto fedido, ai tem que por pra tomar banho. Eu me decepcionei com os homem!

Flávia: – Tem uns que chega no salão e fala “Eu vou penetrar, vou te penetrar”, chega lá o homem não aguenta nem ...

Fabíola: – Chega lá o pau é pequeno fia!

Flávia: – Chega lá o pintinho é desse tamanho (16) (risos de todas)!

Fabíola: – Agora eu posso fazer uma pergunta pra vocês?

Fabiana: – Pode.

Fabíola: – Vocês são virgem?

Fabiana, Carla e Domila: – Não (nós três rimos).

Flávia: – Ai, eu pensei que fosse (ela dá uma gargalhada), ai meu deus, eu tô doidona já! (*nesse momento todas não damos risada*)

Fernanda: – Então os homem engana muito, a gente se engana muito com os homem, né. Quem vê pensa, nossa olha que homem chique, chega na hora, nossa, o homem vai dar o cu...

Flávia: – É viado!

Fernanda: – Na zona que eles se revelam mesmo quem que eles é!

Fabiana: – Será que é por isso que eles vêm aqui?

Fernanda: – É. Eles pode ficar mais à vontade e mostrar realmente quem que eles é. (17)

Fabíola: – É aqui eles pode mostrar a parte gay deles.

Fernanda: – Tem uns que cheira horrores, chega ai e fica se retorcendo no salão.

Fabíola: – Tem uns que vem pra ficar alugando.

Fernanda: – Tem uns que o que eles não recebe em casa e vem aqui, tem uns que quer conversar, tens uns que quer carinho, ai tem que dar, né, fazer o quê?! Tem uns que falam que tem mulher, mas muitas vezes a mulher chega brava em casa e vira as costas pra eles, ai não quer... é aonde eles procuram mulher de boate. A maioria fala isso, né?!

Flávia: – É verdade.

Fernanda: – Se a gente pergunta, assim, “você não ama sua mulher?” eles fala “amo, mas a gente enjoa, né!” (18)

Fabiana: – Você falou que tem uns que têm namorada, será que eles já enjoaram das namoradas?

Fernanda: – Ah, muitas vezes é safadeza mesmo, né. Quando a gente pergunta “você tem namorada?”, “tenho” “cadê?” “deixei dormindo!”

Flávia: – É quando tem namorada é um pouco diferente, né, mas o homem casado já é mais complicado ainda, porque ele tá chegando na casa dele, ele tem a esposa dele lá, ele vai deitar do lado dela.

Fernanda: – E tem muito desses menininho novinho, né, que tem namorada, o que que eles não gasta com elas, eles gastam aqui. Pra você ver, menininho de vinte e dois, vinte e três anos, parece que não gasta, bem, mas vem aqui e gasta horrores, paga dose, paga programa, programa de cento e cinquenta reais e eles pagam. Por isso que eu não me vejo namorando, nossa, eu namorando e o cara me deixa dormindo e vai lá pagar pra outra. São muitas coisas que eles não dá lá e vem dá aqui (19).

Fabiana: – E por que vocês acham que isso acontece?

Domila: – E porque hoje em dia está mais liberado, tem tanta mulher que faz e não cobra, por que vocês acham que mesmo assim eles ainda vêm aqui?

Fabíola: – Porque são tudo sem futuro e sem qualidade (risos de todas).

Fernanda: – Ah não sei, tem uns que fala que vem, às vezes até mostra a foto da namorada que é linda, mas eles falam que é ruim de cama, que não satisfaz eles na cama, porque umas é fria, umas é ruim de cama, não sei, é isso que eles falam.

Fabíola: – Não realiza as fantasias deles, né, porque a maioria gosta de braço!

Fernanda: – Eles falam “Eu venho aqui porque vocês são mais experiente, mais safada na cama!”

Carla: – O que é gostar de braço?

Fabiola: – Dá o cu!

Fernanda: – A maioria tem vergonha, né, de virar pra namorada e falar o que quer. (20)

Flávia: – Já pensou você tá lá com o namorado, daqui a pouco ele vira a bundona lá (risos).

Fernanda: – Tem homem que fala “eu amo ela, mas ela é muito fraquinha na cama, por isso que eu venho aqui, porque ela é muito fraquinha”. Mas a maioria vem porque é safado, tem tudo com a namorada, mas não tá bom pra ele, né, vem do homem mesmo isso. (21)

Fabiola: – É a safadeza.

Flávia: – Não gosta de sair só com uma nem com duas... Tem uma pizza que dá de graça, mas ele tem que pagar!

Fabiana: – Será que pra eles, assim, pelo fato de estarem pagando tem um sabor diferente ou será que não?

Fernanda: – Assim, não, na cama mesmo, agora se for bom ou se for ruim... se for bom nós vai sentir prazer do mesmo jeito, mas uns paga e a gente não sente, né, a gente vai porque a gente precisa...

Fabiana: – E quem são os clientes? De onde eles vêm? Como eles são?

Fernanda: – A maioria é de São Carlos, ontem mesmo eu peguei dois carinhas da faculdade tavam muito chapado. Ele pegou e falou assim pra essa aqui (*apontando para Flávia*), “quanto que tá o programa?”, ai ela falou, né, e ele disse “nossa ali na esquina eu pego menina de quarenta e cinco reais”. Ai ela levantou e deu tipo uma cotovelada nele, ai ele ficou até meio sem graça, mas ai o que aconteceu, ele acabou pagando até um streap pra menina. O streap da menina acho que era uns oitenta reais, né?

Flávia: – Acho que ela conseguiu uns cem reais, né, porque as menina ai pega um valor do homem pra fazer o show, daí ele dá o valor dele, ai depois que ele já passa o valor dele e já coisa na comanda, ai a menina começa a pegar caixinha no salão. (22)

Fernanda: – E os caras tão bonito, tudo bêbado se abraçando, de bonito eles ficou feio. Quem vê não pensa, vê eles na rua e não parece.

Flávia: – Eles novinho, viu, acho que tinha dezenove e vinte anos. Novinho, rapazinho bonitinho até e tudo bêbado, caindo com as calças lá embaixo (risos).

Fernanda: – Tava com a bolsa da faculdade, eles falaram que fazia ensino e não sei o quê... Esse é o lado complicado, ter que enfrentar homem chapado... (23)

Flávia: – Tem uns que vem aqui e já quer chegar metendo a mão, no meio do salão. (24)

Fernanda: – Ai a gente tem que falar, calma, não é bem assim não... A coisa mais difícil foi quando eu comecei e eu não sabia muito, ai os homens já falavam um monte e eu ficava quieta. Mas hoje, os homens que vêm aqui e nós que humilha eles, eles ficam quietinho, porque a gente não aguenta mais humilhação não, quer ir quer ir, não quer ir não quer, a gente fala que não tá passando fome não. (25)

Flávia: – É abre a porta e fala sai fora do quarto!

Fabiana: – E como vocês aprenderam isso? Você falou que quando começou você não sabia e ai você foi aprendendo como?

Fernanda: – Ah, as meninas foi falando, né, assim, eu fui vendo também... porque os homens, assim... eu vi que na zona não é assim porque tá pagando precisa aguentar isso e aquilo. Porque eu pensei que era obrigatório, se pagou tem que ir e o quarto é isso e isso, mas não é

obrigatório, se você quiser fazer programa você faz, se você não quiser você não vai, mas você vai tá perdendo dinheiro, né. Mas assim, tem vezes que a gente aguenta homem chapado que dá trabalho na hora de gozar, isso a gente enfrenta ainda, né. (26)

Fabiana: – Isso faz parte?

Fernanda: – Faz parte do ramo do nosso serviço, isso que é a parte mais difícil

Fabiola: – É o mais chato.

Flávia: – Concordo com elas.

(nesse momento fez-se um silêncio durante alguns segundos)

Fabiana: – E como é a convivência nas casas com as outras meninas?

Fernanda: – Ah, aqui nessa casa é tudo bem com as meninas, mas tem outras casas que cê chega e se você é mais bonita que a outra, ai já começa a inveja, os zoião grande e é ai onde cê já não ganha dinheiro e já começa a implicar, é onde sai briga, entendeu?! (27) Mas aqui as meninas do Mauro *(referindo-se ao proprietário da boate)* não tenho nada a reclamar, cada uma ganha seu dinheiro, ninguém repara em ninguém, mas tem zona que... já rola também, viu, mas aqui eu gostei, gostei por esse porém as meninas é de boa!

Fabiana: – E isso depende da casa? O que vocês acham?

Todas: – Depende.

Flávia: – Teve uma casa que a gente foi em Limeira que era quebra pau todos os dias, a gente ficou sete dias, todo dia quebra pau.

Fernanda: – É teve uma lá que foi e bateu na menina, queimou até as roupas da menina, bem, deu uma coça na menina, a menina teve que dormir no motel da frente.

Fabiana: – Quem queimou? Outra menina?

Flávia: – A gerente da casa noturna queimou a roupa da menina.

Fernanda: – E lá em Campinas, São Paulo, esses lugares, se você ficar encarando as meninas, elas não vai de soco, elas vai de gilete pra te cortar a cara... é as meninas é encanada. Mas o que você não pode fazer é uma menina tá sentada com o cliente ai ela vai e levanta pra ver dose, ai você ir lá sentar e ficar, ai já tá tirando o cliente da outra, ai dá rolo, dá briga, (28) mas aqui é super de boa. Tem muitas encrenqueiras, mas você não pode baixar. Igual minha mãe fala não pode abaixar, minha mãe sabe o que eu faço, só que eu não gosto de levar uma com ninguém, minha mãe fala não pode abaixar se você abaixar a cabeça ai elas pisa. Porque do mesmo jeito que elas é mulher e que elas têm uma racha, você também tem, não pode correr, se for pra enfrentar pra apanhar, cê apanha, se for pra bater, cê bate também, mas não abaixa a cabeça. Porque tem umas mais assim que é de anos na casa e gosta de folgar, ai você tem que pagar mais de louca do que elas, senão elas monta em cima de você... em zona é assim! (29).

Fabiana: – E como vocês vão aprendendo essas regras? Que nem você falou se a menina sai pra beber algo, você não pode chegar e sentar com o cliente, como vocês vão aprendendo essas regras?

Flávia: – Ah, é igual no caso quando o cliente chega na casa, a gente não conhece... quando a gente chegou aqui, eu vim com uma outra colega e agora eu vim com elas...

Fernanda: – Mas escuta... Eu fui aprendendo, eu não sabia, né, mas a menina que me levou pra boate já falou “não pode fazer nem isso, isso e isso, entendeu, que isso é errado”, mas se o cliente tiver bebendo e te chamar, ai você pode ir. Que nem um dia, o cliente me chamou e a menina foi pro quarto lá, ai ele me chamou e eu falei “Cê não tá acompanhado?”, ai a menina veio e faou “Você gosta de pegar cliente dos outros”, eu falei “Não, você mede suas palavras e

pergunta pra ele porque quem me chamou foi ele, as meninas tudo aqui tá de prova, não é meninas?” É pra não ter rolo, ela discutiu, mas eu continuei com o cara, mas se ele chamar né? Se ele não chamar... Assim foi a primeira menina que me levou pra noite que me ensinou!

Fabiana: – Então a própria menina que te levou foi te ensinando e as outras coisas você foi aprendendo sozinha?

Fernanda: – Isso... vai pegando com o tempo, tem que chegar nos clientes e sentar pra conversar, essas coisas assim. (30)

Flávia: – Isso que eu não gosto também.

Fernanda: – Mas tem que chegar, né.

Fabiana: – Vocês têm que ir conversar?

Fernanda: – É porque muitos vêm mais pra conversar, paga um monte de dose, muitos vêm pra conversar, desabafar, essas coisas.

Fabiana: – E como vocês vão pegando o jeito de cada cliente?

Fernanda: – Assim como eles gostam, essas coisas?

Fabiana: – É porque vocês falaram que tem cliente que quer sexo, outros querem conversar, como vocês sabem o que cada um quer?

Fernanda: – Ah, porque eles mesmo chega e fala “oh, só vim pra conversar”, eles viram e fala: “primeiro eu quero conversar pra depois ir pro quarto, vamo beber dose, fica de boa que já já nós vai pro quarto”, assim, eles mesmo fala o quê que eles gosta, o quê que não gosta, se eles vai ou não vai pro quarto, porque nós pergunta “vamos pro quarto?”, dai eles fala “não eu só vim aqui pra conversar e pagar dose.”

Fabiana: – E pra vocês é melhor o cliente que paga dose ou o que já vai direto pro quarto?

Fernanda: – Que já vai pro quarto. Pode chegar beber umas dosinha, uma, duas e ir pro quarto, melhor ir pro quarto.

Fabiana: – Por que é melhor?

Fernanda: – Ah, porque em dose, assim, a comissão é boa, mas não é tanto enquanto o programa que cê ganha mais em meia hora, rapidim!

Fabiana: – O programa dura meia hora mais ou menos?

Fernanda: – Meia hora, se quiser uma hora ai a gente já aumenta mais. Daí pra sair pra fora ai é cem reais fora o da menina, pra sair, ai eles leva pro motel, fala quantas horas vai ficar, vai lá e paga, daí leva a gente pro motel e depois traz. Quando é pra dormir também paga a saída e o nosso, ai pode ir. (31)

Fabiana: – E quando não sai faz o programa aqui mesmo?

Fernanda: – Isso, aqui mesmo, nos quartos.

Fabiana: – Ai eles pagam um aluguel desse quarto também?

Fernanda: – É vinte reais o quarto. Ele paga nós e o quarto, daí ele deixa lá pago, antes de ir pro quarto ele tem que acertar a comanda e já pagar o programa lá no balcão, deixar o dinheiro lá, tem uns intrometido que fica nervoso e não quer pagar, ai já dá rolo, então quando dá rolo já faz isso, já paga lá. (32)

Fabiana: – Por isso vocês preferem trabalhar em casa ou não?

Flávia: – Com certeza.

Fernanda: – Ah, na rua é foda! Eles te oferecem o quê, no máximo vinte, trinta reais pra você. Eles pensam que é nóia, né? (33) *(referindo-se a pessoa que possui dependência química e se prostitui por qualquer quantia a fim de custear uma pedra de crack)*

Flávia: – Eles falam “tem ouro ai, diamante?”, na rua é assim (risos).

Fabiana: – Como que é? Eles perguntam se tem ouro?

Flávia: – É tem ouro ai na sua buceta?

Fernanda: – É tem ouro ai na sua buceta pra ser caro.

Fabiana: – Ah, entendi, porque eles acham caro.

Flávia: – É na rua não... eu prefiro em casa porque ai já tem um valor fixo. Porque a gente cobra do mínimo da casa mais pra cima, menos do mínimo da casa não dá, então pra nós compensa trabalhar na casa noturna. (34)

Fernanda: – O mínimo daqui é oitenta reais, menos não dá pra fazer.

Flávia: – E a gente cobra sempre de cem reais pra cima, nem o mínimo que é oitenta a gente não cobra, é sempre de cem pra cima.

Fabiana: – E o mínimo é o quê um programa básico? E o papai mamãe?

Flávia: – Não não é assim... quando no caso ai rola o programa e o homem não tem mesmo como pagar de cem pra cima, ai tem menina que aceita fazer por cem, fica vinte do quarto e oitenta é dela. (35)

Fernanda: – Mas é normal, sua parte, tem que fazer tudo normal.

Flávia: – É só não pode a menina fazer o programa dela por menos de oitenta.

Fernanda: – Nós chupa, faz tudo, mas só com camisinha, sem não!

Fabiana: – E se o cliente falar eu pago mais caro, mas só se for sem camisinha? Tem cliente que fala isso?

Fernanda: – Tem bastante, mas tem menina que faz sim, mas nós não faz, vai saber por que ele tá querendo.

Flávia: – Mas tem muitos que procuram, quer sexo sem preservativo. Eu não tenho paciência, eu fico estressada e falo “Ah, bem, se você quer fazer sem preservativo quer dizer que já fez com uma pá.” (36)

Fernanda: – Eu também falo, não que nós é suja, mas se vocês come uma mulher de zona, que cês vai comer ai na rua? Não que nós é, mas os comentários, assim né, mulher de zona não sei que tem, os homem já tem que ter cuidado, não que nós é suja, né, mas ai eu já falo se você come mulher na zona sem camisinha, imagine na rua o quê que cê come. (37)

Flávia: – Porque nós se preocupa, né, por mais que a gente é limpa, mas vai saber com quem mais ele foi sem preservativo na zona ou em qualquer lugar, nunca se sabe. Nem pagando mais, a minha saúde em primeiro lugar, o dinheiro vem claro, mas não preciso... não é pra tanto também, isso até num namoro, né, já é meio complicado. (38)

Fabiana: – Isso que eu ia falar, com o namorado vocês usam?

Fernanda: – Ai eu não uso com o meu namorado não! (39)

Flávia: – Ai eu usava.

Fernanda: – Usava, né?

Flávia: – Agora com meu ex-namorado eu não usava, mas só que ficava sem preservativo era só com essa pessoa. Agora no momento eu não estou namorando então vai tudo com preservativo (40).

Fabiana: – Eu já fiz essa pergunta pra outras meninas. Por que vocês usam com o cliente e com o namorado não usam?

Fernanda: – Ah porque com o namorado, sei lá, você pega uma confiança com o tempo.

Flávia: – É no começo tudo é mais prevenido, vai chegando um certo tempo e isso ai acaba, acaba...

Fernanda: – Você acaba transando sem camisinha.

Flávia: – Só que normalmente o namorado que a gente arruma sempre sabe a nossa vida, mas é normal, é como na minha época em que eu não tava na zona, que eu não era casada ainda, quando eu namorava, é normal, não vejo nada diferente. A única coisa assim, que tem um pouco de diferença, é que ele sabe que toda vez que quando eu volto pra casa ele sabe que eu dei pra um monte de homem (risos), antes de chegar até ele. (41)

Fabiana: – E sua família sabe que você trabalha na noite ou não?

Flávia: – Na minha família é assim, metade e metade, é que eu moro com a minha irmã e meu cunhado, o meu cunhado não sabia, mas agora ele joga umas indiretas e eu acho que agora ele já sabe, mas a minha irmã sempre soube já, ela começou na noite, mas quando ela começou, eu nem pensava nisso ainda. Dai ela também me dá uma força, assim, sabe, conversa bastante, dá umas dicas tudo, coisas que com minha irmã eu mais escutava, tinha orientação, agora que eu aprendi mesmo na zona assim a ser um pouco mais ativa foi com ela (referindo-se à Fernanda. Ela fala e dá risada). (42)

Fabiana: – Porque ela foi te dando essas dicas de como você...

Flávia: – Assim, eu quando entrei na noite, que eu comecei a trabalhar na zona mesmo, zonão... assim logo depois que eu comecei nesse lugar que eu fui, eu peguei e sai, ai foi daí que eu encontrei ela, e ela tava ali pra...

Fernanda: – Em Limeira.

Flávia: – Em Limeira, né?

Fernanda: – Rã, rã!

Flávia: – É, lá tava recrutando meninas, na verdade, ai acabei indo, acabei conversando com o pessoal lá e fui... daí eu tinha um pouco de medo, ainda, dos homens na zona, a maioria das vezes eu me escondia atrás da porta (risos) ou senão eu ficava resistindo, eu não sabia responder nada pro homem, sabe, na hora no salão. O homem chegava pra conversar, nossa você tá quieta, ai que não sei o quê, sabe, fazendo pergunta assim... e eu não sabia como agir, ainda de cara, ainda... Ai cê toma uns goles mesmo ou às vezes acaba dando umas bola na maconha, ai eu me solto mais (risos) porque eu de cara, até agora eu sou péssima, mas agora eu já sei mais, agora vai, sabe? Mas antes era mais complicado, antes eu não conseguia conversar com os homens. (43)

Fabiana: – Então para ir se soltando você usa alguma coisa ou então você vai conversando com uma pessoa que já tá há mais tempo na noite, é isso?

Flávia: – É. Daí acaba, vamos supor tá eu e ela (referindo-se à Fernanda), nós duas senta junto na mesa do cliente, daí eu vou vendo, vou conseguindo pegar o ritmo da conversa, vou vendo o jeito que ela tá se comportando pra mim, sabe, ter um pouquinho mais de ideia. Daí foi indo, foi acontecendo, quando eu fui, eu começava a observar tudo, naquela época eu ainda tava ruim, não conseguia conversar com ninguém. Daí teve uma semana que ficou nós duas, daí nós começou a ter diálogo, começamos a conversar, daí começamos a sentar na mesa dos clientes junto, ai foi ai que eu fui mais pegando o jeito mais de trabalhar, daí tanto que daquela época nós ficou um tempo separada, né, e quando a gente voltou a trabalhar juntas, daí eu já tava bem mais ativa, e agora, mais ativa ainda (44) (risos). Antes eu era uma santa, agora, a mulher mais safada que eu já vi fazer ponto. É porque aqui, normal, durante o dia na cidade dependendo do ambiente que eu tô, eu me comporto, né, dependendo do ambiente eu me comporto, mas ali embaixo no salão ou no quarto, ai já era o comportamento, acabou, não tem mais nada. (45)

Fabiana: – E vocês mudam muito de uma casa pra outra, como que é que vocês ficam sabendo desses lugares? Quem fala?

Flávia: – Ah, é mais através de contato com meninas que já conhecem.

Fernanda: – Muitas vezes o cliente também.

Flávia: – Cliente também que acabam indicando pra nós algumas casas noturnas que a gente pode tá tirando um pouco mais, né, de onde nós tá trabalhando.

Fabiana: – Onde tem um movimento melhor?

Flávia: – Isso. Ai o cliente acaba indo até lá, acaba sabendo se o dono da boate tá precisando, às vezes pode até rolar um dinheiro, sabe, assim por indicar mulheres novas. Daí sempre essas pessoas, que tá nesse meio...

Fernanda: – É tem bastante cafetão que vem em zona...

Flávia: – Daí eles vêm ou dono de casa noturna ou ganha comissão de dose ou de programa, ai dependendo da informação, né, nós acaba até se interessando e acaba viajando nessas casas noturnas e acaba conhecendo, às vezes nós gosta e fica um tempo, tem vezes que nós chega e já arruma as mala e vai embora, (46) igual na época dos carrapato (risos), conta pra ela dos carrapato Fer.

Fernanda: – O homem mandou nós ir, né, daí nós foi, ai chegou lá conversa vai, conversa vem... que nós olha, subindo um monte de carrapato, bem, na parede. Ah, mas eu não fico nessa zona, mas nem um minuto. Ai o homem foi lá, lavou tudo o quarto, sabe, jogou veneno e um monte de produto... Daí eu falei, ah não vou mais não, ai nós foi embora. Ai por isso, quando a gente tá querendo ir numa zona, primeiro a gente fica sabendo aonde é, ai a gente vai pessoalmente, olha o ambiente, pergunta como é as dose, quanto é que tá saindo os programa porque não compensa você ligar e você ir assim pra quebrar a cara igual nessa zona cheia de carrapato (47). Ainda bem que nossos cliente que nós ligou veio buscar nós, né?

Fabiana: – Ah, então os clientes também ajudam vocês, às vezes, a sair de uma casa e ir pra outra?

Fernanda: – Ajuda. Esse mesmo na hora em que nós precisasse ligar para ele, podia tá não sei aonde e ele vinha. Ele é dono da Transfort⁶² de Taquaritinga. Ele buscava nós e levava, agora que não tá dando mais pra ele salvar a gente, pois tá com muitos problemas. Tem cliente que vira amigo, na hora que precisa “oh, me leva em tal lugar?”, ele leva, “compra isso pra mim e traz aqui que eu tô precisando”, ele traz. (48)

Fabiana: – Esses são os clientes normais ou é cliente fixo?

Fernanda: – Cliente fixo. Às vezes a gente conhece um louco assim, conhece hoje, no outro dia ai a gente já liga, pede alguma coisa e ele já traz. Dá pra ver que é bobo, né, pela cara, ai a gente vai e pede, né, e eles traz.

Fabiana: – Ah, então eles deixam também o contato deles com vocês? Não são só vocês que deixam o contato com eles?

(nesse momento uma garota entra na sala e nos cumprimenta. Ela pergunta para Fernanda sobre uma menina e depois entra em um dos quartos localizados ao longo do corredor que dá acesso a sala de estar. Esses quartos são destinados a alojar as meninas que trabalham na casa).

⁶² O nome da empresa e da cidade foram trocados para preservar a identidade do cliente.

Fernanda: – Deixa. Ai uns que é casado nós só dá o nosso número, ai quando eles quiser eles liga pra fazer programa, mas quando é uns que não tá nem ai, eles pega e dá o número, ai eles falas liga de tal hora em diante.

Flávia: – Ah, tem uns que em vez de colocar meu nome Flávia, eles colocam Pedro e anota o meu número. Ai liga direto pra mim e a mulher pensa que tá falando com o Pedro. Ai eles fala “Ah, Pedro, já tô indo pra gente ver aquele negócio, aquele tijolo e a madeira da construção, já tô indo vê, tá, daqui duas horas eu chego”. Daqui a pouco tô eu me arrumando e ele tá ali no portão me esperando. Homem casado é o que eu mais tenho na minha agenda (risos).

Fabiana: – A maioria dos homens que vem aqui é casado ou não?

Flávia: – Não. É fica meio entre aspas, a maioria fala “ai sou solteiro”, mas vai saber né? Mas, acho que a maior parte é casada, acredito, né, a maioria é de homem casado e os homens mais velhos. Aparece também uns rapazinho novo universitário, mas não é muito frequente, aqui nessa casa não, vem pessoa mais, assim, velho mais enxuto que já é certo já, né, a maioria dos homens nessa idade já entra, já conversa, já paga uma dose e vai pro quarto, já é certo o programa. Agora os rapazinho, eles paga também, só que nem sempre, às vezes, eles fica só abusando, passando a mão, fica só tirando casquinha, né, modo de dizer (risos) e depois vai, vai embora, já passou a mão em tudo nós, né?! Tem rapaz que senta aqui, ai conversa, passa a mão em uma, ai vai senta com outra, depois não fica nem com uma e nem com a outra e vai embora, só passou a mão, só se aproveitou mesmo, né? (49)

Fabiana: – E o show no salão, como que é todo mundo faz ou só algumas meninas?

Fernanda: – Só algumas meninas, eu não faço e nem ela. Aqui tem duas que faz, uma é essa morena que entrou aqui agora e uma outra. A outra é uma novinha também. Para fazer esse show e se pendurar com o pé, tem que ir na academia, tem muitas que não penduram, mas pra fazer streap tem que pendurar. Só que nós não curte fazer streap.

Flávia: – Ah não. Eu prefiro particular.

Fernanda: – Eu também.

Flávia: – Eu prefiro fazer no quarto, porque ai só ele é que tá vendo, acho muito mais gostoso.

Fabiana: – Por que vocês não gostam? Vocês acham que não compensa ou é por outra questão?

Fernanda: – Ah, eu já sou meio vergonhosa!

Flávia: – Ah, eu porque eu engordei, mas eu fazia, sabe, mas agora tenho que malhar, dei uma engordadinha, aparecer assim no palco, nunca.

Fernanda: – Mas engordou assim que nem um boi porque quis.

Fabiana: – E como que é essa questão do corpo da mulher na noite? Vocês ficam olhando pro corpo da outra, o cliente fica olhando ou vocês não dão importância pra isso?

Fernanda: – Ah, se a menina é bonita e passa nós olha.

Flávia: – A gente admira, nós mesmas... No show que a menina tava fazendo lá embaixo, a gente admirou muito o corpo dela porque ela faz um show muito bom, ótimo e tem um corpo maravilhoso.

Fernanda: – Tem o corpo lindo, o rosto!

Fabiana: – Na noite eu já vi menina de todo jeito, umas mais gordinhas, outras mais magras. E entre vocês existe preconceito em relação ao corpo da outra?

Flávia: – Não. Pelo menos da nossa parte nós nunca teve esse problema não, né? Mas não se pode falar por todas, né, só que entre nós eu nunca soube desse caso não. Aqui são todas normal e ninguém comenta dessa forma não.

Fernanda: – Cliente, às vezes, comenta né?! Olha aquela ali não sei o que tem, não sei o que tem. É mais cliente que faz.

Flávia: – Mas teve uma vez também que nós reparamos no cliente, nossa olha o tamanho da barriga do cliente (risos), na hora que entra, né, olha o olho do cliente tá desse tamanho, olha a careca dele, é calvície e assim por diante, nós acaba se divertindo também (risos)! É mais na zuera, na hora ali, sabe, tem cliente que entra com o nariz empinado, parece que nem olha pra mulher do lado, sabe, nós fala entre nós “olha lá, veio aqui dá o cusão!” (risos de todas). Tem uns que já entra com o nariz lá em cima e nem olha pros lado, ali no salão, os lugares pra sentar o cantinho é assim na lateral e tem as mesas, então as meninas sentam tudo na lateral e o cliente entra no meio com o nariz desse tamanho e não olha nem pro lado, tá vendo as meninas e nem, então foi fazer o quê lá, dá o cusão só pode ser (50).

Fabiana: – E são vocês que escolhem o cliente ou eles escolhem vocês? Por exemplo, são vocês que vão até a mesa do cliente ou como que é?

Fernanda: – Assim, a gente que vai até a mesa de cliente, mas quando ele tá afim ele já fala “eu tô afim daquela”, mas é difícil acontecer. (51)

Flávia: – Às vezes, acontece também, vamos supor tá três caras, ai você fala “vou ver se eu consigo fazer programa com aquele cliente”, sabe, ai chega lá nos três, ai em vez de ser aquele cara que você tá louca pra fazer programa com ele é o amigo dele que quer fazer programa com você e o outro olhando, e você “ai meu deus! Será que eu atendo?” (risos) Ai é fogo, hein?! Ainda mais quando o amigo do cliente que você quer sair é horroroso e não dá pra encarar! Ai eu faço questão de não fazer o programa e fico lá com aquele ali, pelo menos eu tenho um momentinho a mais com ele. (52)

Fabiana: – Então vocês também escolhem de certa forma? Às vezes dá certo e outras vezes não.

Flávia: – É nem sempre o homem oferece o valor, às vezes, eu prefiro assim, o homem fala “ah, até cem, cento e cinquenta eu pago no programa”, e às vezes assim quando eu não quero fazer o programa, eu sou até capaz de falar pra ele, eu já fiz isso também, não, é duzentos, duzentos e cinquenta e ele “nossa é muito caro, se for nesse valor eu não vou”, mas é só pra não ir, sabe?

Fabiana: – É uma estratégia que você usa pra ele ir embora mesmo.

Flávia: – Pra mostrar que eu não quero.

Carla: – E se ele pagar?

Flávia: – Ah pode acontecer, mas graça a deus não aconteceu comigo não, pagar duzentos e cinquenta pra passar só meia horinha é muito, às vezes, pra passar a noite até eles pagam, passar a noite normalmente é duzentos ou duzentos e cinquenta dependendo do horário da noite e do tempo que vai ficar no motel daí a gente vê mais ou menos nossa base pra entrar em acordo com o cliente. Ai dependendo da situação, ai eu prefiro perder do que ter que encarar aquele cliente, ah porque às vezes nós nem curte o programa, chega lá aquele homem babando, fedido, ai não dá... ou senão aquele veio, horroroso com a brocha murcha ai não dá (risos), ah não já pensou chegar lá o homem beijinho e a dentadura já vem no pescoço (risos). (53)

Fernanda: – Ah, não, eu já prefiro os velhos... é bom que não endurece e eu não preciso ficar lá, né? (54)

Flávia: – Agora eu vou falar, eu também tô nessa na noite, também tô tentando já fazer um bom pé de meia, sabe, e meu luxo.

Fernanda: – Ah, eu também tô só por enquanto porque eu não aguento mais, nossa tô esgotada!

Flávia: – É por isso que não tem garrafa no salão (risos), eu mesma sou uma que era capaz de quebrar uma garrafa no cliente...

Fernanda: – Ontem essa daqui deu uma cotovelada no queixo do cliente e ele não fez nada, era esses meninos que vieram da faculdade bêbado, ela falou “ah, vai pro inferno” e vup no queixo dele, eu pensei “nossa precisava fazer isso?”

Fabiana: – Se fosse um cliente invocado ele ia querer revidar?

Flávia: – Ah, o máximo que eu já vi acontecer até agora é bate boca mesmo no meio do salão “ah, sua arrombada!”...

Fernanda: – É porque a gente nunca encontrou um louco mesmo, senão tomava um soco no meio da cara! Porque esses dias eu fui pro motel com o cara, ai ele me deu o dinheiro e depois pegou de volta e ele tava com mais três, ai eu falei “Bando de desgraça, cês quer bater cês vão bater, mas eu quero o meu dinheiro de volta”, e os cara tudo de Campinas, bem, se quisesse matar nós matava, mas é cliente chapado eu não me controlei...

Fabiana: – E esse negócio de ter que beber na noite junto com os clientes, o que vocês acham disso?

Fernanda: – Ah, é bom. É menos chato e é pra aguentar também senão não tem jeito não. E ganha também nas dose, né.

Flávia: – Dá mais coragem, né.

Fernanda: – E também tem as máquina, já começa a dançar e a gente se diverte. (55)

Fabiana: – E como funcionam essas máquinas, vocês colocam a ficha ou é o cliente?

Fernanda: – O cliente que paga, é dois reais ou dá cinco, dez reais.

Flávia: – Mas é nós que escolhe a música lá.

Domila: – Que tipo de música?

Fernanda: – Como?

Fabiana: – Que tipo de música vocês costumam escolher?

Fernanda: – Ah, mais black, funk, psy, batidão...

Flávia: – É geral, né, dependendo do gosto da pessoa, a maioria do pessoal aqui prefere o normal, né, o que ela falou ai tipo funk, mas tem algumas meninas e às vezes o cliente mesmo que coloca aquele sertanejão, às vezes, até aquele sertanejão brabo dos anos bolinha. Ali cada pessoa coloca o seu ritmo, né, mas a maioria já é mais do lado de música de psy, black, funk, isso daí é o que rola mais.

Fabiana: – E as coisas que vocês aprendem na noite, vocês acham que interferem na vida de vocês?

Fernanda: – Como assim interfere?

Fabiana: – Assim, vocês dizem que aprendem muitas coisas na noite, essas aprendizagens vocês levam pra vida de vocês também fora daqui?

Fernanda: – Ah um pouco a gente leva sim.

Flávia: – É e também a gente começa a ver... a gente começa a ver, assim andando nas ruas, a gente começa a ver as coisas meio diferente, você tá ali na loja e o funcionário masculino fica olhando muito e você já pensa assim “nossa (risos) é muito louco”, coisa que a gente não via antes, só que agora a gente começa a prestar mais atenção.

Fernanda: – E o quê que você leva pra casa que cê aprendeu aqui dentro?

Flávia: – Ai meu deus, a maioria é palavrão (risos). Verdade, eu falo tanto... tantas coisas piores, e no dia a dia em casa eu tô fazendo alguma coisa e pronto, qualquer coisinha que eu erro já tá eu com a minha boca aberta falando um monte de coisa que não devia falar, né? Coisas que eu deveria separar um pouco, sabe?

Fabiana: – E você não falava esses palavrões antes de trabalhar na noite?

Flávia: – Não. Eu não, acabei levando junto isso, mas é uma coisa que não tem nada a ver... Quando eu chego em casa, às vezes, eu tenho que ficar me segurando pra não falar porque eu moro com a minha irmã, o meu cunhado e a minha sobrinha, minha sobrinha tem doze anos daí é meio complicado, viu né?

Fernanda: – Ah e o quê que eu levo pra casa é, assim ó, conhecer um homem que me ajude, sabe, que eu goste, mas que me ajude porque se fosse antigamente eu já não ia pensar nisso, só ia pensar em amar, né, agora não. O que eu aprendi e o que eu levo pra casa é que eu preciso de alguém que me ajude, se eu conheço assim um namorado que eu tinha, eu quero que ele me dá uma ajuda, pelo menos isso, agora se fosse antigamente, rã... queria ver se pedia pelo menos uma ajudinha... nenhum ajudava o outro, era só ele me sugando e me comendo e depois enchendo minha barriguinha e só... coisa que eu não quero mais, eu aprendi muito com os homem, assim, na noite. (56)

Fabiana: – Eu fiquei pensando no que a Flávia falou que aprende a ver o homem diferente, ela vai ao mercado e fica vendo o funcionário masculino, mas vê diferente em que sentido?

Flávia: – Assim, a maioria dos homem não vale nada, não tem jeito. Então se você tá ali, o homem já olha você diferente, assim já com segundas intenções pode ser na rua mesmo, mas é assim... sabe quando eu vou na noite assim, eu começo a diferenciar no olhar dos homem ali dentro do salão, sabe, a noite não muda quase muito não da vida ai fora não!

Fabiana: – Você começa a perceber o que o homem está desejando, é mais ou menos isso ou não?

Flávia: – É mais ou menos, mas assim tem tudo a ver com sexo (risos).

Fernanda: – Você fala, assim, que ele já sabe que você é da noite?

Flávia: – Não, não é assim, às vezes, nem tem assim a ver com a noite...

Fernanda: – Cê fala assim na safadeza é?

Flávia: – É... Às vezes tá lá o marido com a esposa do lado lá, tanto faz o local, mas o homem faz questão de tá lá abraçado e olhando pra outra.

Fernanda: – E olhando! A mulher na frente e ele dando aquela olhadinha pra trás.

Flávia: – Coitada da mulher, eu já penso “Esse daí acho que vai pra uma zona desgraçada, viu!” Porque homem é assim a mulher linda, bonita, não importa ou se a mulher é feia, o homem tá olhando, aquela ali ó coitada, com certeza na hora que vai dormir o marido vai pra zona com certeza (risos), ai, ai...

Fabiana: – Por alguma coisa que aconteceu na noite vocês já deixaram de acreditar nos homens ou não necessariamente?

Flávia: – Agora é meio difícil ter confiança, viu, a confiança do lado sentimental é bem complicada, hein?! Eu acho assim se eu for sair da noite por causa de um homem, vai ser pela grana dele, por amor jamais, de jeito nenhum, ah não... ai não vai, é uma coisa que não vai, é uma coisa que já... já desacreditou, já sabe que o homem já tirou você daqui para morar com ele, por que que ele não vai fazer isso com você? Logo depois de um tempo, cê pode tá lá e ele tá lá atrás da outra na zona... (57)

Fabiana: – E se fosse um homem que você conhecesse em outro lugar, você acha que mesmo assim não confiaria nele?

Flávia: – Ah acho que não... as aparências enganam muito!

Fabiana: – E você Fernanda?

Fernanda: – Eu também não.

Fabiana: – E vocês não buscam um vínculo afetivo com o namorado?

Fernanda: – Ah eu tenho, mas quando ele vira as costas eu já tô dando pra outro, bem... eu não confio, ainda mais menininho, dezenove, vinte anos.

Fabiana: – E o que vocês buscam nos namorados?

Fernanda: – Ah, eu namoro porque eu gosto dele realmente, mas só que agora eu não quero mais porque eu conheci uns homens ai e não quero mais... mas ele nem sabe que eu sou da noite. Lá na minha cidade ninguém sabe por isso que eu venho pra zona, entendeu?

Flávia: – Ai é a parte mais complicada, a garota que faz programa e tem um namorado que não sabe do ramo, ai que é mais complicado ainda!

Fernanda: – É mas a maioria que sabe também fica falando “Ah, vai sair, eu te ajudo, eu gosto de você”, mas não adianta você sair porque aquele cara vai te ajudar, ele não pode saber, porque depois ele fica jogando na sua cara, qualquer briguinha ele vai jogar na sua cara, ai já é na hora que a gente gruda na garganta que nem uma galinha (risos). Ainda mais eu que tenho filho, tenho que educar eu e meu filho e eu não vou ficar amando, amar só não enche barriga, então tenho que arrumar alguém que me ajude, que ajude eu e meu filho, vou deixar meu filho passar fome e vou ficar amando? É meu filho e minha mãe em primeiro lugar. (58)

Fabiana: – Bom pessoal, já deu uma hora de entrevista, pra terminar não sei se vocês gostariam de falar mais alguma coisa, talvez poderiam falar o que é a noite pra vocês, em poucas palavras mesmo. O que é a noite?

Fernanda: – A noite é um objetivo que a gente escolheu pra nossa vida, né? É ganhar dinheiro fácil...

Flávia: – Ganhar fácil não!

Fernanda: – É mais ou menos, não é fácil não, mas numas parte é fácil e numas parte é difícil. A noite é um objetivo na nossa vida, é uma escolha... a gente teve várias escolha, mas a gente quis escolher essa...

Flávia: – Eu mesma penso em parar e começar a trabalhar, mas ai eu fico pensando direto “será que eu aguento?”

Fernanda: – Porque o que a gente ganha aqui, a gente tinha que trabalhar trinta dia no mês pra tirar o que aqui a gente ganha em uma semana. (59)

Fabiana: – Nesse sentido que você falou que é fácil porque vem mais dinheiro em menos tempo?

Fernanda: – É.

Flávia: – É e num serviço registrado, vamos supor aqui a gente tira setecentos reais na semana e dependendo da semana do pagamento na noite, assim setecentos reais e num serviço registrado você ganha oitocentos, novecentos no mês inteiro, coisa que nós consegue tirar por semana e, às vezes, em dois, três dias, dependendo da semana, se tem dia de pagamento e vale, ai é ótimo, maravilha e fora isso nós ainda pode zoar, mas a gente tira muito mais do que num emprego registrado.

Fabiana: – E antes de trabalhar na noite vocês já trabalharam fazendo outras coisas?

Fernanda: – Eu trabalhava numa sorveteria.

Flávia: – Eu tenho três serviços só na minha carteira, eu trabalhei num spa, aqui no Rei Frango e numa empresa de higienização e só... depois eu tô aqui, mas eu preciso registrar minha carteira de novo, mas e a coragem? Ah não, ganhar oitocentos, mil e pouco no mês não dá!
(60)

Fabiana: – Então meninas eu vou encerrar. Agradeço pela entrevista e pelo tempo que vocês destinaram pra conversar com a gente, vou desligar o gravador. Obrigada por tudo. Eu vou transcrever as entrevistas e depois volto aqui para entregar uma cópia pra vocês, podem ficar tranquila que só entregarei nas mãos de vocês. Eu passei o cartão do grupo de estudos, né, com meus dados e o e-mail se quiserem me escrever eu posso enviar por e-mail, caso eu venha aqui e não encontre vocês.

Agradei a elas pela disponibilidade em conversar conosco, falei que iria transcrever os relatos e que posteriormente levaria uma cópia para elas. Despedimo-nos e descemos. Passamos na cozinha para nos despedir de Fabinho, falamos que possivelmente voltaríamos na próxima semana, agradecemos o apoio dele e fomos embora.

DIÁRIO XVI		
Data: 23 de setembro de 2010	Casas: 6, 7 e 9	Horário: 14h30
Participantes: Pesquisadora, Carla (aluna de Pedagogia), Danilo (aluno C. Sociais), Fabinho (cozinheiro casa 6), Letícia		

Embarquei no ônibus Castelo Branco por volta das 14h. Encontrei Carla e Danilo lá dentro, sentei-me próximo a eles e fomos conversando. Era a primeira visita de Danilo e fomos falando para ele sobre as casas noturnas. Descemos no ponto de ônibus da Avenida Getúlio Vargas pouco antes das 14h30 e subimos a pé até a casa 6. Vimos um senhor no terreno da casa 6, ele estava colocando água nas árvores.

Fomos até o portão que dá acesso a casa 9. Entramos pelo longo corredor e chegamos ao quintal da casa 9, como de costume alguns cachorros vieram latindo até onde estávamos. Chamei e fui entrando no quintal, os cachorros nos cercaram, mas não avançaram, ficaram latindo insistentemente. Letícia – uma travesti - veio nos atender, após eu chamar mais uma vez. Cumprimentei-a e apresentei Danilo a ela, dizendo que ele também participa do grupo de estudos sobre trabalho sexual e que pretende desenvolver atividades sobre educação e direitos humanos. Perguntei se Lúcia* ainda estava morando na casa. Letícia disse que sim, mas avisou que ela havia saído para fazer compras no centro. Nesse momento, outra travesti saiu da casa enrolada numa toalha e veio até o varal pegar outra toalha para secar seus cabelos. Cumprimentei-a e ela sorriu. Perguntei se elas estavam com tempo livre e se poderíamos conversar. Letícia disse que só estavam as duas na casa e que ainda tinham que arrumar algumas coisas, por isso não tinham tempo para conversar conosco. Ela disse para retornarmos na quarta-feira, pois no fim de semana é mais corrido para elas (1). Despedimo-nos delas e combinamos de voltar na outra semana.

Passamos na casa 6, encontramos com Fabinho. Apresentei Danilo a ele, falei do trabalho de educação e direitos humanos que Danilo fará nas casas, convidamos Fabinho para participar dos debates e dinâmicas. Ele sorriu e disse que não pode participar. Ele nos ofereceu suco, tomamos enquanto Fabinho lavava a louça. Perguntamos se havia meninas na casa. Fabinho disse que tinha poucas meninas e que possivelmente elas estariam dormindo, mas falou que podíamos subir até a sala para verificar. Subimos as escadas que dão acesso ao andar de cima, onde estão os quartos e a sala da casa. Realmente estava tudo em silêncio, chegamos a sala, notei que a televisão não estava no móvel onde costuma ficar. Carla e Danilo olharam a varanda que tem ao lado da sala. Falei para Danilo que costumamos conversar com as mulheres na sala. Nesse momento, saiu uma mulher de um dos quartos, ela estava com creme no rosto e pareceu assustar-se com nossa presença. Eu disse a ela que havíamos subido para verificar se havia alguma mulher acordada. Ela desceu e foi perguntar a Fabinho porque ele permitiu que subíssemos até a sala. Fabinho respondeu que não era o dono da casa. Descemos e falamos que já estávamos de saída, pedi desculpas e combinei que voltaríamos na próxima semana (2). A mulher parou de falar e Fabinho se despediu.

Passamos na casa 7. O portão estava apenas encostado como de costume, abrimos o portão e entramos na garagem. Fomos até o local onde estão os quartos onde as mulheres costumam

* Lúcia é transexual e ativista, ela trabalha com a promoção de direitos dos grupos GLBT.

descansar. Tudo também estava no silêncio, avistamos uma televisão desligada na janela de um dos quartos. Chamei apenas uma vez, como ninguém respondeu, optamos por ir embora e voltar na outra semana, pois provavelmente as mulheres ainda estavam dormindo.

DIÁRIO XVII
Data: 22 de outubro de 2010 Casas: 6 Horário: 15h30
Participantes: Pesquisadora e Fabinho (cozinheiro)

Peguei o ônibus das 15h, desci na Avenida Getúlio Vargas por volta das 15h20 e andei alguns quarteirões até chegar à casa 6. O portão estava apenas encostado, abri e entrei na casa, não avistei os cachorros que costumam tomar sol no estacionamento. Estamos em horário de verão, o sol estava muito forte.

Entre e bati palmas na porta da cozinha, o rádio estava ligado um sinal de que Fabinho estava por ali. Ele saiu, não da cozinha, mas de uma porta que dá acesso aos quartos utilizados pelos clientes. Essa porta, frequentemente, está fechada. Cumprimentei-o, ele me chamou para entrar e disse que estava fazendo a limpeza dos quartos. Entrei num corredor estreito que dá acesso a três quartos, cada um deles com banheiro e uma cama de casal enfeitada com espelhos, ao lado da cama há um móvel sobre o qual estão algumas toalhas de banho.

Fabinho faz a limpeza desses quartos, diariamente. Ele troca e lava os lençóis e toalhas, passa pano no chão, retira o lixo do banheiro e limpa o que é necessário. Fabinho comentava retirando o lixo de um dos banheiros: – Tem menina que é porca, deixa tudo jogado no chão! (*referindo-se a camisinhas jogadas no chão do banheiro*). Ele me falou que limpa apenas a cozinha e os quartos dos clientes, os quartos onde as meninas se alojam são limpos por elas mesmas, cada uma faz a limpeza de seu quarto, lava os lençóis e toalhas que utiliza, além de suas próprias roupas.

Perguntei a ele se havia meninas na casa, dispostas a conversar comigo. Fabinho respondeu que não, falou que havia duas mulheres na casa. Uma delas é uma senhora com pouco mais de 40 anos, ela está na casa há alguns meses, mas não aceita conversar e, da última vez que estivemos na casa 6, ela se indispôs com Fabinho por que ele permitiu que eu, Carla e Danilo (membros do GETS) fôssemos até a sala de estar. Fabinho disse que ela é chata e que aquele não era lugar para uma mulher dessa idade (1). Eu falei para ele que ao fazer pesquisa temos que estar preparadas para receber sim e não, tem pessoas que gostam de conversar e falar de si, mas outras não e isso acontece em toda profissão. Falei para Fabinho que com professores também é assim, tem professor que aceita estagiários em sua sala e outros não. Ele deu risada e concordou. Ele me disse que havia mais uma menina na casa, mas ela também era fechada e não gostava de conversar. Eu disse que ficaria conversando com ele um pouco e que voltaria na outra semana, sem problemas.

Quando cheguei, Fabinho já havia limpado um quarto, e estava limpando o segundo. Notei que cada quarto tem um número na porta (1,2,3). Esses quartos são destinados à realização do programa, para utilizá-lo o cliente paga um aluguel para o dono da casa. Enquanto ele limpava o segundo e terceiro quarto, conversamos sobre as eleições, sobre horário de verão e sobre o movimento da casa. Fabinho me falou que o movimento melhorou e que é sempre assim no fim de ano. Ele me falou que gosta de trabalhar na casa 6, pois o proprietário paga no dia, contou que já trabalhou em outra casa e quando ia cobrar o salário o proprietário falava “Se sobrar dinheiro, eu te pago”, pois ele pagava primeiro as distribuidoras de bebidas, depois as mulheres e só depois o pagava.

O sol estava muito forte, o varal estava cheio de toalhas azuis penduradas. Fabinho me falou que aproveitou o sol para lavar tudo o que precisava, pois em sua opinião choverá no fim de semana. Ele retirou as toalhas do varal e colocou-as no banquinho de madeira, que fica em frente à porta da cozinha. Sentei no banquinho e ajudei Fabinho a dobrar as toalhas (2). Falei para ele que o GETS havia enviado projeto para UFSCar com a proposta de um grupo de teatro fazer algumas apresentações na casa e perguntei o que ele achava. Ele disse que é uma boa ideia para animar as meninas. Ele também sugeriu que nosso grupo realizasse visitas às boates de Araraquara e me disse que lá há muitas mulheres.

Depois que terminamos de dobrar as toalhas, Fabinho guardou-as e foi lavar a louça. Entramos na cozinha, ele recolheu algumas canecas sujas no banquinho de madeira e falou: – Tá vendo, é o dia inteiro assim, elas deixam tudo jogado! Eu tenho que pegar e lavar, mas ainda tem mulher que reclama! Tá vendo aquela criatura ali (*apontou para o cachorro deitado no corredor de entrada*), não faz mal a ninguém, mas tem mulher que reclama!

Eu perguntei se o cachorro entrava na casa. Fabinho respondeu que o cachorro não entrava, mas a cadela de vez em quando subia sim e ia para a sala deitar no sofá, por isso algumas mulheres reclamam. Eu dei risada e falei, é assim mesmo, quem não gosta de cachorros costuma reclamar. Fabinho gosta muito de cachorros, ele cuida deles, dá banho, alimenta. O proprietário permitiu que os cachorros vivessem lá, pois eles têm a função de alertar quando algum estranho entra na casa (3).

Fabinho me passou seu novo número de telefone. Eu anotei e agradei, disse a ele que voltaria provavelmente na quarta ou quinta-feira da próxima semana, combinei em ligar antes para confirmar se haveria mulheres na casa ou não. Perguntei se as mulheres costumam voltar para sua cidade para votar. Ele respondeu que boa parte das mulheres costuma justificar, inclusive ele iria justificar. Despedi-me de Fabinho, agradei pela atenção e fui embora.

ANEXOS

ANEXO I – Descritor da CBO – Profissionais do Sexo

Relatório Tabela de Atividades

Família Ocupacional: 5198 - Profissionais do sexo

Áreas	Atividades			
A BUSCAR PROGRAMA	Agendar o programa 1 PS	Produzir-se visualmente 2 PS	Esperar possíveis clientes 3 PS	Seduzir o cliente 4 PS
	Abordar o cliente 5 PS			
B MINIMIZAR AS VULNERABILIDADES	Negociar com o cliente o uso do preservativo 1 PS	Usar preservativos 2 PS	Utilizar gel lubrificante à base de água 3 PS	Participar de oficinas de sexo seguro 4 PS
	Identificar doenças sexualmente transmissíveis (dst) 5 PS	Fazer acompanhamento da saúde integral 6 PS	Denunciar violência física 7 PS	Denunciar discriminação 8 PS
	Combater estigma 9 PS	Administrar orçamento pessoal 10 PS		
C ATENDER CLIENTES	Preparar o kit de trabalho (preservativo, acessórios, maquiagem) 1 PS	Especificar tempo de trabalho 2 PS	Negociar serviços 3 PS	Negociar preço 4 PS
	Realizar fantasias sexuais 5 PS	Manter relações sexuais 6 PS	Fazer streap-tease 7 PS	Relaxar o cliente 8 PS
	Acolher o cliente 9 PS	Dialogar com o cliente 10 PS		
D ACOMPANHAR CLIENTES	Acompanhar cliente em viagens 1 PS	Acompanhar cliente em passeios 2 PS	Jantar com o cliente 3 PS	Pernoitar com o cliente 4 PS
	Acompanhar o cliente em festas 5 PS			
E PROMOVER A ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA	Promover valorização profissional da categoria 1 PS	Participar de cursos de auto-organização 2 PS	Participar de movimentos organizados 3 PS	Combater a exploração sexual de crianças e adolescentes 4 PS
	Distribuir preservativos 5 PS	Multiplicador informação 6 PS	Participar de ações educativas no campo da sexualidade 7 PS	

Z DEMONSTRAR
COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Demonstrar capacidade de persuasão	Demonstrar capacidade de comunicação	Demonstrar capacidade de realizar fantasias sexuais	Demonstrar paciência
1 PS	2 PS	3 PS	4 PS
Planejar o futuro	Demonstrar solidariedade aos colegas de profissão	Demonstrar capacidade de ouvir	Demonstrar capacidade lúdica
5 PS	6 PS	7 PS	8 PS
Demonstrar sensualidade	Reconhecer o potencial do cliente	Cuidar da higiene pessoal	Manter sigilo profissional
9 PS	10 PS	11 PS	12 PS

Legenda das ocupações da família

PS - PROFISSIONAL DO SEXO

ANEXO II – Projeto de lei n.98/2003

PROJETO DE LEI Nº , DE 2003

(Do Sr. Fernando Gabeira)

Dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os arts. 228, 229 e 231 do Código Penal.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º É exigível o pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual,

§ 1º O pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual será devido igualmente pelo tempo em que a pessoa permanecer disponível para tais serviços, quer tenha sido solicitada a prestá-los ou não.

§ 2º O pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual somente poderá ser exigido pela pessoa que os tiver prestado ou que tiver permanecido disponível para os prestar.

Art. 2º Ficam revogados os artigos 228, 229 e 231 do Código Penal.

Art. 3º. Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Já houve reiteradas tentativas de tornar legalmente lícita a prostituição. Todas estas iniciativas parlamentares compartilham com a presente a mesma inconformidade com a inaceitável hipocrisia com que se considera a questão.

Com efeito, a prostituição é uma atividade contemporânea à própria civilização. Embora tenha sido, e continue sendo, reprimida inclusive com violência e estigmatizada, o fato é que a atividade subsiste porque a própria sociedade que a condena a mantém. Não haveria prostituição se não houvesse quem pagasse por ela.

Houve, igualmente, várias estratégias para suprimi-la, e do fato de que nenhuma, por mais violenta que tenha sido, tenha logrado êxito, demonstra que o único caminho digno é o de admitir a realidade e lançar as bases para que se reduzam os malefícios resultantes da marginalização a que a atividade está relegada. Com efeito, não fosse a prostituição uma ocupação relegada à marginalidade – não obstante, sob o ponto de vista legal, não se tenha ousado tipificá-la como crime – seria possível uma série de providências, inclusive de ordem sanitária e de política urbana, que preveniriam os seus efeitos indesejáveis.

O primeiro passo para isto é admitir que as pessoas que prestam serviços de natureza sexual fazem jus ao pagamento por tais serviços. Esta abordagem inspira-se diretamente no exemplo da Alemanha, que em fins de 2001 aprovou uma lei que torna exigível o pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual. Esta lei entrou em vigor em 1º de janeiro de 2002. Como consectário inevitável, a iniciativa germânica também suprimiu do Código Penal Alemão o crime de favorecimento da prostituição – pois se a atividade passa a ser lícita, não há porque penalizar quem a favorece.

No caso brasileiro, torna-se também conseqüente suprimir do Código Penal os tipos de favorecimento da prostituição (art. 228), casa de prostituição (art. 229) e do tráfico de mulheres (art. 231), este último porque somente penaliza o tráfico se a finalidade é o de incorporar mulheres que venham a se dedicar à atividade.

Fazemos profissão de fé que o Legislativo brasileiro possui maturidade suficiente para debater a matéria de forma isenta, livre de falsos moralismos que, aliás, são grandemente responsáveis pela degradação da vida das pessoas que se dedicam profissionalmente à satisfação das necessidades sexuais alheias.

Sala das Sessões, em de de 2003.

Deputado Fernando Gabeira

ANEXO III – Aprovação no Comitê Ética em Pesquisa (UFSCar)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
Via Washington Luís, km. 235 - Caixa Postal 676
Fones: (016) 3351.8109 / 3351.8110
Fax: (016) 3361.3176
CEP 13560-970 - São Carlos - SP - Brasil
propq@power.ufscar.br - <http://www.propq.ufscar.br/>

CAAE 0119.0.135.000-09

Título do Projeto: Significados de processos educativos consolidados na prática da prostituição

Classificação: Grupo III

Procedência: Programa de Pós-Graduação em Educação

Pesquisadores (as): Fabiana Rodrigues de Souza, Maria Waldenez Oliveira (orientadora)

Processo nº.: 23112.003563/2009-86

Parecer Nº. 436/2009

1. Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.2), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em ___/___/___ e ao término do estudo.

2. Avaliação do projeto

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar) analisou o projeto de pesquisa acima identificado e considerando os pareceres do relator e do revisor DELIBEROU:

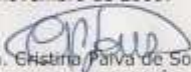
As pendências apontadas no Parecer nº. 409/2009, de 22 de outubro, foram satisfatoriamente resolvidas.

O projeto atende as exigências contidas na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

3. Conclusão:

Projeto aprovado

São Carlos, 17 de novembro de 2009.


Prof. Dra. Cristina Parva de Sousa
Coordenadora do CEP/UFSCar

ANEXO IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Termo de consentimento livre e esclarecido

Você, _____, está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “SIGNIFICADOS DE PROCESSOS EDUCATIVOS CONSOLIDADOS NA PRÁTICA DA PROSTITUIÇÃO” que tem como objetivo identificar e descrever significados atribuídos por prostitutas a processos educativos consolidados no exercício da prostituição. Sua participação é voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento da pesquisa, se assim julgar necessário. Você participará de conversas e/ou entrevista contando suas experiências na noite e descrevendo os processos educativos vivenciados no exercício da prostituição. A entrevista terá duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos, os depoimentos serão gravados mediante sua autorização. A pesquisadora Fabiana Rodrigues de Sousa é responsável pela pesquisa e destaca que os dados obtidos serão empregados exclusivamente com intuito de responder aos questionamentos da investigação, ou seja, buscando desvelar a face educativa da prostituição. A participação na pesquisa não implicará gastos financeiros de nenhuma natureza às pessoas participantes da pesquisa. Para evitar o risco de divulgação da identidade, a pesquisadora adotará procedimentos para manter a identidade das pessoas participantes em sigilo. Serão adotados nomes fictícios, não será gravada imagem das participantes – apenas áudio - e não serão divulgados os nomes das casas noturnas onde as participantes prestam serviços sexuais, em nenhuma das etapas da pesquisa.

.....
Fabiana Rodrigues de Sousa (pesquisadora responsável)
e-mail: fabianalhp@yahoo.com.br

Após a leitura das informações acima, tive oportunidade de conversar com a pesquisadora Fabiana e esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e os procedimentos adotados. Declaro que entendi os objetivos, benefícios e riscos de minha participação e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto dessa pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (Fone: 3351-8110).

São Carlos,/...../.....

.....
Assinatura sujeito de pesquisa